

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Sônia Aparecida Ijano Batista

**A HISTÓRIA DO PROJETO CONVULSIVO SINÓDICO DA ESCOLA CARLOS
AUGUSTO DE CAMARGO EM PIEDADE/SP: ESTADO DE APETITE,
IDENTIDADE, ALTERIDADE E ESTÉTICA**

**Sorocaba/SP
2020**

Sônia Aparecida Ijano Batista

**A HISTÓRIA DO PROJETO CONVULSIVO SINÓDICO DA ESCOLA CARLOS
AUGUSTO DE CAMARGO EM PIEDADE/SP: ESTADO DE APETITE,
IDENTIDADE, ALTERIDADE E ESTÉTICA**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vania Regina Boschetti

**Sorocaba/SP
2020**

Ficha Catalográfica

Batista, Sônia Aparecida Ijano
B337h A história do projeto convulsivo sinódico da escola Carlos Augusto de Camargo em Piedade/SP : estado de apetite, identidade, alteridade e estética / Sônia Aparecida Ijano Batista. -- 2020.
249 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Vania Regina Boschetti.
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020.

1. Educação – Piedade (SP). 2. Educação – finalidades e objetivos. 3. Prática de ensino. 4. Arte na educação. 5. Identidade (Psicologia). 6. Projeto Convulsivo Sinódico (PCS). I. Boschetti, Vania Regina, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Sônia Aparecida Ijano Batista

**A HISTÓRIA DO PROJETO CONVULSIVO SINÓDICO DA ESCOLA CARLOS
AUGUSTO DE CAMARGO EM PIEDADE/SP: ESTADO DE APETITE,
IDENTIDADE, ALTERIDADE E ESTÉTICA**

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor no Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade
de Sorocaba.

Aprovado em: 30/09/2020

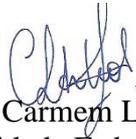
BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª Dr.ª Vania Regina Boschetti
Universidade de Sorocaba



Prof.ª Dr.ª Alda Regina Tognini Romaguera
Universidade de Sorocaba



Prof.ª Dr.ª Carmem Lucia Artioli Rolim
Universidade Federal do Tocantins



Prof.ª Dr.ª Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Leandro Petarnella
Universidade Nove de Julho

Dedicatórias:

Para “dona Maria Lúcia” (in memorian) com quem aprendi exercitando Lorca: “Caminha a meu lado e sê meu companheiro”

Para meus pais João e Terezinha (in memorian) com quem aprendi a força do amor, da fé e do trabalho.

Para Vania Regina Boschetti com quem aprendi que a busca do conhecimento e a leveza se convertem em coragem.

Para meus irmãos: Sergio, Sidney, João Carlos, Cilene e Silmara com quem aprendi que a amizade e o amor podem ser eternos.

Para meus sobrinhos: Karen, Paloma e Sidnei Kaique: encontros com o “outro” em surpreendentes e instigantes lampejos.

Para meus amigos que com quem aprendi o poder do diálogo e da escolha.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que se somaram na criação desta constelação: em lampejos e memórias, por meio de representações presentes nesta pesquisa, que também se constituiu numa homenagem às Escolas Públicas, que ousam inventar. Agradeço:

À Prof.^a Maria Lúcia (in memorian): pelos lumes da criação e possibilidade desta reescrita.

Aos professores do Programa de Pós- Graduação em Educação: Vania Regina Boschetti - pelos lampejos em meio às tempestades. Inesquecíveis! ; Carmem Lúcia Artiolli Rolim – pelas direções em tempos não lineares, sempre em momentos construtivos do pensamento; Alda Regina Tognini Romaguera - pelos “holofotes” que esguicharam luzes na prova de qualificação; Leandro Petarnella - por aceitar fazer parte da banca de Defesa desta tese, em que compartilhamos “girassóis e heliantos”; Eliete Jussara Nogueira – pela apresentação conceitual de Levinas sobre o “rosto do outro” e outras centelhas; Wilson Sandano - pelo encorajamento do meu Doutorado em Educação e pela amplitude do conceito de História; Jefferson Carriello do Carmo - pelos pertinentes *insights* sobre o Projeto de Pesquisa na ordenação de uma tese e Paulo Celso da Silva por aceitar participar da Banca de Defesa e pelos compartilhamentos mediados pela Prof.^a Maria Lúcia.

Aos professores e alunos da Escola “Carlos Augusto”: estrelas que compartilharam a responsabilidade de escrever esta história, fruto de um trabalho coletivo: Alzira Maria Ponciano Gonçalves, Ana Carla Gonçalves da Silva Rodrigues, Bárbara Filomena Martins Soto Lima, Carolina Leite Costa Vieira, Denise de Souza Silva, Dinalva Pereira Uchida, Edson Gambacorta, Eliane Soares do Amaral Santos, Fabiano Campachi, Fernando Luiz da Silva dos Santos, Francele Aparecida Correa da Silva Ramos, Gemima de Oliveira, Geremias Ribeiro Pinto, Izilda da Conceição Pereira Coelho, José Marco Almeida Leite, Juliana Abreu Nicolau, Kátia Schneider, Luiz Antonio Maymoni de Oliveira, Luisa Maria de Oliveira Castro, Maria das Graças Silva Gambacorta, Maria Vicentina Godinho Pereira da Silva, Mariana Gomes, Marineusa Gomes de Abreu, Massae Cometani, Miriam Moron Escanhoela, Noely Fiusa, Olga Nusse de Almeida, Paloma Montolio Batista, Patrícia de Oliveira Godinho Garcia, Paulo Victor Godinho da Silva, Rita de Cássia Marum Iajuc, Rosangela Maria Santos de Camargo, Sandra Regina Pereira, Shirley de Fátima Aires Baldo, Silmara Fernanda Ijano

de Oliveira, Sônia Alzira Leite, Tania Maria de Oliveira Duarte, Tânia Regina Vieira Strongoli, Valéria Aparecida Machado Franco e Zilda Franzini de Oliveira.

Aos diretores da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”: Mary Aparecida Vieira e Clodoaldo de Moraes por terem permitido a consulta aos documentos da Escola.

Aos funcionários da secretaria da Escola “Carlos Augusto”: Angélica Talita da Silva, Jaqueline Gavioli Bezerra, Raquel Duarte Francisco de Paula, Renato Flora, Valda Rodrigues de Oliveira e Vânia Maria da Silva Evangelista pelo interesse, paciência e atenção na busca de documentos e fotografias.

À Marisa Cortez Rangel: pelos lumes institucionais.

Aos colegas do Grupo de Estudo de História da Educação: pelas partilhas sempre produtivas em encontros singulares.

Ao Prof. Fernando Assis dos Santos – UNISO: por compartilhamentos valiosos.

Às bibliotecárias: Vilma Franzoni, Regina Célia Ferreira Boaventura e Maria Carla Pascotte Freitas Gonçalves pela delicadeza e lumes sobre a normalização da pesquisa.

À Coordenação do Programa de Pós – Graduação em Educação: Daniela Rosa de Oliveira Lima e Claudia Neres de Meira Andrade pela gentileza no norte dos caminhos institucionais.

Aos amigos que oportunizaram os “encontros com as estrelas”: Alexandre Pires Soares, José Eduardo Taliani e Magda Helena Leite Gomes Taliani pela gentileza da cessão do espaço físico e oportunidades de novos caminhos; Ana Caroline de Souza Cunha e Hudson Eduardo dos Santos pelo registro/gravação em áudio-vídeo; Débora Mendes Correia da Silva, Talita Barbosa Deusdeth, Maria Raimunda Mendes da Silva e Marina Rainha Mendes de Moraes pela recepção e organização; Fábio Ricardo Rosa e Felipe Soares da Silva pela divulgação e registros fotográficos.

“Nos domínios de que tratamos aqui, o conhecimento existe apenas em lampejos. O texto é um trovão que segue ressoando por muito tempo.”.

(Walter Benjamin)

RESUMO

Esta tese aborda as relações de identidade/alteridade entre a EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo, de Piedade/SP, seus professores/alunos e o Projeto Convulsivo Sinódico – PCS, nascido sob a coordenação da Prof.^a Maria Lúcia de Amorim Soares, educadora em insaciável “estado de apetite”. Com diretrizes e metas nada convencionais propunha tornar o espaço escolar significativo para o enfrentamento dos desafios contemporâneos através da educação estética. Pela metodologia da História Oral, de Paul Thompson, pela análise cruzada, por meio da memória de seus participantes e da pesquisa documental da Escola, fez-se o percurso entre a gênese do Projeto – 1993 até o último, realizado em 2019. Em busca de lampejos, os referenciais teóricos se constituíram: Walter Benjamin e as ligações presente/passado, este retomado de suas ruínas, inacabado para se revelar nas linhas do presente e o conceito de mônada. Roger Chartier, na dimensão da histórica cultural; Justino Pereira de Magalhães na dialética do instituído/instituinte/instituição e, na sincronia entre materialidade/representação/apropriação; Viñao Frago e Dominique Julia nas centelhas da cultura escolar; Stuart Hall e as relações entre identidade/alteridade e outros autores não menos importantes. Interligando pontos, lembranças do passado despertadas no presente, observando-se as constantes reinvenções, o PCS foi analisado em seus desafios, conexões, experiências do envolvimento/pertencimento. As relações de identidade e alteridade estiveram intrinsecamente relacionadas, sempre em devir na relação com o outro, irmanadas na potência dos diálogos entre fatores internos de sua dinâmica e de seus atores; das diretrizes e normas externas dos órgãos a que a Escola se vincula; das influências sobre educadores e alunos como profissionais e seres humanos de habilidades não convencionais, desconhecidas, manifestadas durante o Projeto. Habilidades para viver, exercer a cidadania, o trabalho. Influências metodológicas, expandidas e recriadas pelos professores em outras instituições. Alunos materializando descobertas, experiências e talentos apreendidos no saber fazer, que influenciaram escolhas profissionais de serem hoje professores e profissionais ligados à arte. As vinte e três edições anuais fazem parte da identidade da “Carlos Augusto” de Piedade/SP. Institucionalizado, faz parte de seu Projeto Político Pedagógico.

Palavras - Chave: Identidade. Alteridade. Cultura Escolar. Educação Estética. Instituição Escolar Pública.

ABSTRACT

This thesis addresses the relations of identity / otherness between EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo, from Piedade / SP, his teachers / students and the Synodic Convulsive Project - PCS, born under the coordination of Prof. Maria Lúcia de Amorim Soares, educator in an insatiable “state of appetite”. With unconventional guidelines and goals, proposed to make the school space meaningful to face contemporary challenges through aesthetic education. By the methodology of Oral History, by Paul Thompson, by the cross analysis, through the memory of its participants and the documentary research of the School, the journey was made between the genesis of the Project – 1993 until the last, carried out in 2019. In search of flashes, the theoretical references were constituted: Walter Benjamin and the present/past connections, this resumption of its ruins, unfinished to reveal itself in the lines of the present and the concept of monad. Roger Chartier, in the dimension of cultural history; Justino Pereira de Magalhães in the dialectic of the instituted/ instituting/ institution and, in the synchrony between materiality/ representation/ appropriation; Viñao Frago and Dominique Julia at the sparks of school culture; Stuart Hall and the relations between identity/ otherness and other authors , no less important. Connecting points, memories of the past awakened in the present, observing the constant reinventions, the PCS was analyzed in terms of its challenges, connections, experiences of involvement/ belonging in relation to the other , united in the power of dialogues between internal factors of its dynamics and its actors; the guidelines and external rules of the bodies to which the School is linked; the influences on educators and students as professionals and human beings of unconventional, unknown abilities , manifested during the Project. Skills to live, exercise citizenship, work. Methodological influences, expanded and recreated by teachers in other institutions. Students materializing discoveries, experiences and talents learned in the know-how, which influenced professional, choices to be teachers and professionals linked to art today. The twenty-three annual editions are part of the identity of “Carlos Augusto” from Piedade/SP. Institutionalized, it is part of its Political Pedagogical Project.

Keywords: Identity. Alterity. School Culture. Aesthetic Education, Public School Institution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1- Escola Carlos Augusto – versão 1998	13
Figura 2 - Ginásio Estadual "Prof. Carlos Augusto de Camargo" - década de 1960	21
Figura 3 - Escola Estadual "Prof. Carlos Augusto de Camargo" - 2020	21
Figura 4 - Quadro Angelus Novus, de Paul Klee	22
Figura 5 - Fragmentos do muro da escola 2015	26
Figura 6 - Fragmentos do muro da escola 2018	27
Figura 7 - Alunos na inauguração da Praça - 2015.....	28
Figura 8 - Homenagem aos mortos.....	30
Figura 9 - O fantasma do "Carlos Augusto"	40
Figura 10 - Projeto Memórias da Escola	41
Figura 11 - Confecção dos lenços de seda para a "Grande Tela"	43
Figura 12 - Desfile ao som de Cavalgada das Valquírias, de Richard Wagner.....	44
Figura 13 - Professora conduzindo a Pietà de Michelangelo	45
Figura 14 - Tapetes produzidos pela comunidade	46
Figura 15 - Escola em 1993 - Registros do cotidiano escolar	47
Figura 16 - Aluna "lavrando sobre o bolor da Escola"	50
Figura 17 - Escultura via tela.....	50
Figura 18 - Fragmento do muro da Escola “Carlos Augusto” – La Mancha, 2003.....	53
Figura 19 - Instalação: As musas.....	60
Figura 20 - Instalação: Quarto de motel	60
Figura 21 - Dança do Universo em parede interna da Escola	63
Figura 22 - Narrativas ao pé do fogão de lenha (cenário do teatro na sala de aula).....	64
Figura 23 - Construção de casa de pau a pique: em processo	71
Figura 24 - Casa de pau a pique	71
Figura 25 - Jardim simétrico 1.....	72
Figura 26 - Jardim simétrico 2.....	72
Figura 27 - Apresentação no palco 1	76
Figura 28 - Apresentação no palco 2.....	76
Figura 29 - Instalação: O quarto de Gregor Samsa	77
Figura 30 - O palco: Mandacaru.....	83
Figura 31 - Instalação: Um treco na mão uma ideia na cabeça	84
Figura 32 - Instalação: Cidade de Papel na sala de aula.....	88
Figura 33 - Instalação: Cidade de Papel na Casa da Cultura de Piedade	89
Figura 34 - Publicação: Jornal Folha de Piedade	92
Figura 35 - Jornal Folha de Piedade: Editorial	93
Figura 36 - Encontro com professores e alunos: 12.07.2019	94
Figura 37 - Encontro com professores e alunos: 19.07.2019	94
Figura 38 - Um chá na casa de dona Lalá.....	130
Figura 39 - Jantar Cervantes sem conservantes.....	133
Figura 40 - Entrega do prêmio Leitura na Escola.....	134
Figura 41 - Símbolos da felicidade 1.....	144
Figura 42 - Símbolos da felicidade 2.....	144
Figura 43 - Olhos, olhos ... Através deles fazemos o retrato do mundo e o nosso!	146

Quadros

Quadro 1 - Plano de curso da Proposta Educacional 1993	33
Quadro 2 - Plano Diretor da EEPSEG. “Prof. Carlos Augusto de Camargo” 1995	36
Quadro 3 - Plano Diretor 1996: metas a curto, médio e longo prazo	57
Quadro 4 - Quadro sinótico do Projeto Convulsivo Sinódico 1993 – 2019	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATPC	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
CB	Ciclo Básico
CENP	Coordenação de Estudos e Normas Pedagógicas
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CPFL	Companhia Paulista de Força e Luz
DITRACOPI	Departamento de Trânsito e Transporte Coletivo de Piedade
EFAP	Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo “Paulo Renato Costa Souza”
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EF I	Ensino Fundamental I
EF II	Ensino Fundamental II
EM	Ensino Médio
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
HEM	Habilitação Específica para o Magistério
IDESP	Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo
MP	Ministério Público
PFC	Piedade Futebol Clube
PP	Proposta Pedagógica
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRODESC	Programa de Implementação de Projetos Descentralizados
REDEFOR	Rede São Paulo de Formação Docente
SAEB	Sistema de Avaliação do Ensino Básico
SARESP	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SESC	Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO : primeiros lampejos	13
1.1 Traçando e interligando linhas.....	16
1.2 Porta de entrada	22
1.2.1 Pelos muros da escola.....	25
1.3 Rebentos: momentos instituintes do PCS.....	31
1.4 Práticas escolares: representações estéticas	38
1.4.1 Projeto memória da escola – escavações no arquivo da escola e estranhamentos	39
1.4.2 Projeto “Fractais” – “A grande tela”	42
1.4.3 Projeto Chronos - O desgaste da instituição escolar.....	47
2 ENTRE O DADO E O FATO - OS ATOS	54
2.1 Projeto Evoé - um brado ao deus do entusiasmo	56
2.2 O PCS como “arma de rebeldia”: resistência, estética e materialidade	61
2.3 Cultura escolar : tensões , continuidade e metamorfoses	66
2.4 EUTUELELAAGENTESOMOSPIEDADE - experiência, apropriação e identidade.....	68
2.5 Movimentos instituintes – metamorfoses	73
2.5.1 Relações intramuros	74
2.5.2 Relações extramuros.....	77
2.6 Dos projetos de leitura ao Projeto Convulsivo Sinódico – institucionalização	79
2.7 O aluno real – poder instituinte.....	85
2.8. Tecendo apropriações com Piedade	88
3. DESCOLANDO CAMADAS DA MEMÓRIA EM TRAÇOS CONSTELARES	95
3.1 Encontros com as estrelas	96
3.2 Agrupamentos constelares : estrelas, memórias e representações.....	98
3.2.1 Desafios	100
3.2.2 Conexões	108
3.2.3 Experiências.....	115
3.2.4 Envolvimento / Pertencimento	123
3.3 Educação estética e respeito às alteridades	129
3.3.1 PCS – ancoradouro de representações e apropriações.....	131
3.3.2 Identidades cambiantes.....	137
3.3.3 Educação estética e apropriações de sentidos no cotidiano escolar	140
4 CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS	149
REFERÊNCIAS.....	156
APÊNDICE A - Caderno de imagens do Projeto Convulsivo Sinódico - centelhas	166
APÊNDICE B - Convites para a realização dos encontros.....	208
APÊNDICE C - Modelos dos Termos de Consentimento	210
APÊNDICE D - Termo de Autorização da Direção da Escola.....	212
APÊNDICE E - Transcrição do 1º encontro	213
APÊNDICE F - Transcrição do 2º encontro	227
APÊNDICE G - Registros fotográficos dos encontros	246
ANEXO A - 23º Projeto Convulsivo Sinódico 2019 – livro artesanal - fragmentos	248



Figura 1- Escola Carlos Augusto – versão 1998
Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

As instituições educativas, como pessoas, são portadoras de uma memória e de memórias. (Justino Pereira de Magalhães)

1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS LAMPEJOS

No dia 6 de dezembro de 2019 a Escola Estadual “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP recebeu sua comunidade convidando-a a refletir sobre o protagonismo juvenil, o mundo do trabalho e a alteridade, na relação cotidiana com o outro, a partir da leitura da obra *O menino que descobriu o vento*, de William Kamkwamba e Bryan Mealer, protagonizado por personagem extraído da vida real que encontrou soluções para o problema da falta de água de sua comunidade, localizada num pedaço esquecido do continente africano, através de pesquisas realizadas na biblioteca de sua escola, de onde havia sido expulso por não ter como pagar.

O professor de Filosofia, que havia se integrado à equipe da Escola naquele ano, era o anfitrião do evento, em espaço organizado na entrada do prédio, onde recebia os convidados. Em ação simultânea autografava orgulhoso o livro¹ intitulado *Projeto Convulsivo Sinódico: livro artesanal 3º A e 3º B – E.E. Carlos Augusto de Camargo. Piedade: 2019*, com textos e ilustrações de seus alunos do ensino médio. *Escola viva* era o título da introdução desse livro, abertura escrita pela coordenadora pedagógica, na função há doze anos.

Nas salas de aula: peças de teatro: *William no mundo mágico da realidade*; *O menino que des(cobriu) o tempo!!!*; um musical com jogo de sombras : *A sombra do seu racismo* , instalações com produção temática dos alunos; cataventos espalhados revelando a linguagem matemática; brinquedos confeccionados com material reciclado, seguindo a orientação: *Onde você vê o lixo, eu enxergo a oportunidade*; aplicativos digitais criados pelos alunos dos sextos anos do ensino fundamental, mediados pela professora de Matemática, como o *EcoPonto.Piedade* sobre o destino correto do lixo eletrônico e o *IMC*, que calculava o índice de massa corporal auxiliando no controle da alimentação dos alunos e no estímulo à exercícios físicos. Criações envolvidas pelo abraço carinhoso do muro da escola, onde cataventos multicoloridos saltitavam anunciando um espaço de criação e aprendizado.

O movimento concentrou exercícios estéticos do 23º Projeto Convulsivo Sinódico – PCS, engendrado coletivamente por educadores que estavam nessa escola pública, em 1993, orquestrados pela então coordenadora pedagógica Prof.^a Maria Lúcia de Amorim Soares²,

¹ ARTUR, Josias. **Projeto Convulsivo Sinódico**: livro artesanal 3º A e 3º B – E.E. Carlos Augusto de Camargo. Piedade: 2019.

² A Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia foi professora da Escola Carlos Augusto, durante 37 anos, muito respeitada pela comunidade escolar. Educadora criativa, determinada e inserida no contexto econômico-cultural em que vivia, atuava principalmente com os seguintes temas na área da educação: ensino, educação ambiental, geografia e pós-modernidade. Falecida em 2014.

educadora arrojada, evoluída e criativa, que praticou a educação para além da sonolência de viver o igual, sem refletir sobre ele. Sempre em “estado de apetite”!

Apetite em “estado de inibição” na escola pública atual, que vem sendo atacada em seu âmago, numa era de interesses privados que alardeiam cada vez mais catástrofes, como o desfecho final de um espaço estratégico de formação de valores para uma sociedade democrática e humanizada. Desconhece-se, entretanto, fazeres e saberes em cenários escolares constituídos com esforços que se assemelham à lenda de Sísifo, personagem da mitologia grega que recebeu a árdua tarefa de empurrar uma pedra até o cume de uma montanha e, no entanto, sempre que a pedra estava prestes a chegar ao seu objetivo, rolava montanha abaixo e tudo tinha que recomeçar. A metáfora se inseriu nas dificuldades por que passam as instituições escolares que se constituem enquanto convergência de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que nela se instalam, enquanto espaço vivo de diversidades e desigualdades que buscaram/buscam enfrentamentos para suas próprias tempestades.

Enfrentamentos oriundos do desafio de tornar o cotidiano escolar um espaço de aprendizagem significativa, onde também se pudesse falar sobre o sentido da vida humana e das relações sociais que a transformam. Viviane Mosé (A EDUCAÇÃO, 2010) no Programa Café Filosófico CPFL/ TV Cultura disse que a escola vem produzindo alunos não preparados para o mercado de trabalho: aprendem a cumprir e não liderar; não os prepara para viver em sociedade, nem para o afeto (fazendo referência ao crescente número de pessoas com depressão); não os prepara para questões existenciais: não fala de morte/vida; é racional: desprepara. A filósofa alertou, ainda, para um contraste: embora a escola tenha crescido em sua estrutura física, tecnológica, na formação dos professores, o desempenho dos alunos caiu.

Em tempos de tempestades e lampejos por que vem passando as instituições educativas pude em 1993, participar enquanto professora de Língua Portuguesa e Literatura da criação do Projeto Convulsivo Sinódico (PCS), na “Carlos Augusto”, em Piedade/SP. Criação à maneira da poesia Dadá, com palavras extraídas aleatoriamente de um dicionário, de onde foram escolhidas as que melhor expressavam as representações daquele momento.

Expressões que traziam as tramas das relações e interações sociais instaladas antes do momento sinódico, metaforicamente visto como equilíbrio. Tramas realizadas num campo de forças que embutia concepções de representações, sentidos e significados sobre o papel da escola e de seus atores na sociedade.

A prática pedagógica foi implementada na época em que a instituição havia se transformado em Escola Padrão, iniciativa do governo do Estado de São Paulo que oferecia autonomia pedagógica, administrativa e liberdade de propor projetos especiais relacionados ao ensino-aprendizagem. O Plano Diretor da “Carlos Augusto”, em 1993, propunha diretrizes e metas nada convencionais que buscavam possibilidades de vivenciar o espaço escolar, tornando-o significativo para o enfrentamento dos desafios do mundo contemporâneo. Suas diretrizes: praticar a comunidade para ser feliz; refinar a qualidade educacional extirpando a ganga impura; impulsar a leitura no instante pós – moderno e pelear pela cidadania e democracia competentes. Suas metas: dar forma corpórea à busca da felicidade; inculcar a produtividade qualitativa do corpo docente, discente e administrativo; embriagar-se na paixão de conhecer e viver o mundo contemporâneo e peludiar pelos direitos e frondejar deveres.

1.1 Traçando e interligando linhas

Aprendendo com Walter Benjamin (1984, p.57): “As idéias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas”, tentei traçar e interligar linhas para a constituição de uma constelação voltada às relações de identidade entre a “Carlos Augusto” e o PCS, com o intuito de compartilhar uma experiência que poderia ter se diluído no cotidiano da Escola “Carlos Augusto”, calando vozes e vivências de professores/alunos. Silêncio que deixaria de contribuir para tantas outras escolas públicas, que criam incessantemente âmbitos para acolher diferenças em espaços institucionalmente similares.

A vivência do PCS sob diferentes lentes, enquanto professora, coordenadora pedagógica, vice-diretora, diretora e pesquisadora me permitiu observar a “Carlos Augusto” como um espaço público detentor de um poder criativo, capaz de desenvolver saberes específicos, modificar e ser modificado por seus atores. Foi preciso, porém, realizar um caminho de reconstrução da história vivida, romper com as percepções imediatas, entender a gênese do Projeto e as relações de identidade que poderiam ter se constituído entre esse e a instituição escolar.

Com o objetivo de investigar as relações de identidade entre o PCS e a Escola “Carlos Augusto” delimitaram-se problematizações da pesquisa: o PCS teria interferido na identidade da “Carlos Augusto”? Como essas relações poderiam ter sido constituídas na instituição? Como teriam se dado as relações de identidade junto a educadores e alunos? O PCS teria contribuído para acesso a situações não convencionais, proporcionadas pelas habilidades

despertadas durante sua execução? Até que ponto foi estimulador de possibilidades de trabalho para os alunos? Trouxe habilidades desconhecidas e importantes para viver e exercer a cidadania?

As hipóteses previam a positividade da interferência do PCS na construção da identidade da escola, face aos seguintes fatores: repetição, em vinte e três edições anuais, todavia em formatos distintos dos de sua gênese, que teriam contribuído para a constituição de uma cultura escolar própria na instituição. Processo sempre em transformação resultante de renovados desafios da educação contemporânea; as velhas identidades vinham/vêm sendo alteradas por identidades em constantes mutações, que teriam interferido no formato e desenvolvimento do Projeto; a Escola vinha/vêm sendo sustentada por um plano racional burocrático, com normas e regras institucionais, pesquisas avaliativas e indicadores de resultados, oriundos de visões economicistas e tecnocráticas, todavia também era/é portadora de uma dimensão mais ampla, resultante do cruzamento de culturas nela existentes. Diversidades que teriam tornado o Projeto uma ponte entre o institucional e o cotidiano vivenciado na Escola por seus atores. A derradeira hipótese foi de que o Projeto interferiu na formação dos alunos, enquanto cidadãos e em suas possibilidades de trabalho, inclusive pelas habilidades despertadas durante sua execução. Quanto aos professores os teria influenciado em suas práticas pedagógicas e enquanto cidadãos.

Ao testar hipóteses alguns teóricos foram essenciais para o movimento dialético desta pesquisa, dentre eles Walter Benjamin para quem o historiador deveria atuar como um arqueólogo, escavar e estabelecer ligações entre o presente/passado, na medida em que este podia ser retomado através de suas ruínas, pois inacabado poderia se revelar nas linhas do presente. Todavia, não da mesma forma, pois o conhecimento existe apenas em lampejos, sendo o texto um “[...] trovão que segue ressoando por muito tempo” (BENJAMIN, 2009, p.499). Ainda: ao trazer o conceito de mônada, na qual “[...] participam em uma escala reduzida todas as forças e interesses históricos. Graças a sua estrutura monadológica, o objeto histórico encontra representado em seu interior sua própria histórica anterior e posterior.” (BENJAMIN, 2009, p.517).

Também essenciais: Roger Chartier (2002, p.17) na dimensão da história cultural, que “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” e das representações, enquanto o modo em que os homens constroem seus mundos e realidades (CHARTIER, 1991, p.184); Justino Pereira de Magalhães (2004, p.139) para quem o instituído é uma sincronia

multifacetada da materialidade/ representação/ apropriação num determinado momento da história da instituição. Sua evolução histórica opera-se pela noção de institucionalização como resultante do poder instituinte dos diversos participantes, reificada como principal produto da dialética entre os públicos e o modelo didático pedagógico / institucional; Viñao Frago: através da cultura escolar, que sedimenta-se em sua continuidade, persistência no tempo e relativa autonomia permitindo gerar produtos específicos. (VIÑAO, 2002, p.59.); Dominique Julia (2001, p.12) ao dizer que existe uma utopia contemporânea da visão idílica da “potência absoluta dos projetos pedagógicos”. Essa potência tem: “pouco a ver com a história sociocultural da escola e despreza as resistências, as tensões e os apoios que os projetos têm encontrado em sua execução” e Stuart Hall (2006, p. 12) para quem a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas de representações dos sistemas culturais existentes.

A metodologia desta pesquisa se organizou pela História Oral, pelas lentes de Paul Thompson (1992, p. 197) para quem “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.”.

Há que se registrar, em respeito aos leitores deste trabalho que o PCS foi gestado na efervescência criativa da Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia por meio da arte, enquanto autoconsciência e estímulo despertador para além da sonolência de viver o igual, sem refletir sobre ele, bem como da ciência enquanto conhecimento da natureza e da sociedade, que deveria ser constantemente refletido em atitudes do senso comum presentes no cotidiano escolar. Esse movimento permitiu a esta pesquisa conexões com textos, além daqueles convencionais da história da educação. *Performing arts*, poesias, literatura, criações que se avolumaram em textos escritos/visuais, experienciados entre o pensado e o vivido por professores e alunos em movimentos caleidoscópicos através de distintas e singulares combinações.

Combinações que também se estenderam às luzes proporcionadas por autores de outras esferas do conhecimento como o filósofo/pedagogo Jorge Larrosa Bondía, o antropólogo/filósofo Edgard Morin, o filósofo da alteridade Emmanuel Levinas, dentre outros não menos relevantes. Mobilizações que permitiram trazer as análises de Xavier e Carvalho (2013, p.236) que apontaram para a relevância das reflexões sobre a história da educação, no âmbito mais geral da pesquisa em educação, investigando sobre as relações com os demais campos de saberes. Para eles a história da educação poderia ser considerada um saber de

fronteira permeável à conquista de territórios alheios, que garantisse uma troca sustentada no respeito às especificidades de cada um. Um trânsito entre veredas que poderia abrigar diferentes saberes. (XAVIER e CARVALHO, 2013, p. 248).

Às vozes dos autores-lampejos permearam outras que se multiplicaram no texto: as contidas nos documentos da Escola, as de seus atores: educadores/alunos e a minha própria, enquanto atora, pesquisadora e autora mediadora desta narrativa. O conjunto das percepções ultrapassou minha própria voz, que saltitou em primeira pessoa em alguns momentos desta construção coletiva, para dar lugar às muitas participações nas várias edições do PCS. Construção que cruzou a visão subjetiva e se transformou num coral de representações.

Na multiplicidade de vozes - uma narrativa, cuja periodização instalou-se num passado recente (1993) entremeado com o tempo presente em que o PCS ainda se desenvolve, com conexões que saltaram na tessitura do texto em intromissões de tempos verbais do presente interligados aos do passado.

Para interligar linhas alguns capítulos foram tracejados. Neste primeiro, denominado *Introdução: primeiros lampejos* busquei traçar as linhas iniciais da pesquisa trazendo suas delimitações. Avancei com a apresentação da Escola “Carlos Augusto” e dos Projetos ocorridos no período de 1993 a 1995, analisando a constituição teórica e prática da gênese do PCS em representações e “lampejos” de sua história. Conduzi-me pela busca de evidências junto aos planos de direção/gestão, em recortes sobre o PCS, encontrados no arquivo morto, nas salas de leitura, coordenação e direção. Ainda: em caixas de fotografias; arquivos da escola e de professores, além dos registros no blog³ da escola.

O segundo capítulo: *Entre o dado e o fato – os atos* apresentou transformações sofridas pelo Projeto no período de 1996 a 2019, por meio de movimentos resultantes das inquietações instituintes internas/externas, em incessantes apropriações. Nesse espaço temporal pude observar o desenvolvimento de uma cultura escolar por meio da continuidade do PCS, em detrimento de suas dificuldades e diferenças, em resistências e tensões existentes nas representações de seus atores sobre o papel da Escola.

³ Em 2010 enquanto professora de Língua Portuguesa e Literatura criei um blog, com o apoio de alunos estagiários do *Programa Acesso Escola* (Secretaria de Gestão Pública e Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. O Programa oferecia acesso à computadores e internet para alunos, equipe escolar e comunidade). O blog carlosaugustodecamargo.blogspot.com.br foi criado para divulgar as ações do PCS, bem como criar o hábito de registrar os Projetos da Escola “Carlos Augusto”. Com o tempo se tornou o arquivo digital do Projeto. A experiência se desenvolveu durante a elaboração do TCC: *Blog e construção da escrita*, em que era aluna do Curso de Especialização em Mídias da Educação, da Universidade Federal São João Del Rei, da Universidade Aberta do Brasil (Polo Votorantim) – modalidade EAD.

O terceiro capítulo: *Descolando as camadas da memória em traços constelares* se voltou à metodologia da história oral, em forma de análise cruzada, orientada sob a ótica de Paul Thompson (1992, p.305) para quem: “A evidência oral pode ser avaliada, julgada, comparada e citada paralelamente ao material de outras fontes.”. Foi necessário buscar evidências orais, nas vozes dos atores que experienciaram/ experienciam o PCS, contribuições para a tessitura de uma “história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.” (THOMPSON, 1992, p. 137). Em busca de memórias foram extraídas narrativas que diziam respeito às participações e relações de identidade com o projeto. Narrativas que para fins analíticos foram transformadas em mônadas, “miniaturas de significados”, “centelhas de sentido, que podem ter a força de um relâmpago” (GALZERANI, 2002, p.62).

Para compreender as relações de identidade desenvolvidas entre o PCS, a Escola “Carlos Augusto” e seus atores foi preciso aproximá-las do conceito da identidade do sujeito pós-moderno de Stuart Hall, que as traduz como “temporárias, empurradas em diferentes direções e deslocamentos contínuos”.

O entendimento desse conceito foi fundamental para vislumbrar que as relações de pertencimento contemporâneas são fugazes e que as escolas públicas como a “Carlos Augusto”, que concentram diversidade social, se tornam espaços ricos para o exercício do pertencimento, mesmo que temporário, em aproximações essenciais para a formação de seres humanos, em tempos de fugacidade.

Compreensões que permitiram associar o conceito de identidade ao de alteridade em sua potência oriunda da convivência humana, através dos diálogos nela desenvolvidos na aproximação com o outro. Relações de alteridade, que “arrancam” o outro de si mesmo promoveram aproximações que tornaram o PCS significativo para muitos de seus atores, tanto no mundo vivido, como em escolhas relacionadas ao trabalho.

Pertencimentos oriundos do exercício de trilhar os caminhos do paradigma estético, com destaque especial para a literatura que permite relações dialógicas invisíveis da aprendizagem significativa, da compreensão do outro e da própria vida.

Nas imagens iniciais lampejos da história da Escola Estadual “Prof. Carlos Augusto de Camargo” entre o que muda ou permanece. Na figura 2: o prédio na década de 1960 e na figura 3: a mesma construção em 2020, numa tarde chuvosa em tempos de Pandemia:

Figura 2 - Ginásio Estadual "Prof. Carlos Augusto de Camargo" - década de 1960



Fonte: Historiografia de Piedade – Disponível em <https://www.facebook.com/people/Historiografia-Piedadense/100010482151517>. Acesso em 15 mar.2019

Figura 3 - Escola Estadual "Prof. Carlos Augusto de Camargo" - 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora

1.2 Porta de entrada

Walter Benjamin (1994, p.226) traz o quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, representando um anjo que parece querer se afastar de algo que encara fixamente. Olhos escancarados, boca dilatada, asas abertas e rosto dirigido para o passado. Ele vê, onde se observa uma cadeia de acontecimentos, uma catástrofe única, que acumula ruínas. Gostaria de parar, olhar o passado que está destruído, porém uma tempestade sopra do paraíso, prendendo suas asas, impelindo-o a olhar para o futuro. Progresso é o nome da tempestade.

Figura 4 - Quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee



Fonte: Wikipédia – a enciclopédia livre. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus_Novus#/media/Ficheiro:Klee-angelus-novus.jpg. Acesso em 14 ago. 2019

O que se acumula nessas ruínas quando se recorta a escola pública que vem sendo atacada em seu âmago, numa era de interesses privados que alardeiam cada vez mais catástrofes, como o desfecho final de um espaço estratégico de formação de valores de uma sociedade democrática e humanizada? Nora Krawczyk, coordenadora do Congresso Internacional Escola Pública: tempos difíceis, mas não impossíveis, realizado em 2017, pela Faculdade de Educação da UNICAMP, enfrentou impasse com sagacidade:

Quando a escola pública é atacada, a juventude é atacada e a nação é atacada. Infelizmente, é esse o momento que estamos vivendo, com uma forte campanha voltada à sua destruição e substituição por modelos que retiram seu caráter público e democrático. (KRAWCZYK 2018, p.10).

Enfrentamento também demonstrado em 2003, na cidade de Aracajú, capital de Sergipe, onde o Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR realizou seu VI Seminário Nacional, que teve como eixo central a história da escola pública no Brasil, oportunidade em que se demonstrou que o sistema de ensino fundamental e médio piorou sistematicamente entre os anos 1995 e 2001 (PAIVA, 2005, p.181)

“Tempos difíceis” de interpenetração de espaços públicos e privados, nos quais esta pesquisa se instalou a partir dos anos de 1990. Período que segundo Saviani:

[...] tenderam a apelar para a parceria da iniciativa privada, seja das empresas, seja dos cidadãos de modo geral, pela via do trabalho voluntário, na manutenção e operação da escola pública. Pareceria, pois que estaríamos regredindo, como essa política educacional, à etapa anterior cuja implantação da escola pública se caracterizou pela promiscuidade entre espaços público e privado. (SAVIANI, 2005, p.13).

A escola pública convive dessa forma com tempos intrincados, dentro de um contexto que visa desqualificá-la. O abandono das elites e dos setores médios passa então a fortalecer os espaços privados de ensino. Relegada aos setores populares “[...] perde valor não só econômico, mas também simbólico, produzindo a desvalorização dos diplomas e da profissão docente [...]” (KRAWCZYK, 2014, p.16).

As instituições escolares constituem-se enquanto resultados da confluência de fatores sociais, políticos, econômicos, culturais e esse processo explica as características de sua configuração, “[...] sua identidade original, os modos, que se articula com a ordem social e a especificidade que sustenta sua identidade.” (TIRAMONTI, 2014, p.188). Por outro lado, Enguita (2014, p.9) diz que há um conflito aberto e encoberto entre a sociedade e a instituição escolar. Numa alegoria, traz o encontro das águas dos Rios Negro e Solimões, que correm por quilômetros, sem se misturar.

Os enfrentamentos representados em discussões teóricas, na arguição de autores conceituados estão presentes, não raro invisíveis, em outras vozes que trazem o passado de escolas públicas, que experienciaram/ experienciam soluções em suas próprias tempestades.

Ouvindo ecos contemporâneos sobre essa crise e a busca de respostas, esta tese deu voz a uma escola pública instalada em Piedade, município de economia agrária, localizado dentro do Cinturão Verde do estado de São Paulo e região metropolitana de Sorocaba.

O Plano Diretor da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de 1993 traçou um perfil das necessidades e expectativas do município de Piedade referindo-se à constituição de sua comunidade. Cabe registrar que a síntese abaixo, foi tecida pela Prof.^a Maria Lúcia, então coordenadora pedagógica, com fios de sua pesquisa sobre a cultura da meação de cebola em Piedade⁴ fazendo-se concreta no Plano Diretor da Escola:

O tradicionalismo ainda impera apesar do “progresso” em desenvolvimento. Os problemas requerem uma atitude no sentido de se atuar econômica e socialmente no município. Grande número de pessoas entrevistadas se referiu à falta de indústrias, apesar de já estarem instaladas duas grandes fábricas – ECIL, de instrumentos de precisão e PAPILLON, de papel. São significativas também, as informações a respeito da falta de instituições que possui. Não obstante as medidas de incentivo à economia e ao trabalho de reorganização administrativa, o desenvolvimento será só promovido se forem superadas as dificuldades que surgiram historicamente na configuração da comunidade. Para isso há necessidade da tomada de consciência dos problemas locais e a participação dos grupos sociais na dinâmica da vida comunitária. [...] As principais aspirações da população de Piedade são manifestações dos problemas, mas não tomadas de consciência frente à situação. São raros os informantes que conseguem adequar seus problemas à verdadeira capacidade de solucioná-los. Do ponto de vista das expectativas da população espera em primeiro lugar a dinamização da vida econômica, social e cultural. Decorre disso, a instalação de indústrias, que abrirão maiores oportunidades de empregos; quer a intensificação da vida social propriamente dita e “preço da cebola”, aquele que fará a redenção do Município em termos rurais e urbanos. (PLANO..., 1993, p.45).

Pretendi adentrar a história da Escola “Carlos Augusto” de forma cuidadosa, como quem se voltava para o passado, sabendo que estava sendo atingida cotidianamente pela tempestade, sendo impelida a olhar para o futuro, sem refletir sobre a cultura escolar por ela forjada. Foi preciso, porém, compreendê-la enquanto meio de representação, intelecção e interpretação da realidade que a cercava/cerca, em constante transformação.

Como adentrar a uma instituição escolar, pensá-la em seu cotidiano, e montar um quebra-cabeças que interligado resultasse em reflexões sobre sua própria identidade? Qual seriam os caminhos? Sanfelice deu pistas das possibilidades:

O desafio é entrar numa instituição. É pouco relevante, parece-me, o caminho a ser escolhido. Posso chegar à instituição pela legislação educacional, pelo seu currículo, pelo seu quadro de alunos, pela sua proposta pedagógica, pela sua cultura manifesta, pelos trabalhos escolares, pela arquitetura do prédio, pelos professores que dela participaram, pelos ex-alunos, pelo mobiliário, pelas memórias, pela historiografia preexistente, ou por arquivos e fontes múltiplas (escritas, orais, imagens, sons e outras). SANFELICE (2007, p. 77).

⁴ SOARES, 1981. Contribuição ao estudo da meação: o exemplo da cultura da cebola em Piedade.

A intencionalidade desta pesquisa encontrou nos caminhos apontados por Sanfelice (2007, p.77) possibilidades para investigar as relações de identidade constituídas dentro da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, do Projeto Convulsivo Sinódico, investigando em sua gênese e na repetição dessa prática pedagógica, a vivência de uma cultura escolar própria e particular forjada na própria instituição.

1.2.1 Pelos muros da escola

A “Carlos Augusto”, como é conhecida, foi a primeira escola estadual construída no município de Piedade. Sua inauguração, em 1956, transformou-se num acontecimento relevante para o município, tanto que, segundo o Plano de Gestão da Escola (2014,p.8) houve feriado na cidade no dia de sua inauguração.⁵ Benedito Maciel de Oliveira Filho, autor de *Historiografia Piedadense*⁶ relatou o espírito de receptividade dos moradores de Piedade, que viam na implantação da instituição escolar uma conquista esperada pelos piedadenses, que não se conformavam em não ter o benefício, tendo que recorrer aos colégios sorocabanos para poderem estudar:

O Ginásio foi verdadeiramente uma conquista dos piedadenses que não se conformavam em não ter esse benefício escolar, necessitando dos colégios sorocabanos, do Estado ou particulares, para a formação das novas gerações. [...] o professor Carlos Augusto de Camargo recebeu a justa homenagem de ter emprestado o seu nome ao primeiro ginásio de Piedade, no início dos anos 60. (OLIVEIRA FILHO, 2017).

Trata-se de instituição escolar bastante conhecida, pela qual passou considerável parte da comunidade piedadense. Localizada em área central de Piedade, a Escola atende nas modalidades do ensino fundamental, ensino médio (período da manhã e tarde) e EJA – educação de jovens e adultos (período noturno), alunos de áreas periféricas e em menor quantidade, alunos da área central da cidade.

A comunidade atendida não se diferencia muito daquela descrita no Plano Diretor de 1995, formada de “[...] filhos de proletários e da pequena burguesia urbana, já os alunos do Inciso III – 2º grau, do período noturno, numerosos deles maiores de 21 anos, surgem do

⁵ Escola criada pela Lei 2577, de 14 de janeiro de 1954, modificada pela Lei 3325, de 29 de setembro de 1955. Instalada a 11 de fevereiro de 1956, entrou em funcionamento a 02 de março de 1956, pela Lei 5773, de 12 de julho de 1960, publicada dia 14, o Estabelecimento passou a denominar-se Ginásio Estadual “Professor Carlos Augusto de Camargo” (PLANO...,1993, p.1).

⁶ Historiografia Piedadense é uma página no *facebook*, criada e é atualizada por Benedito Maciel de Oliveira Filho, também autor de livro homônimo com crônicas e poesia sobre Piedade. Disponível em <https://www.facebook.com/people/Historiografia-Piedadense/100010482151517>. Acesso em 15.03.2019.

exército industrial de reserva, parcialmente absorvido pelo capital urbano rural” (PLANO DIRETOR, 1995, p.6). A Escola conta também com o Centro de Estudos de Línguas – CEL, com aulas de inglês, espanhol, japonês, alemão, francês e italiano, desde 2011.⁷ (PLANO..., 2018, p.6).

Uma imagem é um lampejo que forma uma constelação entre o passado e o presente, uma dialética da imobilidade, não é uma progressão e sim uma imagem que salta. (BENJAMIN, 2009, p.505). É nesse salto é que se adentra a essa instituição escolar, agora por fragmentos do muro da escola, materialidade que traz a “crise audível: desgaste da ‘qualidade’ escolar (erodida a longo tempo, embricamento de inúmeras causas já levantadas por vários estudiosos).” SOARES (2011, p.29). Nos muros da escola, estampas em contrastes. Na figura 5 - criações estéticas dos alunos desenvolvidas intramuros, e na figura 6 - intervenções extramuros, com incorporações de outras formas de ser/agir:

Figura 5 - Fragmentos do muro da escola 2015



Fonte: Arquivo pessoal da autora

⁷O Centro de Estudos de Línguas é um projeto criado em 1987 durante a gestão do então Ministro Paulo Renato Souza, através do decreto nº 27.270 de 10/08/87 para alunos da rede estadual, inclusive da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e ETEC’s (Escolas Técnicas). Seu objetivo maior é oferecer ensino de idiomas gratuitamente para que os jovens tenham melhores condições para competirem no mercado de trabalho, além de participarem de programas de intercâmbio no exterior e no que se refere a esse ponto, desde o ano passado muitos deles já tiveram a chance de tentar um curso de 20 dias na Argentina, Espanha, Inglaterra e França através do Programa de Mobilidade Internacional (PMI). O Centro de Línguas está vinculado à EE. Prof. Carlos Augusto de Camargo, com instalação através da Resolução SE nº 35 de 17/02/89. (PLANO..., 2014, p.6). Através desse Programa a Escola “Carlos Augusto” atende alunos de todas as escolas estaduais de Piedade, inclusive os da modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Importante salientar que a EJA do Ensino Fundamental II e Ensino Médio de todo o município se congrega na “Carlos Augusto”, no período noturno. Apenas a EJA do Ensino Fundamental I é de responsabilidade da Prefeitura de Piedade, através da Secretaria da Educação, Cultura, Esportes e Lazer.

Figura 6 - Fragmentos do muro da escola 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora

As imagens trazem, segundo Souza (2011) “microrresistências cotidianas” reveladoras de identidades sociais, que aparecem de forma tensa e contraditória, próprias de situações em que estão em disputa de lugares socialmente legitimados. Para a autora: “A escola, cada vez mais se torna chão de diferentes culturas com as quais não consegue dialogar – ainda que a necessidade já seja reconhecida [...]” (SOUZA, 2011, p.37).

No muro da escola uma metáfora, síntese de acontecimentos presentes, retratos de culturas diferenciadas que se embatem, rangem e se incorporam em distintas formas de representar realidades. Todas convivendo dentro e fora da instituição, sempre em transformação. Espaço múltiplo e de contrastes, a instituição se fragmenta e se reconstrói nas identidades cambiantes de seus atores. Na figura 6, de 2018 um fragmento poético do aluno Robert ainda resistia em meio à outras formas de manifestações, desde a criação da poesia *Sonho de girassol*⁸, em 2015:

Gira gira segura o sol. Gira girassol!
Fica triste quando chega o por do sol.
A luz vai embora, ele fica tristonho. Não fique triste girassol.
Amanhã é um novo dia amarelo e risonho.
Quando o sol toca o horizonte, girassol levanta. Minha praça alegre.
E lá longe o sabiá canta. Os sons dos passarinhos me alegam todo dia.
Crianças prateando choro e alegria.
E assim a vida passa e girassol fazendo graça.
No mesmo lugar e na mesma praça. (SANTOS, 2018)

⁸ A poesia do aluno Robert Luis Pereira dos Santos integrou-se ao trabalho da professora de Arte Daniela Favero que coordenou a transposição da poesia para o muro, com a participação dos alunos: Bruno Henrique, Agnaldo, Alan, Alana, Alessandra, Carlos, Cristiano, Elton, Kauani, João, Juliano, Lara, Larissa, Marcos Vinicius e Vitor, que pintaram os girassóis e seus nomes na tela – muro.

19.05.2015. Data da inauguração da Praça Dr. Amélio de Ávila Ribeiro, em frente à instituição. Os alunos haviam participado de um concurso de desenho e poesia promovido pela “Carlos Augusto”, em parceria com a Prefeitura de Piedade. O desenho e poesia escolhidos foram reproduzidos no muro em torno da instituição, por vários alunos, coordenados pela professora de Arte. A ação fazia parte do concurso.

O tema da pintura do muro teve inspiração na obra *Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico* da Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia de Amorim Soares. Na imagem a seguir os alunos no dia da inauguração da Praça, em frente ao muro que estampava o concurso do qual haviam participado.

Figura 7 - Alunos na inauguração da Praça - 2015



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Em 2015, homenagens e agradecimentos em múltiplos espaços da instituição à precursora do PCS. No hall de entrada, um *banner*⁹ sobre a capacidade de explicar realidades, provocava professores, alunos e a comunidade visitante a “permanecerem em estado de apetite”:

Na realidade as palavras não podem explicar e nem tem a capacidade de explicar realidades. Existem fendas, lacunas, buracos entre as palavras e as coisas, entre linguagens e realidades. A lógica estrutural do discurso não dá conta do não verbal na jornada de uma educadora. O essencial é permanecer sempre em estado de apetite. Afinal o que eu sou é o que me faz viver. (MORAIS, 2012, p.65-66).

Uma instalação à maneira da Prof.^a Maria Lúcia, que utilizava o exercício da metáfora para realizar operações cognitivas, associando a realidade às *performing arts*, também foi criada por professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Durante duas noites, os alunos do período noturno elaboraram por meio de exercício artesanal, dobraduras na sala de aula, enquanto conversavam sobre suas próprias vidas, sonhos, medos e esperanças em momentos de compartilhamentos de realidades.

O movimento prenunciava a montagem de uma instalação em homenagem aos educadores, alunos e funcionários já falecidos.

Na imaginação - os sons emitidos por aqueles que passaram pela Escola, andaram por seus corredores, estudaram nas salas de aula, brincaram/jogaram na quadra de esportes, buscaram nos livros da biblioteca grandes amigos e sonharam com o futuro.

A homenagem também se estendeu aos mortos da segunda guerra mundial, eis que a obra literária inspiradora do PCS 2015 foi *É isto um homem?*, de Primo Levi, que levou os alunos, professores e comunidade presente a refletirem sobre o comportamento humano no contexto de caos, violência e desumanização, em Auschwitz, durante a segunda guerra mundial.

A instalação *Homenagem aos mortos* trazia presente na ficção de Primo Levi, a realidade de muitos judeus que tiveram vidas roubadas pelo desatino e perversidade humanas. Mortes que mereciam ser reverenciadas.

Em ato de profundo respeito as velas foram acesas no final da noite, quase no momento derradeiro do encerramento do Projeto, sensibilizando a todos que por lá passaram, conforme se registrou:

⁹ O *banner* foi criado por ex-aluna e professora de Geografia da Escola Carlos Augusto. A frase foi retirada da dissertação de mestrado *O cotidiano escolar revelado na jornada: ruptura/iniciação, preparação e retorno de uma professora criadora*, de autoria de Sandra Aparecida Moraes, UNISO, 2012.

Figura 8 - Homenagem aos mortos



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Num salto, à maneira de Benjamin (2009, p.512) o exercício artístico em imagem – lampejo, dialética de encontros no mesmo espaço, em tempos polarizados. Imagem representativa do processo de criação, em convergência de aprendizados sobre maneiras diferentes de vivenciar a escola. Incorporaram-se alertas: “As pessoas que ficam em práticas e planos restritos, perdem o vocabulário, cabeças veladas em procissão. [...] Há exigências da prática de rupturas. Há necessidade do avesso, de virar o avesso, do avesso. Viver em estado de bumerangue.” (SOARES, 2001, p.25):

O anjo da história, assim como eu, gostaria de deter-se para acordar os mortos, juntando seus fragmentos, mas tempestades chegam de todos os lados trazendo o futuro, com força avassaladora. (BENJAMIN, 1994, p.226).

Nesse campo de forças, porém, há lampejos entre o passado e o presente, muitos instalados no exercício da continuidade do PCS período de 1993 – 2019, delimitado para este estudo. Tempo polarizado, no qual se processam confrontos que nunca acontecem da mesma maneira. (BENJAMIN, 2009, p. 512).

1.3 Rebentos: momentos instituintes do PCS

De nome bizarro, o Projeto Convulsivo Sinódico – PCS foi criado em conjunto com os professores que lá estiveram em 1993, sob a coordenação pedagógica da Prof.^a Maria Lúcia de Amorim Soares, à maneira da poesia Dada¹⁰, através de palavras extraídas aleatoriamente de um dicionário, que melhor expressavam o movimento. Inferindo com a própria autora:

[...] Projeto Convulsivo Sinódico. Convulsivo porque a trama das relações e interações sociais que antecedem o momento sinódico, momento do equilíbrio, foram realizadas num campo de forças minado por concepções de formação, representações, sentidos e significados sobre o papel da escola e de seus atores na sociedade. (SOARES, 2006, p.65).

A inferência de Soares se coaduna à concepção de instituições educativas de Magalhães para quem elas são organismos vivos, onde se instalam conflitos entre os campos de liberdade, criatividade, sentido crítico, autonomização dos atores, normativismo burocrático e político-ideológico estruturante eis que se integram à política normativa e estrutura educativa de dimensão nacional e internacional (MAGALHÃES, 2004, p.124)

A partir desse campo de conflitos, busquei estudar, num primeiro momento, a gênese do Projeto Convulsivo Sinódico, trazendo a combinatória entre a evolução do instituído/materialidade, a institucionalização/representação e a instituição/apropriação em que a “descoberta de sentido resulta de uma dialética entre a evolução/representação/apropriação, com o objetivo de construção de uma identidade histórica.” (MAGALHÃES, 2004, p. 138).

O PCS foi sendo gradativamente instituído num sentido evolutivo, com projeções de ideias e proposituras de ações, discutidas entre professores e gestão escolar, que lá estiveram e se concretizaram no Plano Diretor de 1993 encontrado no arquivo morto da escola. Os registros traziam na Proposta Educacional ideias a respeito do espírito da década: a emergente transformação cultural nas sociedades ocidentais, mutação na sensibilidade e práticas discursivas, cujo precedente se fez pela história da razão: a modernidade, com o industrialismo na esfera econômica e o iluminismo na esfera política e intelectual, com projetos revolucionários e progressistas. Ao mesmo tempo revelava o caráter imediato dos

¹⁰ O Movimento Dadá tem seus primórdios em 1916, em Zurique, no seio de refugiados de guerra. Um grupo de jovens que lá estava assumia a recusa das normas sociais que se estenderam a noção da arte. A poesia Dadá, de Tristan Tzara, propunha que o poeta recortasse palavras de artigos de jornais, com uma tesoura, colocando-as, [em seguida em um saco, que deveria ser suavemente agitado. Em seguida as palavras retiradas aleatoriamente transformavam-se em poesia. (MARTINS, 1999, p. 723 – 725).

eventos, o sensacionalismo do espetáculo político, científico, militar, bem como de diversão em que a consciência é forjada. (PLANO..., 1993, p.27).

Fez-se referência ao movimento econômico operado por jovens agressivos e implacáveis do hiperespaço, que fizeram brotar / perder fortunas financeiras instantâneas, trazendo 19 de outubro de 1987 e a quebra da bolsa de Nova Iorque, enquanto “o resto da América vive em termos de década, que compra e conserva logo num código diferente”. (PLANO..., 1993, p.31). Foi nesse cenário que o plano apresentou Piedade/SP, contextualizando-a para a inserção da proposta pedagógica:

Main street, codinome de Piedade, pode sentir-se justificada em sua indiferença porque as sombrias previsões feitas depois da crise, ainda não se materializaram. Mas a massa de fundos lançada nos mercados para compensar a crise de outubro de 1987 percorreu a economia para produzir, nos anos mais tarde, o retorno da inflação de salários e de mercadorias. (PLANO..., 1993, p.31).

A proposta educacional trazia uma intencionalidade utopista, provocando exercitar o pensamento, imaginar situações novas, criar cenários impossíveis e com isso forçar as coisas a acontecerem, acreditando ser possível mudar o grau de felicidade que a ordem social instituída garantia. No movimento a busca pela transformação sobre a consciência dos problemas locais e a participação dos grupos sociais na vida comunitária.

Voltada à educação estética e às mudanças radicais da arte do final do século XX atentava ao irregular e aleatório realizando conexões com o mundo através dos conceitos de caos, catástrofes e dos fractais do matemático francês Benoit B. Mandelbrot¹¹, que traziam “formas irregulares, imprecisas, expressando racionalidade e, sobretudo, beleza.” (PLANO..., 1993, p.32).

A postura pedagógica adotada pela Proposta era a sociointeracionista, na perspectiva de Lev Semyonovich Vygotsky, para quem a construção do real é mediada pelo interpessoal, antes de ser internalizada e a aprendizagem se faz do social para o individual. O conceito de avaliação adotado era dinâmico, logo construção; de apreciação, logo de tomada de posição; de consequência, logo de decisão. (PLANO..., 1993, p.34).

A Proposta Educacional apresentava o seguinte Plano de Curso para o 1º e 2º grau:

¹¹O termo fractal pode ser temporalmente localizado no ano de 1975, quando Benoit Mandelbrot, pela primeira vez fez uso dele. O matemático francês buscava a geometria para representar formas reais da natureza. Uma consulta no dicionário de latim resultou no encontro do adjetivo *fractus*, do verbo *frangere*, que significa quebrar. Um fractal de um objeto apresenta invariância na sua forma à medida que a escala sobre o mesmo é alterada, mantendo-se a sua estrutura original. Mandelbrot descobriu através da geometria, que havia minúsculas variações, e que ao se passar de uma escala para outra o tamanho das cópias não variavam na mesma direção. (ASSIS et al. 2008, p.1-13)

Quadro 1 - Plano de curso da Proposta Educacional 1993

Resultados: metas (Incluídos na Proposta Educacional)	Plano de curso	
	1º grau	2º grau
Curto prazo	1. Inculcar e envolver a produtividade do corpo docente-discente e administrativo para a auto-realização, as relações humanas e a construção do conhecimento, direcionando-os ao tema gerador.	1. Extirpar a “ganga impura” relativa à ineficiência da produção escolar. 2. Ampliar o universo vivencial e fractal do educando em situações caóticas.
Médio prazo	1. Pelear pela responsabilidade cívica e capacitação sócio-interacionista na sociedade.	1. Impulsionar a leitura do mundo no instante “pós-moderno”. 2. Praticar a responsabilidade cívica e capacitação sócio-interacionista na sociedade.
Longo prazo	1. Peludiar pelos direitos e frondejar deveres, praticando a comunidade escolar na vida pública ou privada. 2. Embriagar-se na paixão de conhecer e reviver o mundo contemporâneo. 3. Ser feliz no Carlos Augusto.	1. Dar forma corpórea à busca da felicidade. 2. Parir educadores, profissionais e cidadãos multiplicadores da ação transformadora.

Fonte : Plano Diretor da EE. Prof. Carlos Augusto de Camargo (1993)

Roger Chartier evidenciou que a realidade é contraditoriamente construída por diferentes grupos e seguidamente as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social. (CHARTIER, 2002, p.23). Não por acaso, o grupo de professores que lá estava, extraiu a palavra “convulsivo” das páginas de um dicionário para compor parte do nome do projeto que se instituiu, entrelaçado às relações pedagógicas existentes, com experiências e significações próprias. Na ação traziam-se relações advindas da consciência e pensamento, “[...] condicionamentos não conscientes interiorizados que fazem com que um grupo ou uma sociedade partilhe, sem que seja necessário explicitá-los, um sistema de representações [...]” (CHARTIER, 2002, p.41).

No interior de uma escola pública, constituída por condições materiais, espaços, tempos, meios didáticos e pedagógicos – instâncias basicamente objetivas e de funcionamento (MAGALHÃES, 2004, p. 139) o Projeto Convulsivo Sinódico foi se instalando, perpassando a estrutura existente, o já instituído, trazendo representações pedagógicas, extraídas da formação e vivência dos professores que lá estavam.

Nesse “campo de forças minado”, deve-se considerar a mudança anual do quadro de professores e alunos, permitindo novas formas de pensar e de agir. Assim o PCS, se modificava/ modifica constantemente. Numa metáfora visual - areia que penetra nas pedras. Pedras sedimentadas pelos sistemas de educação, legislações e normas a serem cumpridas,

que tornam a Escola, conforme informam Soares e Nogueira (2012, p.139), um “espaço de mesmice, repetição do senso comum”, situação em que “o habitual é o mais difícil de ver com olhar de estranhamento, que permite romper com as cristalizações nos modos de ver, através do acesso a vivências estéticas e seus significados.” Areia que penetra por entre pedras, exercitando, na dimensão de Munhoz e Zanela, apud Soares e Nogueira (2012, p.126) a relação estética “[...] uma das formas mais antigas da relação do homem com o mundo, antecedendo o direito, a política, a filosofia e a ciência”.

Na prática, o Projeto se iniciava/inicia com a busca de um tema gerador. As ideias se originavam/originam do próprio movimento da escola, de suas ansiedades e acontecimentos. Aos poucos iam/vão nascendo em conversas informais, nas brechas do tempo/espaço e determinações pedagógico/administrativas. Essas ideias iam/vão sendo tecidas e absorvidas, até eclodirem na reunião de planejamento, que ocorria/ocorre no início do ano, momento em que se estabelecia/estabelece um consenso sobre a temática do projeto, que perpassava/perpassa o conteúdo das disciplinas da grade curricular, como um tema transversal (Projeto Convulsivo), até finalizar em materializações artísticas do processo (Projeto Sinódico).

O PCS foi implementado na época em que a instituição havia se transformado em Escola Padrão pelo decreto n.º 34035, de 22.10.1991, que tinha como finalidade recuperar a qualidade, modernizar a escola pública, preparar o aluno para o acesso aos níveis elevados de compreensão e intervenção na realidade e utilizar novas tecnologias educacionais. O mesmo decreto oferecia autonomia pedagógica, administrativa e liberdade de propor projetos especiais relacionados ao ensino-aprendizagem, capacitação e relações com a comunidade.

Autonomias aliadas às ações previstas como enriquecimento curricular, que permitiram dar corpo ao PCS. Dentre elas: realização de palestras, debates sobre temas atuais de interesse e/ou conveniência da comunidade escolar, projeto de filmes que levassem à discussão/reflexão dos alunos; realização de peças ou apresentações, shows, festivais, concurso de música, dança, poesia; realização de visitas e excursões; organização de oficinas de criatividade (SARMENTO e ARRUDA, 2011, p.6).

Essas e outras ações estimularam e deram possibilidades ao exercício criativo em dimensão estética, realizados pelos atores da Escola, criando “[...] oportunidades de comunicação entre os alunos nas vivências das atividades educacionais, possibilitando interação e trocas de experiências no cotidiano das pessoas” (MARASCA e BOSCHETTI, 2016, p.190).

Sarmiento e Arruda (2011, p.1) em artigo sob o sugestivo título: *Escola-padrão: curta vida, longa saudade* mostraram que o Projeto da Escola Padrão, implantado pelo Programa de Reforma de Ensino do Governo Fleury (1991-1994), foi uma iniciativa que demonstrou resultados positivos, mas que se encerrou rapidamente, reforçando o que sempre ocorreu ao processo educativo brasileiro: um constante recomeçar, sem continuidade [...]” (SARMENTO e ARRUDA 2011, p.3).

Na Escola “Carlos Augusto” a proposta da implantação da Escola Padrão, alicerçada à vontade de um grupo de professores conscientes e determinados, que faziam parte da instituição, constituiu-se em terreno fértil para uma “revolução invisível”, que buscava o encontro de identidades:

A construção de uma Escola Padrão é lenta e celular. Para se fazer a construção visível há necessidade de existir, a revolução invisível. É esta que se pretende, em primeiro plano com o resgate da identidade profissional, identidade do educando, identidade da EEPSG. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”. (PLANO..., 1995, p. 61).

O PCS foi então se institucionalizando e se integrando à dinâmica da escola, desde 1993, e se tornou mais concreto na Proposta Educacional/1995. Nas palavras da Prof.^a Maria Lúcia: “Compareço com a Proposta Educacional 1995, porque concebida com magnitude, trama que se monta a partir de fevereiro de 1993, ápice da ‘transformação’ da escola em Escola Padrão.”(SOARES, 2001,p.27). Incorporada ao Plano Escolar da EEPSG. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de 1995, a Proposta imprimia colocações que se fazem atuais:

Uma proposta educacional exige valores fundamentais a serem trabalhados pela escola. Na EEPSG. “Prof. Carlos Augusto de Camargo” permeia a consciência de que existe uma transformação cultural emergente na sociedade. A natureza e a profundidade dessa transformação são discutíveis, mas transformação ela é. A mutação na sensibilidade, nas práticas e nos discursos da aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico. A imagem, a aparência, o espetáculo são experimentados com intensidade pelos jovens. O caráter imediato dos eventos forja uma consciência relacionada só ao presente, desprezando o tempo histórico. Televisão e vídeo subjugam o homem. Bancos eletrônicos, cartões de plástico, alimentos e refeições instantâneas, a descartabilidade das xícaras, dos pratos, das roupas, a volatilidade dos signos e imagens, a queda das barreiras espaciais... forjam um mundo novo. Coletivamente, encontram-se o corpo administrativo e docente diante da pergunta crucial: o que fazer? (SOARES, 2001, p.27-28).

A pesquisa evidenciou que a força da gênese do projeto, em especial, a dos primeiros, aliada ao momento em que a estrutura institucional da Unidade Escolar permitiu maior autonomia pedagógica, em função do Projeto da Escola Padrão, puderam oportunizar o

exercício de processos criadores, capazes de provocar movimentos desestabilizadores do cotidiano escolar.

Processos criadores, que na concepção de Maherie, Zanella, Das Ros (2007), “[...] se distanciam dos processos tradicionais de ensino, carregados de relações verticalizadas, para chegar a saberes que envolvem a constituição do sujeito como um todo, do aluno como também do professor, que se protagonizam ao criarem novas pedagogias, recriando-se.” (apud SOARES, NOGUEIRA, 2012, p.129).

Em 1995, a Proposta Educacional da “Carlos Augusto” apresentava a mesma síntese de diretrizes e metas inseridas no Plano Diretor de 1993. A Proposta observava a “transformação cultural existente na sociedade”.

Alertava para uma “mutação na sensibilidade” nas “práticas e nos discursos”, que exigiam uma nova forma de pensar, diante de um tempo onde a imagem, a aparência e o espetáculo eram experimentados com intensidade pelos jovens. Experimentos onde o “caráter imediato dos eventos” forjava uma consciência relacionada só ao presente, desprezando o tempo histórico. (SOARES, 2001, p.28).

Segue quadro síntese do Plano Diretor da Escola, em 1995:

Quadro 2 - Plano Diretor da EEPSPG. “Prof. Carlos Augusto de Camargo” 1995

Diretrizes	Metas
1. Praticar a comunidade escolar para ser feliz.	1. Dar forma corpórea à busca da felicidade.
2. Refinar a qualidade educacional extirpando a ganga impura.	2. Inculcar a produtividade qualitativa do corpo docente, discente e administrativo.
3. Impulsar a leitura do mundo no instante “pós – moderno”.	3. Embriagar-se na paixão de conhecer e viver o mundo contemporâneo.
4. Pelear pela cidadania e democracia competentes.	4. Peludiar pelos direitos e frondejar deveres.

Fonte: SOARES (2001, p.28)

Sandra Aparecida Morais (2012) desenvolveu dissertação de mestrado junto à Universidade de Sorocaba, com a orientação da Prof.^a Eliete Jussara Nogueira sobre a experiência criativa das práticas pedagógicas de uma professora criadora, enfocando o trabalho desenvolvido pela professora Maria Lúcia.

Na pesquisa analisou a possibilidade da experiência criativa ser vivenciada no cotidiano escolar, como forma de constituição de subjetividade dos alunos. O trabalho tinha como objetivo apresentar uma análise de práticas criadoras e a formação da Prof.^a Maria

Lúcia no ensino de Geografia, que na Escola Carlos Augusto utilizou a arte, a poesia, entre outras maneiras subjetivas, para ensinar um novo olhar para o mundo.

Em sua pesquisa, registrou este momento da proposta educacional da escola como:

[...] resultado das discussões sobre a proposta educacional de 1995 na EEPSG. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”. Ressalte-se nesse quadro descritivo, documentos para as diretrizes e metas da escola, ou seja, o que impulsiona os profissionais dessa escola a atingir com seus alunos são palavras como: felicidade e paixão. As diretrizes e metas de uma escola mostram o que a escola considera importante para os seus alunos, constitui a subjetividade de professores e alunos, direcionam os comportamentos cotidianos da escola. (MORAIS, 2012, p.23-24).

Roger Chartier (1991) afirmou que a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos sociais e são as práticas que permitem reconhecer uma identidade social e uma maneira própria de ser no mundo. (CHARTIER, 1991, p.183).

As diretrizes do PCS traziam possibilidades de vivenciar, com maior pertencimento, o espaço escolar e intensificar relações de identidade. A primeira diretriz dizia respeito à integração dos alunos na escola “de todos os ângulos e maneiras” (PLANO..., 1995, p.12). “Praticar a comunidade para ser feliz” trazia como meta: “dar forma corpórea à busca da felicidade”, que gerava ações como as de avaliar as expectativas dos alunos com relação à Escola Carlos Augusto e ao mesmo tempo em que instigava a mudança do grau de “felicidade que a ordem instituída garante”. (PLANO..., 1993, p.32).

As diretrizes apresentadas que orientavam o PCS, ainda hoje causam estranhamento junto à Diretoria de Ensino, na qual a instituição escolar está atrelada. Questionamentos mais intensificados após a implantação do Currículo do Estado de São Paulo em 2008, com material de apoio, constituído do Caderno de Professor e dos alunos.¹²

¹² O currículo do Estado de São Paulo, implantado em 2008, norteia o trabalho realizado nas cinco mil escolas estaduais da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo por meio da Coordenadoria de Gestão Básica através de um currículo base para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Com a medida, a educação fornece uma base comum de conhecimentos e competências que, utilizada por professores e gestores, permite que essas unidades funcionem como uma rede articulada e pautada pelos mesmos objetivos. Além desses documentos o Currículo se completa com um conjunto de materiais dirigidos especialmente aos professores e aos alunos: os cadernos do professor e do aluno, organizados por disciplina, de acordo com a série, ano e bimestre. Neles, são apresentadas situações de aprendizagens para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos e a aprendizagem dos alunos. Disponível em <<http://www.educacao.sp.gov.br/curriculo>>. Acesso em 23 mar.2019.

1.4 Práticas escolares: representações estéticas

O PCS se instalava/instala num exercício criativo, que na esteira de buscar forças para vivenciar os desafios do mundo contemporâneo, experiência práticas conduzidas a apreciar e interpretar melhor o que é visto e ouvido: educação estética, na concepção de Gabriel Perissé para quem a arte educa, influenciando formas de sentir e pensar, através de artistas, condutores de extremos, a quem denomina “educadores perturbadores” (PERISSÉ, 2009, p.38).

Seu exercício anual, inquieta, provoca viagens metamorfoseadas em salas de aula. Paredes-cenários, alunos autores, atores, estilistas, sonoplastas, fotógrafos, maestrados pelos temas estudados, com espaços materializados a partir da imaginação. Criação e fruição. Cenários propícios aos encontros abertos com o outro.

Entrelaçamentos e construções de subjetividades, em que se pode trazer Levinas (2007, p.88) num movimento de gangorra que permite o olhar face-a-face e a reponsabilidade com o outro. Movimento diverso da impessoalidade que tantas vezes reina no cotidiano escolar, em contextos, aprendizagens e relações humanas fragmentadas, em olhares distantes que não se voltam para os rostos.

Gabriel Perissé (2009, p.8) ao tratar de estética e educação, pontuou que ela pode contribuir para a vida intelectual e profissional do professor. Propôs uma “alfabetização estética” para que não se corresse o risco de praticar uma educação limitada e limitadora. Identificou um quadro de “miséria espiritual” embutido no desprestígio social da função docente, onde a educação é transformada em mercadoria.

Alfabetização que permitiu trazer Soares (2001, p.17) e o tensionamento do fazer da vida na busca de “[...] um passado que não cessa de passar e de um futuro que não se encontra sem construção” na voz do poeta argentino Olivero Gironde:

[...] a vida é um longo embrutecimento. O costume nos tece, diariamente, uma teia de aranha nas pupilas; pouco a pouco, aprisionam-nos a sintaxe, o dicionário; os mosquitos podem voar tocando corneta, carecemos de chama-los arcanjos e quando desejamos viajar nos dirigimos a uma agência de vapores em vez de metamorfosear uma cadeira em transatlântico” (GIRONDO, 1968 apud SOARES, 2001,p.17)

Roger Chartier (2002, p.23) ensinou que as práticas sociais marcam de forma visível a existência de um grupo, de uma classe ou comunidade. Ainda: que o mundo enquanto representação é moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam e

conduzem a uma reflexão sobre o modo como uma figuração pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou de imagens) que dão a ver e a pensar o real. (CHARTIER, 2002, p.24).

Observando a representação enquanto o modo em que os homens constroem seus mundos e realidades (CHARTIER, 1991, p.184) a escola, através das práticas educacionais desenvolvidas, traz estratégias simbólicas que contribuem para a construção de um grupo constituído de sua identidade.

Em busca da constituição de identidades adentrei então aos três primeiros Projetos, procurando “construir sentidos” e analisar a trajetória em que a unidade escolar, dentro das brechas do sistema escolar “produz de si mesma”. (CHARTIER, 1991, p.183).

1.4.1 Projeto memória da escola – escavações no arquivo da escola e estranhamentos

Em 1993, a “Carlos Augusto” havia delineado as bases do que seria o PCS, através de sua Proposta Educacional, que permitia mobilizações e experiências dentro dessa escola pública. Nesse movimento realizou-se um ensaio, que para muitos foi considerado o 1º PCS. O tema abordado foi *Memórias da Escola*, em que o arquivo morto foi visitado e dele retirados “fantasmas” da instituição, constituídos por objetos, símbolos e tecnologias do passado, escondidos e esquecidos. Bandeiras, flâmulas, mimeógrafos, instrumentos musicais, máquinas de escrever em desuso pousavam em instalações, dentro de salas de aula. Na entrada da escola, uma instalação de relógios, de diferentes formatos, criados com papelões, sucatas e pipocas. Em outra sala, uma homenagem à Prof.^a Maria Lúcia, pelos seus trinta e sete anos de trabalho, observada enquanto marco da memória/história da escola. Para a homenageada a classe estudou seus gostos mais particulares como as músicas e a preferência pelas pizzas.

No teto da entrada da sala dos professores, um fragmento da Proposta Educacional, que nascia: “Romper pelo estranhamento o arquivo morto, que é a instituição escolar, que se pretende umbigo do mundo” (PLANO..., 1995, p.110). Os “fantasmas” levaram a comunidade escolar a pensar e narrar histórias sobre a instituição, enquanto espaço vivo da história da educação do município e da sua própria, na perspectiva de Walter Benjamin (1987, p.201): “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes”.

Num mergulho no instante , a imagem da instalação *O fantasma do “Carlos Augusto”*, colocada no corredor da escola, em frente à sala dos professores e do diretor:

Figura 9 - O fantasma do "Carlos Augusto"



Fonte: Arquivo da EE. "Prof. Carlos Augusto de Camargo"

O projeto *Memórias da Escola* foi vivenciado por professores e alunos que estudaram, no mês de junho (um pouco antes das férias escolares), fragmentos da história e memória da escola, e eu estava lá. No período de 14 a 18 de junho de 1993 a "Carlos Augusto" preparou o *Dia de Estranhamento na Escola*, que se constituía num acontecimento, com participação da comunidade escolar.

Um dia em que os professores foram instigados a criar algo diferente, com atividades inusitadas. Não importava se tudo iria dar certo. O desafio mostrava que errar também era importante, sendo a sala de aula um espaço que permitia esse exercício.

Em meio a esse movimento também estava instalado outro desafio: o de buscar elementos que pudessem trazer a história daquela instituição.

O arquivo morto foi invadido por alunos e professores, que levaram documentos encontrados para outros espaços do prédio escolar.

Mergulhando em instantes outra imagem: agora da sala de aula transformada num espaço de *Memórias da Escola*:

Figura 10 - Projeto Memórias da Escola



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Essa mesma temática foi revisitada em 2013, com o 13º PCS, denominado *Caça aos tesouros – redescobertas*, projeto no qual foram encontrados instrumentos da antiga fanfarra empoeirados num dos arquivos/depósito da escola, e através de parcerias realizadas junto ao MEC por meio dos projetos *Mais Educação*, *Programa Ensino Médio Inovador - PROeMI* e Prefeitura de Piedade pôde-se reconstituir a fanfarra, tão premiada no passado e transformá-la numa *Banda Marcial*. Banda que também foi premiada em dois concursos de âmbito estadual, em 2015 e 2016, período em que a Escola, somando forças internas, conseguiu vivenciar a experiência, que trouxe orgulho e exercício de pertencimento à comunidade escolar.¹³

¹³ Logo no início de 2017, porém a *Banda Marcial da Escola “Carlos Augusto”* deixou de existir. Primeiramente porque a Secretaria de Estado da Educação priorizava cada vez os resultados dos rendimentos escolares dos alunos, direcionando ações e mobilizações nesse sentido dentro da instituição. Por outro lado, a existência do Projeto da Banda viveu a metamorfose do *Programa Mais Educação*. Inicialmente, o Programa do Governo Federal oferecia recursos para a aquisição de materiais de consumo, aquisição e manutenção de instrumentos musicais, além do ressarcimento de despesas de transporte e alimentação para os monitores. Embora modestos, esses recursos permitiam a realização das oficinas de Banda, Percussão, Dança, Judô e Orientação Pedagógica no contra turno das aulas. Três dessas oficinas foram essenciais para que o Projeto da Banda se concretizasse: Banda, Percussão e Dança (para o corpo coreográfico). A Escola também contava com o apoio da Prefeitura de Piedade quanto à alimentação e transporte, além de instrumentos musicais doados. Em 2017, com a transformação do Programa Federal, o *Novo Mais Educação* passou a centralizar essencialmente a competência e o desempenho acadêmico dos alunos, nas dificuldades de aprendizagem de Língua Portuguesa e Matemática, elegendo as escolas com baixos indicadores educacionais, acabando com as oficinas. O novo formato do Programa retirou singularidades e potências de um movimento que visava à educação integral,

1.4.2 Projeto “Fractais” – “A grande tela”

O segundo PCS ocorreu em 1994 e foi denominado *Fractais*, tema gerador extraído de teorias que fundamentavam a Proposta Educacional:

Teoria do Caos e Teoria das Catástrofes. Explicitando: os fractais de Mandelbrot, formas irregulares, mas que expressam racionalidade e beleza. A Teoria do Caos porque informa que “dentro da desordem existe ordem”. A Teoria das Catástrofes porque tem como objetivo explicar e prever os fenômenos descontínuos. PLANO..., (1995, p.4)

Fractais, articulado à ação proposta pela Escola: *Clube Literário e Recreativo resgatando a memória e história local*¹⁴ propunha no primeiro bimestre de 1994, a realização de pesquisas, entrevistas com intelectuais, artistas plásticos, músicos, como registra o Plano Diretor de 1995:

[...] foi criado o Projeto Convulsivo Sinódico, com desenvolvimento no primeiro semestre (pesquisas, entrevistas com intelectuais, artistas plásticos, músicos, definição de áreas e temas), com efetivação dos trabalhos na Semana Convulsiva Sinódica (4ª semana de agosto) e apresentação pública na Semana Sinódica (1ª semana de setembro), no Clube Literário e Recreativo de Piedade. (PLANO..., 1995, p.107).

Dentre os entrevistados, estava o artista Eduardo Iglesias, que na época realizava uma exposição denominada *Wagneriana*, constituída por telas inspiradas nas óperas de Richard Wagner. A entrevistadora, coordenadora do ensino médio, inteirada da proposta de Iglesias, realizou um intercâmbio de experiências entre a concepção do artista e exercício dos alunos ao pintarem lenços de seda, que foram expostos na materialização do Projeto Sinódico.

inclusive ampliando a visão de mundo desses alunos. Impotente, a Escola “Carlos Augusto” não mais conseguiu dar continuidade ao seu Projeto. Sem recursos financeiros e com a cobrança de ações voltadas cada vez mais aos resultados acadêmicos, ele acabou. Todavia o resultado de sua atuação inspirou a *Sociedade Musical Lyra São João*, de Piedade, a compor uma *Banda Marcial*, em nível municipal. Os instrumentos musicais foram doados e os alunos interessados se inscreveram no novo projeto.

¹⁴ O *Clube Literário e Recreativo* nasceu sob a aspiração de um grupo de piedadenses, inspirados no Club Literário de Sorocaba. No início não tinha sede própria, e o grupo reunia-se em casas alternadas dos seus atores. As reuniões se davam para “boa prosa” e discussão dos últimos acontecimentos literários, políticos e/ou científicos. A sociedade foi fundada em maio de 1875. Dentre as teses discutidas: “*As paixões sempre dão prejuízos*”; “*As estradas de ferro do Brasil*”; “*A liberdade é a vida e a escravidão a morte*”; “*Sorocaba é mais importante que Itu?*”. Por muitos anos, as reuniões foram realizadas em locais provisórios, até que em 4.10.1887 foi inaugurado um espaço construído no centro da cidade, através de doações angariadas por seus sócios. Um espaço que influenciou a formação cultural e política de Piedade. (LEITE NETTO, 1987, 78-86). Em 1994, porém, estava fechado, sem uso e a diretoria autorizou a realização do Projeto Convulsivo Sinódico em suas instalações. O Clube, esquecido pela ação do tempo, foi rememorado pela população.

Na sequência, registros do instante em que os lenços eram elaborados em sala de aula pelos alunos:

Figura 11 - Confeção dos lenços de seda para a "Grande Tela"



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Também foi entrevistada a designer brasileira de bijuterias e acessórios, Rose Benedetti, para quem foram apresentadas algumas peças elaboradas pelos alunos trabalhadores do período noturno da escola.

As peças foram inspiradas nos desenhos do povo quioco¹⁵, residente no leste de Angola, na África. Enquanto professora de Língua Portuguesa, coordenei a ação dos alunos, que com resíduos de materiais utilizados em seus empregos, durante o dia, exercitaram a escrita dos quiocos, colocando-a em peças criadas por eles.

Assim surgiram bijuterias confeccionadas em material reciclado de oficinas de automóveis e produtos da terra, como a casca da cebola e da cenoura. O trabalho causou estranhamento à artista pela criatividade e desempenho da escola pública, num pequeno município de economia agrícola do interior do estado de São Paulo.

¹⁵ Os desenhos nasciam das narrativas realizadas pelos moradores mais velhos, vistas como momentos de passagem de sabedoria e ocorriam nas aldeias. O narrador contava histórias, enquanto traçava o chão. O resultado desse movimento criativo era chamado de “sona” e se referiam aos provérbios, fábulas, jogos, adivinhas, etc. Esses desenhos para o povo quioco representam sua escrita.

A finalização de *Fractais* ocorreu com uma apresentação pública no Clube Literário e Recreativo, denominada *A Grande Tela*, no centro da cidade e lá permaneceu por uma semana, com espetáculos de danças, performances, desfiles de modas, mostras de roupas, lenços, bijuterias, criadas pelos alunos, e artesanatos confeccionados pelas famílias.

Nas imagens, congelamentos significativos. Na figura nº 12: desfile dos alunos com roupas produzidas pela comunidade¹⁶, ao som de *Cavalcada da Valquírias*, de Richard Wagner ; na figura nº 13 : professora que estava à caminho de colocar em local de destaque, a figura recriada da *Pietà*, de Michelangelo , que dá nome ao município:

Figura 12 - Desfile ao som de Cavalcada das Valquírias, de Richard Wagner



Fonte : Arquivo da EE."Prof. Carlos Augusto de Camargo"

¹⁶ Neste congelamento do instante , o desfile das malhas de lã, criadas e tecidas em processo artesanal por minha mãe, Terezinha Ijano Batista , num momento de *apoteose* de sua pequena produção, que pode ser conhecida pela comunidade.

Figura 13 - Professora conduzindo a Pietà de Michelangelo



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Como um fractal a escola foi deslocada para o centro da cidade, uma réplica do todo numa escala menor, mas com as variações apontadas por Mandelbrot, para quem o fractal pode se transformar em novas formas. O movimento foi tão intenso, que chegou a ser considerado, pelos mais entusiasmados como a *Semana de Arte Moderna de Piedade*.

A *Grande Tela* fazia ecoar positivamente o trabalho de alunos e professores da escola, que ainda congregava em sua comunidade, alunos da “pequena burguesia urbana” (PLANO..., 1995, p.6). Público que gradativamente foi se afastando do ensino público, à medida que se expandiam e fortaleciam os espaços privados de ensino, processo que a cada dia se intensifica na atualidade.

Imagens – lampejos em contraste trouxeram a força de criação/realização de alunos e professores, demonstrada no centro da cidade (figura 14) , e a visão do prédio da escola de 1993. As próprias paredes do prédio se constituíam em instalação, com registros impregnados do cotidiano escolar, que gritavam por melhores dias para a educação. Em frente às paredes, um muro se levantava (figura 15).

Figura 14 - Tapetes produzidos pela comunidade



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura 15 - Escola em 1993 - Registros do cotidiano escolar



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

1.4.3 Projeto Chronos - O desgaste da instituição escolar

O Projeto *Chronos* também permitiu adentrar a história do PCS pelas pistas de sua criadora, por meio do artigo, de sua autoria, publicado na Revista HISTEDBR On-line, denominado: “De histórias e práticas: o projeto Convulsivo Sinódico do ‘Carlos Augusto’, Piedade/SP” (SOARES, 2006). Uma fonte de contato com o passado, que pode ser interpretada pelas formas de conhecimento do presente, testemunha capaz de nos proporcionar conhecimentos sobre o passado. (SCHAFFRATH, 2006, p.243).

O texto atentava-se ao PCS e tinha o objetivo de orientar a discussão sobre a atuação de educadores numa sociedade que sofre transformação cultural, perceptível na emergência de um novo tipo de subjetividade, de sociabilidade, que coloca o paradigma estético em posição chave com relação a outras redes de valores. (SOARES, 2006, p.65).

Um fragmento desse artigo foi juntado, na dimensão do conceito de *mônada*, de Walter Benjamin (2009, p.517) como aquela que pode ser arrancada numa explosão do *continuum* do curso da história e se constitui o interior do objeto histórico, do qual participam, em uma escala reduzida, todas as forças e interesses históricos.

A mônada “arrancada” se conectou a terceira edição do PCS, em 1995, cujo tema gerador foi *Chronos*, deus do tempo, na Grécia Antiga. O Projeto *Chronos* teve como objetivo realçar a ação do tempo sobre a escola, os dilaceramentos da educação e do prédio escolar. A professora Maria Lúcia, então coordenadora pedagógica da Habilitação Específica para o Magistério - HEM, desenvolveu, dentro do Projeto, junto às alunas do Magistério, o exercício *No caminho de Burri/não iremos à Miami* com o intuito de trabalhar “mofos” da instituição escolar, encontrados nas “varizes e manchas do velho prédio” (PLANO..., 1995, p.109).

Segue o fragmento “De histórias e práticas: o projeto Convulsivo Sinódico do ‘Carlos Augusto’, Piedade/SP”, pela capacidade de síntese sobre o porquê do exercício pedagógico realizado junto às alunas da Escola, futuras professoras:

A empiria, que tem como senda o exercício “No caminho de Burri/não iremos à Miami”, buscou encontrar nova maneira para ler e descrever o mundo social na escola, aí incluída a Universidade. Trata-se aqui, então, de fornecer inovações que expurguem leituras conclusivas ou lineares sobre a formação de educadores (as). Através de estruturas que se projetam, ao mesmo tempo, sobre aspectos plásticos presentes nas formas das obras construídas da EEPSPG “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP, quer-se revelar os planos teóricos da expressão e do conteúdo de normas que fazem do espaço ensinar/aprender, lugar de conclusões definitivas. Desta forma, no nível de tentativa, responder se do olhar à reflexão é possível subverter a formação de educadores (as). Se isso for possível é o que se quer. (SOARES, 2006, p.67).

Ao se referir à empiria, trazia a experiência comum, exercitada numa prática escolar por alunos e professores, que vivenciaram em representações artísticas, os limites da escola, que delimita o espaço de ensinar/aprender a um lugar de conclusões definitivas.

A Proposta Educacional da “Carlos Augusto” (1995, p.31), alertava sobre uma nova consciência de educar, especialmente quando se referia à Habilitação Específica do Magistério – HEM, que formava futuras professoras.

A prática escolar *No caminho de Burri/Não iremos a Miami*, desenvolvida junto aos/às alunas do Curso do Magistério, era provocante em sua temática, pois incitava o pensamento das professoras, que em geral viviam “via tela”, sem viver a experiência de estar em Miami. A provocação levava às reflexões de ser professor, num mundo de aparências e representações. Ensinava a importância de desenvolver novas percepções e ter outro olhar sobre os acontecimentos da escola.

Uma experiência que permitiu trazer a pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani, que tem como ponto de partida e chegada, a prática social (BATISTA; LIMA, 2013,

p.210). Experiência realizada em dimensão estética, no caminho do pintor Alberto Burri¹⁷. A prática escolar realizada propunha, dentro de um processo criativo, uma tomada de consciência por parte dos alunos do curso de Habilitação Específica de 2º grau para o Magistério da Escola “Carlos Augusto”, portanto futuros professores, do desgaste da instituição escolar e da qualidade escolar. Cabe esclarecer que a experiência foi realizada em 1995, momento em que o início do ano escolar começou com movimento de greve.

Acompanhada de Argan (1993, p.626), a professora Maria Lúcia escolheu um movimento novo, no caminho do pintor Burri, para tratar sobre esse sentimento, aludindo que “[...] as matérias são matérias que se tornam sensíveis porque aludem a sofrimentos, ofensas [...]”. Para Argan “quanto maior a identificação com a matéria e seu padecer, tanto maior é a tomada de consciência”. (apud SOARES, 2006, p.70)

O prédio da Escola, instalado em 1956, estava muito desgastado, conforme registrava o Plano Diretor do “Carlos Augusto” (1995, p.29): “[...] não chegaram a prometida reforma do prédio, a sala da biblioteca, o laboratório moderno, a sala de vídeo, nem a pintura do prédio foi feita. Como ficam as esperanças das futuras professoras?” .

O exercício proposto era num sentido contrário ao de esconder ou consertar aos esfacelamentos do prédio, destacá-los na dimensão estética de Alberto Burri. Realçar os mofos, feridas, varizes e manchas da instituição escolar, materializados no desgaste da estrutura física da escola: buracos nas paredes, fechaduras e portas danificadas foram realçados pelos alunos, como instalações artísticas.

A Prof.^a Carmem Lúcia Artioli Rolim, da Universidade Federal do Tocantins, experenciou o PCS de 1991 a 2003 e em significativa síntese inferiu que:

O Projeto Chronos para mim foi o que deixou uma marca impossível de ser suprimida. Instigou a pensar sobre a construção do próprio olhar, questionar a busca pelo colorido de um mundo distante, ignorar a realidade vivenciada. O Projeto evidenciou fraturas do abandono social, expressas no esfacelamento do prédio escolar. Algo que era visto, mas não questionado e o pior: silenciado! (informação verbal)¹⁸.

¹⁷ Alberto Burri (1915-1995) um dos intérpretes mais abalizados do Informal Europeu. Formado em medicina, prisioneiro de guerra no Texas. Lá amadurece sua necessidade de enfrentar as experiências artísticas, seguindo o fio de uma linguagem material existencial, expressamente simbólica. *De seus Negros e Corcundas* (quadros com relevos que emergem de trás, sobre a tela), dos Mofos aos Sacos gastos e rasgados, documentos das dilacerações, das feridas, do sangue que os extermínios, as guerras, os genocídios infligiram à humanidade, e que se encontram entre os momentos mais altos do Informal. Seguem-se *Combustões* (1957); *Madeiras* (1959), através de caixas de embalagens carbonizadas, degradadas e esgotadas; *Plásticos Queimados* brancos, vermelhos, negros. É uma demonstração pelo absurdo: a um mundo orgulhoso de sua lógica, Burri mostra, seguindo a lógica, que só se pode realizar por meio de um procedimento artístico. (SOARES, 2001, p.29)

¹⁸ Relato da Prof.^a Carmem Lúcia Artioli Rolim, durante o Exame de Qualificação desta tese, em 10.6.2020.

Nas imagens outras imersões de raros instantes:

Figura 16 - Aluna "lavrando sobre o bolor da Escola"



Fonte: Arquivo da EE. "Prof. Carlos Augusto de Camargo"

Figura 17 - Escultura via tela



Fonte: SOARES (2001, p.32)

Para Soares (2006, p.72) o projeto podia balizar um exemplo transformador e uma prática criativa, já que o conhecimento se constrói num processo contínuo entre o real e o aparente (a realidade no momento da observação) e o concreto pensado (realidade refletida). Entendia que para chegar à concretização das transformações era necessária a práxis de exercícios criativos, que poderia levar alunos e professores a irem mais longe e subverterem a instituição escolar, trazendo novas formas de pensar e de agir.

A prática escolar experienciada em dimensão estética pela professora Maria Lúcia no Projeto *No caminho de Burri/Não iremos à Miami* pode ser observada dentro da proposta dos cinco passos da pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani (1999, p.79-81) em relação simbiótica, que guardadas as devidas diferenças, caminham para uma relação benéfica de repensar práticas escolares, dentro da educação contemporânea.

No primeiro passo, partindo da prática social e de níveis diferentes de compreensão (conhecimento/experiência), a então coordenadora estudou com os alunos, futuros professores, o desgaste da “qualidade escolar”, partindo do desgaste do prédio escolar. No segundo passo, a problematização: tomada de consciência, numa escola de segundo grau que formava professores, entre mofos da instituição escolar, varizes e manchas do prédio “numa identificação clara das feridas que dilaceram a educação”. (SOARES, 2006, p.70). No terceiro passo, a instrumentalização: aproximação dos desgastes da instituição aos conceitos e experiências artísticas de Alberto Burri, que transpunha para sua obra, sentimentos de sofrimento, destruição, dilacerações e feridas na linguagem simbólica de seus quadros. No quarto passo, a catarse: ao vivenciar os estragos do prédio, como reflexo da deterioração da educação, através de criar e construir, por meio das obras de Burri, as suas próprias, os futuros professores, ao lavrarem no “bolor da escola” puderam concretizar suas próprias intervenções e pensar sobre a condição de serem professores/professoras num mundo em transformação. No quinto passo, a prática social: ponto de chegada da prática educativa, diferente da prática social contida no primeiro passo. No quinto passo é o momento da passagem da síncrese à síntese, em que os alunos se distanciam do senso comum, incorporando o conteúdo e o professor também pode sofrer transformação.

A relação simbiótica entre o conceito de pedagogia crítica, de Saviani e a prática experienciada na dimensão estética pela professora Maria Lúcia, poderia apreender novas sínteses para o entendimento e ações dentro da sociedade, na medida em que a “educação se relaciona dialeticamente com a sociedade” (SAVIANI, 1999, p.75).

Na proposta da educadora, a concretização das transformações estava na práxis, aliada à educação estética, num “exercício do deslocamento para praticar o cérebro, fugir do tédio, usar astúcia criativa, propor um salto mental, salto mortal”. (SOARES, 2006, p.72). Proposta que merece ser revisitada em observação sempre atenta das brechas que possam oferecer oportunidades de pensar/agir de forma diferente, num espaço tão rico em possibilidades que é a escola pública.

Visando interligar linhas, outro capítulo foi tracejado em atos que apresentaram transformações sofridas pelo Projeto através de movimentos instituintes, em incessantes apropriações. No movimento pude observar o desenvolvimento de uma cultura escolar, por meio da continuidade do PCS, em detrimento de suas dificuldades e diferenças, tensionadas em resistências existentes nas representações de seus atores sobre o papel da Escola.



Figura 18 - Fragmento do muro da Escola “Carlos Augusto” – La Mancha, 2003
 Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

A literatura é um território onde se concretizam os desejos insatisfeitos: o livro não escrito, o amor frustrado, a revelação da palavra secreta, a construção do mundo futuro. Essa é uma afirmativa do escritor argentino Jorge Luis Borges, revelando que os textos literários favorecem o envolvimento afetivo do leitor quanto aos sentimentos que fazem parte da história humana. (BATISTA e SOARES)

2 ENTRE O DADO E O FATO - OS ATOS

Ferreira Gullar (2010) ao dizer que a “arte existe porque a vida não basta” condensou representações que avivaram o extraordinário e a complexidade do ser humano, que não é fácil de entender em suas paixões e necessidades de sobrevivência. Para ele, o animal irracional nasce completo para enfrentar o mundo, tem garras e velocidade para sobreviver, mas o ser humano não, pois é incompleto e tem que inventar e responder ao que não tem resposta. (FERREIRA GULLAR..., 2010, 1’05’’))

Sobre a necessidade da arte o poeta trouxe materializado um exercício de quem a respira. Apresentou a *Pietà Rondanini*, de Milão na qual o artista Michelangelo trabalhou até às vésperas de sua morte, aos 90 anos. Segundo Gullar, a obra nada tem do estilo triunfante e clássico das anteriores. Dada como inacabada, a exterioridade da bela forma dá lugar à revelação da precariedade do ser humano e um novo sentido de beleza se anuncia. (GULLAR, 2010, 3’08’’))

A representação da incompletude e complexidade da obra inacabada de Michelangelo, que dá nome à cidade de Piedade pôde metaforizar o PCS da “Carlos Augusto”, que também foi se distanciando de sua gênese, abrindo-se em caminhos e ramificações, espalhados, durante vinte e três anos, pela escola, espaço em que para Gallo “[...] não se aprende apenas na formalidade da sala de aula, mas também na informalidade das múltiplas relações e acontecimentos que se dão no dia-a-dia da vida da instituição” (GALLO, 2007, p.21).

Formalidade/informalidade que trazem a educação maior /menor, dentro da escola. A educação maior, definida pelos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, da LDB e da Constituição Federal pensadas e produzidas pelas cabeças “bem pensantes a serviço do poder”. Uma educação instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. É aquela dos grandes mapas e projetos (GALLO, 2002, p.173).

A educação menor, ato de revolta e resistência contra os fluxos instituídos e políticas impostas encontra-se na “sala de aula como trincheira, como a toca de rato, o buraco do cão”, um espaço onde se traçam estratégias, produz-se um presente e um futuro, “aquém ou para além de qualquer política educacional” (GALLO, 2002, p.17).

Lumes que conduziram esta pesquisa às constelações de Magalhães (2004, p.139). Uma de natureza objetural e substantiva, constituída por materialidade/representação/

apropriação e a outra de natureza teórico instrumental, composta pelo instituído/ instituinte/institucionalização, instituição.

Para Magalhães (2004, p.139) o instituído é uma sincronia multifacetada da materialidade/ representação/ apropriação num determinado momento da história da instituição. Sua evolução histórica opera-se pela noção de institucionalização como resultante do poder instituinte dos diversos participantes, reificada como principal produto da dialética entre os públicos e o modelo didático pedagógico / institucional.

Esta pesquisa caminhou então no sentido de observar inicialmente a institucionalização do PCS, o poder instituinte de seus diversos participantes, observando e analisando materialidades e representações de sua trajetória, intentando-se uma narrativa (MAGALHÃES, 204, p.139).

Narrativa nem sempre linear, mesmo porque o passado não se repete da mesma forma. Pode-se no máximo trazer lampejos de tudo aquilo que se constituiu. Daí o percurso desta pesquisa ter se entrelaçado ao viés de seu poder instituinte, durante os anos de repetição inconstante. Intentou-se assim uma narrativa a maneira de Walter Benjamin (2009, p.499): “Nos domínios de que tratamos aqui, o conhecimento existe apenas em lampejos. O texto é trovão que segue ressoando por muito tempo”.

Magalhães (2004, p.133) diz que para compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e circunstâncias históricas.

Em 1996, a “Carlos Augusto” enfrentou a ação e efeitos do Programa de Reorganização das Escolas da Rede Pública Estadual, passando a atender apenas o ensino médio. Em que pese os benefícios de se trabalhar com alunos da mesma etapa de ensino, diante de promessas de melhores estruturas e recursos educacionais, a reorganização não trouxe os benefícios esperados, restando, na maior parte dos casos, transtornos aos familiares dos alunos que conviviam na escola em diferenciadas idades e etapas de ensino.

Além disso, a escola enfrentava o encerramento da Escola Padrão, projeto que sinalizava para autonomia pedagógica/ financeira das escolas públicas, e no caso da escola “Carlos Augusto” uma barreira se levantou no devir do PCS, que foi se instituindo em outras formas, como se descreve a seguir.

2.1 Projeto Evoé - um brado ao deus do entusiasmo

A edição do 4º PCS ocorreu concomitantemente à reorganização das escolas estaduais públicas, conforme Decreto 40.473, de 21 de novembro de 1995 (SÃO PAULO, 1995), assinado pelo governador Mário Covas, que instituiu o Programa de Reorganização das Escolas da Rede Pública Estadual. Na época a “Carlos Augusto” havia se tornado, por força do decreto, a única escola de ensino médio do município, a receber alunos da área urbana e rural. O Plano Diretor de 1996 evidenciava que a instituição atenderia 1326 alunos, todos do ensino médio. O parecer da supervisão de ensino da Delegacia de Ensino de Votorantim esclarecia que:

Como o projeto de reorganização das escolas estaduais públicas, o estabelecimento que atendia de CB¹⁹ a 8ª série, 1º grau e o 2º grau, Inciso III e HEM²⁰, passou a atender alunos somente do Ensino Médio, em três diferentes cursos: Ensino Médio – Inciso III, Ensino Médio: HEM e Ensino Médio: Contabilidade. (PLANO..., 1996, p.1)

A promulgação do decreto materializava a educação maior, aquela que é “[...] produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos [...]” (GALLO, 2002, p.73). Uma mudança produzida pela racionalidade técnica/ financeira do setor público, conectada ao ajuste estrutural da economia como condição para a modernização do país, inserida no contexto do mundo globalizado, conforme elucida Cortina:

As diversas medidas tomadas mostram uma tendência à contenção e redução de gastos e de aplicação de recursos na área social, aliada a uma desobrigação do Estado no atendimento às demandas sociais. A concepção presente relaciona-se ao ajuste estrutural da economia como condição para a modernização do país visando sua inserção no contexto mundial globalizado, com a conseqüente transformação produtiva necessária na qual a educação tem um papel chave. Estamos diante de uma agenda que defende o emprego de mecanismos de mercado para o setor educacional, a substituição de valores democráticos por uma racionalidade administrativa e econômica [...] (CORTINA, 2000, p.1 apud MOREIRA, 2007, p.48).

Com escolas desativadas, relocação de alunos do ensino fundamental e médio e respectivas dificuldades de locomoções, além da movimentação dos professores, a reorganização foi implementada nas escolas públicas do estado de São Paulo na “[...] persistência de uma política educacional baseada nos princípios de gerencialismo e da

¹⁹ A escola atendia de 1ª a 8ª série do CB – Ciclo Básico

²⁰ Inciso III – Curso de Formação Geral ; HEM – Habilitação específica para o Magistério e Habilitação Profissional Plena em Contabilidade

produtividade na busca pela racionalização do uso dos recursos educacionais.” (GOULART; PINTO; CAMARGO, 2017, p. 109).

Assim, em 1996 a “Carlos Augusto” novamente se metamorfoseava e com ela o PCS. Sua Proposta Educacional (PLANO..., 1996, p.52) sofreu, naturalmente, as adequações necessárias, preservando-se, porém suas diretrizes/metapas. A Proposta imprimia intencionalidade e compromisso com a construção de uma nova realidade na concepção de seres humanos que vivem as contradições da sociedade, onde infelizmente, as relações sociais são regidas pela desigualdade. Propunha um trabalho com sentido investigativo/ diagnóstico para dirigir e fundamentar as relações internas da escola, refletindo sobre o que não era e poderia vir a ser. Os planos dos coordenadores pedagógicos, nela contida, mostraram diagnósticos de seus alunos que registraram: falta de perspectivas de vida; desinteresse em sala de aula; falta de consciência sobre a relevância social da escola enquanto transmissora de bens e valores culturais; transferência de incapacidades socioeconômicas e culturais à escola pela não consciência da contradição em que viviam. Quanto aos professores o diagnóstico apontava: inadequação da prática educacional, com desinteresse em sala de aula e a necessidade de capacitação desses professores (PLANO..., 1996, p.90-99).

O Plano apresentava metas para o enfrentamento dessas questões, cujas ações traziam o 4º PCS, cujo tema era *Evoé!*, que trazia um brado ao deus do entusiasmo.

Quadro 3 - Plano Diretor 1996: metas a curto, médio e longo prazo

Tempo	Metas	Ações
Curto prazo Fev./março/abril	1.Dar forma corpórea a busca da felicidade. 2.Extirpar a ganga impura relativa a ineficiência da produção escolar.	1.Atividades de preservação do patrimônio. 2.Atividades do grêmio.
Médio prazo Maio/junho	3.Impulsionar a leitura do mundo no instante pós – moderno.	1.Semana Convulsiva: preparação das performances <i>Noite na taverna</i> (Álvares de Azevedo) e <i>O banquete</i> (Platão) . 2.Atividades de preservação do patrimônio. 3. Atividades do Grêmio Estudantil.
Longo prazo Agosto/ dezembro	4.Embriagar-se na paixão de conhecer e viver o mundo contemporâneo. 5.Articular o saber e o saber fazer em posicionamentos diante das contradições da sociedade capitalista.	1.Semana Sinódica: apresentação pública das performances, durante dois dias e duas noites ininterruptamente. 2.Atividade de preservação do patrimônio, do Grêmio.

Fonte: Plano Diretor da EE. Prof. Carlos Augusto de Camargo (1996, p.16)

Em todos os planos de ensino dos professores, havia o registro e ações previstas para o desenvolvimento do PCS, durante o ano de 1996, com o tema *Evoé!*²¹. A temática era um alerta e uma convocação a não perder o entusiasmo, em face dos movimentos de instabilidades que aconteciam na escola. Convocação a partir de uma experiência estética e humanizada, que propunha a suspensão da rotina escolar para falar do amor polarizado em seus extremos – o amor sublime a partir da obra filosófica: *O Banquete*, de Platão e o amor profano a partir da obra literária: *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo.

Na experiência vivenciada por alunos e professores instalou-se o pensar por contraste, permeado por um tema cotidiano e complexo. Experiência voltada à complexidade humana, inicialmente pela leitura e posteriormente por representações estéticas.

O brado trazia a intencionalidade de pensar /viver a escola de forma diferente do que era/é em rotinas massificantes que se instalavam/instalam no cotidiano escolar e naturalizavam/naturalizam os acontecimentos, fechando portas à criação e à imaginação, que “[...] amplia a experiência e expande o homem para além do circunstancial e do imediato. [...]” (SOARES, 2001, p.124).

A proposta era de trazer para alunos/ professores reflexões sobre o caráter humano e significativo em outras possibilidades de entendimentos, ações e conexões, que possibilitassem identificar brechas no sistema automatizado do cotidiano escolar. A experiência permitiu trazer Soares acompanhada de Lefebvre:

[...] a cotidianidade inteira deve ser questionada. *O homo sapiens, o homo faber, o homo ludens* se transformam em *homo quotidianus* e nisso perdem até a sua qualidade de *homo*. Será o *quotidianus* ainda um homem? Ele é virtualmente um autômato. Para que se reencontre a qualidade e as propriedades do ser humano, é preciso que supere o cotidiano, dentro do cotidiano, a partir da cotidianidade. (SOARES, 2001, p.135 apud LEFEBVRE, 1991, p.204).

A autora, também com Lefebvre, entendia que deveria haver uma “revolução cultural permanente”, onde o homem poderia encontrar condições de vencer a rotina massificante, dando um sentido verdadeiro e humano à sua vida, com o resgate do sentido original da Festa e do Desejo, tão importante quando a “reforma urbana” ou a “reforma agrária”. (SOARES, 2001, p.134).

Revolução oportunizada em espaço e tempo “não linear” pelo brado *Evoé!*, com possibilidades de mexer com a cotidianidade através da experiência de falar do amor, um

²¹ [Do gr. *euoî*, pelo latim *evoe*.] **Interj.** Grito festivo com que na Antiguidade, se evocava Baco durante as orgias.” NOVO Aurélio Século XXI (1999, p.855)

sentimento, à maneira de Luís Vaz de Camões²² “[...] tão contrário a si [...]”, portanto extremamente humano. Desta forma, intentava-se de maneira não automatizada que alunos e professores surpreendidos pela vivência de uma escola diferente continuassem a pensar/agir sobre outras contradições existentes na sociedade, longe da sonolência de viver o igual, sem refletir sobre ele.

Concomitantemente, professores/alunos vivenciaram o exercício de olhar no rosto do outro, perceber sua importância e compartilhar responsabilidades. Com Levinas (1982) possibilidades de avivar essa percepção, dentro do senso de responsabilidade que o outro traz:

[...] desde que o outro me olha sou por ele responsável, sem mesmo ter que assumir responsabilidades a seu respeito; a sua responsabilidade incumbe-me. É uma responsabilidade que vai além do que faço. Habitualmente, somos responsáveis por aquilo que pessoalmente fazemos. Digo, em *Autrement qu’etre*, que a responsabilidade é inicialmente um por outrem. Isto quer dizer que sou responsável pela sua própria responsabilidade. (LEVINAS, 1982, p.88).

A semana “Convulsiva” ocorreu em maio e junho de 1996, através da leitura e preparação das performances que retratavam o amor carnal e o sublime. No período de agosto a dezembro professores e alunos pensaram, criaram e organizaram a semana “Sinódica”, perpassando o conteúdo escolar. Sua apresentação ocorreu no final do mês de dezembro, em dois dias, nos períodos: manhã, tarde e noite, com instalações e performances por toda a escola.

Entre o dado e o ato, a relação educativa é uma atualização, entre a realidade envolvente, as estruturas, tradições e expectativas socioculturais (o instituído), por meio de uma dialética contratual (instituição), através da ação dos sujeitos individuais e grupais (instituinte). (MAGALHÃES, 2004, p.60).

Duas imagens trouxeram representações da “realidade em processo” (MAGALHÃES, 2004, p.97) e exemplos de instalações espalhadas pelas salas de aula em transformações do tempo/espço escolar.

O Projeto “Sinódico” contou com visitação pública expressiva e recebeu autoridades da área da educação do município e da Delegacia de Ensino de Votorantim, que prestigiaram o acontecimento:

²² Poema Amor é fogo que arde sem se ver , de Luis Váz de Camões. Disponível em <http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v301.txt>. Acesso em 25.12.2019.

Figura 19 - Instalação: As musas



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura 20 - Instalação: Quarto de motel



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

2.2 O PCS como “arma de rebeldia”: resistência, estética e materialidade

A criação da identidade institucional ganha sentido, materialidade, uma hermenêutica que entrelaça nexos entre memórias, arquivos – cruzamentos internos, externos e relacionais. (MAGALHÃES, 2004, 128). Relações intrínsecas à educação, enquanto processo de subjetivação, em sentido evolutivo, que compreende uma atividade humana e de relação do sujeito consigo próprio, com os outros e com a realidade circundante. (MAGALHÃES, 2004, p.54).

Soares (2001, p.42) contribuiu para a análise dessa subjetivação com aspectos das relações existentes na instituição “Carlos Augusto”: “[...] a falta de perspectivas futuras amarradas ao momento histórico atual, ao município onde vivem – município essencialmente agrícola e à classe social a qual pertencem”. Clientela escolar, que com raras exceções “[...] potencia, através da escolarização, o trabalho presente e futuro de sua própria exploração; e subordinada intelectualmente, pensa que o que pensa é ela que pensa, conforme hegemonia das classes dominantes”. (SOARES, 2001, p.42).

Chartier (2002, p.41) disse que há uma mentalidade sempre coletiva que rege as representações e juízos dos sujeitos sociais sem que estes o saibam. Os conteúdos dos pensamentos, embora enunciados sobre o “individual” são de fato condicionamentos não conscientes e interiorizados, que fazem com que um grupo ou uma sociedade partilhem de um sistema de representação/valores.

A professora Maria Lúcia, então coordenadora pedagógica da escola, ao pensar sobre os valores interiorizados na instituição escolar, interpretou representações ao “deglutir” resultados de conversas realizadas com alunos sobre suas perspectivas com relação à escola. Das conversas extraiu textos, que denominou como “oximoros”. Buscava o papel iluminador da escola sobre a realidade dos alunos, que não entendiam os paradoxos e contradições a que estavam sujeitos:

[...] “melhoria da qualidade de ensino”; professores “mais capacitados” que desenvolvam conteúdos realmente “significativos” para anseios amordaçados. Pensando no senso comum, os alunos não percebem a contradição na qual estão vivendo e transferem para a escola “a incapacidade de suas vidas”. Então, esse é o papel da escola: tirar as crianças e adolescentes do senso comum para levá-los ao conhecimento científico e assim incandescer a realidade da qual fazem parte. (SOARES, 2001, p. 42).

Soares (2001, p.43) propunha usar “uma arma de rebeldia, mas assertiva e criadora” através do uso da poesia para “minar” as bases estruturais do complexo ideológico escolar

dominante. Receitava “proteínas de consciência ampliada” para a busca da compreensão de si e da realidade, numa prática transformadora, que fizesse pensar. (SOARES, 2001, p.51).

“Proteínas” também instaladas na leitura dos clássicos literários, que permearam os projetos realizados, somando-se aos temas geradores do PCS, muitos dos quais trouxeram temáticas relativas à busca de saber quem se é em meio às representações circundantes, que não raro trazem “[...] o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é.” (CHARTIER, 2002, p.22).

A efervescência teórica que conduzia as “armas de rebeldia” se confrontou muitas vezes na condução dos Projetos. É importante que se registre a intensidade dos conflitos gerados na Escola e os papéis assumidos por alguns educadores que, em guerras conceituais partiam para a linha de frente das ações, estudando e conduzindo os alunos a pensar diferente. Ao mesmo tempo em que outros educadores norteados por uma prática escolar imbuída de diferentes concepções educativas, acabavam por cruzar os braços ou “minar” o processo.

Nos anos posteriores aos da gênese do PCS, abordada no 1º capítulo deste trabalho, os temas do PCS se desenvolveram de maneira a permitir diálogos e conexões interdisciplinares com o currículo da escola, acontecimentos e discussões que emergiam/emergem do cotidiano escolar, anseios e necessidades. A esse movimento somava-se/soma-se uma obra literária, lume para as representações criadas pelos alunos, durante o ano letivo. Através do viés literário, alunos e professores realizaram/realizam um longo processo dialógico entre realidade/ficção, onde já refletiram sobre:

[...] o quixotesco de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, personagem de generosidade impulsiva, sonhadora e romântica, que nos impulsiona ser outra pessoa e estar em outro lugar; a internalização do ser, de Willian Shakespeare presente no “ser ou não ser, eis a questão”, por *Hamlet*, “um homem feito de palavras”; a dualidade do amor entre Álvares de Azevedo, em *Noite na Taverna*, em contraponto no pensamento filosófico grego de *O Banquete* de Platão, que trata do amor num sentido elevado e verdadeiro; a personagem *Macabéa*, de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, para a qual “faltava o jeito de se ajeitar”, de “unhas roídas pintadas com esmalte berrante”, que apesar das “manchas brancas”, “panos que vêm do fígado”, tinha no rosto “um leve brilho de opala”, ponto alto de reflexão. (PLANO..., 2014-2017, p.27).

Somente em duas edições a “arma da rebeldia” ficou por conta de outras áreas do conhecimento, que optaram em não se apropriar da leitura de obras literárias. Em 1999 os professores de Matemática, Física, Ciências e Biologia sugeriram a leitura de *Dança do*

Universo, do físico Marcelo Gleiser e em 2017, os professores de História e Geografia sugeriram a leitura da *História de Piedade*, de Antônio Leite Neto²³.

O 7º PCS, denominado *Dança do universo* teve como objetivo o de refletir com os alunos sobre origem da vida e do universo, exercitando a imaginação e a curiosidade, sementes essenciais do conhecimento e das relações humanas. O 21º PCS - *Piedade: nossos caminhos, nossa terra e nossa gente* propôs observar o município em suas raízes e realidades em fatos simples do cotidiano. Trazem-se representações em imagens, “[...] que dão a ver e pensar o real.” (CHARTIER, 2002, p.24):

Figura 21 - Dança do Universo em parede interna da Escola



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

²³ O professor Antônio Leite Netto (1987, p. 5), conforme prefácio do piedadense Marino Godinho, escreveu “um pouco da história de Piedade” em longos anos de pesquisa. Vasculhou os arquivos da Paróquia local, os assentamentos das Cúrias Diocesana, em Sorocaba e Metropolitana, em São Paulo, atas do Clube Literário e Câmara Municipal da cidade e os arquivos do Departamento Histórico do Estado de São Paulo. Além disso, ouviu pessoas dentre a população de Piedade, dos piedadenses residentes em Sorocaba e em cidades circunvizinhas.

Figura 22 - Narrativas ao pé do fogão de lenha (cenário do teatro na sala de aula)



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Magalhães (2004, p.127) define as instituições como “organismos criativos” na sua vivência interna e construtiva na relação com a comunidade e públicos a que se destinam. Para ele, a identidade dos sujeitos cruza-se e fecunda-se mutuamente, enquanto construção histórica, sendo a apropriação, resultado da ação por parte dos sujeitos, um processo não forçosamente imediato à ação. (MAGALHÃES, 2014, p.66)

Fecundação que cruzava à materialidade existente na estrutura, organização e currículo escolar, com as representações de diversos atores. Movimentos que tornavam/tornam o PCS exercício de resistência e processo instituinte em constante transformação.

Observe-se a materialidade do quadro sinótico do período de 2003 – 2019 que registra simbioses em dimensões estéticas, num exercício que privilegiou a leitura, em especial a literária, cujas escolhas foram extraídas do próprio movimento da Escola:

Quadro 4 - Quadro sinótico do Projeto Convulsivo Sinódico 1993 – 2019

QUADRO SÍNTESE DO PROJETO CONVULSIVO SINÓDICO “ESCOLA CARLOS AUGUSTO” – PIEDADE/SP - 1993/2019		
Ano	Tema	Leituras/pesquisas
1993	Os fantasmas do Carlos Augusto Memórias da Escola	Arquivo morto da escola.
1994	Fractais	Teoria do caos e Richard Wagner.
1995	Chronos. O desgaste da Instituição Escolar	Obras do artista Alberto Burri.
1996	Evoé	<i>O banquete</i> , de Platão/ <i>Noite na taverna</i> , de Álvares de Azevedo.
1997	Carmen nos escombros	<i>Carmen</i> , de Prospér Merrimè/ <i>Carmen</i> , de Bizet.
1998	A beleza nua e crua	<i>Frankstein</i> , de Mary Shelley/ <i>Cyrano de Bergerac</i> , de Edmond Rostand.
1999	Dança do universo	<i>Dança do Universo</i> , de Marcelo Gleiser.
2000	Genoma	<i>A mão perdida na caixa de correios/ O homem do furo na mão</i> , de Ignácio de Loyola Brandão.
2003	La Mancha	<i>Dom Quixote de La Mancha</i> , de Miguel de Cervantes.
2004	Na era da locupletação	<i>Manifesto verde/ Não verás país nenhum</i> , de Ignácio de Loyola Brandão.
2005	EUTUELEELAAGENTESOMOSPIEIDADE	<i>Hamlet/ Romeu e Julieta</i> , de Willian Shakespeare
2006	Entre Macabéas e Olímpicos, nós as estrelas	<i>A hora da estrela</i> , de Clarice Lispector.
2007	Vem Kafkar, ler e metamorfosear na Escola	<i>A metamorfose</i> , de Franz Kafka.
2010	Com licença Terra: natureza e gentileza na arte da palavra	<i>Poesias de Patativa do Assaré / Morte e vida Severina</i> , de João Cabral de Melo Neto
2011	1,2,3 ... “É o Carlão outra vez”	<i>Fahrenheit 451</i> , de Ray Bradbury/ <i>A matemática e os temas transversais</i> , de Alexandrina Monteiro, Geraldo Pompeu Jr.
2012	Cidadania: políticas para a felicidade	<i>A revolução dos bichos</i> , de George Orwell / <i>Admirável Mundo Novo</i> , de Aldoux Huxley
2013	Caça aos tesouros : (re) descobertas	<i>De repente nas profundezas do bosque</i> , de Amós Oz.
2014	(Auto) Retratos	<i>O retrato de Dorian Gray/ O fantasma de Canterville</i> , de Oscar Wilde
2015	Ser Humano	<i>O pequeno príncipe</i> , de Saint Exupéry/ <i>É isto um homem?</i> , de Primo Levi.
2016	Laços de família	<i>Laços de Família</i> , de Clarice Lispector
2017	Piedade: nossos caminhos, nossa terra e nossa gente	<i>História de Piedade</i> , de Antônio Leite Netto/ <i>Historiografia Piedadense</i> , de Benedito Maciel de Oliveira Filho
2018	O que seria do amarelo se todos gostassem do azul : afrontando nossas diferenças.	<i>O Corcunda de Notre Dame</i> , de Victor Hugo
2019	Quando o vento descobriu a Escola Carlos Augusto	<i>O menino que descobriu o vento</i> , de Willian Kamkwamba

carlosaugustodecamargo.blogspot.com

Fonte: Elaboração própria da autora.

2.3 Cultura escolar: tensões, continuidade e metamorfoses

A compactação material do quadro sinótico elaborado evidenciou que os vinte e três anos do PCS testemunharam a existência de uma cultura escolar forjada em sua regularidade, tradição e orquestrada por “[...] su relativa autonomia, su capacidade para generar sus propias creaciones o productos [...]” (VINÃO FRAGO, 2006, p.100). Cultura escolar formada por “regularidades y tradiciones que gobiernan la práctica y organización de la enseñanza y aprendizaje y que constituyen un produto histórico” (VINÃO FRAGO, 2006, p.73)

Se por um lado o PCS desenvolveu uma cultura escolar por meio da continuidade (VINÃO FRAGO, 2006, p.72), também foi necessário entender suas dificuldades e diferenças ao longo dos anos. Para Julia (2001, p.12) existe uma utopia contemporânea de visão idílica da “potência absoluta dos projetos pedagógicos”. Essa potência tem: “[...] muito pouco a ver com a história sociocultural da escola e despreza as resistências, as tensões e os apoios que os projetos têm encontrado em sua execução”. Tensões resultantes do “campo de forças minado” (SOARES, 2006, p.1) instalado e da organização espaço/temporal, dentro e fora da Escola, pela sua própria dinâmica e pelos sistemas de educação estadual/nacional.

Sem “utopias”, registrei em participações ativas, alguns aspectos da visão não “idílica” do PCS: *lacunas* – No ano de 2019 o Projeto deveria contemplar sua 27ª edição, mas completou a 23ª. Algumas lacunas foram produzidas por sua não aceitação em função da complexidade das questões teóricas nele envolvidas, em detrimento da importância de sua vivência para enfrentamentos contemporâneos que dizem respeito à constituição do sujeito, que ao adentrar a escola, espera dela respostas que não se concentram apenas no conteúdo oferecido por meio de disciplinas, em geral estanques e fragmentadas; *duração do projeto* - o tempo escolar concedido para a duração do Projeto Sinódico, momento da materialização da efervescência de estudos, pesquisas e criações, nos primeiros anos era de uma semana, mas ao longo do tempo passou a ser de apenas um dia para apresentação e dois para organização; *arrefecimento da temática e metodologias abordadas*: não trazem mais a ousadia dos primeiros projetos, como por exemplo *Chronos*, de 1995, já abordado no primeiro capítulo, que provocava uma transformação da prática das futuras professoras do Magistério ao estudarem a degradação da educação, por meio das “feridas” encontradas no desgaste da estrutura física da instituição escolar.

Observe-se, entretanto, pelas lentes de Baldin e Albuquerque (2012, p.14) que há um apelo cada vez mais intenso para uma aliança entre o sistema educativo e o econômico e

produtivo. Aliança que tende a privilegiar a rapidez da formação em prejuízo da consolidação de conhecimentos, a eficácia em vez do aprofundamento e da descoberta construtiva, os conhecimentos operativos em primazia aos saberes humanistas e da análise crítica fundamentada e a avaliação processual em substituição à ponderação substancial. Apelo que já vem se concretizando há algum tempo, conforme já abordado neste trabalho, em alguns fragmentos.

Nos planos de gestão encontrados nos arquivos da escola, respectivamente: 1993, 1995, 1996, 1997, 2005, 2006, 2010, 2014 a 2017 (quatriênio) e de 2018 verificou-se que o PCS esteve integrado à Proposta Pedagógica até 1997. No hiato temporal de 1998 a 2004 não foi possível verificar se havia algum registro que ligasse o PCS à Proposta Pedagógica, eis que os planos não foram encontrados. Seu exercício anual, contudo, ocorreu dentro do cotidiano escolar, conforme se pôde depreender das fotografias, blog da escola, material produzido e guardado por alguns professores, perpassados por minha própria memória.

Nos planos de gestão de 2005, 2006 e 2010 foram mencionados pequenos projetos idealizados pela escola, alguns dos quais não concretizados. Praticamente não houve referências ao PCS. No plano de 2006, em meio a outras ações pedagógicas, havia uma singela referência à “Semana Convulsiva Sinódica” (PLANO..., 2006, p.56). Apenas no Plano de Gestão referente ao quadriênio 2014/2017, o PCS passou então a (re) integrar o Projeto Pedagógico da Escola: conforme se explicita:

[...] desenvolvemos projetos interdisciplinares, vinculados ao Projeto Convulsivo Sinódico, visando: 1. Estimular os alunos a estudar e encontrar na escola um espaço de pertencimento e identidade; 2. Realizar pontes entre as temáticas apresentadas pelo Projeto, o Currículo do Estado de São Paulo e a prática social dos alunos; 3. Favorecer a aprendizagem, exercitando deveres e a luta pelos direitos para viver melhor na sociedade e no mundo do trabalho; 4. Reverter à tendência à repetência e evasão escolar; 5. Embriagar a comunidade escolar, por meio de variadas leituras, com destaque à leitura literária, por sua capacidade humanizadora, a conhecer e viver o mundo contemporâneo. No cumprimento de nossas metas adentramos no universo da ficção com conexões humanas instaladas em sentimentos e ansiedades do mundo contemporâneo, somadas ao entrelaçamento de conhecimentos de diversas áreas do conhecimento. (PLANO..., 2014-2017, p. 22).

A ausência dos registros, porém não traduziu a realidade, eis que o Projeto continuou a ser desenvolvido nas salas de aula por professores que resistiam ao seu impedimento. Dentro de portas cerradas, foram vivenciadas conexões entre a literatura e o currículo, durante o ano, refletindo sobre a leitura realizada, de forma significativa ao universo vivenciado pelos alunos. Os acertos se davam nos corredores e na própria sala dos professores e conduziam ações isoladas, em autonomias pedagógicas invisíveis. Ao final do ano, com sentimentos

arrefecidos, em geral o Projeto Sinódico acontecia de maneira discreta, em singelas “mostras” para a comunidade.

Dominique Julia (2001) clarificou que a cultura escolar deve ser entendida dentro das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, em cada período da história com a contemporaneidade. Para ele “[...] mais que nos tempos de calma, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola” (JULIA, 2001, p19).

Num mesmo espaço físico, em contextos e tempos diferenciados, observou-se a vivência de uma cultura escolar na Escola “Carlos Augusto”, por meio da continuidade do PCS em permanente transformação. Movimento resultante das inquietações instituintes internas/externas, em incessantes apropriações.

Como força motriz do PCS contou com o viés literário, que pôde/ pode ser observado no conceito de educação literária de LARROSA (2017, p.19):

A educação literária não se baseia em nenhuma nostalgia, em nenhuma esperança, nem mesmo no consolo da cultura, esse lugar ao mesmo tempo acabado e inacabado, cada vez mais “rico”, no qual as obras existem como coisas duradouras, ordenadas, acumuláveis e transmissíveis. Sua única virtude é a sua infinita capacidade para a interrupção, para o desvio, para a “desrealização” do real e do dado (inclusive do real e do dado de alguém) e para a abertura do desconhecido. A iniciação à leitura aparece, assim como o início de um movimento excêntrico, no qual o sujeito leitor abre-se a sua própria metamorfose.

2.4 EUTUELEELAAGENTESOMOSPIEDAD - experiência, apropriação e identidade

Walter Benjamin (1994, p.114) ao tratar do valor da experiência, e de sua transmissão, através das histórias que eram contadas, questiona sobre o que foi feito de tudo isso já que ela foi subtraída do convívio das pessoas e atualmente se vive a pobreza da experiência, que impele a partir para frente, começar de novo, contentar-se e construir com pouco, sem olhar para a direita, nem para a esquerda. Valor enaltecido no conceito de Bondía (2002, p.21) para quem: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca”. A experiência deve então passar pelo ser humano, ser vivenciada e isso não é acelerado.

Bondía (2002, p.20) faz referência à falta de tempo, em que tudo passa demasiadamente depressa e com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro e por outra excitação igualmente fugaz e efêmera:

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. (BONDÍA, 2002, p.23).

Também é de Bondía o alerta à organização das escolas e aos currículos que se apresentam “[...] em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece.” (BONDÍA, 2002, p.23)

Compactuando do conceito de experiência de Benjamin (1994, p.114) e Bondía (2002, p.21) trouxe a experiência vivenciada no 11º PCS de 2005, denominado *EUTUELEELAAGENTESOMOSPIEDADE*, observado sob as lentes de resistência/mobilização, marcas fundamentais dos agentes, no papel de instituintes (MAGALHÃES, 2004, p.119).

O Plano de Gestão de 2005 não fazia menção ao PCS, mas a um conjunto de projetos interdisciplinares, destinado aos alunos do ensino fundamental - Ciclo II²⁴ (5ª a 8ª séries) e Médio (PLANO..., 2005, p.2). Todavia nas salas de aula, os professores de Língua Portuguesa liam *Romeu e Julieta* e *Hamlet* de Shakespeare com seus alunos, por meio do projeto de leitura. O projeto foi crescendo, conforme as inferências das apropriações da literatura. Nos corredores, intervalos das aulas e nas Aulas de Trabalhos Pedagógicos Coletivos – ATPCs, outros professores foram se juntando e construindo, dialogicamente, propostas interdisciplinares.

Durante esse ano, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo havia sugerido às escolas o desenvolvimento do *Projeto Terra Paulista Jovens*, do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - CENPEC²⁵. O grupo de professores

²⁴ Observe-se que a reorganização ocorrida em 1996, em que a escola recebia o ensino médio de todo município não havia dado certo. Questões estruturais como a logística de transporte escolar, num município com área total de 729 Km² foi repensada e muitas escolas da zona rural acabaram criando seus próprios ensinos médios. Ademais os recursos do antigo FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) destinavam-se apenas ao ensino fundamental. Desta forma a Escola “Carlos Augusto” foi gradativamente incorporando o Ciclo II para, na medida do possível, melhorar a estrutura física e manutenção de suas instalações, eis que o ensino médio não recebia recursos. Em 2007 foi regulamentado o FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), que destinava recursos também ao ensino médio.

²⁵ Terra Paulista é um projeto do CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, uma Organização Não Governamental com atuação e experiência de quase duas décadas no contexto educacional brasileiro. O Projeto Terra Paulista também conta com apoio da UNESCO e do Ministério

apresentou então proposta de fusão dos projetos, que acabou sendo aceita e desenvolvida. A apropriação da leitura do *ser ou não ser*, de *Hamlet*, personagem de Willian Shakespeare foi perpassada pelo *ser caipira*, de uma pequena cidade do interior, de economia agrícola, atendendo ao projeto que contava com apoio institucional. Os registros do projeto, no blog da escola lançam luzes sobre o passado:

O projeto Convulsivo - Sinódico é sempre uma construção. Vai se transformando, se moldando durante o ano letivo, à maneira de Edgard Morin, para quem os “caminhos são feitos ao caminhar”. Nesse ano, buscamos também elementos no projeto intitulado *Terra Paulista Jovens*, do CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), cujo objetivo é o de contribuir para que escolas, ONGs, centros culturais e bibliotecas possam ter acesso a um material que estimula o conhecimento, e a valorização das riquezas presentes na história e na vida do Estado de São Paulo, desde a sua formação até meados do século XX. Direcionado às escolas, o Projeto *Terra Paulista* visa o descobrimento e resgate da história local. O encontro dos dois projetos se fundiu numa continuidade de pensar o ser. O ser social, local, interiorano e porque não caipira? Passamos a desenvolver um trabalho com os alunos sobre o *ser caipira*, sendo que os mesmos inferiram que eles são: bons, ingênuos e românticos, como *Romeu e Julieta* de Willian Shakespeare, todavia posicionam-se numa espécie de contramão do mundo moderno e suas tecnologias.

O projeto *EUTUELEELAAGENTESOMOSPIEDADE* teve seu objetivo ampliado, visando o desvelamento incutido pela sociedade capitalista, que relega valores essenciais da vida do interior a uma inferioridade, construída pela sociedade de massa, responsável pela incorporação de valores que se dirigem ao consumo generalizado e industrializado, processo refletido pelos professores de história e geografia. Trouxemos valores artesanais de nossa cidade, rural e agrícola. Valorizamos nossa história e costumes para levar os alunos a perceberem que um povo só é forte quando se reconhece nas manifestações de sua cultura. O projeto se materializou em várias instalações que reproduziram maneiras de viver do povo piedadense, como a casa de pau a pique, da reprodução de uma venda da zona rural. Também foram realizadas peças teatrais que mesclaram a linguagem literária de *Willian Shakespeare* com situações cotidianas da cidade de Piedade (BATISTA, 2005).

Outras luzes, instantes fotográficos, registram a incorporação/apropriação das ideias, dentro de experiências vivenciadas/representadas por alunos e professores de História/Geografia na construção da casa de pau a pique, no terreno da escola, que segundo seus edificadores:

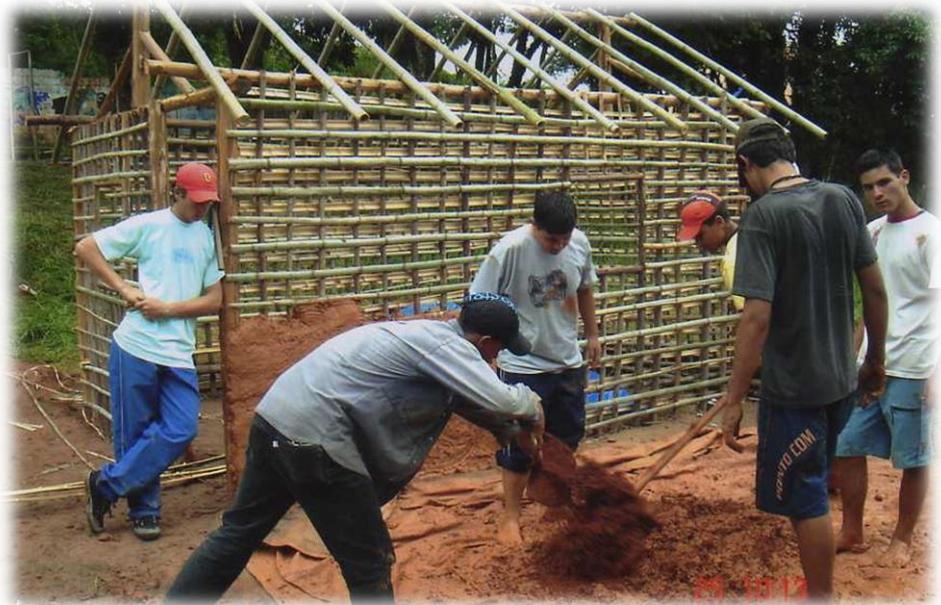
É um tipo de moradia mais comum e simples que foi utilizada pelo caipira e que ainda hoje encontramos em nosso município, em especial na zona rural. Esta técnica e sabedoria foram herdadas dos índios e passadas para os caboclos (caipira) de geração em geração, até nossos dias. A casa de pau-a-pique é feita totalmente de material tirado direto da natureza: a terra, a madeira, o cipó, o sapé e a água. As

da Cultura. Com este projeto, o CENPEC inaugurou a área de Educação e Cultura, dedicada a temas relacionados ao patrimônio cultural, material e imaterial. Elaborado por uma equipe multidisciplinar, o Terra Paulista tem como objetivo estimular um olhar crítico para a formação e o desenvolvimento cultural do interior do Estado de São Paulo. [...] Disponível em <http://www.terrapaulista.org.br/projeto/terra_paulista.asp>. Acesso em: 19 jun.2019.

construções geralmente foram feitas através de mutirões realizados nas comunidades, que era motivo de muita alegria e solidariedade entre todos. (CASA..., 2005).

A casa permaneceu dentro da escola por cerca de um ano, permitindo a apropriação da cultura local:

Figura 23 - Construção de casa de pau a pique: em processo



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura 24 - Casa de pau a pique



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Outras apropriações se deram de forma interdisciplinar, inclusive na Matemática, em que alunos das 7^{as} séries pesquisaram sobre a simetria e de que maneira ela poderia ser aproveitada para construção de projetos destinados à construção de jardins em espaços da Escola. No processo estavam envolvidas três profissões, a do produtor rural, do paisagista e do jardineiro. Nos registros encontrados em portfólio do projeto registramos texto/imagens:

A grande maioria dos alunos se manteve envolvida no Projeto, desde o momento da criação do desenho até a colocação em prática, preparando a terra, realizando medidas, plantando as mudas, ajudando na irrigação e conservação do jardim, verificando uma das presenças da Matemática na escolha da profissão, que é o resultado do que “somos” e do que gostamos de fazer. (QUEM..., 2005).

Figura 25 - Jardim simétrico 1



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura 26 - Jardim simétrico 2



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Viñao Frago (2012, p.11) diz que a investigação do patrimônio educativo, material ou imaterial oferece amplas possibilidades para a docência atual, um campo fértil de investigação que deriva dos sentidos, significados, conexões e relações que o historiador estabelece com eles em seu contexto de produção, recepção, apropriação e interpretação.

A historiografia educativa é constituída de memória, sentido, patrimônio material e imaterial, não somente dos objetos, como também da memória dos alunos, professores e todos os que têm relações com o mundo da instituição educativa. Uma combinação sedimentada no tempo, na memória institucional, individual e social, que não deve ser observada apenas enquanto experiência pedagógica a ser conservada e protegida, numa “contemplanção nostálgica”, mas como possibilidade para a docência atual, com objetos ou temas que são “verdadeiramente úteis” e de uso atual para o ensino. (VIÑAO FRAGO 2012, p.7).

Experiências como as do PCS *EUTUELEELAAGENTESOMOSPIEDAD*, de 2005, permitiram a realização de entrelaçamentos com o patrimônio cultural, material e imaterial do próprio município, através de práticas e representações, levando a comunidade escolar, composta de alunos, professores, funcionários e familiares a se reconhecerem enquanto parte de uma cultura, história e identidade, por meio do conhecimento apreendido e lampejos estéticos em instalações e teatros.

Singularidades também materializadas em fragmentos de construções textuais dos teatros, com títulos que não fariam sentido em outro lugar, como *Colomeu e Jonateta - uma aventura em Veronaélvio* (espaço imaginário entre a cidade de Verona, de William Shakespeare com a Vila Élvio de Piedade), ou o cruzamento criado em *Entre lírios e pedras*, história de duas famílias paulistas: os *Montéquios*, da capital e os *Capuletos* do interior, texto de construção coletiva em que foram destacadas diferenças linguísticas e de comportamentos de quem vive na capital e no interior. (EUTUELEELAAGENTESOMOSPIEDAD...,2005).

Viñao Frago (2012, p.9) diz que cada espaço educacional, ao longo do tempo, constrói sua própria memória e com ela, daqueles que passam por suas salas de aula. Essa memória é moldada e forma sua cultura institucional. Uma cultura que também é construída na vivência de comemorações, exposições e textos escritos por ocasião desses acontecimentos.

2.5 Movimentos instituintes – metamorfoses

Em 2007 a escola estava muito preocupada com as dificuldades de leitura/escrita cada vez mais latentes de seus alunos. Observavam-se fragilidades no entendimento textual, que

interferiam no desempenho de outras disciplinas, apesar de todo o esforço da escola em praticar a leitura, em especial a leitura literária.

Batista (2003) ao tratar sobre a importância da literatura e responder a um aluno: “pra que ensinar literatura pra quem carrega saco nas costas” inferiu que:

O ensino de literatura envolve a leitura, que envolve a literatura, que envolve a leitura [...] Neste movimento em ciranda, uma constatação: a necessidade de ler. Mas o que fazer, num mundo midiático, onde a imagem domina os espaços ocupados pelos livros? E nas salas de aula da escola pública, onde os jovens entendem que a leitura de obras literárias “*é coisa para mulher apaixonada*” e pessoas “*certinhas*”? Como responder ao meu aluno “*pra que ensinar literatura pra quem carrega saco nas costas?*” (BATISTA, 2003, p.18).

Ao analisar a questão, a autora trouxe Sônia Kramer (2001, p.109) que contemporiza o exercício da leitura dizendo que os jovens leem muito, mas de modo disperso. Dão preferência à internet e histórias em quadrinhos, trazendo para a leitura a incompletude e inacabamento que marcam o ato de ler, sempre fragmentando a leitura. Defende a literatura como maneira de provocar pensamentos e observar a realidade com outras lentes oferecidas por esse tipo de leitura, que possibilita a ação de pensar e sentir criticamente sobre os acontecimentos e representa “uma via de acesso ao mundo interior dos sentimentos, reflexões e valores da vida, capaz de se expressar e de fazer sentir”. (BATISTA, 2003, p.19)

2.5.1 Relações intramuros

Rodarte (2001, p.49) disse que no mundo global as ideias são fragmentadas e a linguagem reduzida, objetiva e pobre. Refletiu que os jovens estão se tornando cada vez mais práticos, rápidos, sem divagações e sem sutilezas. “Milionários de imagens” (2001, p.50), como os definiu.

A análise da autora permitiu trazer o ano de 2007, em que os educadores da “Carlos Augusto” reunidos no planejamento, no início do ano, apontaram as dificuldades, cada vez mais intensificadas, de compartilhar leituras com os alunos. Desafio gigantesco, enfrentado anualmente, de forma disciplinar, através dos conteúdos previstos no currículo, e de forma interdisciplinar por meio do PCS.

Com relação à obra literária que se incorporaria à temática do projeto foi necessária uma escolha que levasse em conta conexões com o pensamento dos alunos e que fosse atrativa. Ao longo dos anos os professores da “Carlos Augusto” perceberam que as obras

deveriam ser significativas e cada vez mais curtas. Optou-se então pela leitura do conto *A Metamorfose*, de *Franz Kafka*²⁶.

Em geral as obras eram custeadas pelos alunos em duplas ou trios, estimulados pelos professores de Língua Portuguesa, que buscavam edições de bolso por serem mais acessíveis. Apenas em 2008 a Secretaria da Educação disponibilizou o *Programa Apoio ao Saber*²⁷, que doava obras literárias aos alunos da educação básica, benefício que muito contribuiu para a continuidade do PCS, eis que os alunos não mais precisariam adquirir os livros.

O 13º PCS – *Vem Kafkar, ler e metamorfosear na escola* se desenvolveu, durante o ano de 2007, contando inclusive com o apoio da Prefeitura de Piedade, através da Diretoria de Assistência Social, Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, e do *Grupo Sei Lá*, da comunidade Bom Pastor de Piedade²⁸. No fragmento do contexto do Projeto - um registro por meio da representação contida no texto *Eu + Gregor = Metamorfose*, da aluna da 6ª série A, ainda guardada com carinho pela professora de Língua Portuguesa. No ato de guardar da professora, também esteve presente a rememoração e a satisfação dos resultados de seu próprio trabalho, realizado em meio às dificuldades e tensões do PCS. No texto, vestígios da metamorfose da aluna e da própria professora:

Quando a metamorfose me aconteceu, virei mulher , mas só por fora, pois por dentro ainda me sinto a mesma criança de sempre. Quando a metamorfose aconteceu com Gregor ,ele virou um inseto, psicologicamente, e por fora ainda era o mesmo, mas rejeitado. Agora, misturando uma coisa com a outra, elas são parecidas, mas ao mesmo tempo, contrárias! Gregor mudou por dentro, e eu por fora. Ele continuou o mesmo por fora e eu por dentro. Quando escutei a história de Gregor, logo me coloquei no lugar dele. Já me senti assim, olhar para os outros e ver que eles têm desprezo por mim. Foi assim que Gregor virou um inseto: inexistente no mundo, na sociedade. Preciso tomar cuidado. (LIMA, 2007).

Incluem-se, ainda, dois momentos da Semana Sinódica com representações criadas por alunos e professores, com a participação especial do ex-aluno e artista plástico piedadense,

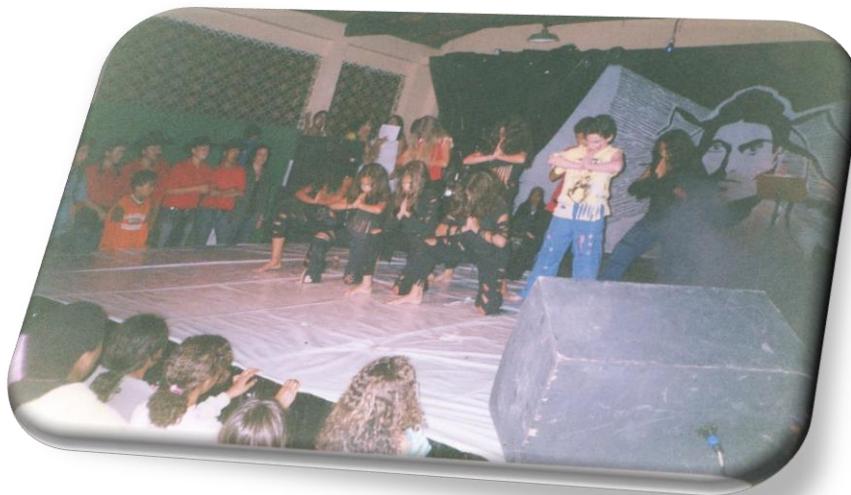
²⁶ No conto *Metamorfose*, de Franz Kafka, Gregor Samsa, protagonizava um caixeiro viajante, que um dia acordou transformado em um inseto monstruoso. Samsa não era mais visto pelo que era de fato e sim o que se tornou : de provedor da família tornou-se um ser impotente e desprezado por todos.

²⁷ O programa “Apoio ao Saber” da Secretaria da Educação tinha como objetivo incentivar a leitura. A iniciativa estabelecia a entrega anual de um kit composto por três livros para cada um dos cerca de 3,5 milhões de alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, além do Ensino Médio da rede. Disponível em <<https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/pesquisa-do-apoio-ao-saber-ira-identificar-generos-literarios-preferidos-de-alunos/>> . Acesso em 21 jun.2019.

²⁸ A Vila Bom Pastor é onde reside grande parte dos alunos da escola “Carlos Augusto”. Localiza-se em área periférica, com características de afavelamento.

Dizing²⁹. Registra-se, ainda, a presença da TV Tem de Sorocaba, na instalação elaborada em sala de aula, denominada - *O quarto de Gregor Samsa*:

Figura 27 - Apresentação no palco 1



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura 28 - Apresentação no palco 2



Fonte: Arquivo da EE “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

²⁹ O artista Fernando Luiz da Silva Santos, conhecido como *Dizing* foi aluno da Escola “Carlos Augusto” e vivenciou o PCS em várias edições. Atualmente suas intervenções artísticas estão espalhadas pela cidade de Piedade. A última delas, o Mural gigante com personagens do campo, com 120 m. de comprimento foi matéria da TV TEM, de Sorocaba. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/nosso-campo/noticia/2019/06/23/artista-plastico-cria-mural-gigante-com-personagens-do-campo.ghtml>> Acesso em 28 jun.2019.

Figura 29 - Instalação: O quarto de Gregor Samsa



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

A experiência do projeto permitiu conexões entre fragilidades/inquietudes humanas para além das aparências, representadas em textos e vivências estéticas, trazendo momentos educativos/ instituintes, numa relação existencial dos atores e dos sujeitos em dialética evolutiva e complexa do “estar” para o “ser”. (MAGALHÃES, 2004, p. 38)

Juntou-se a oportuna inferência de Camargo (2009), que na ocasião realizava pesquisa sobre os projetos como forma de reestruturação do cotidiano escolar, junto à Universidade de Sorocaba:

Na apresentação pública do Projeto Convulsivo Sinódico, estive observando sala por sala e pude ver o comprometimento, a responsabilidade e a criatividade dos alunos e dos professores na execução das tarefas. A cada sala que eu adentrava via o desejo, a vontade dos alunos em mostrar o que estava sendo realizado. E não havia dúvida quando se via as atividades materializadas em textos, danças, poesias, músicas, pinturas, artesanatos e teatros que o trabalho se deu a partir da leitura do livro de Franz Kafka A metamorfose. (CAMARGO, 2009, p.85).

2.5.2 Relações extramuros

As dificuldades de leitura e escrita dos alunos também foram foco de outras instâncias da Secretaria da Educação e da nova Proposta Curricular desenvolvida em 2008. Conforme Magalhães (2004, p.62): “As instituições educativas, de forma particular e na sua dimensão sistêmica, são realidades dentro de outra realidade. São instâncias que, sendo diferentes na sua

natureza, finalidades e dimensões organizativas, se identificam no mesmo processo de institucionalização.”.

A nova Proposta Curricular da Secretaria pretendia a organização do ensino em todo o Estado de São Paulo. Dizia que a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que havia dado autonomia às escolas para que definissem seus próprios projetos pedagógicos foi um passo importante, mas que ao longo do tempo, a *tática descentralizada* havia se tornado ineficiente. A Secretaria propôs então uma ação integrada e articulada, com o objetivo de melhor organizar o sistema educacional de São Paulo, sendo que para tanto propunha elaborar e subsidiar com material necessário uma nova Proposta Curricular. (CASTRO, 2008, p.6, grifo nosso)

A iniciativa se deu a partir dos resultados do Sistema de Avaliação do Ensino Básico - SAEB, do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e de outras avaliações realizadas em 2007, em que o governo do Estado elaborou dez metas para a educação paulista, que deveriam ser conquistadas até 2010. Propôs então uma ação integrada e articulada, cujo objetivo era organizar melhor o sistema educacional de São Paulo, onde se criou uma base curricular comum para toda a rede estadual. No início de 2008, a Secretaria elaborou o *Jornal do Aluno* para toda rede estadual paulista, rebatizada posteriormente de *Caderno do Professor*. (SÃO PAULO, 2008)

O material foi impresso, distribuído a todas as escolas da rede para professores e alunos, e também ficou disponível no site *São Paulo faz Escola*, na forma digital. Seu conteúdo abrangia sequências didáticas e sugestões de trabalho, nas quais o professor podia se basear para desenvolver suas aulas. Durante esse mesmo ano os alunos foram submetidos ao Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) e os cadernos foram reformulados. (PETRUCCI ROSA, 2014, p.941).

Um processo de metamorfose da rede pública estadual se instituía na estrutura e no cotidiano escolar, que deveria se adequar ao movimento instituinte institucional. Num primeiro momento proporcionou a satisfação de se ter em mãos materiais didáticos para o professor / aluno, mas por outro lado apresentava um engessamento na forma de trabalhar o conteúdo impresso nesse material.

Petrucci-Rosa (2014, p.934) analisou a experiência curricular ocorrida na Secretaria da Educação, através da narração de cinco professores da área de Ciência da Natureza e Matemática, atuantes em escolas públicas paulistas. Nas práticas curriculares narradas, a autora apontou que a padronização dos conteúdos acabou configurando um dilema: uma

medida promissora ao mesmo tempo em que apagava as diferenças entre os alunos. Apresentou também a interdisciplinaridade como forma de integração curricular:

[...] é interessante perceber, nas narrativas, as tensões presentes no cotidiano escolar, a partir de uma gama de possibilidades de entendimento do que seja trabalhar de forma interdisciplinar. Os professores narradores entendem essa modalidade de trabalho pedagógico como ação coletiva e se sentem enclausurados na disciplina escolar no contato com os Cadernos. Esse esboço de resistência é muito interessante e mostra um caminho de pesquisa instigante que pode ser explorado. (PETRUCCI ROSA, 2014, p.951)

Os resultados da pesquisa de Petrucci Rosa também se faziam presentes nas falas cotidianas dos professores da “Carlos Augusto”, que se sentiam cerceados do exercício interdisciplinar que o projeto propiciava, em detrimento do que entendiam como engessamento pelos *Cadernos*.

Nos anos de 2008 e 2009 o PCS praticamente não aconteceu, a não ser pelo movimento que se sustentava na disciplina de Língua Portuguesa, dentro das salas de aula. Estanque, disciplinar, com leituras sugeridas pela Proposta Curricular, apresentadas em *Cadernos de Literatura*³⁰ sem conexões interdisciplinares. O dia mais importante da escola passou a ser o da aplicação das provas do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo - SARESP, com logística estruturada pela Secretaria da Educação no espaço/tempo escolar com o intuito de medir os resultados dos alunos.

2.6 Dos projetos de leitura ao Projeto Convulsivo Sinódico – institucionalização

A Escola “Carlos Augusto” como todas as escolas da rede pública do estado de São Paulo integra um sistema educativo com similitudes e diferenças e a ele converge em suas diversidades e iniciativas. Magalhães (2004) ao tratar sobre a história do sistema educativo clarifica esse pensamento:

A história do sistema educativo não é um somatório de instituições escolares justapostas nem, por outro lado, a história de uma dessas instituições se torna possível fora de um todo coerente. É nos domínios da representação e da apropriação que esta autonomização se revela mais consequente, porque mais relacional e menos autocentrada. Constituindo um todo em si mesma, cada

³⁰ Os cadernos foram elaborados com base em textos que constavam do acervo da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, dos próprios alunos, provenientes do Projeto Apoio ao Saber ou ainda da biblioteca da escola. Foram estruturados de maneira a assegurar uma orientação geral sobre o trabalho com cada um dos gêneros selecionados, e, especialmente sobre os temas selecionados do acervo (SÃO PAULO, 2010, p.5).

instituição escolar ou educativa, integra esse todo mais amplo que é o sistema educativo. (MAGALHÃES, 2004, p.114).

Desde a década de 90 a avaliação do sistema educativo vinha se tornando ponto de destaque nas propostas de políticas públicas do Brasil. No estado de São Paulo, o poder executivo, nas gestões de Mário Covas e Geraldo Alckmin (1995-2006), delegou à avaliação papel chave nas políticas educacionais. (BAUER, 2011, p.811)

O SARESP passou a ser aplicado pela Secretaria da Educação com a finalidade de produzir diagnósticos da situação da escolaridade básica paulista, visando orientar os gestores do ensino no monitoramento das políticas voltadas à melhoria da qualidade da educação. Seus resultados visavam orientar as ações da pasta e integravam o Índice de Desempenho da Educação (IDESP), consolidados em boletins que se destinavam às análises dos desempenhos. Os resultados estabeleciam metas a serem cumpridas para o ano vindouro, sendo utilizado como cálculo para o pagamento do bônus aos servidores da educação do estado. (SÃO PAULO, 2019)

No entremeio desse processo, a Escola “Carlos Augusto”, integrante do sistema educativo estadual, como todas as escolas da rede, vivenciaram/vivenciam o difícil e interminável trabalho de *Sísifo*, personagem da mitologia grega que recebeu a árdua tarefa de empurrar uma pedra até o cume de uma montanha e, no entanto, sempre que a pedra estava prestes a chegar ao seu objetivo, rolava montanha abaixo e tudo tinha que recomeçar. A metáfora é cabida no sentido de que, anualmente, a escola deveria/deve concorrer com seu desempenho do ano anterior, apesar de outras variáveis presentes no contexto escolar, como as mudanças do quadro de professores/alunos, as relações familiares, socioeconômicas e culturais. Some-se a isso a indisciplina, o consumo de drogas e repentes de violência, como a situação extrema que ocorreu recentemente na Escola Estadual Maria de Lourdes Teixeira em Carapicuíba³¹, amplamente veiculada pela mídia.

Em 2010, o Plano de Gestão da Escola Carlos Augusto representava a preocupação da escola com os resultados, bem como materializava variáveis do contexto escolar:

Acesso [...] percebemos que existe um grande problema de migração das famílias, causando não só o prejuízo no rendimento dos alunos, como também o abandono [...]

³¹ A Polícia Civil apreendeu nesta segunda-feira, oito adolescentes suspeitos de participarem de uma confusão na Escola Estadual Maria de Lourdes Teixeira, em Carapicuíba, na Grande São Paulo. As imagens em que os jovens aparecem atirando carteiras e gritando em sala de aula ganharam repercussão após reportagem da TV Globo [...] Disponível em <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,policia-apreende-oito-adolescentes-apos-confusao-em-escolade-carapicuiiba,70002855121>. Acesso em 29 jun.2019.

Permanência: O ano de 2009 apresentou problemas de evasão, no período noturno [...] os alunos tem uma jornada excessiva de trabalho, gerando grande cansaço, o que causa indisposição para o estudo. [...] outro motivo que leva os alunos a evadirem é a falta de perspectiva, gerada pelo desemprego e dificuldades pelas quais passam no decorrer de suas vidas. No Ensino Médio [...] a evasão ocorre com maior frequência [...]

Sucesso dos alunos: [...] a escola apresenta uma boa porcentagem de promoção dos alunos, tanto no fundamental quanto no médio, no período da manhã. No ano de 2008 o Índice de Aprovação dos alunos do Ensino Médio superou o Ensino Fundamental, sendo que em 2009 ocorreu exatamente o contrário, principalmente no que tange os resultados do SARESP (8ª. s séries). Quanto ao Ensino Médio, podemos explicar a queda no rendimento se levarmos em consideração a baixa frequência dos adolescentes às aulas, juntando a isso a falta de expectativa com relação ao futuro próximo, tendo em vista a taxa de desemprego e a falta de oferta de trabalho, posto que o município de Piedade não possui indústrias e empresas de grande porte.” (PLANO ..., 2010, p.9).

Outro fragmento do Plano de Gestão de 2010 discorre sobre a avaliação do ensino e da aprendizagem da escola, bem como a referência aos projetos para melhoria de desempenho dos alunos:

Os resultados do SARESP, no ano de 2009, demonstraram que os alunos, tanto do Ensino Fundamental, como do Ensino Médio, tiveram um bom desempenho, ficando acima da média em nível estadual, da Diretoria de Ensino e do Município. Mesmo assim consideramos que os resultados ainda não atingiram as expectativas, **sendo que a escola vem investindo em projetos para melhorar ainda mais o desempenho.** (PLANO..., 2010, p. 131, grifo nosso).

Em 2010 a Secretaria da Educação oferecia possibilidades às escolas de ensino fundamental e médio de receberem recursos, mediante apresentação de projetos vinculados ao currículo, por meio do Programa de Implementação de Projetos Descentralizados – PRODESC³². Os recursos eram de até três mil reais por projeto, desde que inicialmente aprovado, pela respectiva Diretoria de Ensino. No caso da “Carlos Augusto”, a Diretoria de Ensino de Votorantim.

Nesse ano, a escola desenvolveu o projeto interdisciplinar: *Com licença Terra: natureza e gentileza na arte da palavra*. A temática apresentou caminhos para tratar, concomitantemente, da melhoria do processo de leitura e escrita, por meio da *arte da palavra*, somado às reflexões sobre como a escola poderia se constituir num espaço de respeito e gentilezas. As reflexões se originaram das frequentes ocorrências de desrespeito dos alunos

³² O PRODESC foi um programa da Secretaria da Educação que fomentou ações e projetos desenvolvidos na rede estadual, destinando recursos para seu desenvolvimento. Disponível em <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/educacao-abre-cadastro-para-financiamento-de-projetos-inovadores-nas-escolas/>. Acesso em: 29. nov.2019.

com os colegas, professores e com a instituição escolar. Para a criação desse Projeto, os professores acharam inspiração no Profeta Gentileza, do Rio de Janeiro, e em sua obra *Univvverrso Gentileza*, através de suas ações e poesias.

Apresenta-se o embasamento do projeto de construção coletiva, enviado para o PRODESC:

Exercitar o pensamento interdisciplinar nas diversas leituras sobre a gentileza, inspirada na figura de José Dadrino, conhecido como Profeta Gentileza, que andava pelas ruas do Rio de Janeiro levando palavras de amor, bondade e respeito pelo próximo e pela natureza a todos que cruzassem seu caminho. O Profeta alertou, à sua maneira, durante 40 anos, sobre o gradativo desaparecimento do humanismo nas relações entre as pessoas. Em sua simplicidade culpou o “*capetalismo*”, um sistema que transforma a essência da vida em lucro. O consumo acelerado e irracional cega os sentimentos de sensibilidade com o outro, num mundo de imagens criadas para alienar. Como robôs, consumimos exageradamente, e nos desapercemos do outro, para ao final, jogarmos cerca de 80% de nossas aparentes necessidades no lixo. Hábito enraizado pela cultura e pela mídia, que está acabando com nossos bens mais preciosos: o Planeta Terra e o ser *humano*. Esse processo também tem seus reflexos na escola: na negação da leitura, escrita e no conhecimento transmitido em sala de aula. Some-se a isso as ocorrências de desrespeito com os colegas, professores e com a instituição escolar. (COM..., 2010)

Sob o foco da gentileza foram realizadas várias ações durante o ano como: *Percebendo a sujeira* - em que propositalmente não se limpou a escola durante dois dias para que os alunos percebessem o acúmulo de resíduos, seguido de recolhimento e exposição do material no pátio da escola e palestra de técnicos da Prefeitura de Piedade (Coordenadoria do Meio Ambiente e Diretoria de Agricultura) sobre o consumo sustentável. A ação foi divulgada no blog *Quanta Gentileza*:³³: “[...] deixar a escola suja por dois dias, sem limpar as salas de aula e a partir daí uma série de intervenções serão realizadas junto à Secretaria do Meio Ambiente da cidade. [...] o objetivo é enfatizar a necessidade da gentileza com o meio em que vivemos.”

Outra ação importante foi sobre a gentileza no trânsito, realizada em parceria com a Prefeitura, através da Diretoria Municipal de Trânsito e Transporte Coletivo de Piedade – DITRACOPI. O movimento realizado tinha como objetivo o respeito às normas de trânsito no caminho da escola. Foram realizadas várias palestras dentro da instituição escolar. Some-se a

³³ O blog *Quanta Gentileza* foi criado por Tammy de Andrade, então apresentadora do programa *Nosso Campo*, da TV TEM, que apoiou o projeto dizendo que “Gentileza é também uma questão de educação, sim, e a escola é um ambiente bastante favorável para esse tipo de debate e questionamento.” Disponível em: <https://quantagentileza.wordpress.com/category/gentileza/page/4/>. Acesso em 8 dez.2019.

isso, que o movimento realizado resultou em melhorias de infraestrutura na calçada da escola, antes estreita e emburacada, foi ampliada e reformada pela Prefeitura em 2011.

Trazem-se centelhas do projeto com representações da própria escola, em textos e imagens, encontrados no blog da instituição:

O objetivo era exercitar a gentileza com as pessoas e o Planeta Terra e dentre as ações desenvolvidas: palestras da Prefeitura de Piedade, através da Coordenadoria do Meio Ambiente e Diretoria de Agricultura. Apresentações como a do *Grupo Voz do Morro*, com representantes da Vila Bom Pastor; do senhor *Chico Santeiro*, da Academia Votorantinense de Letras, Arte e História, que contou histórias, declamou e cantou poesias do autor cearense Patativa do Assaré. Ainda: do poeta piedadense *Toninho Xavier*; da publicitária *Tammy de Andrade*, que divulgou o projeto em seu blog *Quanta Gentileza*; de ex – alunos, como o caricaturista *Anderson Roberto de Camargo*. A gentileza também foi recortada da leitura de obras literárias do Programa *Apoio ao Saber* da Secretaria de Estado da Educação: *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto e *Casa de Bonecas*, do norueguês Henrik Ibsen. (COM..., 2010)

O palco: Mandacaru - Nosso palco é aqui, agora, todos os dias, pensando, repensando, fazendo e nos limites infinitos de cada ser, ocorre o fenômeno de criar. Assim foi idealizado o palco. O trabalho seguiu o norte do artista plástico Luiz Sacilotto, o movimento da arte do Concretismo e as formas diversas do concreto e da natureza. Nosso palco do “Carlos Augusto” estava despedaçado, arranjado de forma feia e desgastada pelas atividades cotidianas e reformas. No entanto, os espinhos e machados em relevo que corta a cor e a dor, numa sequência frenética e a beleza construída mostram o mandacaru forte e soberano e sua irmã, a palma espinhosa sol a sol, que sobrevive. (LEITE, 2010).

Figura 30 - O palco: Mandacaru



Fonte: Arquivo da “EE. Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Um treco na mão, uma ideia na cabeça – instalação

[...] os alunos pensaram a gentileza com relação ao Planeta Terra e ao ser humano, desde o início de 2010, refletindo sobre coisas pequeninas e de especial importância para viver melhor na sociedade. Para concretizar todo esse pensamento, participaram do exercício Um treco na mão, uma ideia na cabeça e criaram objetos, a partir de resíduos, inspirados em Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto. (COM..., 2010).

A instalação *Um treco na mão, uma ideia na cabeça* foi fruto de uma ação em que participei como professora de Língua Portuguesa com a professora de Ciências, *Sirius*. Na criação de uma tartaruga ornamental, o exemplo da aluna Mariana da 8ª EJA, em sua poesia homônima: “Garrafa cheia que no lixo achei/ Cortes aprofundei e então nasceu/ Tartaruga Aparecida/ Esperando chuva pela seca Severina/ Desistiu e desapareceu. (SANTO, 2010).

Figura 31 - Instalação: Um treco na mão uma ideia na cabeça



Fonte: Arquivo da “EE. Prof. Carlos Augusto de Camargo”

2.7 O aluno real – poder instituinte

Magalhães (2004, p.39) escreveu: “[...] a institucionalização é uma fase no processo evolutivo mais amplo, que corresponde a um constructo que resulta na função instituinte, e que se consolida na instituição.”. A função instituinte, porém, não se dá numa ordem linear e crescente, eis que existe uma “[...] tensão entre as capacidades inventivas e de mobilização dos indivíduos e das comunidades por um lado e as normas, os constrangimentos, as resistências gerais e específicas, por outro.” (MAGALHÃES, 2004, p.119).

Os recursos recebidos anualmente do *PRODESC* e as obras literárias do *Programa Apoio ao Saber* possibilitaram a continuidade dos projetos de leitura interdisciplinares, com o envolvimento de toda a escola, dentro da concepção do PCS. Todavia, no texto da Proposta Pedagógica da “Carlos Augusto”, o Projeto, praticamente, não existia mais. Como se pôde depreender das análises já apresentadas, apesar do PCS não apresentar as propostas transformadoras e ousadas das temáticas e metodologias iniciais e ter se adaptado ao Currículo do Estado de São Paulo, ainda provocava resistências internas e externas. Resistências oriundas daquilo que a Prof.^a Maria Lúcia definiu como “[...] campo de forças minado por concepções de formação, representação, sentidos e significados sobre o papel da escola e de seus atores na sociedade”. (SOARES, 2006, p.65).

A Secretaria da Educação ao implantar e vivenciar o *Currículo Oficial do Estado de São Paulo* em sua dimensão cognitiva que sustentava/sustenta as bases de construção das *Matrizes de Referência para Avaliação Processual* e das *Matrizes do SARESP* considerou que o desenvolvimento cognitivo resultava de um movimento de construção/ reconstrução. Esse movimento se apoiava/apoia nas relações estabelecidas entre pessoas, objetos, fatos e fenômenos presentes no percurso escolar. (SÃO PAULO, 2016, p.10). Portanto, além do desenvolvimento das competências e habilidades da *Matriz de Avaliação Processual* deu-se ênfase às competências socioemocionais ou afetivas e sociais, que deveriam ser objeto de ensino e aprendizagem dos alunos. (SÃO PAULO, 2016, p.10).

A Secretaria da Educação ampliava os limites das Matrizes de Referência para a Avaliação Processual, destacando a importância das competências e habilidades socioemocionais no desenvolvimento integral dos alunos, destacando a relação entre elas e a maior facilidade de aprender os conteúdos acadêmicos. (SÃO PAULO, 2016, p.10).

O PCS trazia em suas metas a preocupação com a formação de subjetividades e construção da cidadania dos seus alunos: “dar forma corpórea à busca da felicidade;

embriagar-se na paixão de conhecer o mundo contemporâneo; peludiar pelos direitos e frondejar deveres”. (PLANO..., 1995). Metas que se compatibilizavam com as novas habilidades propostas para o desenvolvimento do Currículo, que também se desafiava:

Embora essas habilidades socioemocionais não estejam ainda organizadas como as habilidades cognitivas, essa base conceitual nos permite compreender o desenvolvimento físico, afetivo e social das crianças e jovens, e a partir dessa compreensão, estabelecer metodologias interativas de ensino que melhor favorecem esse desenvolvimento. É necessário, portanto, buscar uma visão mais ampla do desenvolvimento integral dos nossos estudantes, em todos esses aspectos. (SÃO PAULO, 2016, p.10)

O PCS, enquanto receptáculo e gerador de movimentos instituintes voltou a ser referendado na Proposta Pedagógica, parte integrante do Plano de Gestão aprovado em 2017, pela Diretoria de Ensino de Votorantim. Com contornos diferenciados de sua gênese, se constituía e ainda se constitui num âmbito aglutinador de anseios, angústias e conexões entre alunos, professores, funcionários, gestores e comunidade eis que os desafios da instituição são sempre discutidos dentro da constituição do Projeto no início do ano. Nesse momento de criação da temática a Escola é viva e seus atores se sentem parte de um todo, não apenas um fragmento dele, estabelecendo relações de identidade.

Sempre em processo de institucionalização, através da vivência estética e processo criativo, permite integração e autorias próprias de quem vive o cotidiano escolar. Um centro receptor/ irradiador de emoções, inconformismos e identidade, que fazem a escola mais significativa e próxima de seus atores.

Em 2016, o PCS completou 20 anos e o tema desenvolvido foi *Laços de Família*, extraído da obra homônima de Clarice Lispector, a partir da necessidade da conexão: escola/ alunos/ familiares, cada dia mais necessária nas escolas públicas.

Numa das salas encenava-se a peça *Feliz Aniversário* com alunos-personagens extraídos das obras literárias vivenciadas, durante os Projetos, ao longo do tempo, conduzidos pelo fictício professor *Carlos Augusto*. Após uma divertida e emocionante volta ao tempo, quando a peça estava quase terminando, um aluno, também personagem, gritava do lado de fora da sala, querendo entrar.

Aos berros, entrou na sala, chutando a porta. Questionava o que fazer com o aluno real de 2016, que, assim como ele, queria participar, mas não sabia como.

A voz do aluno real trouxe a Escola travestida do tempo presente, em novos desafios. Era o próprio movimento instituinte protagonizado naquele momento, pelo aluno

“indisciplinado”, mas que trazia vozes de outros, ouvidos pelos professores durante o processo de criação teatral. Na intervenção, o desafio sobre a condução do Projeto, de maneira a responder aos novos anseios ditados pela atualidade. Segue fragmento do texto de construção coletiva de alunos e professores:

ALUNA DA PORTA – (Olhando para a professora) Ô professora, ele não esperou, eu falei que não pode entrar...

ALUNO – Que num pode entrar nada, eu estudo nesta escola, tô esperando mó tempão na fila... (Desvencilhando-se) Tira a mão de mim, ô garota! (Bate a porta e aproxima-se do público; aponta uma das pessoas da plateia) Ô essa aqui, tô na fila muito antes dela... (Provoca as pessoas, reação. A professora argumenta, tentando convencê-lo a se retirar. O entrave é interrompido por D. Quixote)

D. QUIXOTE – (Aproxima-se do aluno e empunha a espada) Afastem-se! Vou derrotá-lo com minha espada, criatura abominável! Sabia que voltaria, terrível gigante!!!

SOUZA – (Coloca-se entre D. Quixote e o aluno) Acalme-se, D. Quixote. Olhe direito. Não é uma ameaça, não é um gigante. É um aluno que veio do mundo real, é o nosso aluno de hoje. (Aluno rebelde dirige-se até o calendário e tira a última folha – fica 2016. Souza continua a fala) O que vemos aqui dentro, são sombras do que foi o aluno ontem. Isto é artificial, esse aluno quieto, obediente, não existe mais. Muitos de nós, professores, não queremos enxergar. Esses alunos são sombras, projetadas pela luz de uma escola ultrapassada, luz artificial (aponta a luz) que está dentro do passado de cada um de vocês. É de lá de fora que vem o mundo real. O mundo, hoje, é outro. São outros os alunos, são outras as famílias, é outra realidade.

PROF. CARLOS - Mas, como entender e acolher esse aluno tão diferente do que fomos nós?

(Souza e os outros personagens dos projetos anteriores formam um círculo em volta do aluno rebelde, representando a leitura envolvendo e acolhendo os alunos presentes e o aluno rebelde)

SOUZA – Só a leitura. Ela é capaz de descobrir o que há de melhor dentro de cada um. (Fala com o aluno rebelde) – Venha, essa escola sempre vai estar aberta pra você. Nos unimos aqui para receber você sempre. Seja bem vindo ao Carlos Augusto e leve de nós o que temos de melhor. (FELIZ..., 2017).

Chartier (2002, p.61) diz que todo texto é produto da leitura, uma construção do seu leitor. Inventam-se nos textos uma coisa diferente daquilo que era, combinando seus fragmentos e criando o desconhecido no espaço organizado pela capacidade que eles possuem de permitir uma pluralidade indefinida de significações. Na peça criada coletivamente por alunos e professores, a materialização do exercício permitido pelo PCS: questionamentos sobre as “sombras, projetadas pela luz de uma escola ultrapassada”, distante da realidade em “luz artificial”. Ainda que sem respostas mágicas, há ensaios - uma escola aberta a todos, que convida à leitura.

2.8. Tecendo apropriações com Piedade

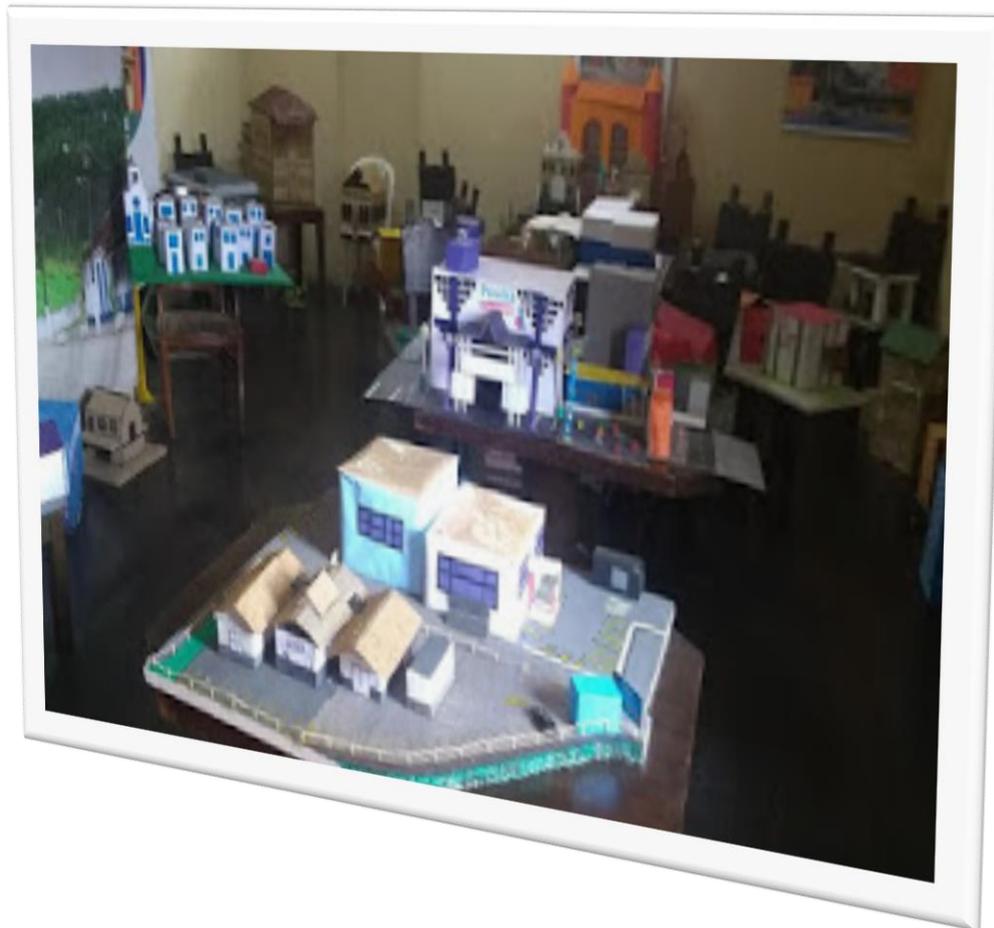
2017. Em *Piedade: nossos caminhos, nossa terra e nossa gente*, duas experiências cruzaram os muros da escola. A primeira através do trabalho dos alunos e professores de Matemática, que estudando cálculos, abstrações matemáticas, medidas e geometria criaram *A cidade de Papel*, reproduzindo espaços públicos, igrejas, portais, escolas, prédios históricos, comerciais e turísticos de Piedade. A instalação migrou da sala de aula para o prédio da Casa da Cultura de Piedade, lá permanecendo pelo período de um mês, no início do ano de 2018. Seguem as representações sobre a cidade instaladas nos dois espaços:

Figura 32 - Instalação: Cidade de Papel na sala de aula



Fonte : Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura 33 - Instalação: Cidade de Papel na Casa da Cultura de Piedade



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

A segunda experiência se deu com a publicação de onze textos de alunos da escola, com fotos e informações sobre seus autores, no Jornal Folha de Piedade, ocupando oito páginas da 565ª edição desse jornal semanal, que circulava em todo município, desde outubro de 2005. O editorial teve como título – *Jovens ensinam governantes: aprendam a ouvir* e abordou a importância do diálogo com todos os segmentos da sociedade, entendendo as sugestões contidas nos textos dos alunos como forma de debater as carências coletivas da população piedadense (FOLHA DE PIEDADE, 2017, p.2). A publicação que tinha como título *A Piedade que eles querem* fez referência à tradição do Projeto no município:

Na semana em que se comemora 177 anos do município, a Folha de Piedade ouviu aqueles que constroem o futuro da cidade. Onze estudantes da escola “Carlos Augusto de Camargo” expuseram sua visão, o que pensam de Piedade. A iniciativa consistiu em parceria entre a instituição de ensino e o jornal e foi parte integrante do tradicional projeto Convulsivo Sinódico. (FOLHA DE PIEDADE, 2017, p.13)

A edição, fruto de uma provocação do jornal à escola pública, implantada no centro urbano, em 1956, instigava que os alunos escrevessem textos, referendando o que pensavam/esperavam de Piedade e que soluções propunham. Desafio aceito pela gestão e professores de Língua Portuguesa, Educação Física, coordenados pelo professor de Geografia.

Foram cerca de vinte dias de discussões, análises e produções textuais, avaliando o município e suas demandas. Os temas foram distribuídos, conforme as aptidões e envolvimento dos alunos com os assuntos.

Aos poucos, foram surgindo diálogos escritos com foco em segmentos diferenciados como economia, educação, segurança pública, comunicação, entre outros, onde os adolescentes externaram descontentamentos sobre a falta de interação entre os mandatários locais e a comunidade, estimulando a coletividade a discutir sobre alternativas que pudessem trazer melhorias ao município. (FOLHA DE PIEDADE, 2017, p.2)

O processo de discussão dos temas e construção da escrita se transformaram numa ação diferenciada, na medida em que os textos seriam lidos pela população e não apenas pelos professores, como cotidianamente acontece na correção restrita aos assuntos da sala de aula. A experiência trouxe a reflexão do professor coordenador dos trabalhos, também veiculada pelo jornal:

Essa é uma experiência que agrega muito ao trabalho docente. Ela dinamiza e amplia a perspectiva do aluno pensar a realidade. A partir daí, ela ganha preparo para avançar no que diz respeito ao pensamento crítico em escalas e processos globais, comenta o professor Paulo Victor. Esse pode ser um importante instrumento para conferir a autonomia necessária à tomada de decisões. (FOLHA DE PIEDADE, 2017, p.13).

Também entrevistados pelo Jornal Folha de Piedade, o alunos do ensino médio da Escola “Carlos Augusto”, manifestaram-se sobre o exercício realizado:

Foi muito legal fazer parte disso. Nós temos opinião sobre a cidade em que moramos, seus pontos positivos e aqueles que precisam melhorar. (Ellen Cristina, 1ª série). Faz falta o pessoal querer nos ouvir. Todos sem exceção devem ter voz para expressar o que pensam e ajudar a desenvolver Piedade (Beatriz, 3ª série). Escrevi sobre algo que, na verdade é a nossa realidade diária. (Carolina, 3ª série). (FOLHA DE PIEDADE, 2017, p.13).

A publicação dos textos gerou expectativa, compromisso e protagonismo dos alunos e professores engajados com propósitos de interlocuções definidas e configuradas para produção e publicação de opiniões e ideias para o futuro de Piedade, de forma escrita.

Através de um trabalho mútuo de cooperação, entre professores/alunos da “Carlos Augusto” e o jornal local, pôde-se tornar concreta uma experiência, na dimensão da provocação de Barbero (2014, p.140): “ou a escola sai do seu campo estreito e se arrisca no labirinto urbano, ou vai ser impossível que se comunique com a cidade”.

Arriscando-se em labirintos, por meio do uso didático da imprensa, através da cooperação e trabalho coletivo, uma rede de relações foi sendo tecida e estreitada para tratar de um local comum, com seus problemas e potencialidades, ultrapassando os muros da escola. Assim é que com a “ênfase na autonomia pedagógica, valorizando as práticas educacionais, abrem possibilidades, combinando saber intelectual e manual, arte e ciência, costumes e racionalidade”. (MARASCA e BOSCHETTI, 2016, p.191)

Os textos lidos pela população piedadense permitiram aos alunos entenderem a força de seu protagonismo no espaço social, onde foi possível exercitar a importância da escrita enquanto instrumental necessário à elaboração do pensamento e manifestação concreta de anseios.

Avançando a escrita desenvolvida nas salas de aula para cumprir tarefas, os alunos ensaiaram pensamentos e argumentações em formas próprias de expressões, trazendo crítica e refletidamente considerações forjadas em vivências e observações.

Num escape da rotina escolar apresentaram o município que queriam viver, escolhendo dentre os temas propostos os que mais lhes interessavam, como colocou a professora de Língua Portuguesa em entrevista ao jornal: “O mais importante foi que distribuímos os temas de acordo com a aptidão de alguns alunos e seu envolvimento com aquele assunto.”. Consideração confirmada por Carolina que no ano passado havia sido vencedora do Concurso de Redação da TV Tem. A aluna havia escolhido o tema da agricultura, por ser a base econômica do município.

Os títulos criados pelo jornal foram apresentados conforme os recortes ora anexados. Em *A Piedade que eles querem* - a possibilidade de opinar, discutir, contribuir e de exercitar o direito de ser cidadão.

No segundo recorte *Jovens ensinam governantes: aprendam a ouvir* - a provocação aos governantes para que se tornassem leitores dos alunos – autores em formas próprias de pensamentos e expressões:

Figura 34 - Publicação: Jornal Folha de Piedade



Fonte: Arquivo da “EE. Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura 35 - Jornal Folha de Piedade: Editorial

2 OPINIÃO

Folha de Piedade

EDITORIAL

Jovens ensinam governantes: aprendam a ouvir

Dialogar com todos os segmentos da sociedade, debater abertamente as carências coletivas antes de tomar decisões e, principalmente, aprender a ouvir. Esses três itens que se complementam e se entrelaçam na essência resumem as sugestões de 11 jovens estudantes piedadenses aos governantes, como forma de encurtar o caminho entre as adversidades enfrentadas pela população e a melhoria da qualidade de vida no município. Mesmo abordando temas tão diferentes como economia, educação, segurança pública e comunicação, entre outros, todos os adolescentes externaram descontentamento com a falta de interação entre os mandatários locais e a comunidade que lhe concede a missão de administrar os recursos gerados pela população. “Faz falta o pessoal querer nos ouvir”, se expressou uma aluna.

Além de abrir espaço para a manifestação dos adolescentes, a parceria entre a Folha de Piedade e a Escola Estadual Carlos Augusto de Camargo revelou uma realidade alentadora, às vésperas das comemorações do 177º aniversário de fundação do município: a juventude piedadense não está alienada. Longe do estereótipo desinformado e alheio às questões sociais, os rapazes e moças que participaram do projeto demonstraram discernimento e interpretação balizada dos fatos. Colocando em prática o colóquio que sugerem aos responsáveis pelas políticas públicas locais, os estudantes não se limitaram a apontar falhas e criticar o que consideraram incorreto. Apresentaram a sua ótica da conjuntura, mas estimularam a coletividades a refletir sobre alternativas.

Apesar de ressaltar a necessidade de adequações e melhorias em vários setores, os jovens foram unânimes na defesa do modo de vida local. A aluna que explanou

sobre o turismo, por exemplo, ressaltou a vocação do município em proporcionar ao visitante as condições ideais para “relaxar a mente”. Segundo ela, “diferentemente de cidades que contam com shoppings, cinemas e grandes lojas, Piedade oferece belezas naturais, cheias de mistérios, e o jeito manso e forte de quem mora no interior”. A afirmação carrega em si um questionamento vital para o futuro: é preciso alterar esse estado de coisas para ter sucesso como destino turístico?

De maneira semelhante, os jovens que comentaram acerca da agricultura não dissimularam suspeitas de que a tão exaltada propulsora da economia local não receba, de fato, a atenção merecida. Eles mostraram que a dedicação e diligência do homem do campo é recompensada com infraestrutura insuficiente. A inversão do cenário, ainda de acordo com os estudantes, poderia começar com iniciativas simples, como palestras, leis para garantir os direitos dos trabalhadores, estímulo ao processo associativo e orçamento público participativo com foco na zona rural.

Na avaliação dos estudantes, a municipalidade é carente em projetos destinados a enfrentar questões básicas para ao aperfeiçoamento dos serviços públicos. Eles reconhecem que a falta de recursos financeiros dificulta a adoção de soluções, mas entendem que áreas como segurança e geração de empregos não podem ficar sujeitas à eventualidade de dias melhores.

Para garantir o mínimo de proteção ao cidadão, os alunos pregam o urgente reforço das estruturas das polícias Civil e Militar, no âmbito do Governo Estadual, e também da Guarda Municipal. A lista de prioridades inclui veículos, armas e equipamentos de qualidade, além

do aumento de rondas em todo o município. O adolescente que comentou sobre a ineficiência do aparato policial citou situações reais e próximas a ele para justificar a importância que atribui à segurança pública: “Tive um primo que morreu assassinado e conheço uma professora que foi assaltada”, testemunhou.

“Será que o governo não vê isso?”, questionou um estudante ao avaliar as dificuldades para se conseguir formação profissional adequada e emprego em Piedade. Segundo ele, têm sorte as pessoas que conseguem colocação, “mesmo que o pagamento não seja grande coisa”. Ainda de acordo com o aluno, é grande o número de pais que não conseguem oferecer o mínimo aos filhos. “Muitas crianças e jovens acabam passando necessidades em suas casas”, relatou. Após discorrer sobre a crise que provoca falências e fechamento de empresas, o aluno opinou que o poder público precisa agir para evitar que a situação piore ainda mais.

Os jovens ainda revelaram preocupação com o destino dos impostos pagos pela população para manter a máquina administrativa funcionando. Um deles se referiu especificamente aos gastos na área da Cultura. Ele entende que os recursos não deveriam ficar restritos, por exemplo, ao custeio de shows. Ele argumenta que o dinheiro deve ser empregado na realização de oficinas que possam desenvolver as potencialidades artísticas locais, enquanto geradoras de trabalho e renda.

O leitor que teve sua atenção despertada pela argumentação dos adolescentes sobre temas tão significativos pode conferir todos os textos no caderno especial desta edição. Quanto ao prefeito, vereadores e demais agentes políticos, que sirva de incentivo ao colóquio.

Fonte: Arquivo da “EE. Prof. Carlos Augusto de Camargo”

A experiência foi transposta para o artigo *A escrita como direito de expressão: exercício didático midiático através do projeto convulsivo sinódico da escola “Carlos Augusto”, de Piedade/ SP*, publicado pela Universidade de Salamanca, na Espanha em virtude da realização do *Congreso Internacional La prensa pedagógica de los profesores*, realizado em outubro de 2018. (BATISTA e BOSCHETTI, 2018).

Figura 36 - Encontro com professores e alunos: 12.07.2019



Fonte: Arquivo pessoal de Felipe Soares da Silva

Figura 37 - Encontro com professores e alunos: 19.07.2019



Fonte: Arquivo pessoal de Felipe Soares da Silva

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (Paul Thompson)

3. DESCOLANDO CAMADAS DA MEMÓRIA EM TRAÇOS CONSTELARES

As constelações, em tempos e espaços diferenciados, sempre estimularam a imaginação humana a traçar linhas que interligadas provocaram/provocam a criação de figuras e narrativas significativas e contextualizadas. Tomando como exemplo a constelação Ursa Maior assim denominada pelos romanos, pode-se abstrair que os gregos a viam como a carroça de Alexandre, os egípcios como um arado, os indianos como os sete *rishis* ou sábios e o mundo contemporâneo como um instrumento prático: o *big dipper*, a grande concha (OTTE; VOLPE, 2000, p.36).

Walter Benjamin (1984, p. 57) estimulado pelas constelações, dizia que “as ideias são constelações intemporais, e na medida em que os elementos são apreendidos como pontos nessas constelações, os fenômenos são ao mesmo tempo divididos e salvos”.

Buscando traçar e interligar linhas imaginárias, esta pesquisa enveredou-se a ouvir estrelas para constituir sua própria constelação. Estrelas que se instalaram no universo de educadores e alunos que vivenciaram/vivenciam o PCS. Professores/alunos-estrelas que gentilmente compartilharam narrativas extraídas de suas próprias experiências.

Ao ouvi-las, em atos de entrelaçamentos/compartilhamentos instalou-se o exercício de desafiar a “[...] subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta” (THOMPSON, 1992, p.197). Verdade oculta relacionada às relações de identidade que poderiam ter sido instituídas entre os atores da Escola “Carlos Augusto” e o PCS. Era preciso analisar com os educadores se a experiência do PCS os teria influenciado, enquanto profissionais e cidadãos e com os alunos se o PCS havia contribuído para o desenvolvimento de suas habilidades, na escolha de suas profissões e na vivência da cidadania.

Recorri, então, à metodologia da história oral, entendida enquanto “[...] interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta de pessoas e do registro de suas lembranças e experiências.” (THOMPSON, 2002, p.9). A escolha ocorreu enquanto forma de análise cruzada, orientada sob a ótica de Paul Thompson (1992, p.305) para quem: “A evidência oral pode ser avaliada, julgada, comparada e citada paralelamente ao material de outras fontes.”.

Fontes outras que foram analisadas durante os primeiros capítulos deste trabalho: planos diretores/gestão, caixas de fotografias, arquivos da escola, de professores, e registros no blog da escola, que se entrecruzaram às narrativas apresentadas. Fez-se necessário buscar

evidências orais, nas vozes dos atores que experienciaram/ experienciam o PCS, contribuições para a tessitura de uma “história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.” (THOMPSON, 1992, p. 137).

3.1 Encontros com as estrelas

Foram realizados dois encontros em Piedade, nos dias 12 e 19 de julho de 2019. Estiveram presentes educadores³⁴ e alunos que atuaram no PCS. No dia 12 foram convidados os que vivenciaram o projeto no período 1993 a 1997 (sendo aqui incluídos alguns que participaram apenas de sua gênese dada à importância do acontecimento) e no segundo encontro, realizado no dia 19, os que o vivenciaram por mais de cinco anos, no período de 1998 a 2019, naturalmente os que foram encontrados. Há que se esclarecer que a partir de 1998 o quadro de educadores que vivenciaram a gênese do PCS se alterou consideravelmente. Daí a divisão em dois encontros para que as narrativas ocorressem de forma mais interativa dentre os participantes.

Os convites aos educadores, cujos nomes foram extraídos dos Planos Diretores/Gestão da Escola foram realizados, inicialmente, via contatos telefônicos, com posteriores encaminhamentos por *whatsapp* ou *facebook* com as respectivas programações e perguntas norteadoras dos encontros. Os alunos participantes foram sendo indicados pelos professores, conforme iam sendo realizados os contatos via telefone. Depois seguiam o mesmo procedimento de contatos e convites.

As duas perguntas condutoras dos encontros visavam extrair narrativas sobre o foco desta pesquisa: o pertencimento/identidade tecidos durante os anos entre o PCS e Escola Carlos Augusto. A primeira se diferenciava para os educadores e alunos. Para os educadores: *o que trouxe tudo o que você viveu no Projeto para sua vida enquanto profissional da educação?* Para os alunos: *o que trouxe tudo o que você viveu no Projeto para sua vida profissional?* A outra pergunta era igual para ambos: *o que o PCS influenciou em sua maneira de ser na vida e na sociedade?*

Thompson (1992, p.257) diz que a entrevista feita com perguntas fechadas, com padrões rigidamente estruturados pode inibir a memória do participante, traduzindo-se em repostas monossilábicas. Por outro lado, numa entrevista livre é preciso muita destreza para que se possa conseguir um bom material. Para ele “[...] a entrevista completamente livre não

³⁴ O termo *educadores* foi utilizado porque alguns participantes exerciam funções diferenciadas como diretor, vice-diretor e coordenador, porém todos eram/ são essencialmente professores.

pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita [...]” (THOMPSON, 1992, p.258).

A programação dos dois encontros promovia inicialmente um espaço temporal para o acolhimento. No primeiro, um momento privilegiado: *Matando saudades*, já que muitos não se viam há anos, e no segundo, um acolhimento para o reencontro no período de férias escolares. Os horários disponibilizados pelos colaboradores foram respeitados e os encontros foram pontuais, durando média de duas horas, depois da recepção.

No primeiro encontro foram convidadas 28 pessoas, das quais 11 não puderam comparecer em função de problemas de saúde, viagens, compromissos pessoais e familiares. No segundo foram convidadas 43 pessoas, das quais 31 não puderam comparecer, em função de compromissos pessoais, familiares e de trabalho.

Os encontros foram organizados com dinâmicas que contaram com projeções de *slides*, destinados aos “auxílios para a memória”, com vídeos, fotografias e sínteses de informações retiradas dos Planos Diretores e de Gestão encontrados na escola. Nas paredes, dois *banners*: um com a síntese dos Projetos realizados e outro com homenagem à Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia de Amorim Soares. As carteiras foram organizadas para roda de conversas.

Os participantes preencheram uma ficha com dados pessoais e autorizaram expressamente em Termo de Consentimento, a gravação em vídeo e áudio para que a transcrição pudesse ser realizada.

Durante a realização da dinâmica, em busca das narrativas, a vivência da premissa de Thompson a respeito do uso de equipamentos (1992, p.264): “A maioria das pessoas, [...] admitirão o uso do gravador com muito pouca ansiedade e rapidamente deixarão de se preocupar diretamente com ele.”. Inicialmente utilizei um microfone acoplado ao computador, para utilização do *google drive* / tradutor de voz, um dispositivo que transformava voz em texto. Todavia o grupo não se sentiu a vontade com a utilização do microfone, que captava as vozes, enviando-as para o computador. Ademais o dispositivo não apresentou bom resultado para coleta de vozes em grupo, eis que necessitava de falas claras e pausadas, com habilidades para utilização do microfone. Imediatamente a ideia inicial foi abolida e substituída por outra forma de registrar o encontro. Dois colaboradores que estavam auxiliando na organização do encontro iniciaram a gravação e filmagem em dois celulares. Atitude, que foi anteriormente consultada e aceita pelos grupos nos dois encontros.

A utilização dos celulares tornou-se praticamente imperceptível, em função da habitualidade de interação com esse tipo de aparelho. Como bem coloca Kenski (2012, p.21) a evolução tecnológica altera comportamentos. Para a autora: “A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social.”.

Nada poderia inibir a pretensão dos encontros: deixar as narrações fluírem, sem interrupções convergindo para o objetivo daqueles momentos: realizar registros sobre as representações dos participantes. Isto é como cada um enxergava suas próprias participações e experiências no PCS e como isso se relacionava com sua maneira de ser enquanto profissional, cidadão e ser humano.

Após a finalização dos encontros todo o material foi disponibilizado em arquivos digitais de som/imagem, cujos conteúdos foram transcritos, de maneira a acompanhar as recomendações de Paul Thompson (1992, p.297): “Ao passar a fala para a forma impressa, o historiador precisa, pois, desenvolver uma nova espécie de habilidade literária que permita que seu texto escrito se mantenha tão fiel, quanto possível, tanto ao caráter quanto ao significado do original.”.

Há que se registrar que alguns convidados que não puderam comparecer presencialmente aos encontros do dia 12 ou 19 de julho, posteriormente enviaram suas contribuições via gravação de áudio, por *whatsapp* e pelo sistema de mensagem do *facebook*. Ainda outros que mesmo presentes aos encontros, quiseram complementar suas narrativas e também as enviaram por *whatsapp*. Todas transcritas.

O pensamento “constelar” de Walter Benjamin inspirou, durante o trabalho de transcrição, que os educadores, alunos e pessoas citadas nas falas dos participantes tivessem cada um, o nome de uma estrela.

3.2 Agrupamentos constelares: estrelas, memórias e representações

Em seu texto “O narrador” (1996, p.201) Benjamin apresentou ensinamentos sobre a força da narrativa e a do narrador que retira da experiência o que ele conta, tanto a sua própria ou a relatada pelos outros, e ao contar incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes.

As narrativas extraídas nos dois encontros realizados para a pesquisa permitiram encontrar relações entre o passado e o presente, em configurações que aproximaram às

experiências vivenciadas pelos professores e alunos da “Carlos Augusto”. Experiências na dimensão de Benjamin que buscou em Baudelaire uma narrativa em tempos modernos, construída em torno de uma qualidade experiencial, mais próxima das vivências. Segundo Mateus (2014, p.5): “É apenas em 1939 que Benjamin encontra o termo para definir a experiência empobrecida da modernidade: Vivência ou experiência vivida (Erlebnis). Em ‘On Some Motifs in Baudelaire’ encontramos a descrição da vivência como traço fundador da experiência moderna.”. (MATEUS, 2014, p.5). Para ele se por um lado o ensaísta alemão, “percepcionou” a vivência enquanto empobrecimento da experiência, por outro lado entendeu que as vivências podem justamente conduzir à experiência. (MATEUS, 2014, p.1).

A experiência vivida nesta pesquisa atrelou-se às visões que fazem sentido na relação com o outro e que dizem respeito a seres humanos voltados à construção comunitária. Experiência que não traduz verdades absolutas, mas de trocas que permanecem abertas oferecendo possibilidades de continuidade. (GALZERANI, 2009,28’25’)

A roda de conversas, moldura espacial dos encontros, permitiu o exercício do olhar num campo aberto de lembranças, que trouxe o convite para falar sobre as experiências vivenciadas coletivamente durante a participação no PCS. Espaço propício às memórias absorvidas pelas narrações que fluíram soltas, orquestradas por impulsos de contar e trazer percepções próprias e coletivas. Narrativas que para fins analíticos foram transformadas em mônadas.

Há que se trazer o conceito de mônada, extraído de Walter Benjamin para quem ela é um objeto arrancado do *continuum* do curso da história e que em suas entranhas participam em escala reduzida forças e interesses históricos. Ela traz em seu interior sua própria história anterior e posterior. (BENJAMIN, 2009, p.517). Petrucci-Rosa (2011, p. 203) diz que a imagem das mônadas utilizada por Walter Benjamin em seus escritos é inspirada na “Monadologia”, de Leibniz, e que “[...] são conceituadas como os elementos das coisas indivisíveis e indissolúveis, substâncias simples e sem partes, que conformam o real em sua totalidade.”. (PETRUCCI-ROSA, 2011, p. 204).

Galzerani (2002, p.62) apud Petrucci Rosa (2011, p. 204) ao referir-se à produção de memórias ou produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin, apresenta as mônadas, enquanto “miniaturas de significados”, “centelhas de sentido, que podem ter a força de um relâmpago”. Partes-todo e não apenas parte de um todo, as mônadas podem ser entendidas como pequenos fragmentos de histórias, que juntos exibem a capacidade de contar

sobre o todo, embora esse todo também possa ser contado por seus fragmentos. (PETRUCCI ROSA, 2011, p. 203).

Na análise dos textos transcritos alguns movimentos foram saltando aos olhos, permitindo agrupamentos de sentidos: desafios, conexões, experiências, envolvimento/pertencimento. Agrupamentos que permitiram trazer ligações “cristalizadas” em tempos e realidades diferenciadas, mas que traziam semelhanças. Observe-se, porém que embora as narrativas tenham sido transformadas em mônadas para fins analíticos, a transcrição total encontra-se no final deste trabalho como apêndice. O cuidado se atentou ao alerta de Paul Thompson (1992, p.293) para as futuras pesquisas que poderão necessitar da transcrição completa. O autor diz que: [...] qualquer seleção que faça, resultará na perda de detalhes que posteriormente podem se mostrar significativos. (THOMPSON, 1992, p.293).

Antes de iniciar a apresentação das mônadas nos agrupamentos já citados, que foram divididos em dois períodos, respectivamente: 1993 a 1997 e 1998 a 2019, há que se referendar, ainda, que embora todos os participantes da pesquisa tivessem tido seus nomes transformados em estrelas, optou-se que o da criadora do PCS, por ter sido constantemente referendado pelos grupos, permanecesse como “Prof.^a Maria Lúcia”, “Dona Maria Lúcia” ou “Maria Lúcia”, como os participantes a chamavam.

3.2.1 Desafios

a) Período: 1993 a 1997

A escola “padece de envelhecimento” na linguagem, conteúdo ensinado e nas práticas educativas. Torna o aluno apto para a sala de aula, mas não para a vida real. (SOARES, 2001, p.23-24). Estimulando desafios, a Proposta Educacional de 1995 da Escola Carlos Augusto era provocativa, em meio a uma transformação cultural emergente na sociedade e incitava reações/ações: “Coletivamente, encontram-se o corpo administrativo e docente diante da pergunta crucial: o que fazer?” (SOARES, 2001, P.28).

Os desafios sobre a criação/instalação do PCS tratados neste grupo se referiram às mudanças de posturas pedagógicas dentro da Escola Carlos Augusto. A voz do diretor *Polar* evidenciou a preocupação da Prof.^a Maria Lúcia com novas formas de vivenciar a escola, que partiam do enfrentamento de fragilidades instaladas na forma ultrapassada de agir, automatizada no pensamento/ação de seus atores em contraposição à necessária abertura para

o entendimento da “consciência de uma transformação cultural emergente na sociedade”. (SOARES, 2001, p.27) :

[...] somos os mesmos de quando eu entrei aqui e de como está até hoje.

Diretor Polar: [...] este projeto nós estávamos sentados conversando e eu falei para Maria Lúcia: “Não vai, este projeto não vai ser. Não vou poder deixar porque nós vamos ter uma série de problemas”. Ela falou: “Não, tem que sair! Nós vamos dar um jeito. Este pessoal está muito ultrapassado. Nós vamos ter uma reunião na semana que vem e você vai pegar o livro de ata – [...] “Vai pegar uma ata de 10 a 15 anos atrás e vai ler como se fosse a última ata que nós tivemos na escola e você vai ver como está ultrapassada. Aí eu vou te convencer que nós temos que fazer este projeto. [...] você vai ver que nós somos os mesmos de quando eu entrei aqui e de como está até hoje. (informação verbal) ³⁵.

No relampejar das memórias de professores/alunos sequenciaram-se entrecruzamentos de vozes com desafios enfrentados por esses atores na gênese e primeiros anos do PCS. Desafios advindos de uma forma diferenciada de pensar a sala de aula, aquela que segundo a Prof.^a Maria Lúcia normalmente apresentava significados únicos que obscureciam a capacidade transformadora da ciência / descoberta através de temas previsíveis, assimiláveis, repetitivos, tediosos e reduzidos. Espaços em que a reprodução substituíu a relação criativa com aulas murchas, angustiantes, normalmente congeladas em programas, currículos e livros didáticos. (SOARES, 2001, p 37).

O movimento de criação do PCS atrelou-se aos desafios enfrentados por seus atores no cotidiano escolar, que imprimiam à escola mudanças de rotinas, fomentando maneiras de agir e pensar na ação educativa, em perspectivas diferenciadas do que se conhecia. Rotinas alteradas pelas mudanças na posição espacial das carteiras, em que os alunos eram convidados a deixar as tradicionais filas para olharem-se frontalmente em pequenos grupos colaboradores, deslocando também o professor do centro da sala de aula. Rotinas também alteradas pelos núcleos temáticos que incitavam os professores a estudar, como lampejou a coordenadora *Canopus* “[...] Ela me deu um livro que eu tinha que estudar as curvas de Jordan ou qualquer coisa com dados e tudo transformado em equações matemáticas que são jogadas no computador. E os fractais também tinham tudo a ver.” (Informação verbal) ³⁶.

Nas abreviadas narrativas dos participantes transbordaram o entusiasmo da gênese do PCS, mas também estranhamentos e desconfortos, como apresentou a professora *Vega*: “Então ela revolucionava todos os segmentos da escola, fazia aquela interação. Por isso os

³⁵ Relato do Diretor *Polar* em entrevista à autora.

³⁶ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

conflitos aconteciam, as pessoas se desentendiam [...]” Informação verbal³⁷. A coragem de empreender o Projeto, liderada pela Prof.^a Maria Lúcia expunha o sistema nevrálgico das representações sobre metodologias e conceitos de educação, por isso os conflitos e desentendimentos, em movimentos “convulsivos”.

Assim como a professora *Vega*, outros atores presentes ao encontro também trouxeram memórias dos desafios presentes nas provocações de mudanças, inversões no pensamento, em que todos eram convocados a convulsionar para mudar, como apresenta a narrativa da professora *Mira*, confusa ao ouvir o apelo: “*Entre na sua sala e convulsione todos os seus alunos!*”.³⁸ Convulsões imersas em questões pedagógicas e estruturais como a escassez de recursos financeiros e compromisso da Escola com a comunidade. Dificuldades que não desconsideraram, porém, sentimentos como “[...] *ver a beleza dentro do caos!*”. (informação verbal)³⁹:

Nunca mais a escola foi a mesma!

Coordenadora Canopus: Eles⁴⁰ queriam que a gente retirasse desse plano diversas palavras [...] inclusive aquela frase “ O que eu penso não sou eu que penso, mas o que os outros pensam”. Eles achavam aquilo um horror [...]

[...] causou estranhamento dentro da escola internamente e em cada um de nós também. Nosso conforto foi ameaçado pelo desconforto [...]. Surgiu com a Escola Padrão. Quando a escola foi transformada em Escola Padrão, nós tínhamos que apresentar o projeto político pedagógico [...] então foi um antes e um depois. Nunca mais a escola foi a mesma! (informação verbal)⁴¹.

[...] quando eles forem ler, não vão acreditar nisto daqui. Nós vamos mexer com essa gente!

Coordenadora Deneb: [...] e a dona Maria Lúcia falava assim: “Põe pelear, peludear, pelear, peludear, eu lembro disso, embriagar-se. Tem que por essa palavra, porque quando eles forem ler, não vão acreditar nisto daqui. Nós vamos mexer com essa gente!”. Frondejar - Gente eu lembro dessas palavras! (informação verbal)⁴².

[...] está linda a sua interpretação, só que está pedagógica e não é isso.

Coordenadora Deneb: Eu me lembro... muito interessante... quando a professora Maria Lúcia, pela primeira vez, fez a proposta desse projeto e era muito pra nossa cabeça porque era muito fora, era algo além, é além até hoje ... Eu me lembro que fiz uma interpretação e ela disse “[...] está linda a sua interpretação, só que está pedagógica e não é isso.”. E isso me marcou muito. (informação verbal)⁴³

³⁷ Relato da professora *Vega* em entrevista à autora

³⁸ Relato da professora *Mira* em entrevista à autora.

³⁹ Relato da aluna *Alniyat*.

⁴⁰ “Eles” neste caso se refere ao grupo técnico da então Delegacia de Ensino, que aprovava os Planos Diretores/ Projetos Políticos Pedagógicos das escolas a ela vinculadas.

⁴¹ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

⁴² Relato da coordenadora *Deneb* em entrevista à autora.

⁴³ Relato da coordenadora *Deneb* em entrevista à autora.

Na desordem há a ordem!

Coordenadora Canopus: Na desordem há a ordem! Ela me deu um livro que eu tinha que estudar. Eu me lembro que nós tínhamos que estudar as curvas de Jordan ou qualquer coisa com dados e isso tudo transformado em equações matemáticas que são jogadas no computador. E os fractais também tinham tudo a ver. Imagine isso em 1994! Hoje os jovens fazem isso com a maior familiaridade no assunto e nós éramos desafiados a buscar. (informação verbal)⁴⁴.

“[...] se ela gosta de branco, dê o preto, se ela gosta do amarelo, dê o azul.”

Professora Mira: “Mas estou com dificuldade de fazer aquele 4º Magistério acordar” E ela me falou uma coisa assim que eu fiquei chocada na hora [...] Ela falou assim: “Qual é o tema do projeto?”. “Convulsivo”, eu disse. “Entre na sua sala e convulsione todos os seus alunos!”. “Mas como, eles não estão aceitando, eu estou dando o papel para cada um e eles não estão aceitando. Essa era a minha angústia naquele momento. E ela disse para mim: “Entre lá e convulsione” [...] “[...]se ela gosta de branco, dê o preto, se ela gosta do amarelo, dê o azul.”. “Faça com que a cabeça dela convulsione.”. (informação verbal)⁴⁵.

[...] os conflitos aconteciam, as pessoas se desentendiam, até as coisas se acertarem ela saía de cena [...]

Professora Vega: Então ela revolucionava todos os segmentos da escola, fazia aquela interação. Por isso os conflitos aconteciam, as pessoas se desentendiam, até as coisas se acertarem ela saía de cena. [...] E a gente começava a entender o quanto é importante trabalhar em equipe. O quanto é importante utilizar o conhecimento que a minha amiga tem e ela o meu conhecimento e a gente juntar as coisas e as coisas acontecerem. (informação verbal)⁴⁶.

E a Maria Lúcia sempre batia em nossa cabeça: “Mudar, mudar, mudar.”

Diretor Polar - E a Maria Lúcia sempre batia em nossa cabeça: “Mudar, mudar, mudar. Vocês não leem uma revista, não veem o que passa no carnaval do Rio de Janeiro! Vamos copiar essas coisas que eles têm como as roupas. Vamos mostrar para o nosso pessoal...”. (informação verbal)⁴⁷

Coordenadora Canopus: Era para conhecer além dos muros. Para a gente chegar ao Rio de Janeiro tinha que descobrir valores de nossa comunidade. (informação verbal)⁴⁸.

[...] outra coisa que não se pode descartar é a questão financeira, que pega muito, na verba da escola.

Professora Atria: outra coisa que não se pode descartar é a questão financeira, que pega muito, na verba da escola. Aí a criatividade tem que ser bastante acirrada mesmo porque senão não consegue fazer nada. (informação verbal)⁴⁹

Professora Sirius: A questão de verba nós não temos. Estes últimos anos, cada grupo, cada professor, cada oficina, a gente se vira para poder arrumar o dinheiro. (informação verbal)⁵⁰.

⁴⁴ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

⁴⁵ Relato da professora *Mira* em entrevista à autora.

⁴⁶ Relato da professora *Vega* em entrevista à autora.

⁴⁷ Relato do diretor *Polar* em entrevista à autora.

⁴⁸ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

⁴⁹ Relato da professora *Atria* em entrevista à autora.

⁵⁰ Relato da professora *Sirius* em entrevista à autora. A participante atuou enquanto professora no primeiro e segundo período do PCS estabelecidos pela pesquisa, sendo que atualmente é vice-diretora.

[...] ela nos incitava a vermos as paredes descascadas como feridas, como varizes. [...] E eu trouxe de uma forma que eu nunca imaginei que seria tão importante na minha vida até hoje ... que é [...] ver a beleza dentro do caos!

Aluna Alniyat: [...] ela nos incitava a vermos as paredes descascadas como feridas, como varizes. Ela provocava e a gente ainda era criança na época [...] “O que ela tá querendo dizer? Que feridas são essas? Que cicatrizes são essas? Que varizes são essas?”. E daí ela fazia a gente pintar as partes das paredes que estavam descascadas e ela...: “Tá vendo isto aqui, isto aqui é uma cicatriz, isto aqui é uma ferida aberta!” Ou seja: as varizes eram aquelas rachaduras não é? As feridas eram as partes que estavam expostas, os tijolos expostos das paredes que... caíram os rebocos ... enfim. Então a gente pintava aquilo. E eu trouxe de uma forma que eu nunca imaginei que seria tão importante na minha vida até hoje ... que é você ver a beleza dentro do caos! (informação verbal)⁵¹

As mônadas arrancadas das narrativas apresentaram partes de um todo, fruto da valentia da criação do PCS na Escola “Carlos Augusto”, com “convulsões” geradas entre as representações dos papéis de professores e alunos. Criação que também proporcionou o desafio de sua própria continuidade.

b) Período: 1998 – 2019

Cabe referendar que os desafios desse período não podem se restringir a um espaço de aprendizagem insular, deslocado de um contexto mais amplo que conforme elucida Kenski (2012) numa referência ao colapso do socialismo e o início da era tecnológica, já no início dos anos 90, trouxe ao mundo a crescente hegemonia do pensamento neoliberal. Movimento acompanhado pela evolução de novos conceitos do mundo do trabalho, como qualidade, produtividade, terceirização, reengenharia, introdução de novas tecnologias, em detrimento do agravamento da exclusão social. (KENSKI, 2012, p.18).

Exclusão que vem clamando por um novo quadro de responsabilidade social, apontado por Baldim e Albuquerque, contexto que adquire pertinência frente às desigualdades sociais e novas dinâmicas de exclusão, causas/consequências da desagregação dos mecanismos tradicionais de integração e da participação social. (BALDIN e ALBUQUERQUE, 2012, p.247).

As abordagens apresentadas pelos participantes no período de 1998-2019: “[...] tempo descontínuo constituído de ‘agoras’, que se produzem como tensão por meio da qual o passado se manifesta no presente em imagens dialéticas” (SCHLESENER, p.90) trouxeram o PCS em outros desafios resultantes desse tempo que se expressava sob novas formas.

⁵¹ Relato da aluna *Alniyat* em entrevista à autora.

A vice- diretora *Sirius* atuou nos dois encontros da pesquisa, já que está na escola desde 1997 e observou diferenças existentes na participação dos dois grupos. Iniciando pelo primeiro grupo, a educadora disse que: “*Eles vieram em peso, tanto é que não tinha nem lugar mais e eles muito animados. E é aí quando a gente percebe que a escola realmente é diferente.*”. (informação verbal)⁵². A educadora se referia ao número reduzido de participantes do segundo encontro. Em sua observação o prenuncio de novos desafios do PCS, em outras formas de conexões e integrações, que também foram contemporizadas pela coordenadora *Becrux*, num chamamento ao tempo presente: “*Nós devemos enxergar o aluno que nós temos e não as sombras do que existe.*”. Ainda: “*Podemos tentar fazer com que eles queiram fazer... Eles só têm que saber que podem fazer!*”. (informação verbal)⁵³.
Micronarrativas extraídas da transcrição do segundo encontro realizado:

[...] a gente percebe que a escola realmente é diferente. Hoje é outra escola, a gente que está lá há muito tempo vai percebendo essa mudança.

Vice-diretora Sirius: Quem esteve aqui na semana passada? Foi uma diferença bastante grande não é? Achei muito interessante o entusiasmo do pessoal que estava aqui, que foram os primeiros e pela própria participação. Eles vieram em peso, tanto é que não tinha nem lugar mais e eles muito animados. E é aí quando a gente percebe que a escola realmente é diferente. Hoje é outra escola, a gente que está lá há muito tempo vai percebendo essa mudança. A gente vê pelo próprio comportamento. (informação verbal)⁵⁴.

Nós devemos enxergar o aluno que nós temos e não as sombras do que existe.

Coordenadora Becrux :Às vezes a gente teima em enxergar uma realidade que não é a que existe. [...] A gente acaba querendo que o aluno seja aquele aluno que nós fomos e isso não é mais assim. Não é verdade? Nós devemos enxergar o aluno que nós temos e não as sombras do que existe. Então às vezes a gente peca por isso, eu acho. Não trazer o aluno para dentro da escola, a gente quer trazer uma escola interior para dentro de um aluno. E essas coisas não se encaixam porque dele é a nossa sociedade e nós temos que aprender a enxergar. É diferente. Então às vezes a gente fica meio cego querendo bater numa coisa que não existe. Eu acho isso. (informação verbal)⁵⁵.

Podemos tentar fazer com que eles queiram fazer... Eles só têm que saber que podem fazer!

Coordenadora Becrux: Mas são valores diferentes. Eles não valorizam isso mesmo, como a gente valoriza. Veja a novela, por exemplo, que a moça tem que ter quantos milhares de seguidores! Eles não valorizam nada disso. Então são outros os valores, eles já nasceram assim. É claro que eles... “Ah, eu sou gamer...”. “Eu quero ser designer de não sei o que...”. A gente fala: “Mas que legal!”. Mas... para nós está faltando, é uma coisa que não nos interessa, da mesma forma que para eles [...] [...] Podemos tentar fazer com que eles queiram fazer... Eles só têm que saber que podem fazer! (informação verbal)⁵⁶.

⁵² Relato da vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora.

⁵³ Relato da coordenadora *Becrux* em entrevista à autora.

⁵⁴ Relato da vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora.

⁵⁵ Relato da coordenadora *Becrux* em entrevista à autora.

⁵⁶ Relato da coordenadora *Becrux* em entrevista à autora.

Os desafios das educadoras para a continuidade do PCS, além da conexão constante com o caráter contínuo de avaliação dos alunos, fruto do compromisso assumido pelo Estado brasileiro pela universalidade, obrigatoriedade e gratuidade do ensino básico são vivificados cotidianamente em questões de ordem social, pedagógica e financeira presentes no espaço escolar, como a violência; a dificuldade de fazer o aluno ler e dificuldades financeiras que continuam as mesmas. As educadoras fizeram alusão aos recursos para o desenvolvimento de projetos autônomos dentro da Escola, que antes existiam e atualmente praticamente não existem como coloca a vice-diretora *Sirius*: “*Chegamos a ter cinco mil reais na época para fazermos o projeto. E hoje não tem nada.*” (informação verbal) ⁵⁷:

Nós temos a questão da violência [...]

Vice – diretora Sirius: Inclusive quando vocês falam: “Nós tínhamos uma semana...”. Eu peguei uma semana de apresentação inteira ainda e, hoje, basicamente, nós apresentamos em apenas um dia. Nós temos a questão da violência, questões muito complicadas que temos na escola hoje que não permitem mais abrir uma sala até às onze horas da noite, como fazíamos três, quatro dias seguidos. Hoje não dá [...] (informação verbal)⁵⁸.

E a dificuldade de fazer o aluno ler continua a mesma.

*Vice Diretora Sirius: Tem o tema gerado, nós temos a obra literária.
Professora Atria: E a dificuldade de fazer o aluno ler continua a mesma.
Professora Sirius: Não só o aluno. Não só o aluno [...]
Professora Acrab : Os alunos dizem : “Eu não gosto de ler” . Eu digo: “a todo o momento você lê”.
Você abre o celular: “plim” - é mensagem que chegou e você está lendo ali. Aí o aluno diz: “Eu sou leitor, mas não sou leitor de literatura”. (informação verbal)⁵⁹.*

[..] antes nós tínhamos verba. Chegamos a ter cinco mil reais na época para fazermos o projeto. E hoje não tem nada.

Vice- diretora Sirius: Você mostrou as pedras e realmente as pedras são muito grandes hoje e para permear tudo isso não é fácil. A gente que leva o projeto e vai até o final encontra bastante dificuldades , mas a gente faz . Faz o que pode e olhe que antes nós tínhamos verba. Chegamos a ter cinco mil reais na época para fazermos o projeto. E hoje não tem nada. (informação verbal) ⁶⁰.

Os desafios atuais da educação, segundo Enguita (2014, p.14) são muitos em face da realidade que expressa enorme dívida social e necessita de atuação “agressiva” para atender as demandas locais e exigências internacionais em curto prazo. O autor elucida que um conjunto de políticas nacionais/ estaduais busca o aumento de matrícula, além da permanência e êxito dos alunos. Esse movimento faz com que as relações de poder, organização e gestão do

⁵⁷ Relato da vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora.

⁵⁸ Relato da vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora.

⁵⁹ Relato da vice-diretora *Sirius* e professoras *Atria* e *Acrab* em entrevista à autora.

⁶⁰ Relato da vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora.

sistema educacional e trabalho pedagógico das escolas sejam afetados. (ENGUITA, 2014, p.14).

As considerações de Enguita (2014) estiveram presentes na narrativa da professora *Alnitak* preocupada em intercalar o PCS com o conteúdo e com as provas⁶¹, que são constantemente realizadas para analisar resultados produzidos pela Escola:

[...] e as provas que vêm, a gente se atropela um pouco.

Professora Alnitak: [...] toda vez que a gente vai fazer o Projeto é aquela convulsão [...] aquela preocupação: “O que nós vamos fazer para terminar [...]?” Todo mundo fica nervoso... e cadê o material? E o resultado depois quando a gente vê as crianças que cantam [...] as apresentações, os teatros. E a gente muitas vezes não consegue trabalhar no cotidiano porque fica preso ao currículo, ao conteúdo, preocupados em como vencer... e as provas que vem, a gente se atropela um pouco. E no final, quando você vê o final do Projeto é uma sensação muito boa. (informação verbal) ⁶².

Os desafios apresentados demonstraram as dificuldades para a criação / continuidade do PCS, que surpreende por se manter vivo por tanto tempo na escola, todavia em constante metamorfose, mantendo viva a essência da proposta inicial da Prof.^a Maria Lúcia sobre uma escola diferente e significativa, capaz de realizar transformações por/em seus atores. Proposta que se tangenciou na voz da coordenadora *Alfirk*, que atua nessa função desde 2008.

O que permanece é a essência, que é aquela proposta da Prof.^a Maria Lúcia de que a gente pudesse viver uma escola diferente [...]

Coordenadora Alfirk: O primeiro grande questionamento que vem é como um projeto se manteve tanto tempo na escola? E aí, como a gente já conversou várias vezes, o projeto ele não é o mesmo. Ele vai, ele vem se modificando a cada ano e ele é diferente. O que permanece é a essência, que é aquela proposta da Prof.^a Maria Lúcia de que a gente pudesse viver uma escola diferente, que nós

⁶¹ A Secretaria da Educação de São Paulo, assim como todos os estados brasileiros, possui um sistema de avaliação que visa auxiliar na promoção/manutenção de programas da educação paulista. Para verificar o andamento desse processo aplica avaliações que verificam o nível de aprendizado dos alunos e os pontos de dificuldade apresentados por eles. O sistema de avaliação compreende: 1. Avaliação de Aprendizagem em Processo - AAP: exame aplicado duas vezes ao longo do ano letivo para alunos a partir do 2º ano do ensino fundamental até o ensino médio. Os resultados são utilizados para produzir orientações aos educadores e desenvolver ações que atuem nas dificuldades dos alunos. Para tanto as escolas recebem manuais desenvolvidos por especialistas com sugestões de trabalho. 2. Sistema de Avaliação e Rendimento escolar do Estado de São Paulo- SARESP: avaliação realizada com os alunos do 3º, 5º, 7º e 9º anos do ensino fundamental os da 3ª série do ensino médio, por meio de questões de Língua Portuguesa e Matemática. Os resultados orientam ações da Secretaria e integram o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo - IDESP. 3. Outras avaliações: os alunos da rede estadual realizam também exames que compõem o Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB :promovido pelo Ministério da Educação que objetiva traçar um panorama de educação básica no país. Compõe esse sistema de avaliação: a Prova Brasil, pela Avaliação Nacional da Educação Básica - ANEB e Avaliação Nacional de Alfabetização - ANA: Os resultados das provas, aliados a outros dados compõem o Índice de desenvolvimento da educação básica – IDEB. Disponível em < <https://www.educacao.sp.gov.br/avaliacoes>>. Acesso em 23 set.2019.

⁶² Relato da professora *Alnitak* em entrevista à autora.

*podéssemos oferecer algo diferente para os nossos alunos. Isso é a busca de sempre não é? Todos os anos eu vejo isso. (informação verbal)*⁶³

A coordenadora *Alfirk* apontou a transformação do Projeto, dizendo que “[...] não é o mesmo”, assim como a vice-diretora *Sirius* mencionou que as “[...] pedras são muito grandes [...]”. Nos fragmentos das educadoras estiveram presentes, de forma subliminar, os embates internos do Projeto. Embates que, enquanto atora, pude presenciar nas resistências de sua continuidade. Resistências que se traduziam na não leitura da obra literária (escolhida em consenso com o grupo na reunião de Planejamento, no início do ano) e na não realização das ações necessárias para que os movimentos convulsivos e sinódicos acontecessem. Mobilizações que se projetaram/projetam expressamente nas reuniões pedagógicas, sala de professores, sala de aulas, ou em processos silenciosos, como o de simplesmente “ignorar” o movimento.

3.2.2 Conexões

a) Período 1993 – 1997

Soares (2001, p.134) ao refletir sobre a cotidianidade, alude ao mundo da instrumentalidade, com respostas funcionais e mecânicas às situações vivenciadas rotineiramente em movimentos instintivos, sem o exercício do pensamento. Alerta, entretanto, sobre a necessidade de superação desse encadeamento maquinal sugerindo o trabalho criador, a arte e a ciência como forma de suspender a vida cotidiana (HELLER, 1991 apud SOARES, 2001, p.134).

Nas narrativas dos atores presentes ao encontro saltaram fragmentos conectados ao exercício de pensar/agir para “romper com a monotonia do cotidiano da vida escolar que pesa como um rochedo.” (SOARES, 2001, p. 137). Espaços e tempos de reflexão/ação sobre o instituído na instituição escolar através do currículo e metodologias convencionais. Nas narrativas presentes, possibilidades de viver a escola com conexões suspensivas da cotidianidade:

Era a teoria do caos explicada através da matemática e dos gráficos provocados pelas equações.

Coordenadora Canopus: Era a teoria do caos explicada através da matemática e dos gráficos provocados pelas equações. [...] E acabava transformando em figuras dinâmicas com profundidade.

⁶³ Relato da coordenadora *Alfirk* em entrevista à autora.

Aí vem a história das ondas, as ondas que quando as borboletas batiam as asas lá no Oriente, lá na China, não sei ... provocava o furacão. Na desordem há ordem, essa era a palavra chave. Muito bom. Era um crescimento fantástico! (informação verbal)⁶⁴.

Não entendiam como é que todas as disciplinas conseguiam trabalhar com um mesmo tema. Como é que essa base teórica servia para todas as disciplinas.

Professora Vega: E cada coisa que a gente vivencia parece que não ter a envergadura do Projeto Convulsivo Sinódico, dada a sua complexidade técnica, sua complexidade relacional. A gente tinha uma insegurança, digamos com relação à metodologia, a gente não sabia... Nós tínhamos um prazo para entregar. [...] Uma vez a gente fez uma excursão para explicar esse projeto em outros lugares e eles não entendiam a envergadura desse projeto. Não entendiam como é que todas as disciplinas conseguiam trabalhar com um mesmo tema. Como é que essa base teórica servia para todas as disciplinas. (informação verbal)⁶⁵

As conexões traziam formas interdisciplinares de observar/analisar/compreender a escola por meio de trabalho integrado, que buscava a identidade:

A irrigação oriunda dos campos da expressão oral, corporal e pictórica sugere a necessidade de um trabalho pedagógico integrado pelo tratamento teórico metodológico. É buscando identidade quanto à visão de mundo, quando ao modo de observar, de analisar e de compreender criticamente a realidade que se chega à interdisciplinaridade. (SOARES, 2001, p.109)

Nas miniaturas de sentido, a materialidade da concepção da autora se fizeram presentes nas frações narrativas das coordenadoras *Canopus*, *Deneb* e *Alkes* ao trazerem o exercício interdisciplinar e a busca de identidade na maneira de analisar e compreender criticamente a realidade:

[...] nós não queríamos que as disciplinas fossem apenas puxando a caixinha só com aquela gavetinha. As disciplinas deveriam ser integradas [...]

Coordenadora Canopus: Nós juntávamos grupos, daí vem a multidisciplinaridade, a trans e depois para chegar na ação completa porque nós não queríamos que as disciplinas fossem apenas puxando a caixinha só com aquela gavetinha. As disciplinas deveriam ser integradas e esse era o grande objetivo - a integração de uma escola como um todo: escola/comunidade, escola/grupo, escola/gestão, professores, a parte pedagógica, todo mundo envolvido num único objetivo. (informação verbal)⁶⁶.

[...] a informação está aí à disposição, mas o que vai fazer com isso, o que vai mudar dentro de você, o que vai mudar na sociedade?

Coordenadora Deneb: Se você conceber a escola como meramente um local pra dar informação, já está superada há muito tempo porque o google já ganhou faz tempo. Então, naquela época a professora Maria Lúcia já propunha algo diferente. "Olha, a informação está aí à disposição, mas o

⁶⁴ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

⁶⁵ Relato da professora *Vega* em entrevista à autora.

⁶⁶ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

que vai fazer com isso, o que vai mudar dentro de você, o que vai mudar na sociedade? Como você vai carregar essa informação, o que vai fazer dela?”. (informação verbal)⁶⁷.

[...] o Projeto alterou o meu olhar para interagir com outras áreas do conhecimento, provocando assim outras leituras que poderiam passar sem percepção.

Coordenadora Alkes: [...] como coordenadora pedagógica, onde pude ter uma outra visão do Projeto, uma abrangência das outras áreas do conhecimento, conectando-se e interligando-se entre si. Enquanto gestora o Projeto alterou o meu olhar para interagir com outras áreas do conhecimento, provocando assim outras leituras que poderiam passar sem percepção. (informação verbal)⁶⁸.

A postura pedagógica adotada pela Escola “Carlos Augusto” era sociointeracionista, de Vygotsky e de seus compatriotas Luri e Leontiev. Dentro das justificativas para a adoção dessa postura no Plano Diretor (1993, p.34) havia a referência do educando como um ser ativo, atento, que constantemente criasse hipóteses sobre seu ambiente, numa construção do real mediada pelo interpessoal antes de ser internalizada. Relações também presentes com relação à arte, capazes de estabelecer um novo olhar propiciado pela educação dos sentidos.

Vygotsky compreendia que a “[...] possibilidade de ser humano se encontra na arte ou produção expressiva e que a experiência – ampliada pela imaginação – se materializa num produto. O produto criado extrapola o autor, vai adiante, assim criando uma imensa necessidade de atuar.” (SOARES, 2001, p.120). Atuações esparramadas nas conexões vivenciadas por professores e alunos, através de textos-mônadas que fazem pensar, em sínteses atemporais:

É a relação com a arte que ela propunha.

Professora Vega: É a relação com a arte que ela propunha. Segundo Nietzsche a arte é capaz de transformar o feio em belo. Aquelas imagens que você nos colocou no ppt nos mostram bem isso – aquilo que se mostrava deteriorado nos trazia uma realidade de transformação, que primeiramente era arte, e depois a volta, o retorno à realidade para transformar tudo aquilo que a gente vivia no dia a dia. (informação verbal)⁶⁹.

E de uma mancha no teto ele transformava numa arte maravilhosa, como se fosse um jogo de videogame [...]

Professora Vega: A gente tem aqui o aluno Altair que teve uma participação inesquecível no Projeto Convulsivo Sinódico, demonstrando seu talento, toda sua criatividade, sua forma de ver o mundo. E de uma mancha no teto ele transformava numa arte maravilhosa como se fosse um jogo de videogame que naquela época não era tão comum, e agora até ultrapassado em alguns

⁶⁷ Relato da coordenadora *Deneb* em entrevista à autora.

⁶⁸ Relato do professor *Alkes* em entrevista à autora.

⁶⁹ Relato da professora *Vega* em entrevista à autora.

aspectos, mas o Altair já teve essa imagem, essa virtualidade, algo assim importante para a gente lembrar também. (informação verbal)⁷⁰.

A coordenadora *Canopus* apresentou um mote forte na criação e desenvolvimento do PCS ao dizer que “[...] *Na desordem há a ordem [...]*” (informação verbal)⁷¹. A “desordem” apontada pela coordenadora, extraída de estudos sobre a Teoria do Caos, se reverberou durante as primeiras repetições do Projeto, sendo alvo de críticas de educadores, alunos e da então Delegacia de Ensino de Votorantim, que não compreendiam a intensidade da experiência que era vivenciada e a nova “ordem” que nascia do movimento, como bem observou a professora *Vega*: “[...] *aquilo que se mostrava deteriorado nos trazia uma realidade de transformação, que primeiramente era arte, e depois a volta, o retorno à realidade para transformar tudo aquilo que a gente vivia no dia a dia.*” (informação verbal).⁷².

b) Período 1998 – 2019

Magalhães (2004, p.139) disse que o instituído é o referente fundamental da mudança e da apropriação, já que é condição e fator de enfrentamento entre as expectativas dos sujeitos e o tradicional. Esse nível de interpretação e de racionalidade resulta de uma “[...] relação dialética entre as expectativas dos sujeitos, circunstâncias materiais e perspectivas de mobilização e de evolução, e o instituído, que os protocolos de mudança e os níveis de mobilização se definem, aferem, legitimam e projetam.” (MAGALHÃES, 2004, p.139).

O PCS teve sua gênese forjada no Projeto Pedagógico da Escola, tecido em 1993, através de substancial movimento democrático que contou com a participação da gestão, coordenação pedagógica, professores, alunos, e comunidade.

Gallego e Silva (2019, p. 20) ao analisarem o projeto pedagógico e a autonomia na escola, em texto destinado à formação de diretores pela REDEFOR (Rede São Paulo de Formação Docente) informaram que:

[...] ainda estamos construindo os caminhos da autonomia da escola. O projeto pedagógico tem sido trabalhado como uma possibilidade desde a década de 1990, o que é recente. Ainda não temos uma noção mais precisa dos seus efeitos reais sobre as escolas, na verdade, estamos ensaiando experiências, certos de que elas darão bons frutos. E isso se coloca não apenas para a rede pública estadual de São Paulo.

⁷⁰ Relato da professora *Vega* em entrevista à autora.

⁷¹ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

⁷² Relato da professora *Vega* em entrevista à autora.

Coloca-se também nas mais diversas regiões do Brasil e do mundo. A essa altura, valeria a pena conhecermos outras experiências.

Nos caminhos da autonomia das instituições educativas, há muito a ser trilhado pelas escolas públicas com relação à criação e desenvolvimento de projetos próprios, a fim de que os mesmos sobrevivam. A continuidade das criações internas se dá, em geral, em transformações incessantes no sentido de gerar conexões para atender ao que “é posto”, conforme esboça nas entrelinhas a coordenadora Alfirk, ao se referir ao PCS que:

“[...] foi se modificando para que a gente pudesse responder aquilo que é posto, aquilo que está posto: o currículo, o projeto de leitura, o desenvolvimento das competências, o desenvolvimento das habilidades e toda essa movimentação que nós fomos fazendo para que o projeto então conseguisse sobreviver diante de tantas transformações.” (informação verbal)⁷³.

Dentro da Proposta Pedagógica (PP) da Escola “Carlos Augusto”, ao longo dos anos, observou-se, conforme já abordado, o hiato temporal de 1998 a 2004, onde não se encontrou nenhum registro que ligasse o PCS ao PP da Escola “Carlos Augusto”. De 2005 a 2010 foram encontradas apenas singelas referências. Somente no Plano de Gestão do quadriênio 2014/2017 houve sua reintegração.

Um dos fatores que contribuíram para essa reintegração foi a conexão realizada pela equipe pedagógica da Escola com um documento expedido pela Secretaria da Educação, denominado Matriz de Avaliação Processual (2016, p.10), que tratava sobre as habilidades socioemocionais ou afetivas/sociais que buscavam o desenvolvimento integral dos alunos, conforme já exposto. Nas mônadas selecionadas com os fragmentos das educadoras *Alfirk*, *Hadar* e *Alnitak* observaram-se registros dessa e de outras conexões do PCS com iniciativas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, como as *disciplinas eletivas* contidas na Escola Integral e no trabalho com projetos:

[...] o Projeto foi se modificando para que a gente pudesse responder aquilo que é posto, aquilo que está posto: o currículo, o projeto de leitura, o desenvolvimento das competências, o desenvolvimento das habilidades [...]

Coordenadora Alfirk: O que a gente sente também é que o Projeto foi se modificando para que a gente pudesse responder aquilo que é posto, aquilo que está posto: o currículo, o projeto de leitura, o desenvolvimento das competências, o desenvolvimento das habilidades e toda essa movimentação que nós fomos fazendo para que o projeto então conseguisse sobreviver diante de tantas transformações. Até nem tantas transformações na ação, mas dentro das novas nomenclaturas, aquilo que vem de novidade, que a gente sabe que não é tão novo assim, mas que tem um novo nome. Então por exemplo, lá em 2014, se não me engano nós recebemos aquele material que é Matriz de Avaliação Processual e lá estava escancarada a importância do desenvolvimento das habilidades

⁷³ Relato da coordenadora *Alfirk* em entrevista à autora.

socioemocionais, que é o aluno saber conviver em grupo, saber ouvir o colega, conseguir manifestar aquilo que ele entendeu ou aquela dúvida que ele tem de uma maneira clara, que ele pudesse conviver dentro do grupo. Então, saber fazer pesquisa. Todas essas habilidades são desenvolvidas dentro do Projeto, não é? (informação verbal)⁷⁴.

[...] o que é na verdade a disciplina eletiva⁷⁵ na Escola Integral? É o que a gente sempre fez dentro do Projeto Convulsivo Sinódico.

Professora Hadar: Vou falar sobre a disciplina eletiva e fazer um comparativo. Eu estou dentro da Escola Integral [...] o que é na verdade a disciplina eletiva na Escola Integral? É o que a gente sempre fez dentro do Projeto Convulsivo Sinódico. A eletiva é a apresentação de um projeto para o aluno, porque daí ele vai eleger qual o projeto que ele quer participar durante o ano; que é o que a gente sempre fazia no todo do projeto. Escolhe-se um tema, dentro daquele tema cada um de nós fala o trabalho que vai desenvolver. [...] O aluno vai olhar todo conteúdo que vai ser trabalhado e ver com o qual se identifica. E o que é praticado o tempo todo, dentro do projeto é o protagonismo juvenil porque é dentro do projeto que o aluno aprende a fazer pesquisa, vê o que se identifica e dentro daquilo que ele se identifica, ele vai se sentir útil, ele vai se sentir importante. (informação verbal)⁷⁶.

E o trabalho com projeto volta com tudo [...]

Professora Alnitak: A Maria Lúcia era uma pessoa muito visionária não é? Eu tive aula com ela em 80, 81. Não sei se vocês também tiveram. E ela já, em 80, 81 tentava influenciar a gente nessa libertação da escola, entre professor/aluno. [...]. E o trabalho com projeto volta com tudo. (informação verbal)⁷⁷.

As propostas da Secretaria da Educação elegeram o protagonismo dos alunos, dentro de uma vivência que não contemplasse somente disciplinas estanques com olhares compartimentados. Em meio a uma política de avaliações crescentes, veio/vem se incorporando a preocupação com a compreensão do outro, que deve ser visto como ser humano de complexidade, num mundo em que o próprio sistema capitalista não consegue dar conta de tantos conflitos. Conflitos que explodem em geral na escola pública, centro de diversidades sociais.

Soares e Nogueira (2012, p.130) ao buscarem maneiras criadoras para o exercício no cotidiano escolar, observaram a compreensão do ato educativo como um processo que remete a inter-relações e consolidação de um novo olhar que propicia a educação de sentidos, logo a educação estética. Segundo Vasques (1999, p.143) a redução dos dados sensíveis é tão grande, dada a automação perceptiva, que quase desaparecem do comportamento cotidiano

⁷⁴ Relato da coordenadora *Alfirk* em entrevista à autora.

⁷⁵ A disciplina eletiva faz parte da Escola de Tempo Integral. “Na matriz curricular, os alunos têm orientação de estudos, preparação para o mundo do trabalho e auxílio na elaboração de um projeto de vida. Além das disciplinas obrigatórias, eles contam também com disciplinas eletivas, que são escolhidas de acordo com seu objetivo”. Disponível em < <https://www.educacao.sp.gov.br/escola-tempo-integral>>. Acesso em 15 set.2019

⁷⁶ Relato da professora *Hadar* em entrevista à autora.

⁷⁷ Relato da professora *Alnitak* em entrevista à autora.

“[...] nas coisas que nos rodeiam e que utilizamos [...]”. Numa alegoria, o autor traz a metáfora de Sklovsky: “Quem vive no litoral acostuma-se tanto com o murmúrio das ondas que nem sequer as ouve.” (VASQUES, 1999, p.143).

Fayga Ostrower (1998, p.25) ao refletir “para que serve a arte” e “qual a sua utilidade prática” diz que a arte não é um luxo e que existem outras metas e motivações determinando o fazer humano do que não as meramente utilitaristas. Motivações que se centram nas potencialidades criativas e nas qualidades que fazem do homem um ser humano tais como a consciência sensível e inteligente, a consciência no sentido moral, o senso de responsabilidade, a imaginação e seu poder de simbolização e associação livre. Some-se a isso a permanente busca de significados maiores como a capacidade de empatia, amizade, de real amor e de generosidade.

A arte esteve presente no PCS desde sua gênese, através da educação estética, oferecendo possibilidades de aproximação e compreensão do outro em meio a diferenças e desigualdades sociais, vivenciando através da ficção, as próprias realidades de alunos e também de educadores, na dimensão de Antônio Candido (1992, p.112) para quem: “[...] assim como todos sonham às noites, ninguém é capaz de ficar mais do que vinte e quatro horas sem se entregar ao universo fabulado” (p.112). Nem que isso seja por alguns momentos. Desde um simples caso, anedota, canção popular, enfim variações que vão do popular ou erudito, o homem precisa da ficção. Refletindo com o autor, BATISTA (1993, p.72) ao escrever “Pra que ensinar literatura pra quem carrega saco nas costas?” inferiu que:

[...] se é de nossa natureza, viver o universo fabulado, podemos enriquecê-lo, com as obras literárias, e formar pessoas mais humanas, conectadas à sociedade em que vivem, sabendo porque “*carregam saco nas costas*”. Seguindo o raciocínio do famoso crítico literário, se ninguém pode passar mais do que vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura passa a ser uma necessidade universal, portanto um direito. Em sua analogia, se não há possibilidade de haver equilíbrio psíquico sem o sonho, durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura.

Seguem fragmentos, “partes do todo” em práticas desenvolvidas durante o Projeto. Momentos de “suspensão do cotidiano” e de vivências estéticas, por meio da leitura literária:

[...] às vezes quem começou com a ideia, como a Sirius, nem reconhece aquilo que aconteceu [...] Cada um vai pondo um pouquinho de si.

Coordenadora Becrux: [...] a conversa é toda coletiva porque a ideia de inserir O Mágico de Oz começou com a Sirius naquele final. Não é Sirius? A ideia de inserção do Mágico de Oz nos personagens foi dela. A gente passa para a criação do texto. Eles fazem a maquiagem, o outro projeta... então é muito... É muito legal que cada um vai fazer uma parte e às vezes quem começou

com a ideia, como a Sirius, nem reconhece aquilo que aconteceu. Não é? Cada um vai pondo um pouquinho de si. (informação verbal)⁷⁸.

[...] tive que apresentar para os professores o que tinha em “É isto um homem?” de matemática, o que tinha nele de português [...]

Professor Arcturo: E a gente tem mesmo essa ligação com a literatura [...] Em 2015, por exemplo, fiquei muito feliz porque eu tinha dado a ideia do livro. Era um livro que pra mim era muito significativo, que é “É isto um homem?”, do Primo Levi. Eu gostava daquilo ali porque me acrescentava humanamente ler aquela obra. Um dos primeiros livros que eu chorei mesmo. Então tinha sentido pra mim, na minha trajetória e formação. Agora eu cheguei no “Carlos Augusto” e tive que apresentar para os professores o que tinha no “É isto um homem?” de matemática, o que tinha nele de português, o que tinha nele de ciências, o que tinha nele de química. (informação verbal)⁷⁹.

Eu lembro que o Projeto centrado na literatura foi o que mais se aproximou do que eu tinha visto na universidade sobre a escola, que é muito diferente.

Professor Arcturo: Eu lembro que o Projeto centrado na literatura foi o que mais se aproximou do que eu tinha visto na universidade sobre a escola, que é muito diferente. Vim lá da UNESP, em que a gente sonhava com um modelo de escola. [...] Acho que foi essa coisa da aresta, que é a brecha no sistema, na coisa rígida, na coisa travada, na coisa conteudista [...] (informação verbal)⁸⁰.

[...] a obra literária é uma alegoria para o desenvolvimento do projeto e eu acho isso fantástico e acredito nisso também.

Coordenadora Alfirk: Naquele momento, com aquele objetivo em comum que na verdade é a temática do projeto, é aquela obra literária que você bem coloca que não é dura, é uma alegoria a obra literária é uma alegoria para o desenvolvimento do projeto e eu acho isso fantástico e acredito nisso também. É aquela participação e envolvimento dos professores. (informação verbal)⁸¹.

3.2.3 Experiências

a) Período 1993 – 1997

Walter Benjamin (1998, p.114) em *Experiência e Pobreza* apresentou a parábola de um velho, que em seus últimos momentos revelou aos seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Depois de sua morte, os filhos cavaram exaustivamente, porém não descobriram qualquer vestígio do ouro mencionado por seu pai. Ao cavar, porém trabalharam muito e as vinhas produziram mais do que em qualquer outra na região. Através das próprias experiências, decifraram então o mistério apresentado na narrativa e sabedoria de seu pai: o tesouro era a própria experiência contida no trabalho.

⁷⁸ Relato da coordenadora *Becrux* em entrevista à autora.

⁷⁹ Relato do professor *Arcturo* em entrevista à autora.

⁸⁰ Relato do professor *Arcturo* em entrevista à autora.

⁸¹ Relato da coordenadora *Alfirk* em entrevista à autora.

A narrativa trouxe o poder da experiência, as relações que ela proporciona e os conhecimentos que dela advém. Entretanto num caminho adverso, o autor apontou que vivemos a pobreza dessa experiência, cada vez mais subtraída das pessoas através da técnica. Isso se sobrepõe a ela, numa frenética condução pela velocidade que a impele a partir, começar algo novo e a contentar-se a construir com pouco.

Frenesi também presente na escola pública onde tudo é velocidade, recomeço e inovação. Efemeridades que praticamente anulam vivências e experiências de seus protagonistas através do tempo. Aligeiramentos e fragmentações que dificultam o amadurecimento do conhecimento, das práticas e também relações humanas, pois para uma relação ser significativa é preciso “curtir”, estar perto, falar, perceber o outro, ouvi-lo, criticá-lo, admirá-lo.

Galzerani (1999, p.100) ao se referir ao interior das salas de aulas, disse que as práticas escolares são fundadas em ritos maquínicos, onde o “novo” não tem lugar e a regra é a reprodução de “verdades” já prontas que separam professores e alunos com relação aos objetos de aprendizagens. Nesse espaço o conhecimento se torna “[...] um produto mecânico, fruto de uma subdivisão taylorista de tarefas, desinteressantes, insignificantes.”. (GALZERANI 1999, p.100).

Soares (2001, p.147) ensaiou mudanças para “mudar a escola, de dentro para fora”. Propunha abrir espaços para discussões/reflexões a fim de sair de práticas antigas e embrutecedoras para conquistar “a palavra, a ideia, com os alunos, através dos alunos”. Palavras e ideias sempre em transformações por meio de ações e experiências. Fragmentos presentes na memória de educadores e alunos:

O momento inicial, em que nós não sabíamos, fomos aprendendo, fomos construindo.

Coordenadora Canopus: O momento inicial, em que nós não sabíamos, fomos aprendendo, fomos construindo. Depois teve o momento em que foi a zona de transição e hoje um novo olhar com novos problemas, com novas questões. Mas tudo é a parte dinâmica da vida, então o projeto também tem todo esse dinamismo. (informação verbal)⁸²

[...] aquele aluno que não vai tão bem no banco escolar, fazendo exercícios é uma companhia maravilhosa em determinados momentos da execução do projeto.

Professora Vega: Eu entendo que para sala de aula, dentro da escola, o Projeto é muito representativo porque além do estudo teórico, daquele estudo em sala de aula, a gente desenvolve uma parte mais humana das relações interpessoais. Então você entende que aquele aluno que não vai tão bem no banco escolar, fazendo exercícios é uma companhia maravilhosa em determinados momentos da execução do projeto. Essa parte faz você se humanizar com os talentos que não

⁸² Relato da coordenadora Canopus em entrevista à autora.

*reconhece no dia a dia, e assim se aproximar de forma mais amorosa, mais carinhosa – um diálogo mais afetivo com o seu aluno. (informação verbal)*⁸³.

É o tal do currículo oculto. Eu já ensinei a fazer cinto de crochê, já ensinei medir sala [...]

*Professora Sirius: É o tal do currículo oculto. Eu já ensinei a fazer cinto de crochê, já ensinei medir sala, [...]. E nesse período eu pego os alunos, quando trabalhamos em oficina, a gente ensina muita coisa pra eles que eles não.... Uma vez eu deixei os alunos medirem a sala tudo errado, fui deixando, fui deixando. “Meça pra mim, eu preciso tanto de tnt... vai lá, pega a trena”. Alguns não sabiam fazer a leitura do centímetro, milímetro, polegada. Entendiam tudo errado. Daí vão aprender, vão medir, ver altura, a área, enfim. É o tal do currículo oculto que a gente trabalha nesses dias, nesse período. É bem interessante. (informação verbal)*⁸⁴.

[...] Eu peguei uma época de muita criatividade desses alunos, quando nós não tínhamos toda essa tecnologia nas mãos.

*Professora Sirius: Ao longo dos vinte e três anos que eu estou lá, nós tivemos uma mudança de postura muito grande dos alunos. Quando vocês falam em criatividade, eu peguei uma época de muita criatividade desses alunos, quando nós não tínhamos toda essa tecnologia nas mãos. Eles faziam trabalhos maravilhosos. A gente montava as salas, lindíssimas. Hoje, eu percebo assim um enfraquecimento dessa criatividade. Eu não sei se um enfraquecimento ou uma preguiça, sendo que aluno mais antigo, de doze, quinze, vinte anos atrás, eu achava que colocava mais a mão na massa, ele tinha mais recursos. (informação verbal)*⁸⁵.

Nessas semanas eu sentia mais vontade de aprender.

*Aluno Altair: [...] talvez essa coisa da convulsão fosse algo que nós alunos... talvez a gente já tivesse. Eu não sei te explicar em palavras. Eu não sei se era só eu, mas eu sentia isso sabe. Nessas semanas eu sentia mais vontade de aprender. Eu sempre gostei da escola, mas a formalidade da escola sempre me... então essa parte do Projeto era a que mais eu esperava no ano. (informação verbal)*⁸⁶.

Como aluna da época a gente ia feliz para escola. Tinha muitas coisas para fazer.

*Aluna Menkent : Como aluna da época a gente ia feliz para escola. Tinha muitas coisas para fazer. Tinha sapatilha pra pintar e era o nosso jeito. Não tinha uma regra definida pra isso. Era a teoria do caos! Ligávamos a música do “Vagner”⁸⁷ na sala e vai - pinta. E era gostoso. A gente também tinha que sair da zona de conforto da gente porque tinha muita coisa pra resolver, para decidir. Tinha que chamar os alunos para participar do desfile. A gente que tinha que ir lá e chamar. E aquela vergonha e timidez... (informação verbal)*⁸⁸.

Eu ficava no camarim montando e executando toda a trilha sonora do desfile. Eu fazia a trilha de acordo com o estilo de roupa que estava sendo apresentada.

Aluna Alathfar: No Projeto das Fractais aprendemos a música Cavalgadas das Valquírias, de Richard Vagner, houve um desfile de modas onde minha mãe fez parte das roupas. Eu ficava no

⁸³ Relato da professora Vega em entrevista à autora.

⁸⁴ Relato da professora Sirius em entrevista à autora.

⁸⁵ Relato da professora Sirius em entrevista à autora.

⁸⁶ Relato do aluno Altair em entrevista à autora.

⁸⁷ A música a que a então aluna, participante do Projeto, e hoje professora se referia era *Cavalgada das Valquírias* de Richard Wagner.

⁸⁸ Relato da aluna Menkent em entrevista à autora.

*camarim montando e executando toda a trilha sonora do desfile. Eu fazia a trilha de acordo com o estilo de roupa que estava sendo apresentada. (informação verbal)*⁸⁹.

O PCS foi se instituindo por meio das experiências realizadas por professores e alunos, na busca de metodologias e conhecimentos significativos a serem oferecidos pela Escola, em oportunidades de encontros, entrelaçamento de alteridades, diversidades e pertencimento. A busca de “tesouros” conduziu o PCS à prática do “cavar”, numa escola que, dentre tantas “padece de envelhecimento” e deve ser atacada no “âmago de sua necrose” (SOARES, 2001, p.23). No ato de “cavar” os educadores trouxeram, nos encontros realizados, seus suores como os apresentados pela coordenadora *Canopus*: “*O momento inicial em que nós não sabíamos, fomos aprendendo, fomos construindo [...]*” (informação verbal)⁹⁰; pela professora e vice-diretora *Sirius*: “[...] *eu deixei os alunos medirem a sala tudo errado, fui deixando, fui deixando. ‘Meça para mim, eu preciso tanto de tnt...vai lá, pega a trena.’ Alguns não sabiam fazer a leitura do centímetro, milímetro, polegada.*” (informação verbal)⁹¹.

Os alunos, em contrapartida, apresentaram indícios dos tesouros encontrados, na forma de participar e sentir a experiência desenvolvida: Aluno *Altair* (atualmente artista plástico): “*Eu não sei se era só eu, mas eu sentia isso sabe. Nessas semanas eu sentia mais vontade de aprender. Eu sempre gostei da escola, mas a formalidade da escola sempre me... então essa parte do Projeto era a que mais eu esperava no ano.*” (informação verbal)⁹²; Aluna *Menkent* (atualmente professora de Pré-escola e Ensino Fundamental I): “*Tinha sapatilha pra pintar e era o nosso jeito. Não tinha uma regra definida para isso. Era a teoria do caos! Ligávamos a música do ‘Vagner’ na sala e vai – pinta.*” (informação verbal)⁹³; Aluna *Alathfar* (violinista, maestrina de coral e professora de Arte): “*Eu ficava no camarim montando e executando toda a trilha sonora do desfile. Eu fazia a trilha de acordo com o estilo de roupa que estava sendo apresentada.*” (informação verbal)⁹⁴.

b) Período 1998 – 2019

A desordem aparente do PCS, orquestrada pelas alterações de rotinas dentro da escola para montagem do Projeto propiciou críticas e resistências dentro e fora da instituição escolar.

⁸⁹ Relato da aluna *Alathfar* em entrevista à autora.

⁹⁰ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

⁹¹ Relato da professora e vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora.

⁹² Relato do aluno *Altair* em entrevista à autora.

⁹³ Relato da aluna *Menkent* em entrevista à autora.

⁹⁴ Aluna *Alathfar* em entrevista à autora.

Se por um lado contava com o apoio de parte de seus atores, por outro lado convivía com a relutância de outros.

O nome “Convulsivo” era provocativo e instigava/instiga resistências, tanto dos órgãos a que a “Carlos Augusto” se subordinava/subordina, como também de professores, alunos e comunidade escolar que não concordavam com o movimento do PCS. Resistências que, não raro, entendiam/entendem o Projeto como uma bagunça generalizada e sem aprendizagem.

Os fragmentos retirados das narrativas, frutos das memórias dos educadores e alunos participantes da pesquisa trouxeram, entretanto, experiências que relataram a relação constante com a aprendizagem, bem como as convergências/fusões dos conhecimentos em formas interdisciplinares, que propunham romper com o caráter estanque das disciplinas, numa forma diferente de se relacionar com a aprendizagem. Interdisciplinaridade que permitia/permite na dimensão de Pombo (2004, p. 13) aberturas para a capacidade de procurar mecanismos comuns em estruturas profundas e articular o que aparentemente não era articulável, dentro do gosto pela colaboração / cooperação do trabalho em comum, com interesse por aquilo que o outro tinha para dizer. Movimento corajoso de partilhar domínios dos saberes, abandonando o conforto de linguagens técnicas para aventurar-se num domínio que é de todos.

A “bagunça” anunciada do PCS se atrelava/atrela ao movimento de resistência interno e externo à Escola. Interno porque viver o Projeto em criação/ação era/é “mais uma coisa pra fazer”, somada às atribuições inerentes ao cargo dos professores, além de projetos e programas dos órgãos aos quais a escola estava/está atrelada. Externo porque a Escola atrelava/atrela sua “autonomia” a partir do cumprimento de exigências externas. Em minha vivência quase militante em defesa do PCS, ouvi das mais diferenciadas formas o questionamento: *Por que inventar mais coisas pra Escola? É só cumprir o que tem que ser feito!* Cumprimento que significava atentar-se às tarefas pré-determinadas, sem possibilidades de criar a identidade da instituição e de seus atores.

Nas miniaturas das narrativas dos alunos, entretanto, estava o lado avesso do apelo das resistências. A aluna *Aladfar* (maestrina de coral e professora de Música) confessou: “[...] nunca fui uma criança muito leitora e com minha vivência com as aulas da *Becrux*, através do Projeto, eu tinha vontade de ler todos os livros [...] além do projeto a gente tinha provas, a gente tinha metas a serem realizadas com o livro, não era só apresentar.” (informação

verbal)⁹⁵. *Aladfar* desenvolveu seu letramento, ao mesmo tempo em que não se distanciou de seu próprio projeto de vida – a música: “*O que será que ela vai dar para eu cantar este ano?*” “*O que será que ela vai dar para eu cantar este ano?*” (informação verbal)⁹⁶. O aluno/professor *Antares* (professor de Inglês) e a aluna *Electra* (professora de Matemática) desenvolveram habilidades da escrita: “*Eu escrevi todo o texto do teatro. Aí em 2005, já formado eu voltei para ajudar.*” (informação verbal)⁹⁷. E a aluna *Electra*: “[...] *A gente reescreveu a história de Romeu e Julieta e fez a nossa peça [...]*” (informação verbal)⁹⁸:

E depois disso eu ficava esperando porque eu nunca fui uma criança muito leitora e com minha vivência com as aulas da Becrux , através do Projeto, eu tinha vontade de ler todos os livros.

Aluna Aladfar: E depois disso eu ficava esperando porque eu nunca fui uma criança muito leitora e com minha vivência com as aulas da Becrux, através do Projeto, eu tinha vontade de ler todos os livros. “O que será que ela vai dar para eu cantar este ano?” “O que será que ela vai dar para eu cantar este ano?”. Só que eu tinha que ler o livro, tinha que interagir como aluna porque além do projeto a gente tinha provas, a gente tinha metas a serem realizadas com o livro, não era só apresentar. E era legal você fazer uma coisa que você entendia a história. Então eu li todos os livros para poder fazer, e era muito legal. (informação verbal)⁹⁹.

[...] Romeu e Julieta não morreram, casaram e tiveram um filho, o Hamlet , que era um depressivo, um hemo [...]

Professor Antares: Eu escrevi todo texto do teatro. Aí em 2005, já formado eu voltei só para ajudar. [...] falei : “bom vou fazer o texto do Shakespeare” . A gente teve a ideia boba de fazer que Romeu e Julieta não morreram, casaram e tiveram um filho, o Hamlet, que era um depressivo, um hemo. Na época estava na moda ser hemo , lembram os hemos ? (informação verbal)¹⁰⁰.

[...] era o que a gente fazia, a gente apertava arame, a gente apertava... fazia as coisas bonitas ... fazia as coisas...

Professor Antares: E o tempo inteiro, naquele ano do La Mancha, a gente fez muita coisa de improviso: cenário, texto, roupa, montagem. Era tudo assim, de última hora a gente pensava. E até hoje, depois de 15 anos toda vez que eu faço, o que a gente chama de gambiarra, eu falo: “Oh, a semana Sinódica que influenciou nossa vida aqui!” O tempo todo. Eu dou aula lá em Votorantim hoje. Na festa junina que teve agora antes das férias tivemos que armar uma tenda lá e eu peguei um arame, uma faca, uma tesoura e disse: “Dá aqui que eu ajeito!”. E apertando... A Girtab que estava lá comigo e ela falou: “Viu, todos aqueles anos de Semana Sinódica estão valendo a pena!”. Por que era o que a gente fazia, a gente apertava arame, a gente apertava... fazia as coisas bonitas ... fazia as coisas. (informação verbal)¹⁰¹.

⁹⁵ Relato da aluna *Aladfar* em entrevista à autora.

⁹⁶ Relato da aluna *Aladfar* em entrevista à autora.

⁹⁷ Relato do aluno/professor *Antares* em entrevista à autora.

⁹⁸ Relato da aluna *Electra* em entrevista à autora.

⁹⁹ Relato da aluna *Aladfar* em entrevista à autora.

¹⁰⁰ Relato do professor *Antares* em entrevista à autora.

¹⁰¹ Relato do aluno *Antares* em entrevista à autora.

A gente reescreveu a história de Romeu e Julieta e fez a nossa peça [...]

Aluna Electra: Eu pude participar, pude ser protagonista de uma história, de vivenciar, não só na parte do teatro, mas na confecção de cenário, do figurino [...] A gente reescreveu a história de Romeu e Julieta e fez a nossa peça [...] O aluno precisa ter um espaço para participar, para fazer acontecer. [...] Eu vi porque foi a maneira que aconteceu comigo e isso desperta! Até aquele momento, nem eu conhecia o potencial que existia dentro de mim [...]. (informação verbal) ¹⁰².

Conduzida pela memória da professora *Hadar* pude acompanhar e reviver o complexo processo de organização teórica que também exercitei durante as experiências do PCS. No fragmento extraído, a capacidade de síntese da professora sobre esse processo: “[...] *you tem que pegar aquele tema, estudar porque dentro da gente também acontece a convulsão. Pegar o tema, colocar dentro de você, ficar pensando em como você vai desenvolver aquilo com o aluno, organizar e depois que está organizado, levar o trabalho durante ano letivo*”. (informação verbal) ¹⁰³. *Hadar* mostrou também outra preocupação inerente ainda hoje na Semana Sinódica, no momento de realizar a integração com a comunidade: “*Como isso ia ser apresentado para as outras pessoas, que não tiveram, junto com eles, a vivência ali dentro da sala de aula?*” (informação verbal).¹⁰⁴. Na memória da vice-diretora *Sirius*, todo dinamismo que o Projeto apresentava, transformado nas mais diversas formas de habilidades: “*É com alicate, com enforca gato, já arrastamos bambu por esta cidade inteira, fomos de jeep catar bambu em tudo quanto é canto. Tudo isso nós já fizemos.*” (informação verbal)¹⁰⁵:

Tinha que resumir aquilo em algo que ao mesmo tempo fosse visualmente bonito, interessante na hora de se explicar e que gerasse interesse nas pessoas [...]

Professora Hadar: E aí durante o ano letivo trabalhar para que no final do ano tivesse a apresentação do produto final. Como isso ia ser apresentado para as outras pessoas, que não tiveram, junto com eles, a vivência ali dentro da sala de aula? Aí essa parte da instalação eu aprendi muito sobre como transformar o que a gente desenvolveu dentro da sala de aula durante o ano inteiro, em uma sala para ser apresentada para outras pessoas. Não podia ser uma coisa muito longa porque senão o pessoal perdia a concentração. Tinha que resumir aquilo em algo que ao mesmo tempo fosse visualmente bonito, interessante na hora de se explicar e que gerasse interesse nas pessoas que visitassem aquele ambiente para saber mais sobre o assunto que você desenvolveu. (informação verbal) ¹⁰⁶.

[...] a Deneb Algedi tinha o direcionamento dela, e eu tinha o meu direcionamento e a gente juntava tudo.

Professora Hadar: E aí o que aconteceu, tinha uns que não queriam montar o corpo humano com as

¹⁰² Relato da aluna *Electra* em entrevista à autora.

¹⁰³ Relato da professora *Hadar* em entrevista à autora.

¹⁰⁴ Relato da professora *Hadar* em entrevista à autora

¹⁰⁵ Relato da vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora

¹⁰⁶ Relato da professora *Hadar* em entrevista à autora.

proporções... Eles fizeram com o gesso, tudo certinho e quando o negócio ficou pronto o boneco ficou muito feio. Eles olharam a sala e disseram: “Professora nós não vamos enfiar esse boneco dentro da sala”. E eu disse: “Mas vocês vão perder todo esse gesso?” Aí eles falaram: “Vamos mandar para a sala dos horrores”, que tinha lá a sala. Eles confeccionaram e mandaram para outra sala que falava das experiências genéticas da guerra. Eles falaram: “Professora não foi perdido o trabalho de uma semana não!”. Mas era muito interessante porque a gente desmembrava os grupos e cada um de nós trabalhava de acordo com a clientela que tinha. O grupo da Deneb Dulfim era muito bom nessa parte da informática, a Deneb Algedi tinha o direcionamento dela, e eu tinha o meu direcionamento e a gente juntava tudo. E o que não dava certo, a gente...

Vice-diretora Sirius: Mandava para a sala dos horrores! (informação verbal) ¹⁰⁷.

É com alicate, com enforca gato, já arrastamos bambu por esta cidade inteira, fomos de jeep catar bambu em tudo quanto é canto.

Vice- diretora Sirius: “Há vinte e poucos anos estou fazendo isso...”. É com alicate, com enforca gato, já arrastamos bambu por esta cidade inteira, fomos de jeep catar bambu em tudo quanto é canto. Tudo isso nós já fizemos. Então eu acho que o aluno antes, não sei se porque ele não tinha tanto acesso ... e hoje tem, ele tinha muita criatividade, muita coisa material e hoje eu vejo um pouco isso se perder. Antes os alunos lidavam mais com os alicates e arames do que hoje. (informação verbal) ¹⁰⁸.

[..] você tem que pegar aquele tema, estudar porque dentro da gente também acontece a convulsão. Pegar o tema, colocar dentro de você, ficar pensando em como vai desenvolver aquilo com o aluno [...]

Professora Hadar: Então, tem a parte pedagógica que você realiza dentro da sala de aula com o aluno, que é a parte do trabalho interdisciplinar, que independente do tema, você tem que pegar aquele tema, estudar porque dentro da gente também acontece a convulsão. Pegar o tema, colocar dentro de você, ficar pensando em como você vai desenvolver aquilo com o aluno, organizar e depois que está organizado, levar o trabalho durante ano letivo. (informação verbal) ¹⁰⁹.

As experiências vivenciadas dentro do PCS transpõem conhecimentos em tempos não lineares aos professores da instituição e aos que chegam à escola, nas reuniões de planejamento, que ocorrem no início do ano e de replanejamento, no meio do ano.

Nessas reuniões, bem como em ATPCs (Aulas de trabalho pedagógico coletivo) que ocorrem semanalmente com os professores são desenvolvidos exercícios de metalinguagem que permitem reflexões/planejamentos de ações por meio do material produzido, em especial nas representações através de fotografias.

Por meio desses registros, torna-se possível a visualização de Projetos anteriormente vividos, com as possibilidades de síntese que a fotografia produz. Sínteses que possibilitam diálogos e integrações entre os professores, conforme contribuiu a Coordenadora *Alfirk*:

¹⁰⁷ Relato da professora *Hadar* em entrevista à autora.

¹⁰⁸ Relato da vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora.

¹⁰⁹ Relato da professora *Hadar* em entrevista à autora.

Todas aquelas fotografias começam a fazer sentido! Não uma realidade vivida algum tempo atrás, mas aquela realidade construída naquele momento.

Coordenadora Alfirk: [...] quando nós vamos mostrar o Projeto para os novos professores isso geralmente acontece através das fotografias. [...] No momento em que a gente mostra as fotografias, os mais antigos, que viveram aquele momento de alguma forma, começam a reviver os momentos através das fotografias. Então começa a fazer sentido. Todas aquelas fotografias começam a fazer sentido! Não uma realidade vivida algum tempo atrás, mas aquela realidade construída naquele momento. E fica muito vivo, fica muito bom porque nós vamos revivendo o Projeto e contando aquela história, reconstruindo aquela história de uma maneira em que tudo fica muito mais claro e tem significado na questão do desenvolvimento dos alunos, da participação dos alunos, da participação dos professores.

[...] E esse momento que eu considero essencial como coordenadora da escola, aquela criação! É fantástico, porque daí os professores que passaram por aqui, começam a contar para os novos e aquilo toma uma proporção, uma coisa assim fantástica de aprendizado, de criação. É muito bom! (informação verbal) ¹¹⁰.

3.2.4 Envolvimento / Pertencimento

Como já mencionado, duas perguntas nortearam os grupos para extrair narrativas sobre o foco desta pesquisa: o pertencimento/identidade tecidos durante os anos entre o PCS e Escola Carlos Augusto. A primeira pergunta se diferenciava para os educadores e alunos. Para os educadores: *o que trouxe tudo o que você viveu no Projeto para sua vida enquanto profissional da educação?* Para os alunos: *o que trouxe tudo o que você viveu no Projeto para sua vida profissional?* A outra pergunta era igual para ambos: *o que o PCS influenciou em sua maneira de ser na vida e na sociedade?*

Na percepção das respostas dos participantes embutidas nas narrativas foram observadas fusões de sentidos das próprias perguntas. Fusões explicitadas nas inferências do Professor *Arcturo* e da Coordenadora *Becrux*. O primeiro disse que: “[...] *eu misturo as duas respostas. Não consigo pensar o quanto alguém tenha se modificado no sentido de educador e o quanto tenha modificado no sentido de pessoa humana. Eu acho que as duas coisas estão relacionadas e tenho consciência dessa relação.*” (informação verbal) ¹¹¹. A segunda participante, coordenadora *Becrux*, ratificou o pensamento do Professor *Arcturo* dizendo:

Você também falou das perguntas 1 e 2 que se misturam quando falam na influência do projeto enquanto profissional da educação e da influência do projeto na vida e na sociedade. Eu acho que isso aí! Elas se misturam, não tem como... porque a nossa vivência em sociedade, a nossa contribuição para a sociedade é a sala de aula. Então a gente está lá o tempo todo, como profissional da educação

¹¹⁰ Relato da coordenadora *Alfirk* em entrevista à autora.

¹¹¹ Relato da professor *Arcturo* em entrevista à autora.

contribuindo para sociedade. Não tem como não misturar o canal. (informação verbal)¹¹².

Nas narrativas foram observadas evidências do envolvimento/pertencimento dos participantes – atores, por meio de apropriações do que foi por eles experienciado na Escola “Carlos Augusto”, através do PCS. Apropriações encontradas em marcas e vias de subjetivação e de identidade individual, que convergiram em homogeneização de olhares, visões de mundo e formas de representação, intelectão e ação. (MAGALHÃES, 2004, p.167). Segundo Magalhães (2004, p.46) a identidade como metaeducação envolve integração afetiva, intelectual, participativa e seu sentido instituinte a responsabilização e subjetivação. Numa dinâmica mais profunda a instituição educativa tende para uma “pedagogia total”.

Nas análises das transcrições realizadas observou-se que experiências do PCS se refletiram tanto na profissionalização dos seus atores, como em sua formação humana. Relações instaladas numa “forma invisível de alteridade”, conforme ilumina Suely Rolnik (1994, p.161) quando diz que é “impossível pensar a subjetividade sem o outro, já que o outro nos arranca permanentemente de nós mesmos. A dimensão invisível da alteridade é o que extrapola nossa identidade – esta unidade provisória onde nos reconhecemos [...]”. Identidade sempre em devir na relação com o outro.

Período 1993 – 1997

A aluna *Alniyat* (técnica de raios-X) nunca esqueceu as cicatrizes das paredes da Escola “Carlos Augusto” enquanto era aluna do Magistério. Heroína baudelaireana resistiu à perda de suas raízes e a resignar-se aos limites do tempo repetitivo e mecânico (SCHLESENER, 2011, p.183) lembrando-se: “[...] aquela cicatriz foi algo que teve um passado, mas tá ali, só de lembrança!”. (informação verbal)¹¹³. Lembrança que a transportou/transporta a um tempo de pertencimento, longínquo, mas vivo em sua memória. Um tempo significativo.

Tempo significativo também para o diretor *Polar*, que mal podia conter sua emoção ao lembrar-se do envolvimento da comunidade: “[...] tinha que subir numa cadeira, naquele galpão [...] pra falar com o pessoal. Era maravilhoso você ver aquele envolvimento que dava na cidade!” (informação verbal)¹¹⁴. Também para a Professora *Mira* que ainda se perguntava

¹¹² Relato da coordenadora *Becrux* em entrevista à autora.

¹¹³ Relato da aluna *Alniyat* em entrevista à autora

¹¹⁴ Relato do diretor *Polar* em entrevista à autora.

se teria “[...] como fazer diferente (informação verbal)¹¹⁵ e para o aluno *Altair* (artista plástico) ao dizer: “[...] o que eu absorvi do projeto, na minha experiência de vida, foi transformador.” (informação verbal)¹¹⁶. Seguem fragmentos em que professores e alunos apresentaram em fagulhas envolvimento/pertencimentos com o PCS:

E a gente tem que aprender a ver as varizes, as feridas e não levar tudo ao pé da letra sabe?

Aluna Alniyat : E quando eu vejo algo que está fora do nosso padrão... eu olho aquilo e falo : “Não, isto também faz parte daquela semana que eu aprendi muito com a Maria Lúcia...”. [...] E a gente tem que aprender a ver as varizes, as feridas e não levar tudo ao pé da letra sabe. Porque dentro daquela ferida tem algo belo para ser visto, dentro daquelas varizes tem algo belo para ser visto. E naquela cicatriz foi algo que... teve um passado, mas ela tá ali, só de lembrança! Então eu levo isso para minha vida pessoal... pra tudo. Foi muito bonito! (informação verbal) ¹¹⁷.

Projeto Convulsivo Sinódico é uma coisa ... ficou como um rótulo , uma marca registrada [...]

Coordenadora Canopus: Inesquecível... e a gente que passou por outros ambientes escolares, o grupo todo tinha como referência o Carlos Augusto de Camargo. E tanto é que os alunos de outras escolas falavam assim: “Aqui nós precisamos ter um Projeto Convulsivo Sinódico.”. “Não. Projeto Convulsivo Sinódico é uma coisa... ficou como um rótulo, uma marca registrada”, respondíamos. (informação verbal) ¹¹⁸.

Era maravilhoso você ver aquele envolvimento que dava na cidade!

Diretor Polar: Acho que não foi só a escola... A cidade começou ver a situação diferente. A cidade já começou a estudar em cima. Então foi um projeto que teve uma diferença total. [...] conseguia trazer a comunidade. Nós tínhamos uma média de quinhentos alunos, seiscentos alunos, quatrocentos alunos. Cada um trazia da sua família duas ou três pessoas, fora os amigos. Veja , quando se fazia a abertura desse projeto , tinha que subir numa cadeira, naquele galpão que nós tínhamos lá ou temos ainda até hoje pra falar com o pessoal. Era maravilhoso você ver aquele envolvimento que dava na cidade! (informação verbal) ¹¹⁹.

E ele vai se adaptando. Tudo vira um projeto neste sentido. Ele é longo, é significativo , vai se contextualizando , envolvendo mais pessoas, experiências diferentes, olhares diferentes.

Coordenadora Canopus: E ele vai se adaptando. Tudo vira um projeto neste sentido. Ele é longo, é significativo, vai se contextualizando, envolvendo mais pessoas, experiências diferentes, olhares diferentes. Então o projeto pra mim é envolvimento, é aprofundamento, é dar forma corpórea aquilo que a gente realmente sonha. Porque se a gente sempre sonha com a escola que nos queremos “a escola dos nossos sonhos” realmente é uma escola que consegue fazer com que a aprendizagem seja um ato de envolvimento entre todos. [...] quanto mais a gente seduz, quanto mais a gente envolve mais nós aprendemos para o resto da vida. (informação verbal) ¹²⁰.

¹¹⁵ Relato da professora *Mira* em entrevista à autora.

¹¹⁶ Relato do aluno *Altair* em entrevista à autora.

¹¹⁷ Relato da aluna *Alniyat* em entrevista à autora.

¹¹⁸ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

¹¹⁹ Relato do diretor *Polar* em entrevista à autora.

¹²⁰ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

“Será que tem como fazer diferente?”

Professora Mira: Em tudo que se vai fazer você revivencia aquele pensamento, “será que poderia ser diferente?”. Isso é uma coisa que eu carrego da dona Maria Lúcia, uma coisa muito boa da minha vida, e pra tudo penso: “Será que tem como fazer diferente?”. (informação verbal) ¹²¹.

Acho que até eu não conseguia entender bem o intento. Mas o que eu absorvi do projeto, na minha experiência de vida, foi transformador.

Professora Atria: Você acha que os alunos entendiam o projeto ou faziam de conta que entendiam? [...] ¹²².

Aluno Altair: Acho que pouca gente entendia... Acho que até eu não conseguia entender bem o intento. Mas o que eu absorvi do projeto, na minha experiência de vida, foi transformador. ¹²³.

Professora Atria: O Altair é um artista plástico da região, da mídia, na Rede Globo... (informação verbal) ¹²⁴.

[...] foi um trabalho dentro da escola – enriquecedor, muito humano, dinâmico, vivo, ardente, porque as pessoas não se esquecem.

Professora Vega: Então foi um trabalho dentro da escola – enriquecedor, muito humano, dinâmico, vivo, ardente, porque as pessoas não se esquecem. E aí a gente saía da rotina das quatro paredes da sala de aula e conhecia o quanto humano, o quanto rico e experiente era o nosso colega e o nosso aluno. (informação verbal) ¹²⁵.

[...] esse projeto acabou dando impulsos, abrindo a cabeça para que todos nós buscássemos outros horizontes e acabou enriquecendo demais o nosso conceito de vida, o conceito pedagógico, o que é ser professor [...]

Coordenadora Canopus: Foi muito inquietador, muito perturbador, mas eu posso dizer, em termos objetivos que esse projeto acabou dando impulsos, abrindo a cabeça para que todos nós buscássemos outros horizontes e acabou enriquecendo demais o nosso conceito de vida, o conceito pedagógico, o que é ser professor, a forma de transformar o aluno com aprendizagem significativa. (informação verbal) ¹²⁶.

A coordenadora *Canopus* trouxe lembranças das inquietudes e perturbações do PCS, que, enquanto professora também pode experimentar. Movimentações que envolveram/envolvem a determinação de professores e alunos, que se irmanavam/irmanam em energia e esforços, que iam/vão além das garantias normativas institucionais, ultrapassando horários de trabalho, subsidiando gastos com seus próprios salários para transformar o que era/é criado no período Convulsivo e o materializado no Sinódico.

Mobilizações que se desenvolviam/desenvolvem entre as resistências de professores e alunos que não aceitavam e, portanto não participavam do Projeto. Embates que ultrapassaram/ultrapassam os muros da Escola, configurando representações do PCS,

¹²¹ Relato da professora *Mira* em entrevista à autora.

¹²² Relato da professora *Atria* em entrevista à autora.

¹²³ Relato do aluno *Altair* em entrevista à autora.

¹²⁴ Relato da professora *Atria* em entrevista à autora.

¹²⁵ Relato da professora *Vega* em entrevista à autora.

¹²⁶ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

enquanto “bagunça generalizada”, conforme já abordado. Daí o “Convulsivo” ter sido tão combatido interna e externamente. Em outra forma de representação porém, a coordenadora *Canopus* registrou que o PCS: “[...] *acabou dando impulsos, abrindo a cabeça para que todos nós buscássemos outros horizontes e acabou enriquecendo demais o nosso conceito de vida, o conceito pedagógico, o que é ser professor, a forma de transformar o aluno com aprendizagem significativa.*” (informação verbal) ¹²⁷.

b) Período 1998 – 2019

No período de 1998 – 2019 as resistências se intensificaram em outras faces da Escola “Carlos Augusto”, contemporizada por conflitos, entremeados entre a indisciplina, incivilidade e violência, regados a um discurso cada vez mais dominante do fracasso da escola pública, que deixava/deixa à mostra a impotência dos professores e da própria Escola, ensanduichados perante as representações do que foi a escola pública destinada à uma parcela reduzida e privilegiada da sociedade e a que existe hoje: uma escola democrática dirigida à toda a população brasileira com diversidades e alteridades. Um espaço realmente público.

Nesse quadro, o “Convulsivo” tomou outras representações, sendo que a equipe gestora da “Carlos Augusto” chegou a ser “aconselhada” a mudar o nome do Projeto para “Projeto Sinódico” que trazia a metáfora do equilíbrio.

Observe-se, entretanto as memórias de professores e alunos quanto às possibilidades de relações oferecidas pelo Projeto em manifestações sobre envolvimento/pertencimento que ele ofereceu/oferece: aluno *Antares*: “[...] *depois da Semana Sinódica que eu decidi ser professor.*” (informação verbal) ¹²⁸; aluna *Aladfar*: “*E hoje em dia a Aladfar é professora, é maestrina de coral. Tudo o que eu sou hoje eu devo ao Projeto e devo à Becrux.*” (informação verbal) ¹²⁹; professora *Algol*: “*Acho que o Projeto tem essa função de fazer as pessoas se sentirem pertencentes à Escola e de serem felizes.*” (informação verbal)¹³⁰; professor *Arcturo* “*Eles tem às vezes a ideia do projeto de escola, aluno, professor, nota, recuperação, puft, acabou. E aí você vê que o projeto vai muito além. Tem a ver com a história da identificação do município.*” (informação verbal) ¹³¹. Na sequência, “mônadas arrancadas” da transcrição elaborada no período de 1998 a 2019:

¹²⁷ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

¹²⁸ Relato do aluno *Antares* em entrevista à autora.

¹²⁹ Relato da aluna *Aladfar* em entrevista à autora.

¹³⁰ Relato da professora *Algol* em entrevista à autora.

¹³¹ Relato do professor *Arcturo* em entrevista à autora.

[...] depois da Semana Sinódica que eu decidi ser professor.

Aluno e professor Antares: [...] depois da Semana Sinódica que eu decidi ser professor. [...] Eu vou dar aula no “Carlos Augusto” porque foi por causa Projeto que eu decidi ser professor. Eu queria até dar aula de Matemática, Português, no fim acabei indo para o Inglês. Mas foi por causa do Projeto. Não teve outra coisa... A escola para mim era chata, era fazer bagunça, era zoeira. Eu era da turma da zoeira. Quebrava vidro, quebrava torneira. Depois... (informação verbal)¹³².

Tudo o que eu sou hoje eu devo ao Projeto e devo à Becrux.

Aluna Aladfar: Eu morria de medo e a Becrux viu isso em mim. Viu na Aladfar, que eu conseguia. E hoje em dia a Aladfar é professora, é maestrina de coral. Tudo o que eu sou hoje eu devo ao Projeto e devo à Becrux. (informação verbal)¹³³.

Acho que o Projeto tem essa função de fazer as pessoas se sentirem pertencentes à Escola e de serem felizes!

Professora Algol: Eu acho que no Projeto redescobre muitas coisas que a gente não consegue dentro da sala de aula. [...] a gente vive uma pressão na sala de aula e no Projeto a gente vê o aluno que representou uma personagem perfeitamente, a aluna que redescobriu uma intimidade com a música, como a Aladfar falou que tinha aquele medo e de repente começou a cantar. [...] Isso é o redescobrir, o ser feliz. Acho que o Projeto tem essa função de fazer as pessoas se sentirem pertencentes à Escola e de serem felizes. (informação verbal)¹³⁴.

A gente acompanha todos os teatros que foram feitos. Eu penso que o Projeto ajuda a gente a ter uma perspectiva mais, como eu diria... humanizada [...]

Professor Arcturo: A gente brinca com um, brinca com o outro. Um vai ver a sala do outro. É gostoso né! A gente acompanha todos os teatros que foram feitos. Eu penso que o Projeto ajuda a gente a ter uma perspectiva mais, como eu diria... humanizada e no sentido próximo mesmo, de entender que todos fazem parte do “Carlos Augusto”. Eu acho que essa identificação é legal e nas outras escolas não encontrei. (informação verbal)¹³⁵.

É muito além do que fica. Eles tem às vezes a ideia do projeto de escola, aluno, professor, nota, recuperação, puft, acabou. E aí você vê que o projeto vai muito além. Tem a ver com a história da identificação do município.

Professor Arcturo: [...] quando o projeto foi “Piedade: nossos caminhos, nossa terra e nossa gente” a gente trouxe a EXPAP¹³⁶. Havia o livro do Toninho¹³⁷ que eu já tinha lido umas quatro vezes e tinha levado até para ele autografar. Tinha lido também o livro “Rumo ao Porvir¹³⁸, da dona Zoraide. Mesmo assim, fiz uma releitura pra encontrar: “Como eu vou colocar isso para o aluno, como eu o Professor Hamal vamos pensar a EXPAP; o que eles tem que fazer; como a gente a gente vai lá?... Como você falou, aquela coisa que sai da escola e vai além da coisa. [...]. Fomos lá ver a abertura da EXPAP e eles foram lá ver a exposição na escola. É muito além do que fica. Eles tem as vezes a ideia do projeto de escola, aluno, professor, nota, recuperação, puft, acabou. E aí você vê

¹³² Relato do professor Antares em entrevista à autora.

¹³³ Relato da aluna Aladfar em entrevista à autora.

¹³⁴ Relato da professora Algol em entrevista à autora.

¹³⁵ Relato do professor Arcturo em entrevista à autora.

¹³⁶ A Exposição Agrícola de Piedade - EXPAP, é um evento tradicional do município, em que os agricultores mostram seus produtos à comunidade.

¹³⁷ LEITE NETTO, Antônio. História de Piedade, 1987.

¹³⁸ MARTINS, Zoraide. Rumo ao porvir, 2009.

que o projeto vai muito além. Tem a ver com a história da identificação do município. (informação verbal)¹³⁹.

Minha participação mistura como aluno e professor. Se Deus quiser neste ano já vão ser 10 projetos que eu participei.

Professor Antares: Minha participação mistura como aluno e professor. Se Deus quiser neste ano já vão ser dez projetos que eu participei. [...] e a gente fica ali um mês com eles trabalhando direto até chegar a hora da apresentação, aí se definem laços que não se rompem mais! [...] Se eu souber que terei um aluno, que daqui a dez anos, sei lá, que fez qualquer coisa na vida porque trabalhou no projeto que eu estava ali junto. Pronto, valeu! (informação verbal)¹⁴⁰.

Nas mônadas “arrancadas”: a rememoração, que conforme Lowy (2005, p.131), com base em Walter Benjamin tem como tarefa construir constelações para ligar o passado e o presente. Na pretensão de delinear uma constelação - a responsabilidade de articular as vozes de um trabalho coletivo, tão significativo para seus atores. Dentre eles, a coordenadora *Deneb* (2019) que traduziu a experiência como “[...] atemporal porque é sentimento, é memória, é aprendizado [...]”. (informação verbal)¹⁴¹.

3.3 Educação estética e respeito às alteridades

Em outubro de 1996, alunos das 3^{as} séries do ensino fundamental de duas escolas da zona rural de Piedade, respectivamente – a EEPG. “Prof.^a Maria Thereza do Espírito Santo” – Bairro Godinhos e a EEPG. “Prof.^a Leonor Oliveira Martins” – Bairro dos Leites estiveram envolvidos no projeto de leitura inspirado em *Um chá na casa de dona Lalá*, de autoria de Lúcia Hiratuka. A leitura literária estimulou a criação de receitas de biscoitos, bolos e doces para a realização de dois chás, em cada uma das escolas envolvidas, onde também os alunos aprenderiam como sentarem-se a mesa utilizando-se de pratos e talheres. O projeto permitiu o envolvimento das comunidades, num intercâmbio de aproximação entre as escolas, com distância espacial em torno de 35 km, através de ação coletiva interdisciplinar. A ação ocorreu inicialmente com a troca de cartas entre os alunos (Língua Portuguesa); aquisição dos produtos e quantificação dos ingredientes utilizados na preparação dos alimentos (Matemática) e reflexões sobre a origem dos produtos e de seu processamento até chegar às mesas preparadas para os chás (Geografia). A finalização aconteceu em encontros festivos com dramatizações do texto literário (arte e literatura). (PROJETO Intercâmbio, 1996).

¹³⁹ Relato do professor *Arcturo* em entrevista à autora.

¹⁴⁰ Relato do professor *Antares* em entrevista à autora.

¹⁴¹ Relato da coordenadora *Deneb* em entrevista à autora.

O acontecimento narrado foi extraído do material apresentado pela professora *Rigel*, presente ao primeiro encontro organizado para esta pesquisa, no dia 12 de julho de 2019. Na ocasião a participante fez questão de entregar um portfólio, que guardava momentos “congelados” dessa prática pedagógica para demonstrar a influência extramuros do PCS: “[...] tá tudo aí.”¹⁴².

A professora, que em 1996, lecionava na escola do “Bairro dos Leites” expandia os limites do trabalho realizado pelos alunos para a escola do “Bairro dos Godinhos”, de Piedade. A prática vivenciada por ela, em 1996, trazia apropriações do PCS, transformadas em outras formas de agir, expandidas para espaços diferenciados do município, todavia com representações de sua própria experiência junto à Escola “Carlos Augusto”, onde também lecionou para as alunas do Magistério no período de 1993 a 1995. Alunas que confeccionaram as máscaras para as apresentações realizadas durante os chás. Na foto, congelamento, agora do instante em que alguns alunos preparavam um bolo de cenoura, com produtos da terra para o chá na “Escola Leonor”, no Bairro dos Leites, em Piedade.

Figura 38 - Um chá na casa de dona Lalá



Fonte: Arquivo pessoal da Prof.^a Rosângela M. Santos de Camargo

¹⁴² Relato da professora Rigel em entrevista à autora.

Na imagem extraída da prática realizada em outro espaço do município de Piedade, que não a Escola “Carlos Augusto” embutiu-se o exercício do PCS, numa conexão entre criação/conhecimento/experiência em outras formas de aprendizagem. A materialidade da fotografia, onde alunos prepararam o evento permitiu trazer Charthier (2002, p.20) para quem “[...] a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é .”.

A educação implica, segundo Magalhães (2004, p. 54) “[...] capacidades de subjetivação, aperfeiçoamento, conhecimento e revela-se na autonomização, no ato de conduzir-se e responsabilizar-se (estar, participar, decidir, assumir e assumir-se.)”. Ao apresentar o portfólio, guardado com tanto carinho, através do tempo, a professora compartilhou apropriações do PCS que se incorporaram à sua identidade profissional, vivenciada para além da Escola “Carlos Augusto”. Identidade enquanto “celebração móvel” transformada continuamente em relação às formas de representações culturais existentes. (HALL. 2006, p.12).

3.3.1 PCS – ancoradouro de representações e apropriações

Magalhães (2004, p. 138) ao tratar de identidade histórica sintetizou que a mesma ocorre na dialética entre evolução/representação/apropriação. O PCS se constituiu através de desafios, conexões, experiências e envolvimento/pertencimento. Agrupamentos de sentidos extraídos das memórias dos participantes dos encontros realizados, que permitiram movimentos instituintes sobre o já instituído, sempre em processo de evolução e transformação.

No segundo encontro realizado no dia 19.7 pude observar como muitas vezes já tinha experienciado, o movimento dos educadores da Escola “Carlos Augusto” em novas conexões. As narrativas sobre o PCS foram por diversas vezes entremeadas por inferências com as propostas da Secretaria de Estado da Educação, que aconteciam em 2019. No encontro – um movimento “instituinte”: as determinações externas que chegavam para ser “postas” dentro da Escola estavam sendo analisadas e discutidas pelo viés do PCS.

Em geral, os projetos governamentais são tecidos tecnicamente e se distanciam das realidades vivenciadas pelos educadores da escola pública, por isso são vistos sob olhares desconfiados desses atores, quase sempre surpreendidos com ações que normalmente se

apresentam “[...] como cortina de fumaça para encobrir a mesquinhez política em termos de um projeto social democrático e independente de longo prazo.” (GOERGEN, 2000, 141).

O exercício de sobrevivência do PCS, criado para “convulsionar” mantêm-se vivo dentro da Escola, ainda que de forma mais arrefecida. Assim o que é posto de forma institucional, normalmente é pensado e vivido nas raízes da instituição, como evidenciaram as narrativas das professoras: *Alnitak*: “A dona Maria Lúcia já tinha essa visão [...] dos alunos serem felizes e trabalharem com projetos... dos alunos protagonistas. Estão falando muito disso, muito... muito. Até mexe com a gente!” (informação verbal)¹⁴³; *Hadar*: “É o que a gente sempre fez dentro do Projeto Convulsivo Sinódico. A eletiva é a apresentação de um projeto para o aluno, porque daí ele vai eleger qual o projeto que ele quer participar durante o ano [...].” (informação verbal)¹⁴⁴.

O professor *Arcturo* também apresentou conexões em uma metáfora: “É como se fosse uma garóinha que cai e a pessoa está lá seca faz tempo. Não é muita chuva, mas a aguinha já dá uma irrigada e você pensa: “Bom, vou ver outras coisas!” (informação verbal)¹⁴⁵.

A metáfora da “garóinha” que cai onde a pessoa está “seca” trouxe marcas de identidade dessa escola, naturalmente não homogêneas, todavia, aqueles educadores ao dizerem “[...] vou ver outras coisas.” mostraram força e coragem no enfrentamento cotidiano de um espaço público de tensões, problemas e contradições, onde as identidades se formam em constantes mutações, e se vive a perda do “sentido de si” estável, em deslocamento/descentração. (HALL,2006, p.9).

Processo similar ao também apresentado, por meio das memórias da professora *Hadar*, num outro recorte, em que se fez presente novamente o movimento “instituinte”, latente entre os educadores “em estado pantófago” (SOARES, 2001, 97) - aqueles que tudo devoravam. O recorte dizia respeito à narrativa da professora ao observar a lacuna do PCS, em 2001 e 2002, no *bunner* que decorava a sala do encontro com a síntese das edições dos Projetos. Disse:

Teve dois anos, quando o Chalita entrou e houve o Projeto Cidadania¹⁴⁶. Então antes do período que a gente costumava fazer a Semana Sinódica, a escola já

¹⁴³ Relato da professora *Alnitak* em entrevista à autora.

¹⁴⁴ Relato da professora *Hadar* em entrevista à autora.

¹⁴⁵ Relato do professor *Arcturo* em entrevista à autora.

¹⁴⁶ A Gincana da Cidadania foi instituída em 2002, pelo então Secretário da Educação, Gabriel Chalita. Previa o estímulo à prática da cidadania, do respeito, da solidariedade e do resgate dos valores sociais. O objetivo era de integrar os alunos de instituições públicas estaduais de todas as regiões do Estado, a partir de atividades culturais, artísticas, cívicas e sociais à Campanha do Agasalho, promovida pelo Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo (FUSSESP). Disponível em <http://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/educacao-alunos-do-estado-participam-da-gincana-da-cidadania/>. Acesso em 3 nov.2019.

*parava duas semanas para desenvolver a confecção dos trabalhos que seriam apresentados na Gincana [...] uma das partes era o desfile. Quando vi o desfile (no vídeo) eu lembrei porque me lembrou o desfile das roupas recicladas. E aí que acho nesses dois anos como já teve o movimento da Gincana, não foi feita a Semana Sinódica. (informação verbal)*¹⁴⁷.

A memória da professora *Hadar* lembrava a não existência do PCS de forma convencional, porém travestido do próprio *Projeto Gincana da Cidadania* do governo do Estado de São Paulo, que fomentava o espaço da arte e da criatividade.

Em 2003, porém, a Escola “Carlos Augusto”, desenvolveu o 9º PCS, que trouxe o tema *La Mancha*, com base em *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. Ao final de 2003, às vésperas da finalização do PCS, a Escola “Carlos Augusto” realizou um belíssimo jantar com danças espanholas que se denominou “*Cervantes sem conservantes*” e recebeu o prêmio *Leitura na escola*, oferecido pela própria Secretaria. Seguem imagens para ver e pensar o real (CHARTIER, 2002, p.24):

Figura 39 - Jantar Cervantes sem conservantes



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁴⁷ Relato da professora *Hadar* em entrevista à autora.

Figura 40 - Entrega do prêmio Leitura na Escola



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

O Projeto *Gincana da Cidadania*, embora de brilhante iniciativa, do então Secretário Gabriel Chalita foi se apagando e acabou dentro de seu próprio movimento de institucionalização. Observou-se novamente o *insight* de Sarmiento e Arruda sobre o processo educativo brasileiro em seu “[...] constante recomeçar, sem continuidade”. (SARMENTO e ARRUDA, 2011, p.3).

Magalhães (2004, p. 35) ao analisar a relação educativa disse que ela é complexa/multidimensional, interativa/comunicativa. Para o autor essa relação se beneficia da intervenção de fatores de mediatização, através de estruturas que permitem a ancoragem e contextualização, com rotinas, jogos reflexivos, marcos simbólicos de ritos, de saber-fazer, que envolvem o sujeito de forma responsável e consequente.

Os encontros de planejamento/ replanejamento na Escola “Carlos Augusto” puderam ser observados enquanto momentos institucionais da relação educativa. Nesses encontros as fotografias foram/são utilizadas como registros da constituição até a finalização dos projetos anteriores, como representações, que permitiam/permitem “pensar o real”, à maneira de

Chartier (2002, p.24), constituindo-se em dinâmicas importantes para a continuidade do PCS, conforme se pôde extrair da narrativa realizada pela Coordenadora *Alfirk*:

Quando os professores que já passaram pela escola e vivenciaram o projeto enquanto alunos chegam na ATPC, na reunião de planejamento, replanejamento e começam, a partir das fotografias, contar o que viveram [...] e se envolvem naquele grupo, que para mim, nesse momento, é uma comunidade de prática¹⁴⁸, a gente tem o ganho direto e indireto para o aluno, que é o desenvolvimento desse professor, enquanto ser humano, enquanto profissional, não é? Então ele consegue sair do senso comum ou inicia um processo de sair do senso comum e tentar participar de uma maneira diferente e chegar naquele momento [...] propor uma atividade diferente, propor uma aula diferente, e que esse momento para os alunos, e que esse momento diferente permita olhar o mundo de um outro lugar, que ele saia daquele senso comum e comece a ampliar o olhar dele em relação ao mundo que ele vive. (informação verbal)¹⁴⁹.

Alfirk, coordenadora do ensino médio da Escola, desde 2008, mostrou em sua narrativa a preocupação com a formação continuada dos professores para que saiam do senso comum e ampliem o olhar em relação ao mundo em que vivem. Preocupação interligada com o PCS, que integra o Projeto Político Pedagógico – PPP e, portanto o planejamento e replanejamento, conforme já abordado em outro capítulo desta pesquisa.

A coordenadora mostrou ainda a rotatividade dos atores, que passaram/passam pela escola e pelo PCS numa movimentação de chegadas e partidas:

Aconteceu o outro processo que é o que estou estudando agora que são as “comunidades de prática” que têm conceito de Etienne Wenger. Esse pesquisador trabalha com as comunidades de prática já há 20 anos. E no que essa comunidade permite conexão com o Projeto? É que as pessoas que vão fazer parte dessa comunidade têm que ter uma paixão em comum, naquele momento que elas estão juntas. Por que estou falando isso? Porque na comunidade de prática, as pessoas não precisam ser as mesmas sempre, tem essa rotação que é o que acontece no Projeto por conta dos professores que chegam e vão embora. Ele permite essa rotatividade. Na comunidade de prática, não existem diferença entre os mestres e os novatos. Um novato pode contribuir, tanto quanto o mestre para o desenvolvimento daquela aprendizagem. (informação verbal)¹⁵⁰.

Laclau (1990 apud HALL, 2006, p.17) observou que a articulação da identidade permanece aberta e sem isso não haveria nenhuma história. Para ele o deslocamento tem

¹⁴⁸ A coordenadora é aluna do curso de doutorado pelo Programa de Pós-graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática / UNICAMP, onde estuda as “comunidades de prática”, conceito de Etienne Wenger. Disse que essas comunidades permitem conexões com o PCS, já que as pessoas as vivenciam têm uma paixão comum e estão juntas e porque pode haver rotatividade dentre seus participantes. Uma rotatividade que ocorre com o PCS, pois seus atores “chegam e vão embora”. A transcrição em que a autora aborda sobre o assunto encontra-se no apêndice deste trabalho.

¹⁴⁹ Relato da coordenadora *Alfirk* em entrevista à autora.

¹⁵⁰ Relato da coordenadora *Alfirk* em entrevista à autora.

características positivas, pois desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: “[...] a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e o que ele chama de ‘recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação’.” (LACLAU, 1990, apud HALL, 2006, p.18).

A rotatividade de professores e alunos que passaram pela “Carlos Augusto” e tomaram contato com o PCS, bem como a alteração da acomodação desse público, face às mudanças vivenciadas pela instituição para o atendimento de sua comunidade, também transformaram a dinâmica do PCS, conforme se pode observar na narrativa da professora e atualmente vice-diretora *Sirius*:

Ankaa está lembrando que quem estava lá nessa época era só o ensino médio, depois veio o fundamental. Este ano estamos só com o fundamental a tarde. Novamente vem o médio, manhã e noite. Então quando trabalhávamos só com o segmento do médio era um pouco mais tranquilo porque, digamos ... eles são maiores, mais adultos. Mas com o fundamental o trabalho já era diferente - 5º ano, 6º ano, 7º ano, você não pode trabalhar em oficinas como a gente trabalhava, você não pode larga-los, enfim, tem uma série de situações. (informação verbal)¹⁵¹.

Sirius mostrou em sua narrativa, que o formato do PCS também sofreu alterações. Se antes seus atores chegaram a criar instalações com teatros e performances em praticamente todas as salas de aula, de forma convulsiva, vivenciando com intensidade o processo criativo, atualmente os momentos convulsivos estão sendo cada vez mais sistematizados e organizados e as salas onde as intervenções se davam, foram reduzidas para menos da metade.

As oficinas citadas por *Sirius* ocorriam, à maneira da apresentada por Emerson Ribeiro, na Universidade Regional do Cariri, em sua tese de doutorado que tecia “[...] a formação de professores em novas práticas pedagógicas, envolvendo a arte, construídas com instalações geográficas [...]” (RIBEIRO, 2013, p.21). Entre similitudes e diferenças com o trabalho de Ribeiro (2013, p.118) as oficinas mencionadas pela professora *Sirius* ocorriam com os alunos e grupos de professores sob o tema abordado. Os protagonistas, professores e alunos se reuniam pela afinidade com a criação das instalações, teatros e/ou performances a serem desenvolvidas. Oficinas que permitiam a abordagem dos temas, utilizando inicialmente conhecimentos prévios dos próprios alunos; ensaios a partir dos erros; estabelecimento de relações entre fatos e conceitos; questionamentos a respeito do tema; indicação de bibliografias e criação artística/artesanal para o Projeto Sinódico.

Com a reorganização da escola para atendimento de outras demandas, em especial as da nova Proposta Curricular da Secretaria da Educação, em 2008, que propunha ação

¹⁵¹ Relato da vice-diretora *Sirius* em entrevista à autora.

integrada e unificada através de uma base curricular comum para toda a rede, as oficinas do PCS também se alteraram e continuam recriando-se constantemente, porém de forma aligeirada, e com mais dificuldades de desenvolvimento. Mesmo assim o espaço de criação, em outras formas se preservou. Para materializar esse contexto traz-se novamente a Coordenadora *Becrux*: “*Eles fazem a maquiagem, o outro projeta [...] cada um vai fazer uma parte e às vezes quem começou com a ideia [...] nem reconhece aquilo que aconteceu. [...] Cada um vai pondo um pouquinho de si.*” (informação verbal)¹⁵².

3.3.2 Identidades cambiantes

Hall (2006, p38) disse “[...] a identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato [...]”. A professora *Adhara*, presente ao 1º encontro realizado no dia 12.7.2019 narrou sobre a escolha de seu filho de sair da escola onde estudava e ir para o “Carlos Augusto”:

[...] “*Quero estudar no Carlos Augusto.*” “*Mas por que filho?*” “*Não, eu quero estudar lá!*” [...] *E ele quis ir embora para o Carlos Augusto.* “*Mas por que filho[...]*”. “*O Carlos Augusto ensina a gente a correr atrás das coisas...*”. *Isso aí ficou para mim muito marcante. Ele falou: “Mãe, todo mundo tinha que passar pelo Carlos Augusto.” [...] E ele até hoje corre atrás do que ele gosta, do que ele quer.* (informação verbal)¹⁵³.

“Correr atrás do que se quer” permite novamente dialogar com Hall (2006, p.12) e as “identidades contraditórias”, que existem dentro dos sujeitos “[...] empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. Deslocamentos provocados muitas vezes por questões de foro íntimo como a do filho da professora *Adhara*, como também externas e institucionais como as que ocorreram na movimentação das escolas centrais de Piedade, em 2017, como é dado a ver: a Escola “Carlos Augusto” recebeu todos os alunos do ensino médio da EE. “Prof.^a Maria Paula de Ramalho Paes”, que se transformou em escola de tempo integral de ensino fundamental. Os alunos da EE. “Prof.^a Theodora de Camargo Ayres”, que fechou o período noturno também foram deslocados à essa instituição, que passou a ser a única escola de período noturno do centro urbano eis que possuía EJA – Educação de Jovens e Adultos, cujos alunos estudavam nesse período.

¹⁵² Relato do coordenadora *Becrux* em entrevista à autora.

¹⁵³ Relato da professora *Adhara* em entrevista à autora.

Deslocamentos institucionais que provocaram a inferência da Coordenadora *Becrux* quanto à identidade da escola:

Está se resignificando a identidade do Carlos Augusto. [...] Os alunos vieram de muitos lugares, cada um com seus grupos, com o jeito de ser de suas escolas. Talvez até o Projeto seja uma maneira de resignificar e conseguir fazer com que todos se sintam pertencentes. (informação verbal) ¹⁵⁴.

Na fração narrativa da coordenadora embutiu-se a relação do PCS com a identidade da escola, sendo o Projeto para ela, maneira de “ressignificação” em novas formas de pertencimento que apresentam identidades que se tornam cada vez mais, conforme Hall (2006, p.12) provisórias, variáveis e problemáticas. Segundo o autor:

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais, poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

A Escola “Carlos Augusto” recebeu em função da mobilização entre as escolas, além dos alunos, professores, que também foram removidos de suas sedes. A respeito desse movimento, *Becrux* disse:

[...] vários professores que entraram agora na escola, depois que a Escola deu essa inchada aí, eles falam isso, que eles perceberam uma união entre os professores do “Carlos Augusto” e o acolhimento deles, que eles nunca viram. O professor do “Carlos Augusto” acolhe bem os que vêm de fora. Eu escutei de vários [...]. Sabe por quê? Porque a gente está acostumado com isso no projeto: de abraçar todo mundo, de abraçar o aluno, do aluno ter voz, do outro ter voz. A gente já acolhe e dá espaço para ele. (informação verbal) ¹⁵⁵.

A educadora evidenciou que o PCS, enquanto âmbito flexível e de pertencimento dentro da escola, auxiliava/auxilia no acolhimento às diferenças e alteridades vindas de todos os lados. Evidência que materializava/materializa a existência de uma forma de ser da escola, através da cultura escolar presente na “inculcação de comportamentos e *habitus*”, além da aprendizagem de saberes. (JULIA, 2001, p.22). Segundo Julia (2001, p.13) a cultura escolar é uma “[...] caixa preta da escola, ao buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular.”.

¹⁵⁴ Relato da coordenadora *Becrux* em entrevista à autora.

¹⁵⁵ Relato da coordenadora *Becrux* em entrevista à autora.

Entrecruzamentos que traziam/trazem identidades sempre em transição, fazendo da escola pública uma estalagem de várias histórias, com alteridades sempre potencializadas e nem sempre articuladas, transformando esse espaço em riquezas de convivências e simultaneamente de conflitos. Crianças, adolescentes e adultos que se cruzavam/cruzam pelos corredores em alteridades e identidades em metamorfoses, numa arena cheia de tensões.

Goergen (2000, p.139) disse que o Estado vem sofrendo muitas transformações e no contexto do neoliberalismo algumas de suas funções estão sendo desestabilizadas, ameaçando-o na sua condição de agente central das relações internas e externas da sociedade. Infere-se que o contexto apresentado pelo autor está cada vez mais se voltando para o estado mínimo, que abandona gradativamente políticas públicas de bem-estar social, cedendo aos encantos do desenvolvimento econômico, para o cumprimento das exigências das leis do mercado.

Na última década, segundo Krawczyk (2014, p. 14) o Estado brasileiro assumiu a responsabilidade pela universalidade/obrigatoriedade/gratuidade no ensino básico e também incorporou desafios que envolvem essa responsabilidade e requerem atuação mais agressiva do poder público para atendimento de demandas locais, ligados às exigências internacionais. Desafios que dizem respeito ao aumento das matrículas, permanência e êxito dos estudantes, afetando as relações de poder na organização e gestão do sistema educacional e trabalho pedagógico nas escolas. A autora apontou também as demandas constantes para inclusão e/ou exclusão de novos currículos, além da transmissão cultural proposta pelas mídias, em geral mais convidativas do que a transmissão cultural da escola. (KRAWCZYK, 2014, p.17-18).

Contextos externos que vêm se incorporando cada vez mais ao cotidiano da Escola “Carlos Augusto”, bem como no de outras escolas públicas e em consequência disso, na constituição de suas identidades. Professores, alunos, gestores e funcionários à maneira dos personagens de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que se deslocavam, em movimentos circulares entre as tréguas das intempéries da natureza, buscando suas próprias soluções. (RAMOS, 2010, p.9)

Soluções que poderiam acontecer em prazos bem mais reduzidos para problemas há anos recorrentes como, por exemplo, a adequação da sala de aula com condições reais de acesso à internet, arquiteturas em contextos mais adequados ao universo escolar de diversidades, com tempos /metodologias diferenciados de aprendizagens. Respostas que se distanciam de um planejamento compatível ao atendimento das demandas atuais, com ações concretas para o enfrentamento tangível das necessidades educacionais.

Segundo Goergen (2000, p.141) a premência mercadológica e interesses políticos/eleitoreiros das elites passaram a deslegitimar as atividades acadêmicas não diretamente associadas à solução de problemas concretos em curto prazo. Premência quase sempre voltada ao “[...] domínio do plano econômico, associado a interesses de ordem socioeconômica, que se pautam pelo imediatismo da eficiência e do lucro [...]”. (GOERGEN, 2000, p.141).

Como em *Vidas Secas*, a Escola “Carlos Augusto” se instala num processo cíclico de busca de respostas, em que se depara constantemente com a provocação da Proposta Educacional da instituição escolar de 1995, onde coletivamente encontravam-se o “[...] corpo administrativo e docente diante da pergunta crucial: o que fazer?”. (PLANO, 1995, p.27-28).

3.3.3 Educação estética e apropriações de sentidos no cotidiano escolar

Para investigar as relações de identidade constituídas dentro da Escola “Carlos Augusto” por meio do PCS também foi necessário observar o momento contemporâneo de mudança de paradigmas. Entender que a racionalidade cartesiana auxiliou a humanidade a “[...] compreender melhor o mundo por meio do rigoroso raciocínio analítico e pela experimentação. Este método trouxe generosos frutos para a sociedade pela ciência e pela técnica, mas tem seu aspecto negativo na dispersão e fragmentação.”. (GOERGEN, 2000, p.134). Entretanto foi necessário entender que a ciência também buscou outras compreensões do universo.

Edgard Morin (2005) deu pistas preciosas sobre como essas outras formas de pensar afetaram a educação na palestra *A educação na era planetária*, gravada na UNESCO, por ocasião do 2º ciclo do *Fórum Universo do Conhecimento*, em parceria com a Universidade Sorbonne e o Jornal *Le Monde*, evento organizado pela Universidade São Marcos em São Paulo. Comunicação realizada graças à técnica, eis que o intelectual estava impossibilitado de vir pessoalmente para o Brasil, portanto em dimensão alternativa de tempo/espaço.

Morin (2005) disse que o atual sistema educacional é inadequado já que as pessoas aprenderam a analisar, separar, mas não a relacionar e fazer com que as coisas se comunicassem entre si. Assim não conseguem apreender a complexidade existente nas inumeráveis ligações entre os aspectos dos conhecimentos, justamente numa época planetária que se manifesta através de extrema interação entre fatores diversos: econômicos, religiosos,

políticos, étnicos, demográficos, dentre outros. Incompreensão que torna mais difícil entender esta época em que o local é inseparável do global e o local influi sobre o global.

A coordenadora *Canopus* referiu-se aos anseios da Escola “Carlos Augusto”, durante a gênese do PCS por uma escola abrangente e integrada ao todo, tangenciando o olhar “transdisciplinar” do autor sobre a comunicação entre as coisas, que propunha o Projeto. Em sua narrativa, a coordenadora disse: “[...] nós não queríamos que as disciplinas fossem apenas puxando a caixinha só com aquela gavetinha. As disciplinas deveriam ser integradas e esse era o grande objetivo - a integração de uma escola como um todo [...]” (informação verbal)¹⁵⁶.

Misturando “caixinhas e gavetas” a Escola exercitou aberturas em conexões que buscavam o todo, dentro de suas limitações e realidades, trilhando os caminhos do [...] paradigma estético em posição-chave em relação a outras redes de valores filosófico-científicos e de ação política. (SOARES, 2006, p.67).

Morin (2005, 7:10) disse que as ciências humanas e físicas são necessárias para a constituição dos seres humanos mas não são suficientes e é na literatura, no romance que se encontra uma dimensão humana que não existe nas ciências, que é a dimensão subjetiva e afetiva. Nas palavras do autor:

Quando lemos grandes romances da literatura universal descobrimos seres vistos a partir de seus sentimentos íntimos, de sua relação com os outros, vistos no seu meio social. Vistos até dentro das condições históricas, como nos romances de *Balzac* ou como em *Guerra e Paz*, de *Tolstói*. Portanto a literatura nos ensina a conhecer melhor o outro, enquanto a poesia é uma introdução à qualidade poética da vida, que nos ajuda a entender que se nos emocionamos com poemas é porque falam de nossas esperanças, de nossas verdades profundas. É dizer que o conhecimento não se encontra só nas ciências. (MORIN, 2005, 7:23)

Ao longo dos anos a relação com o paradigma estético, principalmente, por meio de clássicos literários se fez e se faz presente no PCS, em meio às diferenciadas formas de representações artísticas, a exemplo do que transmite o fragmento inserido na narrativa da aluna *Aladfar*: “Até o contato com o teatro, às vezes pode ter sido o primeiro contato daquela criança. Aquela criança que nunca tinha visto um teatro [...] E você cantar vendo aqueles olhos brilhando era muito legal! E isso o Projeto trouxe, não só para mim, acredito para todo mundo.” (informação verbal)¹⁵⁷.

¹⁵⁶ Relato da coordenadora *Canopus* em entrevista à autora.

¹⁵⁷ Relato da aluna *Aladfar* em entrevista à autora.

A então aluna, atualmente professora e maestrina de coral trouxe na formação de sua identidade, além de uma profissão, a incorporação do exercício de olhar para o outro, procurando compreendê-lo, inerente à sua própria humanidade.

Hall (2006, p. 39) ao falar de identidade a analisa enquanto processo inacabado e sempre em andamento, que surge “[...] não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós, como indivíduos, mas de uma falta de inteireza, que é ‘preenchida’ a partir do nosso exterior [...]”. O autor diz que “identidade” é busca e construção de “[...] biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus [...]” (HALL, 2006, p.39).

Biografias que também são “preenchidas” dentro da escola pública para onde convergem as expectativas voltadas, segundo Oliveira (2009, p.17) para corrigir desequilíbrios característicos da estrutura social/econômica vigente e onde essa instituição é vista pelas políticas públicas educativas como um espaço de ensino, mas antes de tudo de promoção social. Desta forma a ela são atribuídas funções sociais, muitas vezes de caráter assistencial. Para a autora percebe-se então, certa desconfiança dessa instituição como “educadora” competente, disseminadora de conhecimentos “válidos”. Desconfiança também reforçada pelos baixos desempenhos dos alunos em resultados aferidos por exames externos. (OLIVEIRA, 2009, p.17).

Assunção e Martinez (2008, apud Oliveira, 2009, p.24) metaforizaram a instituição escolar através do filme *Entre os muros da escola*, dirigido por Laurent Cantet (2008) que mostrava conflitos compartilhados atualmente por muitas salas de aula da escola pública, presentes na falta de consensos mínimos sobre acordos elementares para a convivência em grupo e a indisciplina. Evidências que traziam/trazem as dificuldades de se realizar consensos. Os autores apresentaram, num aspecto “alegórico”, por meio de um dizer presentificante do outro (KOTHE, 1986, p.75), a impotência sentida profundamente por inúmeros professores, que introjetaram o “mal estar docente” e adoecimento, reveladores da relação entre indisciplina causada pelos alunos e da própria impotência de ser professor nesse contexto. (ASSUNÇÃO E MARTINEZ, 2008, apud OLIVEIRA, 2009, p.24).

Morin (2005, 9:05) disse que estamos num mundo que necessita de compreensão. Para ele:

O mundo precisa de compreensão porque temos povos, indivíduos, cujas culturas diferem, cujas religiões diferem e estão em contatos uns com os outros. [...] Essa capacidade de entender não é grave só para o mundo que nos é estrangeiro, ela existe no âmago das civilizações. Somos cada vez mais incapazes de nos entender uns aos outros. As incompreensões estão no seio das famílias, entre mãe e criança, irmão e irmã. Elas estão no trabalho e até nas universidades. Muitas incompreensões

dominam o mundo e como podemos progredir se não educamos para a compreensão? (MORIN, 2005, 9:03)

A escola pública, também arena de incompreensões, com campos de representações aprofundadores de diversidades necessita cada vez mais de relações dialógicas invisíveis na compreensão do outro, portador de individualidade, histórias e experiências. Invisibilidades que puderam ser tecidas no PCS, conforme se pode depreender da narrativa do professor *Arcturo*, que em 2014, durante a realização do 18º PCS - *(Auto) Retratos* era um dos coordenadores do grupo de professores/ alunos que criou um vídeo sobre o retrato da escola:

Acho que até essa questão da valorização humana mesmo... Eu me lembro do Haldus, o professor de Arte. Eu não conhecia o professor. Vi um senhorzinho andando assim, de cabelinho branco... Pensei: "Esse senhorzinho tem história pra contar!". Fui lá conversar com ele: "Viu professor, a gente está com essa ideia aqui... que era a ideia do retrato das pessoas, inspirada em O retrato de Dorian Gray. [...] "Então professor, vamos fazer o retrato da escola e eu acho que senhor tem a cara da escola!" [...] "Eu tenho cara de velho?". "Não, não, não, mas é que o senhor está aqui e consegue resistir...". "Então, tá bom!" ele disse. [...] o Projeto pode, às vezes, dar um sentido de valorização profissional para as pessoas que estão lá dentro. Eu vi o professor feliz. Ele fala bem pouquinho mesmo. Ele se viu feliz por ter sido chamado e mostrar que tinha valor de ter sido filmado e da gente ter perguntado o que ele tinha para contar. (informação verbal)¹⁵⁸.

O professor *Haldus*, há muitos anos criava/cria com seus alunos o palco e os muros da escola no PCS. Num exercício temático e posteriormente de engenharia realizava/realiza projeções e as materializa artisticamente em suas aulas, para as instalações do Projeto Sinódico, no final do ano. Um movimento artístico de essencial beleza e nada fácil no cotidiano escolar exaustivo e contraditório. Movimento, entretanto reconhecido e compreendido na própria dinâmica do PCS, que permitiu como disse o jovem professor *Arcturo*: “[...] dar um sentido de valorização profissional para as pessoas que estão lá dentro. Eu vi o professor feliz.” (informação verbal)¹⁵⁹.

Trazem-se representações do trabalho realizado pelo professor e alunos do ensino fundamental e médio no 16º PCS: *Cidadania: políticas para a felicidade, em 2012*, em que estudaram, desenharam e pintaram símbolos da felicidade no muro da Escola, chamando a atenção dos que por lá passaram, durante o processo. O muro aqui registrado foi apenas um dos muitos criados e materializados sob a condução do professor de Arte:

¹⁵⁸ Relato do professor *Arcturo* em entrevista à autora.

¹⁵⁹ Relato do professor *Arcturo* em entrevista à autora.

Figura 41 - Símbolos da felicidade 1



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura 42 - Símbolos da felicidade 2



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

A escola é o âmbito em que se desenvolvem o conhecimento e a ciência, em meio às pressões sociais, resultantes de fatores sociais econômicos, políticos e culturais externos em conexões internas e intensas. Conexões que tornam escola e sociedade indissociáveis. E a escola pública, espaço de convergência desses acontecimentos deve se abrir cada vez mais para a alteridade. Abertura para a qual a educação estética é fundamental e imprescindível eis que ela permite diálogos mudos, invisíveis imersos em atos de criação e vivências. Diálogos emergentes da “[...] necessidade de uma produção denominada de “transutilitária” que se estende para além da função original da utilidade.” (VÁSQUES, 1999, apud SOARES E NOGUEIRA, 2012, p.129).

No desafio da produção “transutilitária”, o encontro com os processos criadores que se distanciam, segundo Soares e Nogueira (2012, p.129) dos processos tradicionais de ensino “[...] carregados de relações verticalizadas, para chegar a saberes que envolvem a constituição do sujeito como um todo, do aluno como também do professor, que se protagonizam ao criarem novas pedagogias, recriando-se.” (MAHERIE, ZANELLA, DAS ROS, 2007, apud SOARES E NOGUEIRA, 2012, p.129).

A professora Maria Lúcia, em 1996 defendeu sua tese de doutorado, junto à Universidade de São Paulo – USP intitulada *Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico* em que propunha instrumentos de transformação no mundo escolar, onde “[...] flutuam encantos e desencantos, prazeres e fastios, conquistas e frustrações, ‘numa identificação clara das feridas que dilaceram a educação’”. (SOARES e NOGUEIRA, 2012, p.133). *Girassóis ou Heliantos* cujas sementes se reproduziram dentro e fora da instituição escolar, conforme se pôde depreender desta narrativa.

Soares e Nogueira (2012, p.130) ao tratarem do ato criativo disseram que sua compreensão pode ser vista como “[...] processo que remete a enredamentos, inter-relações e negociações na constituição, na modificação e na consolidação de um novo olhar propiciando a educação dos sentidos, logo uma educação estética.”. Para elas, “[...] apenas o fazer, isto é a dinâmica do desafio, produzirá uma resposta clara sobre as relações entre os indivíduos e sua posição no espaço social, no caso específico: na escola pública.” (SOARES e NOGUEIRA, p.130).

Fazer materializado na poesia visual, por ocasião do 18º PCS (*Auto Retratos*), em que seus atores observaram o “outro” através do olhar, em exercício subjetivo de criação. Trazendo Levinas (2014, p.29) é através da “epifania” do rosto humano, que se dá a perfuração da “casca do ser”, num exercício de responsabilidade pelo outro:

Figura 43 - Olhos, olhos ... Através deles fazemos o retrato do mundo e o nosso!



Fonte : Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Para responder aos questionamentos desta pesquisa foi preciso entender as mudanças da “modernidade tardia” e as concepções de identidade de Stuart Hall. Para Hall (2006, p.10) há três concepções de identidade acerca de diferentes sujeitos: do Iluminismo, sociológico e pós- moderno.

O sujeito do Iluminismo, individualista apresentava uma identidade, traduzida num indivíduo unificado, centrado, dotado da capacidade da razão, consciência e ação. Seu núcleo interior nascia com ele e com ele se desenvolvia, embora esse sujeito permanecesse o mesmo – contínuo ou idêntico ao longo de sua existência. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (HALL, 2006, p.11).

O sujeito sociológico refletia uma identidade formada pela interação entre o eu a sociedade, em face da crescente complexidade do mundo moderno a da consciência de que esse eu não era autônomo e autossuficiente, mas formado da relação com outras pessoas importantes para ele. Essas pessoas passavam a fazer parte da formação da identidade, eis que mediavam para esse sujeito, valores, sentidos e símbolos dentro da cultura que habitavam,

preenchendo o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o público. Numa síntese: a identidade suturava o sujeito à estrutura. (HALL, 2006, p.12).

O sujeito pós-moderno foi entendido como aquele que não tinha identidade fixa, essencial ou permanente. Identidade como uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas que os seres humanos são representados ou interpelados nos sistemas culturais. Para Hall não havia unificação ao redor de um eu coerente, já que o sujeito assumia identidades diferentes em diferentes momentos. As identidades passaram a ser confrontadas em multiplicidades desconfortantes e cambiantes, que podiam se identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.12).

As relações de identidade existentes na Escola “Carlos Augusto” se aproximaram às do conceito do sujeito pós-moderno de Stuart Hall: temporárias, empurradas em diferentes direções e em deslocamentos contínuos. Identidades em relações de alteridades desenvolvidas ao longo dos anos pela Escola “Carlos Augusto”. Nexos que permitiram a sustentação do projeto através das experiências realizadas e dos diálogos nelas desenvolvidos, que possibilitaram narrativas de seus atores, em contraposição a um tempo ditado pelas relações capitalistas aceleradas. Diálogos que estiveram embutidos em relações de identidade/alteridade, na dimensão de Walter Benjamin, para quem:

A liberdade do diálogo está se perdendo. Se antes, entre seres humanos em diálogo, a consideração do parceiro era natural, ela é agora substituída pela pergunta sobre o preço de seus sapatos, ou de seu guarda-chuva. Fatalmente impõe-se, em toda conversação em sociedades, o tema das condições de vida, do dinheiro. No caso, trata-se não tanto das preocupações e dos sofrimentos dos indivíduos, nos quais talvez pudessem ajudar um ao outro, quanto da consideração do todo. É como se se estivesse aprisionado em um teatro e se fosse obrigado a seguir a peça que está no palco, queira ou não, obrigado a fazer dela sempre de novo, queira ou não, objeto do pensamento e da fala. (BENJAMIN, 1995, p.23).

Entender se o PCS teria interferido nas relações de identidade da Escola “Carlos Augusto” e de seus atores somente foi possível após absorver que elas estiveram intrinsecamente relacionadas às experiências de ouvir o outro, numa “forma invisível de alteridade”, trazendo novamente Suely Rolnik (1994, p.161) para quem é “[...] impossível pensar a subjetividade sem o outro, já que o outro nos arranca permanentemente de nós mesmos. A dimensão invisível da alteridade é o que extrapola nossa identidade – esta unidade provisória onde nos reconhecemos [...]”. Identidade sempre em devir na relação com o outro.

Foi preciso observar que essas relações se deram nos encontros de identidades diferentes e temporárias. Encontros oportunizados pelas experiências vivenciadas na Escola - no ato de

compreender conceitos, construir conhecimentos e críticas, além de aprender, criar e agir por meio da dimensão estética, em laços fortalecidos pelo diálogo falado e percebido durante a execução do Projeto. Laços concretizados na voz da professora *Vega*, que com sensibilidade observou que o aluno invisível, sentado no banco escolar, fazendo exercícios era “[...] uma companhia maravilhosa em determinados momentos de execução do Projeto. Essa parte faz você se humanizar [...]” (informação verbal) ¹⁶⁰. Humanização do aluno e da própria professora em relações de alteridade.

Nesta pesquisa se irmanaram identidades/alteridades na potência dos diálogos com o outro, durante as experiências vivenciadas no PCS, em lampejos de tempos não lineares, portanto significativos. No contexto definido por Hall (2006, p.13) de “[...] multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis [...]” os liames de identidade entre o PCS e a Escola “Carlos Augusto” se fizeram presentes nas relações de alteridade tecidas entre seus atores.

Avançaram em novas formas de institucionalização entre fatores internos de sua dinâmica e de seus atores, bem como das diretrizes e normas externas dos órgãos a que a Escola se vinculava/vincula, tendo influenciado muitos de seus educadores e alunos enquanto profissionais, seres humanos, inclusive com habilidades não convencionais e desconhecidas desenvolvidas durante a realização do Projeto.

Habilidades importantes para viver e exercer a cidadania e também o universo do trabalho. No caso dos professores, as que influenciaram no desenvolvimento de metodologias utilizadas em salas de aula, expandidas e recriadas em outras instituições de ensino. No caso dos alunos, as que estiveram presentes nas descobertas e experiências, materializadas em talentos e destrezas apreendidos no saber fazer, que influenciaram escolhas profissionais - dentre elas a de serem professores e profissionais ligados à arte. Sua repetição durante vinte e três edições anuais tornou o PCS parte da identidade da “Carlos Augusto”, de Piedade/SP incorporando-se à sua cultura escolar. Institucionalizado, atualmente faz parte de seu PPP.

¹⁶⁰ Relato da professora *Vega* em entrevista à autora.

4 CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

Carlos Drummond de Andrade (2019), no poema *Nosso Tempo*, apresenta um tempo partido, e de “homens partidos”. Tempo fragmentado, repetitivo e mecânico, onde a [...] atrofia da experiência, “duela” contra o tempo reificado, que tem no *flâneur*, a criança que não perdeu a capacidade de sonhar. (SCHLESENER, 2011, 183).

Como *flâneurs*, nas salas de aula da escola pública, os alunos buscam instintivamente “[...] reagir ao irreversível processo de alienação que faz parte do período de consolidação do capitalismo.”. (SCHLESENER, 2011,183). Reações que se manifestam por meio de confrontos, no cotidiano escolar, em arenas de conceitos e representações múltiplas, afuniladas em atitudes de indisciplina, quando não de violência. Confrontos que necessitam cada vez mais do respeito às alteridades, eis que cada vez mais é imprescindível olhar no rosto do outro e se importar com ele. Ação definida por Levinas (2014, p.29) como “epifania do rosto humano”, num processo de “perfuração na casca do ser”. Movimento intermitente de respeito às alteridades.

Assim, as escolas, com autonomias restritas se reinventam em diferentes formas de articulações/conexões para oferecerem conhecimentos voltados à formação para o trabalho e cidadania, que realmente façam sentido aos seus alunos e assim possam melhorar também as relações humanas, em geral conturbadas, dentro desse âmbito. Dessas articulações desenvolvem-se culturas escolares, que fazem com que instituições, aparentemente iguais, em normas hierárquicas construídas por sistemas educacionais, sejam também diferentes, e isso se dá através de suas próprias experiências formadoras.

Experiências que formam permitem trazer Larrosa (2017, p. 67): “Experiência (Erfahrung) é justamente, o que se passa numa viagem (Fahren), o que acontece numa viagem. E experiência formativa seria, então, o que acontece numa viagem e que tem a suficiente força como para que alguém se volte a si mesmo [...] uma viagem interior.”.

A professora Maria Lúcia com sua amplitude de pensar e viver a educação propunha mudanças para essa escola, de dentro para fora, abrindo espaços para discussões e reflexões, provocando a transformação de práticas antigas e embrutecedoras, onde fosse possível conquistar a palavra, a ideia com os alunos através dos alunos. (SOARES, 2001, p.147). Para ela o essencial era que a escola/aula/professor/aluno estivessem sempre em “estado de apetite” e a atitude científica resultasse de uma conquista ao longo de experiências que

desenvolvessem a curiosidade, objetividade, dúvida metódica e análise crítica. (SOARES (2001, p.147).

Apetite que conduziu muitos dos professores e alunos da “Carlos Augusto” a viagens interiores, dentro do PCS, extrapoladas em ações significativas voltadas a seus papéis enquanto profissionais, seres humanos e cidadãos, como pôde se depreender desta narrativa. Trabalho sempre sujeito ao devir em constantes mutações como a ocorrida em 1997, ano em que a escola enfrentou a separação do seu centro de pulsação eis que a professora Maria Lúcia, após trinta e sete anos de magistério na rede estadual, atuando numa mesma escola se aposentou para empreender novos caminhos, onde continuou proporcionando viagens interiores metamorfoseadas em outras práticas. Na ruptura, um legado à Escola Carlos Augusto: a continuidade do PCS.

Foram anos que trouxeram uma mescla de desafios, inquietações e criatividade em intensos cotidianos, através dos ecos deixados pela educadora. Um deles, apropriado de Henry Michaux: “A inteligência para compreender, deve ser ferida. Antes de tudo, antes mesmo de ser ferida, é necessário que ela seja sujada”. (apud SOARES, 2001, p.16).

Empreendendo compreensões e vivenciando inteligências “sujadas e feridas”, no dia a dia dessa instituição e na continuidade do PCS – o enfrentamento de obstáculos e adversidades. Em meio às diretrizes e metas, normas e regras instituídas pela Secretaria de Estado da Educação, professores e alunos em empreitadas corajosas enfrentaram/enfrentam os sucessos e insucessos do Projeto, em momentos educativos/instituintes, entremeados entre os que não corresponderam às expectativas criadas e outros assertivos.

Foram anos de parceria pactuada entre os seus atores que se agregaram em articulações temáticas, cujos liames traziam as inquietudes da “Carlos Augusto”, orquestradas por mudanças institucionais, sociais, culturais, econômicas e às suas próprias. Articulações não estanques que concentraram o papel da Escola, a partir de realidades próximas em pactos que permitiram exercitar, dentro dos limites possíveis, a autonomia e o pertencimento contribuindo, em meio às relações de alteridades, para a constituição de subjetividades e identidades, sempre em constantes mutações.

Um espaço privilegiado de criações/experiências que permitiu a esta pesquisadora instalar-se em sua própria atuação, munida de reflexões a partir de um jogo de lentes multifocais - enquanto professora de Língua Portuguesa, coordenadora pedagógica, vice-diretora e em alguns momentos diretora da Escola “Carlos Augusto” para trazer, através de

representações constituídas por seus atores, uma história além da automação do cotidiano escolar constituído do já instituído e aparentemente perene.

Visões que puderam testemunhar pequenas e especiais mudanças que ocorreram na escola a cada término anual do PCS, sendo visível a constituição num mesmo espaço físico, de outros âmbitos de relações entre professores e alunos bem mais próximas, cordiais e significativas, contribuindo para a melhoria da aprendizagem. Relações que permitiram/permitem entender e distinguir alunos imaginários, criados nas sombras dos que existem, exercitando o que disse a coordenadora *Becrux* sobre a relevância de trazer o aluno para dentro da escola ao invés de trazer escola interior para dentro de um aluno. (informação verbal) ¹⁶¹.

Cabe aqui ressaltar que esta pesquisa não abordou aspectos quantitativos com relação à aprendizagem. Conduziu-se por veias significativas que fizeram pulsar a relevância de uma cultura escolar criada e cultivada na própria instituição potencializada pela articulação entre o instituído e o instituinte, cujos resultados se distribuíram dispersa, mas intensamente para muitos de seus atores.

O PCS trouxe/traz em sua essência a busca de compreensões: de si mesmo, do conhecimento, da sociedade e do respeito às alteridades na construção da identidade. No conjunto desses entendimentos sempre a conquista e a busca do desejo dos alunos para aprender. Desejo que necessita de lentes diferenciadas para ser percebido, pois como trouxe a coordenadora *Becrux* - é necessária a sedução: “Podemos tentar fazer com que eles queiram fazer... Eles só têm que saber que podem fazer!” (informação verbal).¹⁶² Desafios constantes e cotidianos infiltrados na estrutura escolar.

Buscando tangenciar a vivência do PCS pela Escola “Carlos Augusto” esta pesquisa se propôs revelar, em lampejos, uma experiência que poderia ter se diluído no cotidiano marcado pelo tempo veloz e linear, calando as vozes e vivências de professores /alunos. Um silêncio que deixaria de contribuir para outros estudos sobre a riqueza experienciada por atores de tantas escolas públicas, que procuram, incessantemente, enfrentamentos em suas próprias tempestades.

Por meio dos lampejos de Walter Benjamin intentou-se uma narrativa na direção de salvar o passado no presente através da percepção de uma semelhança que transforma os dois: o passado que poderia ter desaparecido no esquecimento e o presente que se revela na realização possível da promessa anterior. (GAGNEBIN, 1996, p.19). Narrativa sobre a importância de experienciar a educação estética como arma contra as sonolências

¹⁶¹ Extraído de relato da coordenadora *Becrux* à autora.

¹⁶² Relato da coordenadora *Becrux* à autora.

automatizadas no cotidiano, usando a criatividade como conexão entre o conhecimento/realidade humana em subjetividades e relações sociais.

Trazendo a memória da Coordenadora *Canopus* “[...] foi um antes e um depois. Nunca mais a escola foi a mesma. (informação verbal).¹⁶³ A instituição percebeu a força de suspender cotidianos e acordar habilidades que poderiam ter ficado adormecidas em professores e alunos. Habilidades que transpuseram os muros da escola, inspirando possibilidades de trabalho, maneiras de ser e agir na sociedade, em tentáculos que variaram desde destrezas e talentos apreendidos como o saber fazer entre os “enforca gatos, alicates e bambus” até a escolha de uma profissão e o desenvolvimento de metodologias utilizadas em salas de aulas, por professores que as expandiram e recriaram em outras instituições educativas e por alunos que a partir da vivência do PCS escolheram ser professores e profissionais da arte.

Encadeamentos que geraram/geram laços como os as da ex-aluna *Chow*, graças a qual se pôde apresentar a experiência do PCS no encontro *Educação para o desenvolvimento*, organizado pelo SESC em novembro de 2016 aos professores da rede pública municipal de Sorocaba, como forma de envolvimento da escola com a comunidade.

Em outras vias de concatenações, as que também se tornaram concretas no decorrer desta pesquisa em Congressos e publicações, como o realizado na Universidade de Sorocaba (outubro/2018) e outros que ultrapassaram além dos muros da escola, as fronteiras brasileiras: Montevideo, no Uruguai e Salamanca, Espanha.¹⁶⁴ .

Voltando o rosto ao passado, em meio à irrefreável tempestade do futuro e do progresso, tal qual a representação de Walter Benjamin, extraída do quadro de Paul Klee (BENJAMIN, 1994, p. 226), esta pesquisa aventurou-se, inicialmente, a juntar a história do PCS por meio de documentos, aos quais posteriormente, juntaram-se histórias partidas, construídas pelas memórias orais de educadores e alunos, atores-estrelas, em diferentes formas de representações.

¹⁶³ Relato da coordenadora Canopus à autora.

¹⁶⁴ Melhor explicitando: Em Montevideo, Uruguai: XIII Congresso Ibero Americano de História de La Educación Latino-americana, fevereiro/2018; em Sorocaba, São Paulo: II Congresso Internacional de Educação, História e Historiografia, políticas e práticas, em outubro/2018; e Salamanca, Espanha: La prensa pedagógica de los profesores. Su contribución al patrimonio histórico educativo, outubro/2018, com publicação do capítulo: A escrita como direito de expressão: exercício didático midiático através do projeto convulsivo sinódico da escola “Carlos Augusto”, de Piedade/SP, na edição de : La prensa pedagógica de los profesores , de José María Hernandez Díaz (ed). Apresentações e publicações realizadas em co-autoria com a Prof.^a Dr.^a Vania Regina Boschetti.

Interligando pontos isolados, foram compartilhadas lembranças do passado despertadas no presente, com ecos do futuro, observando-se as constantes reinvenções do PCS. Reinvenções que puderam ser analisadas nos seguintes agrupamentos de sentidos: desafios, conexões, experiências e envolvimento/pertencimento extraídos da dinâmica do Projeto, em tempos entrelaçados. Um passado que já se foi e por isso não pode ser reencontrado fora do tempo, mas não permanece estanque, dobrado sobre si mesmo e depende da ação presente para penetrar sua opacidade e retomar o fio de uma história. (GAGNEBIN, 2004, p.89).

Para que esta história fosse escrita também foi necessário entender a metáfora da constelação, como ensinou Walter Benjamin (1984, p.57): “As ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas”. Compreender que “[...] as diferentes narrativas traçadas sobre os agrupamentos de estrelas através dos tempos, seriam, assim resultados de longas observações, ou então considerações, termo este que tem como origem provável *sidera*, significando, portanto, leitura das estrelas.”. (OTTE E VOLPE, 2000, p. 37).

Para ler estrelas e formar a presente constelação algumas atitudes pessoais foram tomadas dentre elas, meu afastamento do cotidiano escolar, por meio da aposentadoria em 2017, enquanto professora da rede pública estadual de São Paulo. Suspensão oportuna num cotidiano que impele a partir velozmente para o futuro, fazendo esquecer as ruínas, passar um tempo com elas e as contemplar, à maneira de Otte e Volpe (2000,p.39) em pensamentos que começam sempre e voltam para as próprias coisas, num recomeço perpétuo, em tempos intermitentes.

Pensamentos que foram se formando à maneira do leitor de estrelas, de Walter Benjamin, ao buscar elementos que se destacaram e quais as ligações poderiam ter sido estabelecidas entre os pontos da constelação, sem esquecer, entretanto que as constelações não são formações naturais, mas “imagens culturais” e que a leitura do texto constelar se caracteriza pela liberdade de estabelecer ligações entre partes dispersas. (OTTE E VOLPE, 2000, p. 39).

Uma constelação que ficará sempre aberta a outras representações, especialmente a partir deste ano de 2020, em meio às percepções extraídas da experiência do fenômeno da pandemia da COVID-19, uma doença causada pelo coronavírus, em cenário mundial de crise sanitária, com devastações de riquezas acumuladas, pânico e muitas mortes.

Como se darão as representações dos sobreviventes deste período que marcará para sempre a história mundial? Como se incorporarão maneiras de ser/pensar/agir no cotidiano,

no momento em que o capitalismo se depara com uma de suas maiores crises? Como a escola pública se reordenará, em sua própria estrutura? Que culturas escolares estarão sendo nela desenvolvidas? Quais as possibilidades que o PCS terá de “convulsionar” a cultura escolar da “Carlos Augusto” daqui para frente? São muitos os questionamentos sem respostas e previsões, suspensos no silêncio aturdido de um isolamento social nunca visto.

Ensaio, todavia, alguns passos no caminho de Dermeval Saviani (CONJUNTURA, 2020) para quem a Escola deve “[...] assegurar às novas gerações as “apropriações” dos conhecimentos sistematizados.” Na autoridade do autor, a necessidade de uma escola presente na formação significativa que permita a autonomia na tomada de decisões, de forma mais justa e igualitária, vislumbrando o pensar socialmente. Pensamento que a meu ver, perpassa o conceito de compreensão de Levinas (2014, p.10) que instiga a “responsabilidade pelo outro”, em atitudes que variam em intensidade – das mais simples às mais complexas.

Apropriações que deverão trazer a consciência de nossas raízes terrestres e de nosso destino planetário, observando com Morin (1995, p.105) que tudo está ligado, mas necessita de conhecimentos, reconhecimento de nossa identidade terrena e de nossa condição antropológica.

Ligações a serem irrigadas com sensibilidade e compreensão, num mundo em que os argumentos são cada vez mais individualizados e expostos de forma quase “monossilábica” em redes sociais, construindo “verdades” e tensões, sem refletir sobre a amplitude do conhecimento, em especial o construídos pelo passado. Circunstâncias que estão adentrando às escolas públicas, em processos híbridos de educação, numa personificação de ensino, associada às ferramentas digitais, que aproxima virtualmente, mas distancia o “olhar”.

Nesse cenário entendo a educação estética como elo que permite transformar culturas escolares, “convulsionando” sempre e instigando a criar. Trazendo os lampejos de Vázquez (1999, p.13) é preciso destacar que no ato de criação estamos sempre sozinhos e não há regras que assinalem os passos corretos. Viver a educação estética permite outros ângulos que escapam à própria ciência e cabe a ela os lampejos dessa forma específica de percepção. (VAZQUEZ, 1999, p.8).

Assim, diante do desafio de criar dentro da Escola haverá sempre convulsões entre o pensamento/ato, conhecimento/ciência. Diante de uma folha em branco à espera de poesias, performances, músicas, peças de teatro; de muros e telas no aguardo de pincéis; ou salas de aulas tradicionais travestidas de cenários orquestrados pela imaginação encontra-se a relação com a arte, que não é obediente e estática. Desorganiza.

A educação estética não é algo supérfluo, um adorno em nossa existência, mas um elemento vital em toda a sociedade, uma necessidade humana que exige ser satisfeita. Não é apenas um valor em si, mas sim o de um conhecimento necessário para o homem. (VAZQUEZ ,1999, p.19).

Apropriação que somada às dos conhecimentos sistematizados deverá continuar contribuindo para formar pessoas “em estado de apetite”.

REFERÊNCIAS

ABREU. Juliana Gomes de. [**Projeto Convulsivo Sinódico**]. Destinatário: Sônia Aparecida Ijano Batista. Piedade, SP, 15 set.2019. 1 mensagem whatsapp.

A EDUCAÇÃO. Palestrante: Viviane Mosé. Campinas: Instituto CPFL, 2010. Programa Café Filosófico CPFL. 1 vídeo (48 min). Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/2010/07/21/cafe-filosofico-cpfl-a-educacao-viviane-mose/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

ANDRADE. Tammy de. Gentileza na escola pública. Piedade, SP.23 abr.2010. **Blog : Quanta gentileza.** Disponível em <https://quantagentileza.wordpress.com/category/gentileza/page/4/>. Acesso em 8 dez.2019.

ANGELUS NOVUS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Angelus_Novus&oldid=54277834. Acesso em: 14 ago. 2019.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ARTUR, Josias. **Projeto Convulsivo Sinódico**: livro artesanal 3º A e 3º B – E.E. Carlos Augusto de Camargo. Piedade: 2019.

ASSIS, Thiago Albuquerque de. et al. Geometria fractal: propriedades e características de fractais ideais. **Revista brasileira de ensino da física**, v.30, n.2. 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48306879-Geometria-fractal-propriedades-e-caracteristicas-de-fractais-ideais.html>. Acesso em 25 mar.2019.

BALDIN, Nelma; ALBUQUERQUE, Cristina (Org.). **Novos desafios na educação: responsabilidade social, democracia e sustentabilidade**. Brasília: Liber Livro, 2012.

BALDO. Shirley de Fátima Aires. [**Projeto Convulsivo Sinódico**]. Destinatário: Sônia Aparecida Ijano Batista. Piedade, SP, 19 set.2019. 1 mensagem whatsapp.

BATISTA, Eraldo Lemes; LIMA, Marcos Roberto. Dermeval Saviani: uma trajetória de luta e compromisso com a educação transformadora. **Germinal: marxismo e educação em debate**. Salvador, v. 5, n.2, p. 203-215, dez.2013.

BATISTA, Sônia Aparecida Ijano; BOSCHETTI, Vania Regina. A escrita como direito de expressão: exercício didático midiático através do projeto convulsivo sinódico da escola “Carlos Augusto”, de Piedade/ SP. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria. **La prensa pedagógica de los profesores**. Salamanca, España: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018. p. 575-585. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=GtSMDwAAQBAJ&pg=PA577&lpg=PA577&dq=%22A+escrita+como+direito+de+express%C3%A3o:+exerc%C3%ADcio+did%C3%A1tico+midi%C3%A1tico,+atrav%C3%A9s+do+projeto+convulsivo+sin%C3%B3dico+da+escola+%22Carlos+Augusto%22,+de+Piedade,+Sao+Paulo%22&source=bl&ots=MnOtVbTz4o&sig=ACfU3U2li_vRbUNNDmLk0xjzp7RfHiTQWw&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwi42Pm7h5LkA

hVJILkGHVNRAfwQ6AEwAnoECAUQAQ#v=onepage&q=%22A%20escrita%20como%20direito%20de%20express%C3%A3o%3A%20exerc%C3%ADcio%20did%C3%A1tico%20midi%C3%A1tico%2C%20atrav%C3%A9s%20do%20projeto%20convulsivo%20sin%C3%B3dico%20da%20escola%20%22Carlos%20Augusto%22%2C%20de%20Piedade%2C%20Sao%20Paulo%22&f=false. Acesso em 20 ago.2019.

BATISTA, Sônia Aparecida Ijano. **Pra que ensinar literatura pra quem carrega saco nas costas?** 2003, 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

BATISTA, Sônia Aparecida Ijano. SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Pra que ensinar literatura pra quem carrega saco nas costas? : um ensaio.** 2005, [s.l.].

BATISTA, Sônia Aparecida Ijano. **O projeto convulsivo sinódico da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP.** 2005. Disponível em <http://carloaugustodecamargo.blogspot.com/search?updated-max=2014-07-12T10:38:00-07:00&max-results=7&reverse-paginate=true>. Acesso em 18 agos.2019.

BAUER, Adriana. Formação continuada de professores e resultados dos alunos do SARESP – propostas e realizações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.4, p.809-824, dez 2011.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão.** Tradução, apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios, artes literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II.** Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BLOG Escola “Carlos Augusto” de Piedade. 21 out. 2010. Disponível em <http://carloaugustodecamargo.blogspot.com/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 18 ago.2019.

CAMARGO, Érika Bueno de. **O projeto como forma de reorganização do cotidiano escolar.** 2009, 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

CAMÕES. Luís Vaz de. Amor é fogo que arde sem se ver... Disponível em <http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v301.txt>. Acesso em 25.12.2019.

CASA de pau-a-pique. Piedade, SP, 2005.

CASTRO, Luisa Maria de Oliveira. [**Projeto Convulsivo Sinódico**]. Destinatário: Sônia Aparecida Ijano Batista. Piedade, SP, 14 out.2019. 1 mensagem whatsapp.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Carta da Secretária. In: **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa/** Coord. Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difusão Editorial, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol.5, n.11, p. 173-191, abr. 1991. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 de agos. 2019.

COM licença Terra: natureza e gentileza na arte da palavra. Piedade, SP, 21 out.2010.
Blog: Escola “Carlos Augusto” de Piedade/SP. Disponível em <http://carloaugustodecamargo.blogspot.com/2010/11/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html#more>. Acesso em 2 dez.2019.

CONJUNTURA nacional, coronavírus e educação: o desmonte da educação nacional. [Campinas, SP]: UNICAMP, 2020. 1 vídeo (118 min). Ciclo de Debates 2020 HISTEDBR. Live com a participação dos docentes Dermeval Saviani (Unicamp) e Paulino Orso (Unioeste), com mediação de José Lombardi (Unicamp). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ju29KiHmqzo>. Acesso em: 5 jul. 2020.

ENGUITA, Mariano Fernández. A encruzilhada da instituição escolar. In : KRAWCZYK, Nora (Org) **Sociologia do Ensino Médio** : crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: Cortez, 2014, p.7- 11.

EDGARD Morin: educação na era planetária. São Paulo: Universidade São Marcos, 2005. 1 vídeo (30 min.). Palestra gravada para o 2. Ciclo do Fórum do Universo do Conhecimento. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/37877_edgar-morin-educacao-parte-1.html. Acesso em: 13 nov. 2019.

EUTUELEELAAGENTESOMOSPIEDADE. Piedade, SP, 2005.

FELIZ aniversário. Piedade, SP, 2017.

FERREIRA GULLAR: a necessidade da arte. Direção: Zelito Viana, Vera Paula, Aruanna Cavalleiro e Cláudio Duarte. São Paulo: SESC TV, 2010. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yRLDFOjxRWc&app=desktop>. Acesso em: 26 maio 2019.

FOLHA DE PIEDADE. Piedade, ano 2017, n. 565, 19.5.2017.

FRACTAIS: o Projeto Convulsivo Sinódico no Clube Literário em Piedade. Piedade, SP, 1994.

FRANCO, Valéria Aparecida Machado. [**Projeto Convulsivo Sinódico**]. Destinatário: Sônia Aparecida Ijano Batista. Piedade, SP, 13 jul.2019.1 mensagem whatsapp.

GALLEGO, Rita de Cássia; SILVA, Vivian Batista da. O projeto pedagógico e autonomia na escola. **Curso Redefor de gestão da escola para diretores**. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4118871/mod_resource/content/2/GALLEGO%20R.%20e%20SILVA%20V._O%20projeto%20pedag%C3%B3gico%20e%20a%20autonomia....pdf. Acesso em 15 out.2019.

GALLO, Silvio. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de ; MARIGUELA, Márcio (orgs.). **Cotidiano escolar: emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha editores, 2007, p.21-39.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.27, n.2, p. 169-178, jul/dez.2002.

GAGNEBIN. Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p 7 – 19.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória e história em Walter Benjamin. Responsável: Miorim. Maria Angela. Campinas: Faculdade de Educação. Universidade de Campinas, 2009. Videoconferência. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RfmXD6gMkK8>. Acesso em 8 set. 2019.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA, 3., Campinas, 1999. *Anais...* Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação da UNICAMP, 1999. p. 99-108.

GOERGEN, Pedro. A crise de identidade da universidade moderna. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos. MORAES, Silvia E. (Org.). **Escola e Universidade na pós modernidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.p. 101 – 161.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antonio. **Educação e literatura**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1. 2001. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Aceso em 9 nov.2019.

KENSKI. Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

KRAWCZYK, Nora. Conhecimento crítico e política educacional: um diálogo difícil, mas necessário. In: KRAWCZYK, Nora. **Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 13-32.

KRAWCZYK, Nora. Introdução. In: KRAWCZYK, Nora. **Escola pública: tempos difíceis, mas não impossíveis**. Campinas: FE/UNICAMP; Uberlândia, MG: Navegando, 2018, p.10-12.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita como experiência: notas sobre seu papel de formação. In: ZACCUR Edwiges (org.). **A magia da linguagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A:SEPE, 2001, p.101 – 121.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. Prática, pessoa, mundo social. In: DANIELS, Harry (Org.). **Uma introdução à Vygotsky**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Loyolla, 2002. p. 165-174.

LEITE NETTO, Antônio. **História de Piedade**. Piedade: Edições Culturesp, 1987.

LEITE, José Marcos Almeida. O palco: mandacaru. Piedade, SP, 21 out.2010. **Blog: Escola “Carlos Augusto” de Piedade/SP**. Disponível em <http://carloaugustodecamargo.blogspot.com/2010/12/mandacaru-seco.html>. Acesso em 2 dez.2019.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**: diálogos com Philippe Nemo. Lisboa/Portugal: Edições 70. 2007.

LEVINAS, Emmanuel. **Violência do rosto**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LIMA, Amada Oliveira. Eu + Gregor = Metamorfose. Piedade, 2007.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant [tradução das teses], Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2004.

MARASCA, Eliane; BOSCHETTI, Vania Regina. Primeiro o primário: a educação elementar no Brasil no ideário de Anísio Teixeira. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v.21, n.43, p.179-192, set/dez 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **A comunicação na educação**. Tradutores: Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014, 157p.

MARTINS, Ana Maria Pina. **Movimento Dada**: o banal e o indizível. **Revista Análise Psicológica**, Lisboa, v.17, n.4. 1999, p.723-726.

MATEUS, Samuel. A experiência e a vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, v.17, n.2, p.1-14, mai./ago.2014. Disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1029>. Acesso em 20 jun.2020.

MEMÓRIAS da Escola: estranhamentos. Piedade, SP, 1993.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra – Pátria**. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MORAIS, Sandra Aparecida. **O cotidiano escolar revelado na jornada de uma professora criadora**. 2012. 90 fls. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba.

MOREIRA, Elias Henrique. **A reforma educacional paulista entre 1995-2000 e o trabalho docente**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

NOVO Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA FILHO. Benedito Maciel. **Carlos Augusto de Camargo**. Piedade, SP. 28 dez. 2017. Facebook: Historiografia de Piedadense. Disponível em: <https://www.facebook.com/people/Historiografia-Piedadense/100010482151517>. Acesso em 15.03.2019.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Política educativa, crise na escola e a promoção de justiça social. In: FERREIRA, Eliza Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalila Andrade. (Org.). **Crise na escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.17-32.

OLIVEIRA. Gemima de. [**Projeto Convulsivo Sinódico**]. Destinatário: Sônia Aparecida Ijano Batista. Piedade, SP, 12 jul.2019. 1 mensagem whatsapp.

OSTROWER, Fayga. **A sensibilidade do intelecto**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lídia. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. **Fragmentos**, Florianópolis, n.18, p. 35-47, jan./jun. 2000. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/6415/5984>. Acesso em 2 set.2019.

PAIVA, Vanilda. A escola pública brasileira no início do século XXI: lições de história. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **A escola pública no Brasil: história e historiografia**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2005 – Coleção Memória da Educação, p. 161-191.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.

PETRUCCI-ROSA, Maria Inês. Práticas curriculares e identidades docentes disciplinares: a área de ciências da natureza e matemática no currículo do Ensino Médio do estado de São Paulo (2008 – 2011). Bauru: **Ciencias & Educação**, vol.20, n.4, out./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v20n4/1516-7313-ciedu-20-04-0937.pdf>. Acesso em 23 jun.2019.

PETRUCCI-ROSA. Maria Inês et al. Narrativas e mônadas: potencialidades para outra compreensão do currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, p.198-217, Jan/Jun 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2011/vol11/no1/14.pdf>. Acesso em 3 set.2019.

SANTO. Mariana do Espírito. Poesia Tartaruga. 20 dez. 2010. **Blog: Escola “Carlos Augusto” de Piedade/SP.** Disponível em http://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2010/12/um-treco-na-mao-uma-ideia-na-cabeca_22.html. Acesso em: 05 jul. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Pesquisa do Apoio ao Saber irá identificar gêneros literários preferidos pelos alunos.** São Paulo: SE, 2014. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/pesquisa-do-apoio-ao-saber-ira-identificar-generos-literarios-preferidos-de-alunos/>. Acesso em: 23 mar.2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo.** Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/curriculo>. Acesso em: 23 mar.2019.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 34.035, de 22 de outubro de 1991. Dispõe sobre a instituição do Projeto Educacional "Escola Padrão" na Secretaria da Educação. Disponível em <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=19439>. Acesso em: 5 jul. 2017.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Matriz de avaliação processual:** língua portuguesa, linguagens. São Paulo: SEE, 2016.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Alunos do Estado participam da Gincana da Cidadania. São Paulo: SE: 2002. Disponível em <http://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/educacao-alunos-do-estado-participam-da-gincana-da-cidadania/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Sobre o Programa Escola da Família. São Paulo: SE.** Disponível em : <https://www.educacao.sp.gov.br/noticia/se-torne-um-voluntario-programa-escola-da-familia/>. Acesso em: 29 nov.2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Educação abre cadastro para financiamento de projetos inovadores nas escolas.** São Paulo: SE, 2013. Disponível em <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/educacao-abre-cadastro-para-financiamento-de-projetos-inovadores-nas-escolas/>. Acesso em 29 nov.2019.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **São Paulo faz escola.** São Paulo: SE, 2007. Disponível em <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=1208>. Acesso em: 20 jun.2019

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **SARESP.** São Paulo: SE. Disponível em <https://www.educacao.sp.gov.br/saresp>. Acesso em 24 jun.2019

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Caderno do professor:** literatura. São Paulo: SEE, 2010. v.1.

SANFELICE, José Luis. História das instituições escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel M. **Instituições escolares no Brasil:** conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR; Sorocaba: UNISO; Ponta Grossa: UEPG, Coleção Memórias da Educação, 2007, p. 75-93.

SARMENTO, Albertina Paes; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. Escola Padrão, curta-vida, longa saúde. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. FAC São Roque, v.2, nº 1. 2011. p.1-22. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v2-n1-2011/Albertina.pdf>. Acesso em: 25.mar.2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Dermeval. História da escola pública no Brasil, questões de pesquisa. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M.I.M. **A escola pública no Brasil**: história e historiografia. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2005 – Coleção Memória da Educação, p. 1-29.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. O uso das fontes na pesquisa historiográfica: questões metodológicas iniciais. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.2, nº 2, 2006, p.237-246. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/390/420> Acesso em: 15.03.2016

SCHLESENER, Anita Helena. **Os tempos da história**: leituras de Walter Benjamin. Brasília: Liber Livro, 2011.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Contribuição ao estudo de meação**: o exemplo da cultura de cebola de Piedade. Dissertação (Mestrado) FFLCH, USP, 1981

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Girassóis ou Heliantos**: maneiras criadoras para o conhecer geográfico. Sorocaba: Sorocaba/sp. Linc. 2001.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. De história e práticas: o Projeto Convulsivo – Sinódico do “Carlos Augusto” de Piedade/SP. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.21, 2006. p. 65 – 73. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/21/art07_21.pdf. Acesso em: 20.jan.2019.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim; NOGUEIRA, Eliete Jussara. Educação estética: alguns princípios orientadores para práticas pedagógicas emancipatórias no cotidiano escolar. **RevistAleph. UFF**. Rio de Janeiro, nº 18, Ano VI, p. 126-141, dez.2012. Disponível em: <http://revistaleph.uff.br/index.php/REVISTALEPH/article/viewFile/39/34>. Acesso em: 23.jul.2017.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TIRAMONTI, Guilhermina. A escola moderna. Restrições e potencialidade frente às exigências da contemporaneidade. In: KRAWCZKY N. (Org) **Sociologia do Ensino Médio**: crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: Cortez, 2014. p.185-206.

THOMPSON. Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON. Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**. Rio de Janeiro, n.5, p. 9-28, jun.2002.

VIEIRA. Carolina Leite Costa. [**Projeto Convulsivo Sinódico**]. Destinatário: Sônia Aparecida Ijano Batista. Piedade, SP, 22 jul.2019. 1 mensagem whatsapp.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas: continuidades y cambios**. 2ª ed. Madri: Ediciones Morata . Collección Pedagogia. Razones y propuestas educativas, 2006.

VIÑAO FRAGO, Antonio. La historia material e inmaterial de la escuela: memoria, patrimônio y educación. **Educação**, Porto Alegre, v.35, n.1, p.7-17, jan./abr.2012.

WUNDER, Alik. Fotografias, restos quase mortais. In: AMORIM, Antonio Carlos, GALLO, Silvio. OLIVEIRA Jr. Wenceslao Machado de. (orgs). **Deleuze e Imagem do Pensamento e ...**. Petrópolis: De Petrus; Brasília, DF.: CNPq, 2011. p. 155-176.

XAVIER, Libania; CARVALHO, Fábio Garcez de. Pesquisa educacional, história da educação e historiografia. Diálogos em curso, intercâmbios possíveis. **Cadernos de história da educação**. Uberlândia, v.12, n.1, p.231-251, jan./jun. 2013. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/22906/12433>. Acesso em 21 fev.2020.

APÊNDICE A - Caderno de imagens do Projeto Convulsivo Sinódico - centelhas

1993. *Os fantasmas do Carlos Augusto: Memórias da Escola*¹⁶⁵

Leituras e pesquisas: Arquivo morto da Escola.

Recepção aos antigos diretores da instituição



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Faixas da participação da Escola nos desfiles do aniversário da cidade



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁶⁵ O Projeto *Memórias da Escola* contou com um *Dia de Estranhamento* realizado por professores e alunos em que foram reavivadas algumas memórias da Escola. Na sala organizada pelos alunos do Magistério estiveram presentes os antigos diretores da “Carlos Augusto”: Wilson Múscari e Sebastiana dos Santos Múscari, esta também autora do *Hino à Piedade*. Em outra sala : uma instalação com faixas e adereços das participações da instituição nos desfiles do aniversário de Piedade, espaço de efervescência criativa da comunidade e das escolas. Os desfiles haviam sido cessados e a instalação era um convite à reflexão sobre as perdas que isso traria ao município.

1994. Fractais¹⁶⁶

Leituras e pesquisas: Teoria do caos e Richard Wagner.

Alunas da 5ª série com *Aquarela*, quadro de construção coletiva.



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Mãe desfilando com artesanatos produzidos por ela



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁶⁶ Neste Projeto a Escola se deslocou como um fractal para o centro da cidade, onde foram apresentados valores de sua comunidade.

1995. Chronos. O desgaste da instituição escolar¹⁶⁷

Leituras e pesquisas: Obras do artista Alberto Burri.

Alunos criando sobre as feridas da escola



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁶⁷ Ao buscar imagens para os acertos finais da tese sugeridos pela Banca de Defesa - um encontro essencial : uma folha manuscrita e amarelada pelo tempo sem assinatura, mas com a letra inconfundível da professora Maria Lúcia , em texto intitulado: *Semana Convulsiva e Sinódica/95 – EEPSG “Prof. Carlos Augusto de Camargo”*: “Não basta esconder a dor de uma ferida, é preciso senti-la... Na Escola “Carlos Augusto” amadureceu a necessidade de enfrentar as dores, antigos rasgos, mofos, documentos das dilacerações, através de uma experiência artística seguindo o fio de uma linguagem material existencial, expressamente simbólica. Tudo isso, inspirado na obra de *Alberto Burri*, um dos intérpretes mais abalizados do Informal Europeu, neste século. As paredes, o chão, as carteiras, o lixo, o cotidiano do aluno transformaram-se em matérias, sempre refugadas, porém com uma história, um passado próprio. No entanto, esse passado vivido consumiu-se em certos pontos, determinando zonas de resistência e nelas emergindo rasgos que se reabrem e se alargam, registrando os “Documentos de Chronos”. Este é o nome do nosso projeto. O máximo que se pode dizer, com certeza, é que a matéria exposta se torna sensível e os símbolos aludem a sofrimentos, as ofensas, as torturas padecidas, cuja dor se renova no fato consumado, [...]. (SOARES, 1995) . Uma única folha , terminada com uma vírgula . Um documento que não poderia deixar de ser registrado nesta pesquisa. (SOARES, Maria Lúcia de Amorim. *Semana Convulsiva Sinódica/95: Documentos de Chronos*. Piedade, 1995).

Documentos de Chronos : matérias refugadas 1



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Documento de Chronos : matérias refugadas 2



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

1996. **Evoé**¹⁶⁸

Leituras e pesquisas: *O banquete*, de Platão / *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo.

Sala das musas – O Banquete de Platão



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Noite na Taverna em vestuários



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁶⁸ Nas leituras de *O Banquete*, de Platão e *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo - os extremos do amor sublime e o profano discutidos por toda a comunidade escolar em 1996. No brado *Evoé* uma evocação de coragem para o enfrentamento das instabilidades vivenciadas pela Escola.

1997 – Carmen nos escombros¹⁶⁹

Leituras e pesquisas: Carmen, de Prosper Mérimè / Carmen, de Bizet.

Carmen - teatro itinerante 1



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Carmen - teatro itinerante 2



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁶⁹ O movimento do Projeto Chronos (1995) foi intenso e divulgado pela mídia televisionada, tendo sido compreendido como uma mobilização pela reforma do prédio da Escola. Em 1997 chegaram algumas reformas que inviabilizariam a realização do Projeto Carmen. Todavia a impossibilidade se traduziu em criação: realizar teatros itinerantes pela Escola e exposições temáticas, em meio aos “escombros” conforme congelamentos de instantes expressos em imagens.

1998 – A beleza nua e crua¹⁷⁰

Leituras e pesquisas: *Frankenstein*, de Mary Shelley/ *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rosand.

Chuva de imagens



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷⁰ O Jornal *O Municipalista* de 5 de dezembro de 1998 estampava o seguinte título: *Semana Convulsiva Sinódica: A beleza nua e crua*. Dizia: “O objetivo das obras foram as reflexões de valores : bonito/feio, ensinar de forma diferente a romper com o ritmo cotidiano e fundir a aprendizagem e a arte. Cada período, cada classe ficou com uma função como: Sala de fotografias (Chuvas de imagens) mostrando que tudo gira em torno das imagens (fotografias de pessoas da cidade, tiradas em frente ao Mercado Municipal, reveladas e depois recortadas para a exposição). Sala de modas: palavras soltas no ar, a beleza nua, sem rosto – englobando um conjunto de comportamentos. Sala das ilusões – o espelho é como uma máquina fotográfica, se tornando algo virtual, cada um tem sua forma de registrar, sendo através do espelho ou de uma máquina fotográfica. Houve a dança, mostrando “ a beleza e a feiúra”. O importante não é beleza inferior, mas sim a beleza interior”. O Projeto fez uma importante adaptação do laboratório de Victor Frankstein, com uma representação fabulosa dos alunos. Para encerrar, os alunos fizeram um Recital dos Horrores, onde está a beleza e onde está o horror. Os alunos exploraram bem a beleza e o horror da humanidade, mostrando as várias formas e objetivos de se viver. Para expressar melhor tudo isso, a aluna Katiane B. de Oliveira interpretou a música do Titanic com acompanhamento de violões. A diretoria da Escola agradece ao Prefeito José Tadeu de Resende pela presença na abertura do Projeto e pela doação dos instrumentos da Fanfarra. Professores e alunos que desempenharam.... Parabéns!” (O MUNICIPALISTA. Piedade, ano 1998, n.179, 5.12.1998, p.8)

Representação temática em performance



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Fragmento do muro da Escola: Aparência



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

1999 – **Dança do Universo**¹⁷¹

Leituras e pesquisas: *Dança do Universo*, de Marcelo Gleiser.

Odisseia humana



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷¹ O Projeto *Dança do Universo* foi uma sugestão temática dos professores de Física e Matemática extraída da obra homônima do físico Marcelo Gleiser. Os corredores e salas de aula foram tomados por ficção, invenções e computadores. A instalação *Odisseia Humana* se constituiu por um monólito no centro da sala que interligava outros pontos: o primeiro trazia ossos, representando a força adquirida pelo homem ao quebrar um fêmur. Nos outros pontos estavam a luz, representando a tecnologia e os disquetes que apresentavam o universo digital. A instalação, metáfora do filme *2001: Uma odisseia no espaço* trazia a mensagem de que o homem, a partir da descoberta da própria força, extraída da manipulação do fêmur inerte de outro ser humano, multiplicava sua potência, subjungando sempre, dentro de todas as esferas da evolução: artesanal, tecnológica ou digital.

Computadores tomando os corredores da Escola



Fonte: Arquivo da EE. "Prof. Carlos Augusto de Camargo"

2000. Genoma

Leituras e pesquisas: *A mão perdida na caixa de correios/ O homem do furo na mão*, de Ignácio de Loyola Brandão¹⁷².

Figura : Instalação Genoma - alegoria



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷² Com esse projeto, cuja temática foi sugerida pelos professores de Biologia, foi possível pensar sobre o genoma, sua formação e implicações na ciência e na sociedade, no momento em que o Projeto Genoma Brasileiro preocupava-se com a *Xylella fastidiosa*, uma bactéria que ataca as culturas de laranja, provocando uma doença conhecida como amarelinho. O Projeto Convulsivo Sinódico contou com conhecimentos intercambiados entre todas as disciplinas e o viés literário de Ignácio de Loyola Brandão: *O homem do furo na mão* e *A mão perdida na caixa de correios*.

Instalação - O homem do furo na mão



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

2003. **La Mancha**¹⁷³

Leituras e pesquisas: *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes.

Dom Quixote – fragmento do muro da Escola



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura : Cenário teatral - Dom Quixote e Dulcinea



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷³ La Mancha surgiu do intento de proporcionar para alunos e professores a fruição de um dos livros mais lidos no mundo. A obra literária de Dom Quixote proporcionou discussões a respeito do amor platônico, da amizade, dos perigos representados por personagens como *Malfato*, simbolizando a maldade e os desacertos, inclusive com relação ao próprio corpo – Nanomonstros (projeto elaborado pela área da Biologia, mostrando os vírus como os maiores inimigos do nosso corpo). O projeto recebeu o *Prêmio de Incentivo à Leitura da Secretaria de Estado da Educação*, conforme já tratado nesta tese.

2004. Na era da locupletação¹⁷⁴

Leituras e pesquisas: *Manifesto verde/ Não verá país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão.

Sala das sensações



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura : Natureza - performance



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷⁴ O Projeto nasceu com o objetivo de trazer a importância da preservação da água do Planeta Terra em detrimento de valores capitalistas, que buscam o enriquecimento a qualquer custo. Para conversar sobre o perigo planetário professores, alunos e coordenação e direção se apropriaram das obras de Inácio de Loyolla Brandão: *Não verás país nenhum* e *Manifesto Verde*.

2005. **EUTUELELAAGENTESOMOSPIEDADE**¹⁷⁵

Leituras e pesquisas: *Hamlet Romeu e Julieta*, de Willian Shakespeare.

O diário de Julieta



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

A venda do Zé



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷⁵ Conforme já abordado , O Projeto de 2005 foi uma conexão das obras de Shakespeare : *Romeu e Julieta* e *Hamlet* com o *Projeto Terra Paulista* do CENPEC que visava o descobrimento e resgate da cultura e história local.

O brasão de Piedade¹⁷⁶

Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷⁶ Texto de construção coletiva encontrado nos registros sobre a instalação *Oficina Raízes de Piedade*, em 2005: “Ao lançar-se a ideia do tema gerador EUTUELEELAAGENTESOMOSPIEDADE, logo veio a ideia do símbolo, o qual poderia resgatar o orgulho de ser piedadense. Assim, ao ver a imagem criaram-se os primeiros passos que e no qual a ideia se construiu , dividindo o Brasão em partes, dando significado de forma tridimensional e multiplicando suas formas. Milhares de estrelas representando a população de Piedade, cada ser, cada valor, cada virtude expressa e suspensa no ar. As enxadas também se multiplicando com aspecto representativo da mão de obra forte , a inteligência de cada trabalhador piedadense e de cada profissão. O gibão (roupão de couro que os tropeiros usavam) representando o poder público e a proteção sobre o povo. A coroa designando competência e imaginação. Os pés do milho sobrepondo o chão enaltecem tanto a produção agroindustrial como comercial. O Rio Pirapora com suas curvas de águas cristalinas , cortando a cidade [...] A faixa determina o tempo de vila à município.”

2006. Entre Macabéas e Olímpicos , nós as estrelas¹⁷⁷

Leituras e pesquisas: *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

Convite à população



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Figura: Símbolo do Projeto em ornamentação natural



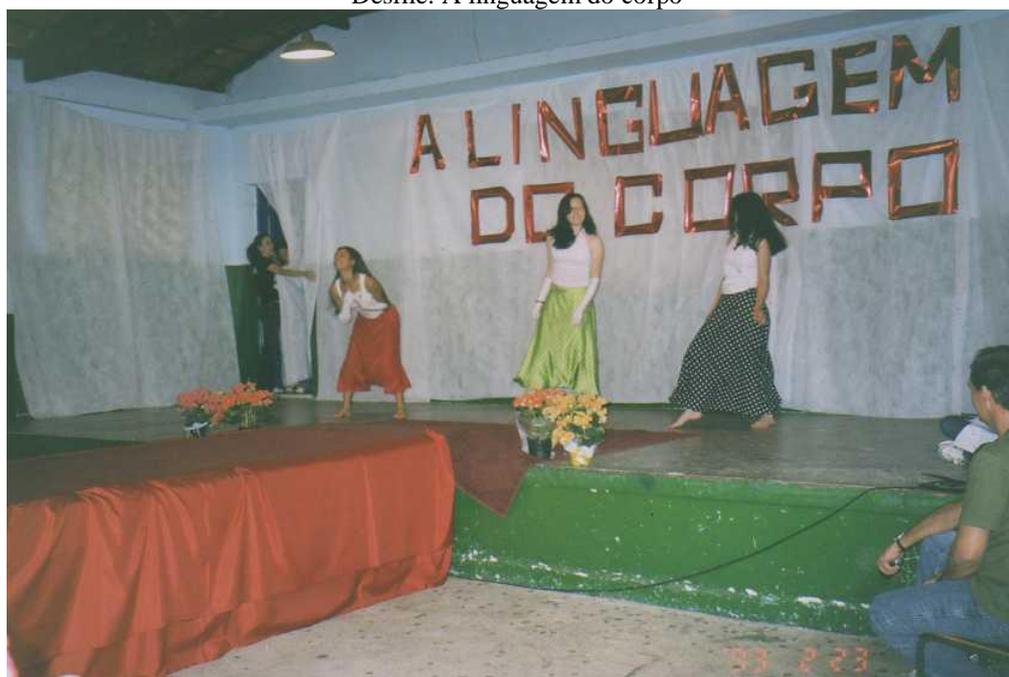
Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷⁷ Projeto interdisciplinar que buscou no intimismo de Clarice Lispector reflexões sobre o preconceito instalado em nossa sociedade, que acentua as diferenças de um país desigual desde suas origens. Desigualdade instalada em *Macabea*, uma desajeitada datilógrafa, que sonhava ser estrela de cinema, mas não possuía atributo algum. Buscando um pouco de si mesmos na sofrida Macabea, os alunos puderam se aproximar do clássico da literatura nacional: *A hora da estrela*, vivendo reflexões diferenciadas, dentre elas a importância da linguagem do corpo saudável, tão distante da jovem alagoana. No último dia do Projeto Sinódico os alunos comeram cachorro quente com coca-cola, numa referência à personagem, que basicamente se alimentava dessa forma. Importante destacar que nesse ano a Escola recebeu doação de 40 exemplares do livro realizada pelo contador Antônio Zallico Netto, admirador do Projeto Convulsivo Sinódico.

Público presente à sala dos teatros e performances



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Desfile: A linguagem do corpo¹⁷⁸

Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷⁸ Roupas confeccionadas pela *Oficina Moda e Arte*, da Escola da Família, em parceria com a Prefeitura de Piedade/ Diretoria de Assistência Social.

2007. **Vem Kafka, ler e metamorfosear na Escola**¹⁷⁹

Leituras e pesquisas: *A metamorfose*, de Franz Kafka.

Fragmento do muro da escola



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Câmara de espelhos e transformações



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

¹⁷⁹ O conto *A metamorfose*, de Franz Kafka permitiu aos alunos vivenciarem os sentimentos de *Gregor Samsa*, um caixeiro viajante que acordou numa manhã transformado num inseto. Na vivência da ficção, experiências estéticas em várias dimensões trouxeram possibilidades de pensar, dialogar e refletir sobre metamorfoses próprias e singulares.

Performance no Palco



Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Palco do Projeto : colaboração do ex-aluno e artista *Dizing*, de Piedade

Fonte: Arquivo da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”

2010. Com licença Terra: na natureza e gentileza na arte da palavra¹⁸⁰

Leituras e pesquisas: *Poesias de Patativa de Assaré/ Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Patativa de madeira



Fonte: https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2010/12/um-treco-na-mao-uma-ideia-na-cabeça_22.html

PATATIVA DE MADEIRA, de Roberto Paes

Patativa de madeira
 Traz histórias de primeira
 Patativa nordestino
 Homem do povo querido
 Que já foi muito sofrido
 E que jamais será esquecido
 Neste Brasil lindo e colorido.
 Patativa de madeira
 Com seu povo da catingueira
 Tendo fala na trincheira
 Mas não ajuda de nenhuma maneira
 A vida de roubalheira
 Que são nossos políticos com cara de madeira.

¹⁸⁰ No *Projeto Com licença, Terra : natureza e gentileza na arte da palavra*, os alunos , acompanhados dos professores pensaram a gentileza com relação ao Planeta Terra e ao ser humano , desde o início de 2010 , refletindo sobre coisas pequeninas e de especial importância para viver melhor na sociedade. Com inspiração inicial na vida e poesias do Profeta Gentileza, várias ações ocorreram naquele ano, dentre elas : *Um treco na mão, uma idéia da cabeça através* da montagem de objetos , a partir de resíduos como forma de gentileza com o Planeta. Cada objeto novo nascia acompanhado de poesia, à maneira de Patativa do Assaré que nas coisas mais simples exercitava o poder da palavra.

2011. 1,2,3... “É o Carlão outra vez”¹⁸¹

Leituras e pesquisas: *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury/ *A matemática e os temas transversais*, de Alexandrina Monteiro, Geraldo Pompeu Jr.

O aluno Alexsander premiado em Feira de Ciências da USP mostra invenção na Sala de Ciências



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2011/10/aluno-e-premiado-com-viagem-boston.html>

¹⁸¹ O projeto "*1,2,3 é o Carlão outra vez!*" propunha desmitificar o aprendizado da matemática, bem como incrementar a leitura, visando melhorar o rendimento dos alunos, junto ao SARESP, IDESP, ENEM (porta de entrada para muitos alunos cursarem a Universidade, por meio do PROUNI). O embasamento teórico do Projeto foi a etnomatemática exercitando a fusão entre a matemática escolar, presente nos currículos e aquela da vida cotidiana. O movimento do Projeto incentivou a participação do aluno do 2º ano do Ensino Médio Alexsander da Silva, orientado pela professora Débora Aparecida Crivelari a participar da *Feira de Ciências da USP: Despertando Vocações* com o trabalho denominado *Braço hidráulico caseiro elaborado com seringas*, tendo sido premiado com uma viagem para o Museu de Ciência de Boston, além de receber bolsa de iniciação científica do CNPQ.

Palco Poliedros, corpos e tridimensionalidade: produção artesanal em sala de aula em 2010¹⁸²



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2011/08/poliedros-corpos-e-tridimensionalidade.html>

No palco Poliedros, corpos e tridimensionalidade: aula de matemática e música



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2012/01/musica-e-matematica-aula-do-prof-benato.html>

¹⁸² Na montagem do palco do Projeto estavam presentes o fazer artístico e os movimentos do corpo envolvidos por cálculos, medidas e outras aplicações do raciocínio lógico. Nas descobertas: as áreas do pensamento criativo envolvem sensações e emoções que, transferidos para os suportes, podem se transformar em arte. A tridimensionalidade, objeto de estudo do caderno do aluno do 6º ano - volume 1, subsidiaram a confecção dos objetos propostos, ou seja os sólidos geométricos, as *assemblages* e outras esculturas utilizando materiais recicláveis ocupando os espaços. Inspiração da apreciação das obras de Daniela Thomas e de José Dias, cenógrafos presentes no *Caderno do Aluno* (6º ano – vol. 1) e da escultura *Flor Tropical* de Franz Weismann .

2012. Cidadania: políticas para a felicidade¹⁸³

Leituras e pesquisas: *Revolução dos bichos*, de George Orwell/ *Admirável mundo novo*, de Aldoux Huxley

Arte da camiseta do Projeto



Fonte : https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2012/11/16-projeto-interdisciplinar-da-ee_7.html

¹⁸³ Em 2012 a equipe escolar apontou a indisciplina, as dificuldades de se lidar com ela e o não acompanhamento da vida escolar por parte de muitas famílias como entraves à aprendizagem dos alunos. Buscou-se então discutir sobre o que os fazia felizes na Escola. Na discussão os alunos sugeriram metodologias mais ativas para as aulas. Privilegiaram espaços como a hora da merenda escolar e aulas de educação física como seus prediletos. As leituras dos clássicos de Aldoux Huxley: *Admirável mundo novo* e de George Orwell: *A revolução dos bichos* permearam as discussões e ações do Projeto.

Instalação: A revolução dos bichos - o celeiro



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2013/02/instalacao-o-celeiro-das-paginas-da.html>

Apresentação musical com participação da comunidade, dentre eles , os alunos da Escola



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2013/02/publico-periodo-da-manhaparticipacao.html>

2013. Caça aos tesouros: (re) descobertas¹⁸⁴

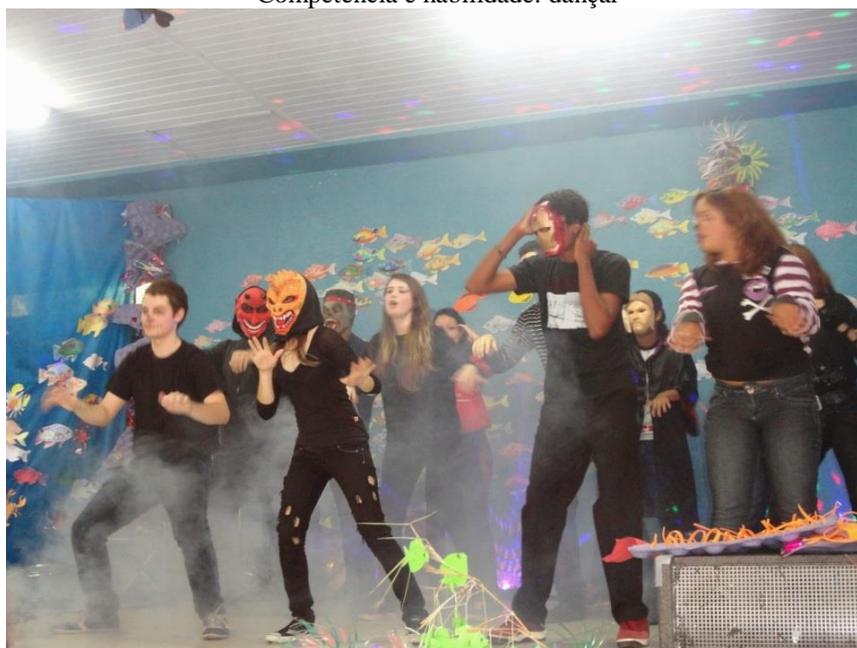
Leituras e pesquisas: *De repente nas profundezas do bosque*, de Amós Oz.

Renascimento da Banda: instrumentos musicais descobertos no arquivo morto da Escola



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2016/02/banda-marcialdaescolacarlosaugusto.html>

Competência e habilidade: dançar



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2014/07/competencia-e-habilidade-de-dancar.html>

¹⁸⁴ O projeto, iniciado no planejamento/2013, trouxe o desafio de (re)descobrir e encontrar tesouros da Escola, conforme sugestão do aluno Matheus da 2ª série A, do Ensino Médio. Além de encontrar tesouros como os instrumentos da antiga fanfara no arquivo escola, foram descobertos outros, aqueles submersos em muitos alunos, em habilidades ocultas que dificilmente se expressavam durante o cotidiano da sala de aula.

Sala de aula virando literatura: De repente nas profundezas do bosque – Amós Oz



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2014/07/a-sala-de-aula-virando-literatura.html>

De repente nas profundezas do bosque : porta de entrada da instalação



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2014/07/a-sala-de-aula-virando-literatura.html>

2014. (Auto) Retratos¹⁸⁵

Leituras e pesquisas: *O retrato de Dorian Gray/ O fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde.

Charge e poesia: *Sede* (aluna Tifany – 1ª série E.M)

A chuva vem
 A chuva passa
 A sede fica
 A sede mata
 A sede enlouquece
 A sede entristece
 A sede invade a alma
 A dúvida vem
 Onde há água?
 Onde há água?
 Esperança todos tem
 De que ela não nos faça reféns.

E agora Dorian?
 Como lavar uma vida inteira
 Sem água na torneira?

Charge e poesia



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2015/05/charges-epoesias.html>

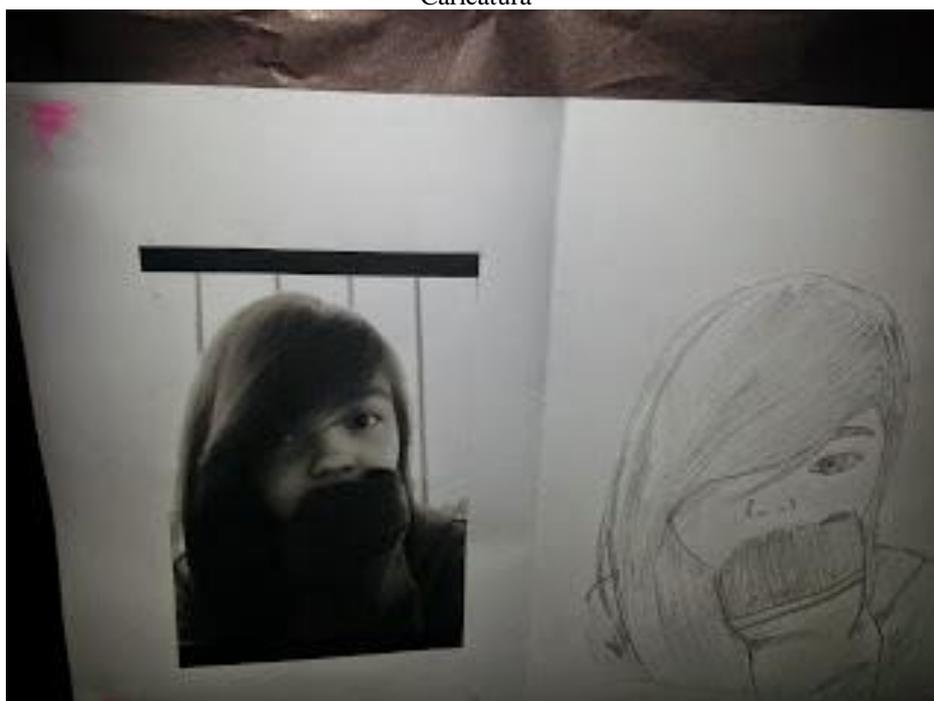
¹⁸⁵ (Auto) *Retratos* objetivou conhecer os alunos, seus “selfies” e os retratos que faziam da escola, de suas famílias e da cidade. A proposta foi de diálogo e criação, sendo Oscar Wilde o escritor escolhido para o Projeto, através de: *O Retrato de Dorian Gray* (9ºs anos, Ensino Médio e EJA) e *O fantasma de Canterville* (6ºs, 7ºs e 8ºs anos – Ensino Fundamental). Clássicos literários que dificilmente seriam conhecidos pelos alunos se não fosse por meio da Escola.

Retratos em azulejos



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2015/05/retratos-em-azulejos.html>

Caricatura



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2015/05/autorretratos-e-caricaturas.html>

2015. **Ser humano**¹⁸⁶

Leituras e pesquisas: *O pequeno príncipe*, de Saint Exupéry/ *É isto um homem?*, de Primo Levi.

Teatro: O pequeno príncipe : “encontro de nós com nós mesmos”



Fonte : <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2016/02/ser-humano.html>

Esconderijo de Annie Frank - instalação



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2016/02/o-esconderijo-de-anne-frank.html>

¹⁸⁶ O Projeto Ser Humano teve como objetivo aflorar valores subterrâneos que dizem respeito a ser melhor, sem perder a dimensão crítica da contemporaneidade. O viés literário de Saint Exupéry – *O pequeno príncipe* e de Primo Levi – *É isto um homem?* permearam reflexões e o processo criativo de 2015.

O julgamento



Fonte: https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2016/02/apresentacoes-no-palco_71.html

Apresentação de dança



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2016/02/apresentacoes-do-palco.html>

2016. Laços de família¹⁸⁷

Leituras e pesquisas: *Laços de família*, de Clarice Lispector.

Teatro : Feliz aniversário



Fonte: <https://carloaugustodecamargo.blogspot.com/2017/02/teatro-feliz-aniversario.html>

Teatro: Os eus líricos de Chico



Fonte: <https://carloaugustodecamargo.blogspot.com/2017/02/os-eus-liricos-de-chico.html>

¹⁸⁷ 2016. Ano em que a escola comemorou 20 edições do Projeto Convulsivo Sinódico e 60 anos da Escola Carlos Augusto, em laços estabelecidos com sua comunidade. Numa outra via estava a preocupação com o distanciamento de muitos familiares na educação de seus filhos, apontados no Conselho de Classe e no cotidiano escolar. O tema *Laços de Família* e a leitura da obra homônima de Clarice Lispector permearam os diálogos entre alunos, professores e comunidade escolar em 2016.

Teatro no palco : Relações de família



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2017/02/teatro-projeto-mais-educacao-e-sala-de.html>

Abertura do Projeto com a Banda da Escola



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2017/02/palco-lacos-de-familia.html>

2017. **Piedade: nossos caminhos, nossa terra e nossa gente**¹⁸⁸

Leituras e pesquisas: *História de Piedade*, de Antonio Leite Netto/ *Historiografia de Piedadense*, de Benedito Maciel de Oliveira Filho.

EXPAP – Exposição agropecuária de Piedade¹⁸⁹



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2018/01/expap.html>

Recebendo a comunidade



Fonte: <https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2018/01/expap.html>

¹⁸⁸ O Projeto de 2017 teve foco nas memórias da cidade e informações que envolviam direta ou indiretamente o cotidiano de professores e alunos. O processo se constituiu no trabalho com memórias, espaços, singularidades, arquiteturas e espaços naturais de Piedade.

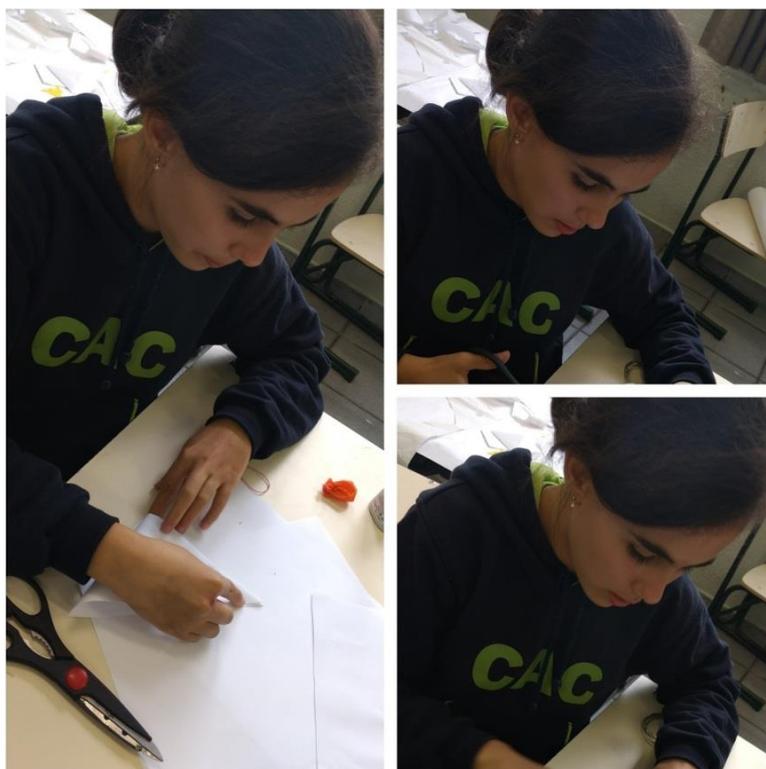
¹⁸⁹ A Exposição de produtos agrícolas de Piedade - EXPAP é um evento realizado anualmente pela Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Agricultura. A instalação referenciava a exposição.

Teatro : Dona Piedade - causos e acasos ... coisas de nossa gente



Fonte:<https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2018/01/piedade-causos-e-acasos-coisas-de-nossa.html>

Os invisíveis: montagem do palco para as apresentações



Fonte:<https://carlosaugustodecamargo.blogspot.com/2017/02/matematica-e-arte-na-montagem-do-palco.html>

2018. **O que seria do amarelo, se todos gostassem do azul: afrontando nossas diferenças**¹⁹⁰

Leituras e pesquisas: *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo.

Teatro: O corcunda de Notre Dame nas profundezas da sociedade



Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2132874920091086/2132888320089746>

Instalação: Transformando imagens para não sofrer preconceitos



Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2132874920091086/2132881743423737>

¹⁹⁰ O Projeto em sua 22ª edição teve como tema a intolerância, sendo seu objetivo discutir as difíceis relações existentes na contemporaneidade, com o viés literário de Victor Hugo em *O corcunda de Notre-Dame*. As reflexões foram permeadas pelas diversas relações de falta de habilidade em respeitar as diferenças. A leitura também promoveu trocas e textos significativos, relacionados a experiências existentes na Escola.

Onde vive o eu do outro



<https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2132874920091086/2132888893423022>

Instalação: As faces surdas que se calam é que são cegas perante as intolerâncias



Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2132874920091086/2132880923423819>

2019. Quando o vento descobriu a Escola Carlos Augusto

Leituras e pesquisas: *O menino que descobriu o vento*, de Willian Kamkwamba.

O convite do Projeto de 2019 inclui uma pequena síntese da gênese do PCS. Os convites dos últimos anos também estamparam essa referência em meio às ilustrações temáticas criadas pelos alunos.

Convite do 23º Projeto Convulsivo Sinódico - frente

Cronograma:

Dentro da temática, professores e alunos refletiram sobre as demandas da vida atual, como: o enfrentamento de problemas, o relacionamento com o outro, o protagonismo juvenil, o mundo do trabalho em situações contextualizadas da vida real, realizando diferentes leituras. A partir da obra “O menino que descobriu o vento”, que se materializaram em trabalhos desenvolvidos pelos alunos, como: desenhos, maquetes, teatros, danças, instalações etc, originando os seguintes espaços:

- Figurantes
- O valor do estudo e o sustento da vida
- Os ventos e os experimentos
- A pá que move os moinhos
- A descoberta dos experimentos
- Revista “Cubo Mágico”
- Livro Artesanal “Projeto Convulsivo Sinódico”
- Musical de Sombras
- William no mundo mágico da realidade
- Onde você vê o lixo, eu enxergo a oportunidade
- Floresta de ideias...!
- Fluir dos ventos
- “Carlos Augusto em cena!”



Local:
EE “Prof. Carlos A. de Camargo”
Rua: Vicente Garcia,
296 Centro, Piedade/SP

Dia: 06/12/2019

Horário:
9h – 12h
13h – 17h

Apresentações:
Dança, teatro, instalações e exposições.

Haverá venda de lanche de perrnil e sorvete

Feito e confeccionado pelos alunos EA/AF/EF com mediação do Design Dizing

DIZING DESIGN

23º Projeto Convulsivo Sinódico

“Quando o vento descobriu a escola Carlos Augusto”



23º Projeto Convulsivo Sinódico 2019

A PÁ QUE MOVE OS MOINHOS

Luciana Matsumoto, 3ª A

“EE. Prof. Carlos Augusto de Camargo”

Fonte: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2768777143167524&id=468754489836479

Convite do 23º Projeto Convulsivo Sinódico - verso

O Projeto está em sua 23ª edição e o tema deste ano é a importância dos estudos para enfrentarmos os desafios do cotidiano, com o viés literário dos autores Bryan Mealer & William Kamkwamba em "O Menino Que Descobriu O Vento".

As reflexões foram permeadas pela busca por práticas de aprendizagem mais dinâmicas, contextualizadas com a vida prática dos alunos, com foco nas competências cognitivas e socioemocionais, promovendo o desenvolvimento de habilidades.

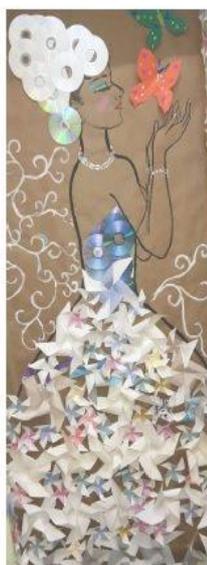


Mariany Tenório, 2ª

A linguagem Matemática ficou em evidência, mostrando aos alunos onde, na vida real, usamos os conteúdos e as habilidades matemáticas. A construção do cata-vento e a Geometria Espacial, desafiou os alunos a usar a imaginação e representar o cata-vento nas formas geométricas.

23º Projeto Convulsivo Sinódico

A oportunidade está nos olhos de quem enxerga, materiais considerados lixo para alguns se transformam em oportunidades para outros. Sucatas e sustentabilidade. Desafio da



Luciana Matsumoto, 3ª A

O Projeto Convulsivo Sinódico nasceu em 1993, sob a Coordenação da Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia de Amorim Soares e tem como metas: praticar a comunidade para ser feliz; refinar a qualidade educacional; impulsionar a leitura do mundo contemporâneo em suas distintas leituras; exercitar a cidadania e democracia competentes lutar pelo direito de ser cidadão e viver a democracia de forma competente, consciente e ativa; melhorar a competência leitora em todas as áreas do conhecimento; aproximar alunos/professores a partir de metodologias diferenciadas; melhorar o sentimento de pertencimento do aluno com a Escola; incrementar o protagonismo juvenil e aumentar a frequência e pertencimento dos pais/responsáveis junto à Escola.

DIREÇÃO: CLODOALDO DE MORAES
VICE DIREÇÃO: NORLY FUSA
COORD. PED. EM: JULIANA NICOLAU
COORD. PED. EF: ANTONIO VALADAR
COORDENAÇÃO CEL: ALZIRA Mª PONCIANO
FMB: BRITA DE CASSIA OLIVEIRA
IDEIAS, PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO: DOCENTES E DISCENTES, SEM OS QUAIS NADA SERIA POSSÍVEL.

Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/pcb.2768777143167524/2768766703168568>

Descobrimo o vento



Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2788282944550277/2788290394549532>

Teatro: O menino que descobriu o tempo



Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2788282944550277/278828827788307>

Instalação: Onde você vê lixo , eu enxergo a oportunidade



Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2769418613103377/2769421009769804>

Teatro : Willian no mundo mágico da realidade



Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2788282944550277/2788297287882176>

Espaço do livro artesanal – alunos da 3ª A e 3ª B – 2019



Fonte: <https://www.facebook.com/Acervo-Digital-da-EE-Prof-Carlos-Augusto-de-Camargo-468754489836479/photos/a.2788282944550277/2788285931216645>

OFICINA : Interação escola e comunidade / SESC – Sorocaba



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O PCS – interação escola e comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora

APÊNDICE B - Convites para a realização dos encontros

CONVITE AOS EDUCADORES – 1º encontro

Você está convidado/convidada a participar da pesquisa de Doutorado Educação junto à Universidade de Sorocaba (UNISO) que se propõe a compreender as relações de identidade entre a EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP e o Projeto Convulsivo Sinódico (PCS), criado e desenvolvido desde 1993 até 2019, analisando como essas relações se instituíram entre seus atores: professores e alunos.

Data: **12.7.2019 – às 14h00**

Local: Polo Anhanguera Piedade –
Rua Vinte e Um de Abril, 139 – Piedade

Programa:

14h00 - Reencontros – matando saudades.

14h30 – Roda de conversa sobre as seguintes perguntas:

1. O que trouxe tudo o que você viveu no Projeto para sua vida enquanto profissional da educação?
2. O que o Projeto Convulsivo Sinódico influenciou sua maneira de ser na vida e na sociedade?

Vamos juntos escrever a história do Projeto que você ajudou a criar.

Um abraço.
Sônia Aparecida Ijano Batista

CONVITE AOS ALUNOS – 1º encontro

Você está convidado/convidada a participar da pesquisa de Doutorado Educação junto à Universidade de Sorocaba (UNISO) que se propõe a compreender as relações de identidade entre a EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP e o Projeto Convulsivo Sinódico (PCS), criado e desenvolvido desde 1993 até 2019, analisando como essas relações se instituíram entre seus atores: professores e alunos.

Data: **12.7.2019 – às 14h00**

Local: Polo Anhanguera Piedade –
Rua Vinte e Um de Abril, 139 - Piedade

Programa:

14h00 – Reencontros – matando saudades

14h30 –

Roda de conversa sobre as seguintes perguntas:

1. O que trouxe tudo o que você viveu no Projeto para sua vida profissional?
2. O que o Projeto Convulsivo Sinódico influenciou sua maneira de ser na vida e na sociedade?

Vamos juntos escrever a história do Projeto que você ajudou a criar.

Um abraço.
Sônia Aparecida Ijano Batista

CONVITE AOS EDUCADORES – 2º encontro

Você está convidado/convidada a participar da pesquisa de Doutorado Educação junto à Universidade de Sorocaba (UNISO) que se propõe a compreender as relações de identidade entre a EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP e o Projeto Convulsivo Sinódico (PCS), criado e desenvolvido desde 1993 até 2019, analisando como essas relações se instituíram entre seus atores: professores e alunos.

Data: **19.7.2019 – às 14h00**

Local: Polo Anhanguera Piedade –
Rua Vinte e Um de Abril, 139 - Piedade

Programa

14h00 – Acolhimento.

14h30 – Roda de conversa sobre as seguintes perguntas:

1. O que trouxe tudo o que você viveu no Projeto para sua vida enquanto profissional da educação?
2. O que o Projeto Convulsivo Sinódico influenciou sua maneira de ser na vida e na sociedade?

Vamos juntos escrever a história do Projeto que você
ajudou a criar.

Um abraço.

Sônia Aparecida Ijano Batista

CONVITE AOS ALUNOS – 2º encontro

Você está convidado/convidada a participar da pesquisa de Doutorado em Educação junto à Universidade de Sorocaba (UNISO) que se propõe a compreender as relações de identidade entre a EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP e o Projeto Convulsivo Sinódico (PCS), criado e desenvolvido desde 1993, analisando como essas relações se instituíram entre seus atores: professores e alunos.

Data: **19.7.2019 – às 14h00**

Local: Polo Anhanguera Piedade –
Rua Vinte e Um de Abril, 139 - Piedade

Programa

14h00 – Acolhimento.

14h30 – Roda de conversa sobre as seguintes perguntas:

1. O que trouxe tudo o que você viveu no Projeto para sua vida profissional?
2. O que o Projeto Convulsivo Sinódico influenciou em sua maneira de ser na vida e na sociedade?

Vamos juntos escrever a história do Projeto que você
ajudou a criar.

Um abraço.

Sônia Aparecida Ijano Batista

APÊNDICE C - Modelos dos Termos de Consentimento

Entrevistas presenciais: 12 e 19 de julho de 2019:

TERMO DE CONSENTIMENTO

Esta pesquisa de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO) se propõe a compreender as relações de identidade entre a EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP e o Projeto Convulsivo Sinódico (PCS), criado e desenvolvido desde 1993 até 2019, analisando como essas relações se instituíram entre seus atores: professores e alunos.

A participação do signatário consistirá em narrar experiências sobre o PCS, no endereço e dia abaixo referendado, que serão acompanhados em áudio/vídeo para a posterior extração dos fragmentos das narrativas.

O depoimento oral do participante, enquanto signatário, é voluntário, isento de pagamento e recebimento de quaisquer valores e condicionamentos, permitindo que a colaboração possa efetivamente contribuir para a devida reconstrução desse passado histórico.

Fica o signatário ciente de que poderá deixar de participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e não sofrerá qualquer prejuízo.

Fica garantido o anonimato e a privacidade, bem como o livre acesso do signatário a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo antes, durante e depois de sua participação.

Piedade/SP

Data:

Horário: 14h00

Local da entrevista: Rua Vinte e Um de Abril, 139.

Nome do/da entrevistado (entrevistada): _____

Assinatura: _____

Entrevistadora: Sônia Aparecida Ijano Batista

Assinatura: _____

Entrevistas à distância por meio de áudios via whatsapp ou facebook :

TERMO DE CONSENTIMENTO

Esta pesquisa de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO) se propõe a compreender as relações de identidade entre a EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP e o Projeto Convulsivo Sinódico (PCS), criado e desenvolvido desde 1993 até 2019, analisando como essas relações se instituíram entre seus atores: professores e alunos.

A participação da signatária consistirá em narrar experiências sobre o PCS, por meio de áudio gravado, via *whatsapp* ou *facebook* para a posterior transcrição da narrativa.

O depoimento oral da participante, enquanto signatária, é voluntário, isento de pagamento e recebimento de quaisquer valores e condicionamentos, permitindo que a colaboração possa efetivamente contribuir para a devida reconstrução desse passado histórico.

Fica a signatária ciente de que poderá deixar de participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e não sofrerá qualquer prejuízo.

Fica garantido o anonimato e a privacidade, bem como o livre acesso da signatária a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo antes, durante e depois de sua participação.

Piedade, ____ de _____ de 2019.

Colaboração por mensagem de áudio via *whatsapp* ou facebook :

Nome do/da participante: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora: Sônia Aparecida Ijano Batista

Assinatura: _____

APÊNDICE D - Termo de Autorização da Direção da Escola

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

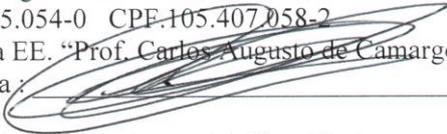
Esta pesquisa de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO) se propõe a compreender as relações de identidade entre a EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, de Piedade/SP e o Projeto Convulsivo Sinódico (PCS), criado e desenvolvido desde 1993 até 2019, analisando como essas relações se instituíram entre seus atores: professores e alunos.

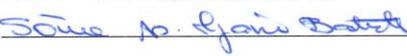
A participação do signatário consistirá em autorizar a pesquisa junto aos arquivos da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”, que se fizerem necessários, em especial: Planos de Direção/Gestão, fotografias, outros materiais existentes sobre o Projeto Convulsivo Sinódico e o blog *carlosaugustodecamargo.blogspot.com.br*.

Autoriza ainda consultar educadores, alunos e funcionários a respeito do Projeto, com caráter voluntário, permitindo que a colaboração possa efetivamente contribuir para a devida reconstrução desse passado histórico.

Fica garantido ao signatário todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo antes, durante e depois de sua participação.

Piedade , 1º de março de 2018.

Nome do signatário: Clodoaldo de Moraes
RG.22.405.054-0 CPE.105.407.058-2
Diretor da EE. “Prof. Carlos Augusto de Camargo”
Assinatura : 

Pesquisadora: Sônia Aparecida Ijano Batista
RG.12.302.608-8 CPF. 021.182.838-65
Assinatura : 

APÊNDICE E - Transcrição do 1º encontro

O encontro realizado em 12 de julho de 2019 iniciou com o acolhimento para matar a saudade de quem não se via há muito tempo. A seguir houve apresentações de vídeos e fotografias como “auxílios para a memória” (THOMPSON, 1992, p.265). Na sequência a interlocução foi iniciada com a presença dos participantes, que muito gentilmente compareceram.

Diretor Polar: O Plano de Gestão de 1993 falava algumas frases que não deveriam ser apresentadas... e daí quase que deu zebra ...

Coordenadora Canopus: Eles queriam que a gente retirasse desse plano diversas palavras... Inclusive aquela frase “O que eu penso não sou eu que penso, mas que os outros pensam”. Eles achavam aquilo um horror e isso acabava trazendo ...

Diretor Polar: Foi um período difícil ... mas pra mim foi um dos melhores projetos e o que mais me chamou a atenção.

Coordenadora Canopus: E foi exatamente isso porque causou estranhamento dentro da escola internamente e em cada um de nós também. Nosso conforto foi ameaçado pelo desconforto porque nós também tínhamos que enfim... havia em nosso projeto o transdisciplinar, não sei se vocês se lembram. Surgiu com a Escola Padrão. Quando a escola foi transformada em Escola Padrão, nós tínhamos que apresentar o projeto político pedagógico... então foi um antes e um depois. Nunca mais a escola foi a mesma! Era esse o grande objetivo: causar esse estranhamento e trabalhar.

Diretor Polar: Acho que não foi só a escola... A cidade começou ver a situação diferente. A cidade já começou a estudar em cima. Então foi um projeto que teve uma diferença total. Assim mesmo como depois na Delegacia de Ensino, os diretores vinham visitar.

Coordenadora Canopus: Essa apresentação que foi feita no Clube Literário, não sei se vocês lembram, nós fomos para a CENP¹⁹¹, na época era a CENP, em São Paulo. Lembram? Na época tinha também a Adhafera que entrou como coordenadora e levou esse projeto para apresentar em São Paulo. Lembro plenamente que nós fomos com um grupo de alunos, levamos todo o material para apresentação mesmo. Foi o encerramento das atividades da Coordenadoria de Ensino, lá em São Paulo, deve ter sido em 1994. Foi a apresentação que fizemos no Literário.

Vários: Literário ... (confirmando)

Coordenadora Deneb : Sabe que você falou no que se refere as diretrizes e metas , eu lembro , a gente escrevendo isso, procurando no dicionário ...

Coordenadora Canopus : Isso !

Coordenadora Deneb : ... e a dona Maria Lúcia falava assim : “ Põe pelear, peludear, pelear , peludear , eu lembro disso , embriagar-se. Tem que por essa palavra, porque quando eles forem ler , não vão acreditar nisto daqui. Nós vamos mexer com essa gente!”. Frondejar - Gente eu lembro dessas palavras!

Coordenadora Canopus: Você foi comigo na Delegacia para explicar o projeto?

Coordenadora Deneb: Eu fui junto também. Pra gente explicar o que significava isso. Eu me lembro ... muito interessante... quando a professora Maria Lúcia, pela primeira vez, fez a proposta desse projeto e era muito pra nossa cabeça porque era muito fora, era algo além, é além até hoje ... Eu me lembro que fiz uma interpretação e ela disse “... está linda a sua interpretação, só que está pedagógica e não é isso”. E isso me marcou muito.

¹⁹¹ Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

Coordenadora Canopus: E o nome? Projeto Convulsivo – Sinódico. Convulsivo porque vem da agitação, algo mesmo para causar todo um mal estar, assim mexer nos neurônios, mesmo com a cabeça... e sinódico porque é a revolução dos planetas. Quando nós procuramos no dicionário que nome que ia ser dado... Ah, a “revolução dos planetas”. Por isso ficou Projeto Convulsivo Sinódico. E ficou para sempre. Sempre, eu quero dizer, o nome, entretanto, tinha sempre uma novidade no tema gerador. Cada ano era um tema gerador e todos os professores se envolviam de uma forma ou de outra. Nós juntávamos grupos, daí vem a multidisciplinaridade, a trans e depois para chegar na ação completa porque nós não queríamos que as disciplinas fossem apenas puxando a caixinha só com aquela gavetinha. As disciplinas deveriam ser integradas e esse era o grande objetivo - a integração de uma escola como um todo: escola/comunidade, escola/grupo, escola/gestão, professores, a parte pedagógica, todo mundo envolvido num único objetivo. Foi muito inquietador, muito perturbador, mas eu posso dizer, em termos objetivos que esse projeto acabou dando impulsos, abrindo a cabeça para que todos nós buscássemos outros horizontes e acabou enriquecendo demais o nosso conceito de vida, o conceito pedagógico, o que é ser professor, a forma de transformar o aluno com aprendizagem significativa.

Professora Duhr: E além de tudo construir esse conhecimento de uma forma artística, vamos assim dizer, levando a arte para tudo isso, senão não iria ter essa beleza!

Professora Adhara: a arte e a criatividade, que os alunos tinham uma criatividade impressionante... lembro até ... de onde eles tiraram isso?

Professora Rígel: Inclusive nesse meu projeto – intercâmbio, que fiz com outra escola e o Magistério. A confecção das máscaras do teatro foram as alunas do Magistério que confeccionaram, tá tudo aí.

Professora Vega: Vale a pena destacar que o nome projeto já tem assim algo interessante porque o projeto, ele é temporário, mas o resultado é duradouro. É duradouro. Tudo o que a gente faz, pense na vida da gente, individual, na rotina da casa, na nossa vida social, ou na escola, a gente está conectada num projeto. E cada coisa que a gente vivencia parece que não ter a envergadura do Projeto Convulsivo Sinódico, dada a sua complexidade técnica, sua complexidade relacional. A gente tinha uma insegurança, digamos com relação à metodologia, a gente não sabia... Nós tínhamos um prazo para entregar. Era um projeto de fuga da realidade porque o projeto nada mais é aquilo que foge da rotina. Nós temos uma rotina, uma rotina de vida, mas quando se trata de projeto é algo diferente e que você vai ter que desenvolver ao longo do tempo. Uma vez a gente fez uma excursão para explicar esse projeto em outros lugares e eles não entendiam a envergadura desse projeto. Não entendiam como é que todas as disciplinas conseguiam trabalhar com um mesmo tema. Como é que essa base teórica servia para todas as disciplinas. Então foi um trabalho dentro da escola – enriquecedor, muito humano, dinâmico, vivo, ardente, porque as pessoas não se esquecem. E aí a gente saía da rotina das quatro paredes da sala de aula e conhecia o quanto humano, o quanto rico e experiente era o nosso colega e o nosso aluno. A gente tem aqui o aluno Altair que teve uma participação inesquecível no Projeto Convulsivo Sinódico, demonstrando seu talento, toda sua criatividade, sua forma de ver o mundo. E de uma mancha no teto ele transformava numa arte maravilhosa, como se fosse um jogo de videogame que naquela época não era tão comum, e agora até ultrapassado em alguns aspectos, mas o Altair já teve essa imagem, essa virtualidade, algo assim importante para a gente lembrar também.

Coordenadora Deneb: Interessante que a Vega falou que o projeto, a princípio é uma fuga da realidade, mas é meio paradoxal porque é uma fuga sem ser uma fuga porque no fundo você mergulhava no autoconhecimento. Se você conceber a escola como meramente um local pra dar informação, já está superada há muito tempo porque o *google* já ganhou faz tempo. Então, naquela época a professora Maria Lúcia já propunha algo diferente. “Olha, a informação está aí à disposição, mas o que vai fazer com isso, o que vai mudar dentro de

você, o que vai mudar na sociedade? Como você vai carregar essa informação, o que vai fazer dela?”. Então aparentemente enquanto era uma fuga da realidade, que era algo extraordinário, era artístico, era fantástico, era no fundo um mergulho na realidade, muito mais profunda, muito mais verdadeira, que nós vemos e muitas vezes não percebemos.

Professora Vega: É a relação com a arte que ela propunha. Segundo *Nietzsche* a arte é capaz de transformar o feio em belo. Aquelas imagens que você nos colocou no *ppt* nos mostram bem isso – aquilo que se mostrava deteriorado nos trazia uma realidade de transformação, que primeiramente era arte, e depois a volta, o retorno à realidade para transformar tudo aquilo que a gente vivia no dia a dia.

Coordenadora Canopus: O aluno e o professor, o gestor deveriam estar felizes dentro desse ambiente.

Professora Vega: “Praticar a comunidade escolar para ser feliz”.

Coordenadora Canopus: “Dar forma corpórea à busca da felicidade”. Esse objetivo é da humanidade.

Coordenadora Deneb: Um ideal e outro ação. Muito bonito isso.

Coordenadora Canopus: Inesquecível... e a gente que passou por outros ambientes escolares, o grupo todo tinha como referência o “Carlos Augusto de Camargo”. E tanto é que os alunos de outras escolas falavam assim: “Aqui nós precisamos ter um Projeto Convulsivo Sinódico.”. “Não. Projeto Convulsivo Sinódico é uma coisa... ficou como um rótulo, uma marca registrada”, respondíamos.

Professora Dühr: Ela fazia com que a gente estudasse, fosse à busca. Estude, veja isso, você olhou aquilo? Acho que isso foi fundamental.

Professora Mira: Eu lembro de uma fala da dona Maria Lúcia, eu estava começando a trabalhar no Magistério e tinha a sala do 4º Magistério. E ela chegou e propôs. Estava também o Polar e todo mundo falando. Eu cheguei pra ela e falei assim “Mas estou com dificuldade de fazer aquele 4º Magistério acordar” E ela me falou uma coisa assim que eu fiquei chocada na hora, até fui, na época, falar com o Polar. Ela falou assim: “Qual é o tema do projeto?”. “Convulsivo”, eu disse. “Entre na sua sala e convulsione todos os seus alunos!”. “Mas como, eles não estão aceitando, eu estou dando o papel para cada um e eles não estão aceitando. Essa era a minha angústia naquele momento. E ela disse para mim: “Entre lá e convulsione”. Tanto que eu tenho uma prova viva que está do meu lado, que é a Acrab, que até hoje ela não me perdoa pelo papel que eu dei. Porque ela falou assim...se ela gosta de branco, dê o preto, se ela gosta do amarelo, dê o azul. Faça com que a cabeça dela convulsione.”.

Aluna Acrab: “Convulsionou tanto que...” (risos dela e do grupo)

Professora Mira: Aí então eu fiquei meio chocada e pensei e agora que eu vou fazer? Sentei e pensei: “Bom se ela gosta do preto, então vai o branco.” E troquei os papéis. E até hoje a Acrab me cobra porque ela queria fazer um personagem e eu não deixei.

Aluna Acrab eu queria ser a Emília, do Sítio do Pica-pau Amarelo e ela me coloca como Visconde de Sabugosa (risos dela e do grupo). Eis a questão que em algumas fotos parece um sabugo azedo.

Professora Mira: E aí ela falou para mim: “Vou sair com cara de sabugo azedo...”. A dona Maria Lúcia virou pra mim e falou “Parabéns, você conseguiu!”. Então eu acho que é uma coisa que marca a gente para a vida inteira. Em tudo que se vai fazer, você revivencia aquele pensamento, “será que poderia ser diferente?”. Isso é uma coisa que eu carrego da dona Maria Lúcia, uma coisa muito boa da minha vida, e pra tudo penso: “Será que tem como fazer diferente?”.

Coordenadora Deneb: Talvez se você tivesse sido Emília, nem lembraria. Estava numa zona de conforto. Aquilo que você gostava. Talvez nem lembrasse que um dia você interpretou Emília. Por quê? Porque estava na sua zona de conforto.

Aluna Acrab: E aí ela falava assim: “Agora vocês vão todos se apresentar em todas as salas... nas outras salas, nas outras salas. Eu falei: Em todas as salas vou me apresentar com a mesma cara”. Eu não queria ser aquele personagem. Mexeu mesmo, porque...

Aluna Menkent: Como aluna da época a gente ia feliz para escola. Tinha muitas coisas para fazer. Tinha sapatilha pra pintar e era o nosso jeito. Não tinha uma regra definida pra isso. Era a teoria do caos! Ligávamos a música do *Vagner*¹⁹² na sala e vai - pinta. E era gostoso. A gente também tinha que sair da zona de conforto da gente porque tinha muita coisa pra resolver, para decidir. Tinha que chamar os alunos para participar do desfile. A gente que tinha que ir lá e chamar. E aquela vergonha e timidez...

Aluna Alathfar: E só de sair da sala de aula ...

Aluna Menkent: Isso! Perguntava: “Mas posso ir lá na porta? Então vou lá e vou convidar...” Quando a gente conseguia era uma vitória, então qualquer coisinha se transformava numa vitória. Foi um projeto muito marcante mesmo!

Diretor Polar: Sônia, este projeto nós estávamos sentados conversando e eu falei para Maria Lúcia: “Não vai, este projeto não vai ser. Não vou poder deixar porque nós vamos ter uma série de problemas”. Ela falou: “Não, tem que sair! Nós vamos dar um jeito. Este pessoal está muito ultrapassado. Nós vamos ter uma reunião na semana que vem e você vai pegar o livro de ata - não sei se dezembro, aqui alguém deve lembrar. “Vai pegar uma ata de 10 a 15 anos atrás e vai ler como se fosse a última ata que nós tivemos na escola e você vai ver como está ultrapassada. Aí eu vou te convencer que nós temos que fazer este projeto. Por isso, você vai ver que nós somos os mesmos de quando eu entrei aqui e de como está até hoje.”. Eu falei: “Tá bom”. Entramos pra sala... olhamos ... eu com aquela cara de demônio (risos)... Li a ata e disse: “Vou passar o livro para vocês assinarem. Concordam com a ata?”. Todo mundo aprovou... Eu falei: “Pois é ...tem que fazer o projeto mesmo! Vocês estão ultrapassados. Esta ata tem 15 anos e vocês estão fazendo a mesma coisa até hoje. Quanto mudou a educação!” E foi daí que nós começamos, eu comecei a trabalhar junto com ela. Eu acho que a Lucida, não lembro bem, quem mais...

Professora Lucida: Eu não estava nessa época.

Diretor Polar: E a escola começou a crescer, mas não era a direção. A direção segurava só as buchas porque a Escola parava uma semana antes para preparar a Semana Convulsiva, que era excepcional. Por quê? Porque conseguia trazer a comunidade. Nós tínhamos uma média de quinhentos alunos, seiscentos alunos, quatrocentos alunos. Cada um trazia da sua família duas ou três pessoas, fora os amigos. Veja, quando se fazia a abertura desse projeto, tinha que subir numa cadeira, naquele galpão que nós tínhamos lá ou temos ainda até hoje pra falar com o pessoal. Era maravilhoso você ver aquele envolvimento que dava na cidade! Portanto é isso que o pessoal de hoje tem que aproveitar, mas mudando também, porque não dá para ficar na mesmice. Não dá. Então, foi a partir daí que nasceu o Projeto Convulsivo. E a Maria Lúcia sempre batia em nossa cabeça: “Mudar, mudar, mudar. Vocês não leem uma revista, não veem o que passa no carnaval do Rio de Janeiro. Vamos copiar essas coisas que eles têm como as roupas. Vamos mostrar para o nosso pessoal...”. Daí foi crescendo, crescendo. E como eu disse, em minha opinião, em minha humilde opinião não era a direção da escola, era o grupo docente. A direção só segurava o bagulho. Daí era briga com todo mundo. Como eu tinha amizade com os supervisores, dizia para eles: “Não me apareçam aqui nesta semana, se precisar eu levo livro e vocês fazem aí. Eu faço tudo para vocês”. Porque a escola virava de ponta cabeça pra sair o projeto nota 10. E saía!

Pesquisadora: E pra vocês, a questão de crescer no lado profissional, no lado pessoal. Algumas coisas já foram ditas aqui. Lembrem-se das metas: “pelear pela cidadania e democracia competentes. Peludiar pelos direitos e frondejar deveres. Impulsar a leitura no

¹⁹² A música que a então se referia era *Cavalcada das Valquírias* de Richard Wagner.

instante pós- moderno. Embriagar-se na paixão de conhecer e viver o mundo contemporâneo – Como disse dona Maria Lúcia: “Vão ver o que tem lá no Rio de Janeiro!”, como o Polar lembrou.

Coordenadora Canopus: Era para conhecer além dos muros. Para a gente chegar ao Rio de Janeiro tinha que descobrir os valores de nossa comunidade. E vejam bem, estamos falando de coisas de quantos anos atrás!

Diretor Polar: Sim.

Coordenadora Deneb: Tem uma história interessante quando ela fazia as reuniões com a gente e na época estava no auge para as pessoas que tinham maior poder aquisitivo, comprar linha telefônica e alugar. E eu me lembro até hoje ela falando assim: “Nossa! Mas essa gente vai perder tanto dinheiro porque vai chegar um dia que o telefone vai ser tão barato, mas tão barato que ninguém vai querer isso e as pessoas vão comprar com facilidade”. E é o que a gente já está vivendo há uns bons anos.

Diretor Polar: Ela vivia anos...

Coordenadora Deneb: Ela vivia anos na frente porque ela já sabia onde as coisas iam dar, o que ia acontecer... então eu me lembro tanto disso. Ela dizia: “Nossa! E essa gente juntando dinheiro pra comprar linha telefônica para alugar e não sabe o quanto vai perder de dinheiro com isso!”

Professora Rígel: E é mesmo caso dos cartões. Ela falava que a gente não ia andar com dinheiro mais. Nós íamos acabar na fila do INSS... (Risos dos participantes). E com sacrifícios e tudo com cartão “... dinheiro não existirá na carteira mais!”.

Professora Duhr: “Quem vai acertar? Quem vai acertar? Vai ser a China”. Eu ficava pensando: “A China, extremamente comunista, fechada como ela é, como vai mandar?” Então realmente, ela tinha uma visão maravilhosa. Com ela eu aprendi muito, muito, muito... Eu passei e me efetivei no concurso graças a dona Maria Lúcia, a esse pensamento maravilhoso, não conseguia abrir, ampliar tanto, mas um pouquinho mais, com certeza ele ficou gravado.

Rosângela: Eu acredito que todos que trabalharam com ela tiveram uma visão diferente de mundo!

Professora Duhr: Mas vocês já tinham sido alunos né? Pra mim eu ficava pasma com algumas situações: a briga do seu Polar com a dona Maria Lúcia...

Diretor Polar: Mas era... nós batíamos boca mas para melhorar a escola.

Professora Duhr: Foi tudo profissional né?

Diretor Polar: Eu via o lado da ação administrativa e ela via educacional.

Professora Duhr: Muito bom.

Diretor Polar: A abertura dela para entender a escola eu acho que até hoje tem poucas pessoas que entendem a escola.

Professora Rígel: Até entre nós...

Diretor Polar: Quem morreu, uma pessoa que morreu esta semana que era primo dela, o Amorim da TV Record. Era primo dela. Era uma cabeça também. Ela mesmo comentou comigo. Era uma cabeça diferente. Olhe que ele comprava briga com um monte de coisa. Então, é isto que aconteceu em Piedade.

Professora Duhr: Porque até entre nós saía algum... (risos)

Diretor Polar: Saía “arranca rabo” também. Era “arranca-rabo” assim - saía aquelas brigas, mas a gente ia conversar e ...

Coordenadora Deneb: Bem profissional. Ela provocava a convulsão...

Professora Atria:... mas saía!

Coordenadora Deneb: É!

Coordenadora Deneb: Uma vez alguém lá cogitou “Poxa por que não vem indústria pra Piedade?”. Vocês lembram disso? Ela pegou a lousa e falou assim: “Eu vou fazer um desenho geográfico pra vocês”.

Professora Rígel: Ah isso... eu conto essa história até hoje pros meus filhos!

Coordenadora Deneb: “E vou mostrar que as grandes indústrias nunca vão chegar aqui. Por causa disso...”.

Professora Rígel: Jamais!

Coordenadora Deneb: Ela fez o rio. Ela falava até das águas que passavam debaixo da terra, do rio, como era toda a geografia de toda esta região aqui. Então explicava: olha esta estrada aqui nunca vai ser uma estrada grande por causa das curvas, das montanhas... tal, tal, tal ... Então ela falava assim: “Só vai chegar até Sorocaba. Sorocaba vai, Sorocaba vai crescer, mas para cá não virá por causa da nossa geografia. Que indústria que vai querer subir morro, descer morro com caminhão pesado subindo esse morro. Não vai! Então nós temos que buscar outras saídas”. Eu não esqueço isso!

Professora Rígel: E quando começou o Mercosul gente? Se ela tivesse aqui hoje! Da cebola...(murmurinhos) “Piedade vai acabar!”. Meu Deus, até gelava a gente! “Piedade é uma cidade dormitório!”. E é até hoje!

Coordenadora Alathfar: “Eu fico com muita pena de vocês. Vocês vão ajudar muito seus filhos”.

Coordenadora Deneb: Olha só! E tudo o que ela falava aconteceu. Era uma profecia matemática. Era bem isso. Ela tinha o conhecimento para fazer uma profecia. Ela sabia o desenrolar das coisas. Com o conhecimento, ela conseguia ter uma visão de mundo lá na frente.

Professora Duhr: “E o monopólio!”. A Votorantim também foi um dos pontos. O monopólio da indústria Votorantim. Ela falava que jamais... “Como íamos crescer construindo em todas essas terras do Grupo Votorantim?”. Além da parte do relevo essa questão do monopólio.

Professora Vega: É muito interessante ainda, voltando à origem da palavra projeto, que enquanto projeto não se podia fazer isso sozinho. Então ela revolucionava todos os segmentos da escola, fazia aquela interação. Por isso os conflitos aconteciam, as pessoas se desentendiam, até as coisas se acertarem e ela saía de cena. Dona Maria Lúcia saía de cena. E a gente começava a entender o quanto é importante trabalhar em equipe! O quanto é importante utilizar o conhecimento que a minha amiga tem e ela o meu conhecimento e a gente juntar as coisas e as coisas acontecerem.

Coordenadora Canopus: E a gente falando de *Vigotsky*.
(Murmurinhos).

Coordenadora Canopus: Ele surgiu nas nossas vidas e nós caminhamos.

Professora Vega: ... a inteligência emocional, as inteligências emocionais. É isso mesmo.....Era a teoria do caos mesmo!

Coordenadora Canopus: Na desordem há a ordem! Ela me deu um livro que eu tinha que estudar. Eu me lembro que nós tínhamos que estudar as curvas de Jordan ou qualquer coisa com dados e isso tudo transformado em equações matemáticas que são jogadas no computador. E os fractais também tinham tudo a ver. Imagine isso em 1994! Hoje os jovens fazem isso com a maior familiaridade no assunto e nós éramos desafiados a buscar. Exatamente era isso. Era a teoria do caos explicada através da matemática e dos gráficos provocados pelas equações. Não é Lucida?

(Risos).

Coordenadora Canopus: E acabava transformando em figuras dinâmicas com profundidade. Aí vem a história das ondas, as ondas que quando as borboletas batiam as asas lá no Oriente, lá na China, não sei... provocava o furacão. Na desordem há ordem, essa era a palavra chave. Muito bom. Era um crescimento fantástico!

Pesquisadora: A Atria estava lembrando desta sala aqui (foto ppt – auxílio da memória). Não é Atria?

Atria: Do 1º Magistério não é?

Pesquisadora: É. Átria estava lembrando o *Projeto Evoé*, que falava do amor e das coisas simples. O amor sendo uma coisa complexa e simples. Aqui está *O Banquete*, de Platão (foto do ppt)... daí começaram as instalações, cada vez mais progressivas na escola. Aqui *O Banquete*, de Platão do amor sublime e o quarto de motel que a coordenadora Atik organizou sobre o amor profano, com base em *Noite da Taverna*, de Álvares de Azevedo. Na fotografia, era a delegada de ensino, não é Polar?

(Murmurinhos)

Diretor Polar: Era a Alcor, e a Avior, diretora de educação do município.

Pesquisadora: Todo mundo no quarto de motel, dentro da sala de aula numa representação do amor de carnal de Álvares de Azevedo.

(Murmurinhos)

Pesquisadora: E aí veio a reforma não é Polar?

Diretor Polar: Foi. Veio essa reforma grande. E outra coisa. Eu não me lembro quem era o professor que reclamou que não tinha giz. Veio uma carreta de giz. Aí a Alcor queria me matar. E eu disse: “Não estou sabendo de nada!”. Fui pesquisar dentro da escola. Foi um professor que tinha falado com alguém, não sei se foi lá na CENP, que não tinha giz porque a Delegacia não mandava. Chegou uma carreta.

Pesquisadora (com os auxílios da memória – no ppt) E este também foi um projeto belíssimo a partir da *Ópera Carmen*, de Bizet, com a obra literária homônima de *Prosper Mérimè*.

Diretor Polar: Ah esse foi bonito!

Professora Duhr: Foi maravilhoso!

(Murmurinhos)

Professora Sirius: Foi o ano que eu entrei na escola, no finalzinho do seu Polar e eu tenho dois pilares aqui que são a Sônia e a Vega. Nós trabalhamos juntas, e para mim era tudo novidade. Nunca tinha vivenciado, eu vinha de São Paulo, estava há doze anos afastada da educação e quando voltei achei aquilo tudo muito diferente, inclusive a reforma. Aí a Vega me colocou pra fazer os leques da *Carmen*. E eu fiz leques da *Carmen* até dizer chega. E minha mãe que naquela época era lúcida ainda ajudou, e nós fizemos os leques de papel manteiga, não, aquele ...

Rosângela: Dobradura.

Professora Sirius: Papel manteiga, mais fininho, como é que chama ...a gente tirava mapa ..

Pesquisadora: Papel vegetal.

Professora Sirius: Vegetal. Nossa, eu achei aquilo muito diferente. Gostei porque eu sempre fui animada para essas coisas, nunca me escondi. Até hoje eu estou lá. Estamos não é Acrab? Mas achei muito interessante. Daí para frente nós vivenciamos todos esses projetos até agora, mas com muitas mudanças viu gente. Hoje nós temos alunos com perfil diferente, professor diferente...

Professora Rígel: e a dona Maria Lúcia também não está lá!

Professora Sirius: Com a dona Maria Lúcia eu convivi pouco, mais era a Sônia que estava com a gente. Mas hoje tem muita coisa diferente. Quando vocês falam, nós que ainda estamos lá, a gente sente falta de certa, digamos assim, de certa organização, de certa união. Achei muito ruim quando a Vega foi embora porque a gente trabalhava bastante junto com a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Nós fizemos muita coisa linda com a EJA! Se alguém já viu um buquê de flor de alho é lindo e maravilhoso. Lembra Vega das flores de alho? Maravilhoso, mas tem um problema, elas cheiram né! Mas eram lindas. E os alunos traziam...trazem ... enfim, estamos lá até hoje. Temos um tema este ano, trabalhamos bastante nestes últimos anos, mas com muita diferença das informações que estou colhendo de vocês

porque eu não estava aqui nessa época. Apesar de que eu conhecia a Sônia. Nós tínhamos uma empresa, a Sônia foi tirar algumas informações e dei um material para ela, mas eu nem imaginava trabalhar com a educação nessa escola. Depois de uns anos eu voltei. Mas é interessante. E a Sônia sempre falava uma coisa que eu vivencio muito lá, principalmente com os alunos, apesar de que neste ano em não estou na sala de aula com eles. É o tal do currículo oculto. Eu já ensinei a fazer cinto de crochê, já ensinei medir sala, porque eu gosto mais da parte prática e montagem. E nesse período eu pego os alunos, quando trabalhamos em oficina, a gente ensina muita coisa pra eles que eles não.... Uma vez eu deixei os alunos medirem a sala tudo errado, fui deixando, fui deixando. “Meça pra mim, eu preciso tanto de tnt...vai lá, pega a trena”. Alguns não sabiam fazer a leitura do centímetro, milímetro, polegada. Entendiam tudo errado. Daí vão aprender, vão medir, ver altura, a área, enfim. É o tal do currículo oculto que a gente trabalha nesses dias, nesse período. É bem interessante. E estamos lá, ainda.

Professora Rígel: Vocês ainda trabalham o projeto?

Professora Sirius: Trabalhamos, trabalhamos.

Professora Rígel: Mas não é como na nossa época.

Professora Sirius: Então, aí é que está. É o que eu falo pra você. Ao longo dos vinte e três anos que eu estou lá, nós tivemos uma mudança de postura muito grande dos alunos. Quando vocês falam em criatividade, eu peguei uma época de muita criatividade desses alunos, quando nós não tínhamos toda essa tecnologia nas mãos. Eles faziam trabalhos maravilhosos. A gente montava as salas, lindíssimas. Hoje, eu percebo assim um enfraquecimento dessa criatividade. Eu não sei se um enfraquecimento ou uma preguiça, sendo que aluno mais antigo, de doze, quinze, vinte anos atrás, eu achava que colocava mais a mão na massa, ele tinha mais recursos. Eu achava interessante que aqui! Eu vim de São Paulo, uma cidade grande, uma cidade... e eu achava que eles tinham tanta criatividade, tanto recurso, que um dia até - não tem nada a ver com o projeto, uma aluna estava fazendo um modelo de vírus para mim, porque sou da área de ciências. Ela falou: “Professora eu não tenho como comprar missanguinhas e essas coisas. Eu tenho na minha casa semente de abóbora. Eu posso fazer?” Eu falei: “Esteja à vontade”. Então ela fez um vírus todo trabalhado de semente de abóbora. Achei aquilo lindo de morrer porque ela usou uma coisa bem simples e fez um trabalho extremamente complexo. Então essa criatividade hoje, eu sinto menos no aluno. Você entendeu? Inclusive quando vocês falam: “Nós tínhamos uma semana...”. Eu peguei uma semana de apresentação inteira ainda e, hoje, basicamente, nós apresentamos em apenas um dia. Nós temos a questão da violência, questões muito complicadas que temos na escola hoje que não permitem mais abrir uma sala até às onze horas da noite, como fazíamos três, quatro dias seguidos. Hoje não dá. Então nós temos toda uma mudança.

Professora Atria: E também tinha um tema gerador como Canopus falou, tinha uma obra literária.

Professora Sirius: Tem. Tem o tema gerador, nós temos a obra literária.

Professora Atria: E a dificuldade de fazer o aluno ler continua a mesma.

Professora Sirius: Não só o aluno. Não só o aluno. Nós temos o tema gerador, temos a obra literária.

Professora Atria: Isso tudo atrapalha bastante o objetivo principal.

Professora Sirius: Essa parte ela vai ... ano a ano ela vai ...

Professora Atria: No tempo de hoje a tecnologia que poderia ajudar bastante, ela também atrapalha por outro lado.

Professora Sirius: A Ankaa está lembrando que quem estava lá nessa época era só o ensino médio, depois veio o fundamental. Este ano estamos só com o fundamental a tarde. Novamente vem o médio, manhã e noite. Então quando trabalhávamos só com o segmento do

médio era um pouco mais tranquilo porque, digamos ... eles são maiores, mais adultos. Mas com o fundamental o trabalho já era diferente - 5º ano, 6º ano, 7º ano, você não pode trabalhar em oficinas como a gente trabalhava, você não pode larga-los, enfim, tem uma série de situações.

Professora Atria: outra coisa que não se pode descartar é a questão financeira, que pega muito, na verba da escola. Aí a criatividade tem que ser bastante acirrada mesmo porque senão não consegue fazer nada.

Professora Sirius: A questão de verba nós não temos. Estes últimos anos, cada grupo, cada professor, cada oficina, a gente se vira para poder arrumar o dinheiro.

Professora Atria: Não dá para esquecer né “Vega”! Nós fomos uma semana em Porto Seguro.

Pesquisadora: A semana de Porto Seguro. Está aqui - o prêmio para o projeto *La Mancha*¹⁹³, de 2003, que venceu o Concurso de Leitura da Secretaria da Educação (mostrando no ppt). Um projeto lindíssimo! Aproveitando para mostrar pra vocês, o projeto continua com a participação da comunidade, em número bem menor do que o Polar falou (mostrando fotos no ppt). A comunidade é convidada, mas não comparece naquela intensidade. Aquilo que aconteceu no Literário está muito longe de acontecer. E são feitas parcerias com as pessoas que tem relação com a escola, como o grupo Voz do Morro. O Altair sempre foi ajudar quando a Escola pediu. No projeto *A Metamorfose*¹⁹⁴ você fez o palco. Não sei se você se lembra disso...

Aluno Altair: Eu me lembro de ter participado bastante quando eu era aluno. Aproveitando o que o Polar falou dessa mudança... Eu como aluno senti isso sabe... Assim que eu comecei a estudar em 83 e senti a divisão mesmo através do projeto e assim, essa coisa ...talvez essa coisa da convulsão fosse algo que nós alunos ...talvez a gente já tivesse. Eu não sei te explicar em palavras. Eu não sei se era só eu, mas eu sentia isso sabe. Nessas semanas eu sentia mais vontade de aprender. Eu sempre gostei da escola, mas a formalidade da escola sempre me... então essa parte do projeto era a que mais eu esperava no ano.

Professora Atria: Você acha que os alunos entendiam o projeto ou faziam de conta que entendiam?

Aluno Altair: Eu acho que era meio a meio.

Professora Atria: Nesse amadurecimento que veio com o passar dos anos o que você acha?

Aluno Altair: Acho que a maioria gostava sim...

(Murmurinhos)

Aluno Altair: Acho que pouca gente entendia... Acho que até eu não conseguia entender bem o intento. Mas o que eu absorvi do projeto, na minha experiência de vida, foi transformador.

Atria: O Altair é um artista plástico da região, da mídia, na Rede Globo...

Coordenadora Canopus: O Altair é da mesma época do Albireo, do Ain em que a arte foi algo que foi um grande destaque no “Carlos Augusto”.

Adhara: Então, eu tenho um filho que é muito inteligente. Era um estudioso mesmo. E ele estava nessa época no Objetivo. Mandava estudar no Objetivo. E aí ele falou “Eu não quero mais ir para o Objetivo...”. “Como assim?”. “Eu não quero. Quero estudar no Carlos Augusto”. Mas por que filho?”. “Não, eu quero estudar lá!”. E aí eu fui pedir para tirar da escola e o diretor, na época, me chamou e falou: “Eu não posso perder esse aluno”. Porque era um aluno que ia dar *status* pro Objetivo porque saía no jornal a foto de quem passava. E aí ele me disse: “Mas é algum problema? É problema financeiro, eu dou uma bolsa de estudos pra

¹⁹³ *La Mancha* refere-se ao PCS de 2003, com base em *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes.

¹⁹⁴ *Metamorfose* refere-se ao PCS de 2007, com base em *A Metamorfose*, de Franz Kafka.

ele.”. Eu falei: “Não é que ele não quer ficar. “Se você convencer ele de ficar aqui...” E ele quis ir embora para o Carlos Augusto. “Mas por que filho?”. “Por que o Carlos Augusto não dá muito conteúdo e o que a gente precisa, a gente tem que correr atrás. O Carlos Augusto ensina a gente a correr atrás das coisas...”. Isso aí ficou para mim muito marcante. Realmente isso ficou para mim muito marcante. Ele falou: “Mãe, todo mundo tinha que passar pelo Carlos Augusto.” Até hoje. E ele até hoje corre atrás do que ele gosta, do que ele quer.

Coordenadora Canopus: É uma liberdade com responsabilidade.

Professora Adhara : Exatamente.

Professora Rígel: Até o Jabbah, meu filho perguntou¹⁹⁵: mas aluno não pode participar?

Professora Duhr : Deveria estar aqui.

Professora Rígel: Pois é. Ele tem aquele texto guardado até hoje, do corredor... ele tem aquele texto guardado que saiu no jornal da diretoria, acredito, não sei.

Professora Vega: É foi uma das melhores crônicas e ele se destacou. O Jabbah se destacou ao escrever sobre a senhora que limpava os corredores.

Professora Rígel: A tia do corredor!

Professora Vega: A tia do corredor. Muito bonito.

Diretor Polar: Sônia, o meu filho comentou que um dos projetos, eu não lembro, não sei se a Canopus lembra, que nós fizemos uma caixa... Você lembra que ano?

Coordenadora Canopus: Hum... não sei se foi no *Memórias*. Eu acho que foi *Memórias*¹⁹⁶.

Diretor Polar: marcou muito essa história para ela.

Coordenadora Canopus: Foi *Memórias*. Nós enterramos realmente uma caixa...

Diretor Polar: com a história da escola...

Professora Aspidiske: ... com o nome de cada aluno. Disse que está enterrada. Meu filho sabe mais ou menos.

Diretor Polar: Ele sabe onde está essa caixa enterrada.

Coordenadora Canopus: Eu participei desse momento. Cada aluno colocava uma coisa significativa da época.

Diretor Polar: E nós professores...

Coordenadora Canopus: E nós professores. Eu lembro mais ou menos até o local.

Diretor Polar: Eu acho que próximo da bica, pouquinho pra cima da bica. Eu acho que se ele vier aqui, ele lembra.

(Murmurinhos)

Pesquisadora: O Projeto Convulsivo Sinódico foi apresentado no SESC (Serviço Social do Comércio) a convite da Chow, nossa ex-aluna. Aqui estão algumas camisetas do Projeto (mostrando o *ppt* com fotografias). O SESC fazia um projeto que chamava *Educação pelo Envolvimento* em outubro de 2016. Eu convidei a Alfirk e a gente foi apresentar para os professores da rede municipal de ensino de Sorocaba. Todo mundo achava muito diferente um projeto durar tanto tempo.

(Murmurinhos)

Pesquisadora: Então isso é uma coisa que deixa a gente feliz. Deixa a escola diferente. Bom, alguns já falaram isso e eu vou abrir mais um espaço para caso alguém queira falar mais alguma coisa sobre as questões apresentadas. Há respostas embutidas em muitas manifestações, mas se alguém quiser falar... Naos disse que só faz trabalho em grupo, não Naos?

¹⁹⁵ Jabbah, codinome do filho da participante foi posteriormente convidado a encaminhar um áudio via *whatsapp* e encaminhar sua contribuição.

¹⁹⁶ A coordenadora se referia ao 1º PCS, de 1993 – *Memórias da escola*.

Naos: Só vim para por meu nome.

(Risos)

Diretor Polar: Algumas coisas: crescimento, estudo, envolvimento, união, trabalho em conjunto. Isso foi o Carlos Augusto alguns anos. Pelo menos foi o que eu vivi lá dentro.

Pesquisadora: E para você?

Diretor Polar: Ah leva, porque você aprende muito, você usa, abre sua cabeça. Percebe que as pessoas começam a conviver o que você tentou trabalhar com o aluno para dentro da sua casa.

Professora Rígel: E como dizia Maria Lúcia, lá na frente vocês vão dizer: “Eu era feliz e não sabia”.

Diretor Polar: Nós plantamos uma árvore sem saber o que ia dar e deu bons frutos que estão até hoje. Essa árvore viveu.

Coordenadora Alathfar: Tempo bom.

Diretor Polar: Nós, digo o pessoal que estava lá, os alunos que passaram, os professores, a parte de apoio. Como esquecer de uma dona Betria, seu Capella e aquelas pessoas...

Coordenadora Canopus: Seu Capella faleceu agora.

Diretor Polar: Não estava sabendo.

Coordenadora Canopus: Há duas semanas atrás.

Diretor Polar: Não fiquei sabendo. Então gente, esse pessoal trabalhava lá com a gente. Eles davam o apoio também. Arregaçavam a manga e trabalhavam mesmo. E a parte educacional, partindo da coordenação, trabalhando em conjunto com os professores e embutindo na cabeça daquela criançada que nós precisávamos mudar. E mudou muito. Para mim é isso.

Professora Vega: Eu gostaria de falar. Eu entendo que para sala de aula, dentro da escola, o projeto é muito representativo porque além do estudo teórico, daquele estudo em sala de aula, a gente desenvolve uma parte mais humana das relações interpessoais. Então você entende que aquele aluno que não vai tão bem no banco escolar, fazendo exercícios é uma companhia maravilhosa em determinados momentos da execução do projeto. Essa parte faz você se humanizar com os talentos que não reconhece no dia a dia, e assim se aproximar de forma mais amorosa, mais carinhosa – um diálogo mais afetuoso com o seu aluno. E na vida social gente, o que é que nós fazemos que não é um projeto? Vou fazer uma viagem, é um projeto, vou fazer um evento, vou fazer um projeto. Então a gente entende que a equipe é muito valiosa, porque precisa das outras pessoas e tem um olhar diferente para elas, ou seja, como eu já citei o projeto é temporário, mas o resultado é duradouro.

Coordenadora Canopus: E ele vai se adaptando. Tudo vira um projeto neste sentido. Ele é longo, é significativo, vai se contextualizando, envolvendo mais pessoas, experiências diferentes, olhares diferentes. Então o projeto pra mim é envolvimento, é aprofundamento, é dar forma corpórea aquilo que a gente realmente sonha. Porque se a gente sempre sonha com a escola que nós queremos “a escola dos nossos sonhos” realmente é uma escola que consegue fazer com que a aprendizagem seja um ato de envolvimento entre todos. Eu acho que isso aqui basta e quanto mais a gente seduz, quanto mais a gente envolve mais nós aprendemos para o resto da vida.

Pesquisadora: Naos...

Professora Naos: A minha memória caiu no arquivo morto.

(Risos)

Coordenadora Canopus: Sônia eu gostaria de colocar uma palavra. É um agradecimento pela sua dedicação, a sua colaboração, o seu amor que você está transformando. Amor a toda uma vivência que o “Carlos Augusto” passou. E se a gente não fizer isso através da história nós não temos como explicar aqui o nosso presente e tampouco o

nosso futuro. Se a dona Maria Lúcia fez parte da nossa história pode ter certeza que a continuidade e o registro é você que está dando. E só podemos agradecer esta família, este encontro. Nós estamos aqui apenas como uma parte. Foram vários momentos. O momento inicial, em que nós não sabíamos, fomos aprendendo, fomos construindo. Depois teve o momento em que foi a zona de transição e hoje um novo olhar com novos problemas, com novas questões. Mas tudo é a parte dinâmica da vida, então o projeto também tem todo esse dinamismo. E graças a Deus estamos aqui para agradecer este momento tão rico em nossas vidas e você que está registrando tudo isso.

Coordenadora Alathfar: E mais um detalhe Sônia, quando você for apresentar a sua tese a gente gostaria de ir.

(Murmurinhos e risos)

Pesquisadora: Vocês sabem que quando a gente apresenta a tese ...a gente apanha um pouco. Mas eu vou avisar claro.

Coordenadora Alathfar: Seria ótimo se você pudesse, seria ótimo.

Diretor Polar: Não sei se você já não tem o público para isso.

Coordenadora Deneb: Nesse mundo de redes sociais, de vidas quase que inventadas nas redes sociais, artificiais, falsas, autocentradas, você proporcionar esse encontro verdadeiro que você pode tocar a mão do amigo, dar um abraço, olhar nos olhos, que parece algo nos dias de hoje, velho, distante, mas não é, porque isto aqui é atemporal porque é sentimento, é memória, é aprendizado e você com esse papel tão bonito de fazer com que a semente que foi a professora Maria Lúcia se transforme já nesta floresta que está. Parabéns pelo seu trabalho. Uma tarde muito emocionante.

Pesquisadora: Eu também achei que foi uma tarde muito linda. Emoção que não consigo explicar, por isso encerro com as palavras da Prof.^a Maria Lúcia: “Na verdade, as palavras não podem explicar e nem tem a capacidade de explicar a realidade. Existem fendas, lacunas, buracos entre as palavras e as coisas, entre as linguagens e as realidades. A lógica estrutural do discurso não dá conta do não verbal na jornada de uma educadora. O essencial é permanecer em estado de apetite”. Afinal é o que todos nós somos e o que nos faz viver. Ela passou isso pra nós. Então muito obrigada a todos. Eu vou transcrever tudo. A gente tentou gravar pelo *google drive*, mas pula muito, e aí era ruim ficar com o microfone pra vocês. Então o Sulafat e a Etamin vão passar os arquivos de som e imagem para mim.

Aluna Etamin e aluno Sulafat: Tudo gravado.

Pesquisadora: Vou começar a transcrição. Tomara que eu consiga um bom trabalho, e aí a gente vai conversando. Vou avisar vocês.

Coordenadora Alathfar: E por favor nos convide para defesa!

Pesquisadora: Claro, mas não vão se assustar! Agora vamos ao chá desta tarde, preparado especialmente para vocês. Muito obrigada a todos!

Transcrição de narrativas enviadas em áudios, via *whatsapp* por quem não pode estar presente no encontro e por outros que embora tivessem participado, quiseram completar sua participação.

Professora Atria: A vivência e a compreensão do projeto me fizeram olhar a escola e seus atores com outros olhos: um espaço onde professores e alunos estudavam e aprendiam juntos, conversando entre as disciplinas, de uma forma mais ousada, mais criativa e engajada. Enquanto profissional da educação e atora no processo, pude me descobrir e descobrir talentos naqueles alunos mais tímidos ou com alguma dificuldade de aprendizagem. Tornei-me uma profissional mais aberta para novos desafios, mais encorajada, mais participativa e envolvida com todos. Juntos, meus alunos e eu fomos crescendo, amadurecendo,

transformando, criando, recriando e derrubando barreiras até atingirmos a performance e o entendimento ideal proposto pedagogicamente no projeto. Entendi que havia outras ferramentas de ensino, além de giz e quadro negro, mais prazerosas, mais lúdicas, mais facilitadoras para transmitir e avaliar meus alunos. O Projeto me encorajou e me levou a uma ascensão profissional na busca de novos aprendizados e conseqüentemente a um crescimento pessoal, a partir do momento que convivi e tracei amizades com pessoas de diferentes segmentos da sociedade. Pessoas que me mostraram um outro mundo, bem diferente do que conhecia e que tive o privilégio de dar minha contribuição, plantando sempre uma semente de amor e compreensão.

Aluna Alniyat: Posso falar um pouquinho da Semana Sinódica da qual participei com a professora Maria Lúcia, que tive de conviver um pouco com ela, que foi muito importante na minha vida porque ela me fez ver de uma forma bonita o que tem por trás do caos... ou seja ...ela nos incitava a vermos as paredes descascadas como feridas, como varizes. Ela provocava e a gente ainda era criança na época [...]: “O que ela tá querendo dizer? Que feridas são essas? Que cicatrizes são essas? Que varizes são essas?”. E daí ela fazia a gente pintar as partes das paredes que estavam descascadas e ela...: “Tá vendo isto aqui, isto aqui é uma cicatriz, isto aqui é uma ferida aberta!” Ou seja: as varizes eram aquelas rachaduras não é? As feridas eram as partes que estavam expostas, os tijolos expostos das paredes que... caíram os rebocos ... enfim. Então a gente pintava aquilo. E eu trouxe de uma forma que eu nunca imaginei que seria tão importante na minha vida até hoje... que é você ver a beleza dentro do caos! Aquilo que aconteceu na parede foi algo que com o tempo foi deteriorando... Então são feridas que podem ser fechadas de uma forma bonita... Não sei se você está conseguindo compreender o que eu estou falando, mas... Eu levo isso para minha vida até hoje. E quando eu vejo algo que está fora do nosso padrão... eu olho aquilo e falo: “Não, isto também faz parte daquela semana que eu aprendi muito com a Maria Lúcia...”. Enfim foi muito bacana, sabe. Muito bacana mesmo! E eu levo para minha vida até hoje. E a gente tem que aprender a ver as varizes, as feridas e não levar tudo ao pé da letra sabe? Porque dentro daquela ferida tem algo belo para ser visto, dentro daquelas varizes tem algo belo para ser visto. E naquela cicatriz foi algo que... teve um passado, mas ela tá ali, só de lembrança! Então eu levo isso para minha vida pessoal... pra tudo. Foi muito bonito! Pena que eu não posso estar aí com vocês hoje, mas espero ter dado um pouquinho da minha palavra pra vocês porque eu tenho muito orgulho de ter participado dessa época. Tá bom! Um beijo e muito obrigada por participar disso.

Aluna Bellatrix : O Projeto foi um acontecimento na cidade e na vida daqueles que tiveram o prazer de fazer parte. Ele nos mostrou que a ideia de um professor de bem, junto de seus colaboradores podem mudar a história de muitas pessoas porque a gente tem que sair do nosso comodismo para alcançar os objetivos que jamais poderíamos imaginar. Na época de escola fazia meus bolos e continuo até hoje, colocando amor, carinho e arte, sempre buscando conhecimento, aperfeiçoamento e fazendo a diferença. E o que me motiva é sempre querer levar alegria, prazer, satisfação e doçura na vida das pessoas através dos meus bolos e doces. Mas não existe maior Projeto Convulsivo Sinódico que é ser mãe, ainda mais nesse mundo de hoje. É desafiador, é prazeroso, às vezes doloroso. É uma semente que você vê germinar, florescer... é por toda a vida, um pedacinho do que você quer que dê bons frutos.

Aluna Menkent: Hoje eu sou professora e posso dizer que o Projeto Convulsivo Sinódico auxiliou muito em minha formação. Procuo em minhas aulas sempre sair da mesmice e planejar aulas mais dinâmicas para tentar proporcionar aos meus aluninhos um pouco da alegria que sentia naqueles momentos. Acho que esse projeto nos deu muita responsabilidade, a gente tinha muitos afazeres e era capaz de desenvolver tudo. Isso fez com que desenvolvêssemos a autoestima e nos tornássemos mais responsáveis, sempre com ânimo para realizar as atividades. Esses ensinamentos, com certeza, carregamos para o resto da vida.

Aluna Alathfar: O Projeto Convulsivo Sinódico fez com que, na verdade a minha expressão aflorasse mais, tanto para mim pessoalmente e também enquanto profissional. Eu tive uma certa vivência com o teatro e com a música desde criança, mas na Escola, quando participava do Projeto eu pude desenvolver e não ter medo de enfrentar os desafios que a questão da arte me trazia. Então, a gente saía, ia às outras salas, compartilhava as ideias com os outros e isso era muito gratificante. A gente fazia amizades também com o pessoal das outras salas e enquanto profissional, a arte, na verdade já estava embutida em mim mas foi uma forma de exteriorizar o que eu vivi desde a infância até o que eu vivo hoje. Isso me ajudou muito porque eu era uma criança muito introspectiva, então com isso eu me tornei melhor, enquanto pessoa e hoje posso dizer isso também enquanto profissional. No Projeto dos *Fractais*¹⁹⁷ aprendemos a música *Cavalgadas das Valquírias*, de *Richard Wagner* houve um desfile de modas onde minha mãe fez parte das roupas. Eu ficava no camarim montando e executando toda a trilha sonora do desfile. Eu fazia a trilha de acordo com o estilo de roupa que estava sendo apresentada.

Aluna Diadem: Quando eu comecei a conhecer a Semana Convulsiva Sinódica parecia um trabalho em que os alunos só faziam bagunça. Com o passar do tempo fomos todos ficando envolvidos com os trabalhos. Os alunos se aplicavam, trabalhavam e se desenvolviam mais e seus conhecimentos transformavam o que parecia ser uma simples leitura de um livro em peças de teatros, músicas, apresentações que surpreendiam com a revelação de talentos... as pinturas, as formas, as cores os artesanatos que surgiam... E os pais que vinham assistir com aquelas expressões de saber que seus filhos conseguiam se expressar através das artes e trabalhos transformadores. E a união tomava conta de nossa Escola. Eu vivi por muitos anos cooperando com os alunos, professores, coordenadores. Sempre foi muito gratificante. Eu era Agente de Serviço Escolar. Depois me tornei aluna da EJA e como posso dizer ... comecei a fazer parte da mesma moeda. Aprendi que leitura é uma coisa extrema porque ler e escrever pensamentos e sentimentos ... é muito lindo! E eu estava lá, fazendo parte da sala de aula, sentindo o mesmo que a turminha da manhã e da tarde na nossa Escola. A gente fazia o melhor para apresentar ao público, tudo tirado a literatura. Abria um leque de conhecimentos e sabedoria. Era assim... a “arte imitando a vida e a vida imitando a arte”. Um trabalho lindo! E na escola, cada um desenvolvendo suas responsabilidades e para mim a abertura de muitos horizontes. Agradeço por terem participado de minha jornada.

¹⁹⁷ A ex-aluna, atualmente professora de Arte, violino e maestrina de coral, se referia ao PCS de 1994, em que estudaram a *Teoria do Caos* e das músicas de *Richard Wagner*.

APÊNDICE F - Transcrição do 2º encontro

O encontro realizado dia 19 de julho de 2019 iniciou com o acolhimento, apresentações de vídeos e fotografias como auxílios da memória. A partir daí então houve a interlocução dentre os participantes, que muito gentilmente compareceram.

Pesquisadora: Trouxe estas informações como auxílios da memória – fotos e vídeos em *ppt* para que pudéssemos fazer uma viagem. Agora a história é com vocês. Esta história eu não posso escrever sozinha. Preciso das memórias, sentimentos e representações daquilo que vocês viveram. Becrux fez alusão, ao Projeto *Laços de Família*, em 2016, e ao *Mito da Caverna*¹⁹⁸ de Platão não é?

Coordenadora Becrux: Às vezes a gente teima em enxergar uma realidade que não é a que existe. Não é Sônia? A gente acaba querendo que o aluno seja aquele aluno que nós fomos e isso não é mais assim. Não é verdade? Nós devemos enxergar o aluno que nós temos e não as sombras do que existe. Então às vezes a gente peca por isso, eu acho. Não trazer o aluno para dentro da escola, a gente quer trazer uma escola interior para dentro de um aluno. E essas coisas não se encaixam, porque dele é a nossa sociedade e nós temos que aprender a enxergar. É diferente. Então às vezes a gente fica meio cego querendo bater numa coisa que não existe. Eu acho isso.

Pesquisadora: Muito bom.

Aluna Electra: Sônia vou ter que pedir licença, como eu disse eu vou ter que sair.

Pesquisadora: Ah, tá bom. Você quer falar alguma coisa daquele momento que você viveu Electra?

Aluna Electra: Eu deixo para depois comentar porque na verdade tem bastante coisa para ser falado da minha participação como aluna.

Pesquisadora: Electra, você vai mandar um áudio, via *whatsapp* sobre o Projeto?

Aluna Electra: Combinado.

Coordenadora Becrux: Electra qual foi o seu momento de aluna mais feliz?

Aluna Electra: 2004 a 2006 - O segundo ano não me lembro de ter participado muito, mas o primeiro com *Dom Quixote*¹⁹⁹ e depois o terceiro como *Romeu e Julieta*²⁰⁰. A gente fez a peça de teatro e a experiência foi muito boa.

Vice-diretora Sirius: Quem esteve aqui na semana passada? Foi uma diferença bastante grande não é? Achei muito interessante o entusiasmo do pessoal que estava aqui, que foram os primeiros e pela própria participação. Eles vieram em peso, tanto é que não tinha nem lugar mais e eles muito animados. E é aí quando a gente percebe que a escola realmente é diferente. Hoje é outra escola, a gente que está lá há muito tempo vai percebendo essa mudança. A gente vê pelo próprio comportamento. Achei muito interessante Arcturo que, além de jovem, é um jovem professor estar aqui, porque muitos poderiam estar aqui, mas não estão. Então essa diferença eu senti entre a semana passada e esta semana. Foi um entusiasmo muito grande. Um saudosismo, uma coisa assim que... e hoje a gente tem um pouco mais de dificuldade. Você mostrou as pedras e realmente as pedras são muito grandes hoje e para permear tudo isso não é fácil. A gente que leva o projeto e vai até o final encontra

¹⁹⁸ A educadora se utilizou do *Mito da Caverna*, escrito por Platão para pensar sobre a realidade da escola, no PCS 2016: *Laços de Família*, que teve como base literária a obra homônima de Clarice Lispector. Na época o PCS completava seu 20º aniversário.

¹⁹⁹ PCS 2003 – *La Mancha*, que teve como base *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes.

²⁰⁰ PCS 2005 – *EUTUELELAAGENTESOMOSPIEDAD*, que teve como base *Romeu e Julieta* e *Hamlet*, de Shakespeare.

bastante dificuldades, mas a gente faz. Faz o que pode e olhe que antes nós tínhamos verba. Chegamos a ter cinco mil reais na época para fazermos o projeto. E hoje não tem nada.

Pesquisadora: E tínhamos o *Programa Apoio ao Saber*²⁰¹ e o *PRODESC*²⁰² que dava algum dinheiro para a gente comprar o material. Depois não teve mais.

Vice-diretora Sirius: O projeto começava na verdade em 20 de maio, lembra disso? Nós saíamos com os carros alegóricos pela cidade que era o prenúncio do projeto do ano.

Coordenadora Becrux: A gente fazia as camisetas para o desfile de 20 de maio, aniversário de Piedade.

Vice-diretora Sirius: Fazíamos as camisetas e hoje nada mais...

Professora Acrab: quando a Sônia coloca as imagens da roupa da fanfarra, toda aquela roupa foi feita quando tinha o *Programa Escola da Família*²⁰³.

Vice-diretora Sirius: E quantos desfiles nós fizemos Acrab!

Professora Acrab: Nossa, foram feitos muitos desfiles. Então quando eu olho, eu até mudo assim um pouco porque vem aquela saudades de toda aquela coisa, de tudo o que foi tão bonito, que foi criado por muito aluno também. A Elnath que idealizou esse uniforme que era preto e azul com os detalhes. Então foi criação da Elnath, que é a mãe do Dnoces. Depois realmente vem a saudade, que continuou um tempo fazendo o projeto lá dentro. Tem coisa que realmente deixa saudades.

Vice-diretora Sirius: Quem de nós aqui está fazendo o curso que nós temos que fazer?²⁰⁴

Professora Acrab: Ai Jesus!!!

Vice-diretora Sirius: Sônia, nada mais do que nós já fizemos: protagonismo, como no projeto, ouvir o aluno, ele ter voz, ele ter ação. Nada do que eles estão falando lá prá nós é novidade. Nenhuma.

Professora Alathfar: Bom saber porque eu estou fazendo pela primeira vez o curso.

Professora Acrab: Mas você vai perceber que já vivenciou um pouco daquilo.

Professora Hadar: Agora eu lembrei do período de 2001 e 2002. Lembra que você falou que tivemos o *Genoma*²⁰⁵ em 2000, depois tivemos o outro em 2003. Não sei se vão concordar comigo. Teve dois anos, quando o Chalita entrou e houve o *Projeto Cidadania*.²⁰⁶ Então antes do período que a gente costumava fazer a Semana Sinódica, a escola já parava duas semanas para desenvolver a confecção dos trabalhos que seriam apresentados na Gincana aqui.

Vice-diretora Sirius: Ah sei, verdade, no PFC²⁰⁷.

Professora Hadar: Depois a gente foi lá para Votorantim. A gente conseguiu ganhar aqui e foi para lá. Então como já tinha tido esse movimento que era muito parecido...

Vice-diretora Sirius: nas roupas de jornal, copinho, o coral, a dança... A *Gincana da Cidadania*.

Professora Hadar: Eram várias partes. Isso. Vários itens que a gente tinha que apresentar e cada professor era responsável por um deles. Aí uma das partes era o desfile. Quando vi o desfile (no vídeo) eu lembrei porque me lembrou o desfile das roupas recicladas. E aí que acho nesses dois anos como já teve o movimento da Gincana, não foi feita a Semana Sinódica.

²⁰¹ SÃO PAULO (Estado), 2014.

²⁰² SÃO PAULO (Estado), 2013.

²⁰³ SÃO PAULO (Estado), 2019.

²⁰⁴ Curso *INOVA EDUCAÇÃO*. SÃO PAULO(Estado), 2019.

²⁰⁵ PCS 2000: *Genoma*, com base nas obras literárias *A mão perdida na caixa de correios* e *O homem do furo na mão*, de Ignácio de Loyola Brandão.

²⁰⁶ SÃO PAULO (Estado), 2002.

²⁰⁷ Trata-se do clube *Piedade Futebol Clube*, onde existe um ginásio de esportes.

Pesquisadora: Verdade. Foi isso mesmo. Lembrou muito bem.

Vice-diretora Sirius: O problema é que naquela época não tínhamos a facilidade de registro como temos hoje.

Pesquisadora: Até tem fotos da *Gincana da Cidadania*, que foi Acrab e Alfirk que acabaram guardando. Eu tenho. Vou olhar isso.

Professora Acrab: Na coordenação tem fotos.

Pesquisadora: Eu vou olhar isso. E agora se a gente pensasse na identidade. O que ficou do projeto na identidade de cada um? Isso interferiu de alguma forma, na vida de vocês? Na vida profissional, na visão de mundo, na forma de trabalhar?

Professor Antares: Eu acho que posso falar também.

Pesquisadora: Claro.

Professor Antares: depois da Semana Sinódica que eu decidi ser professor. Eu lembro, quando entrei na Faculdade, fui para o “Carlos Augusto” e falei para a Becrux. A Becrux perguntou: O que você está fazendo? Eu disse: Eu vou dar aula aqui. Isso lá em 2006. Tem treze anos. Eu vou dar aula no “Carlos Augusto” porque foi por causa Projeto que eu decidi ser professor. Eu me formei em 2004 e foi a primeira coisa que pensei: “Vou dar aula, é legal”. Pensei exatamente isso “é legal”. Eu queria até dar aula de matemática, português, no fim acabei indo para o inglês. Mas foi por causa do Projeto. Não teve outra coisa. A escola para mim era chata, era fazer bagunça, era zoeira. Eu era da turma da zoeira. Quebrava vidro, quebrava torneira. Depois...

(Risos)

Professor Antares: E depois do Projeto. O primeiro foi do *La Mancha*²⁰⁸ e depois veio “*Não verás país nenhum*”²⁰⁹ e aí eu voltei em 2005, já formado para ajudar...

Coordenadora Becrux : No” *La Mancha* “ você já foi brilhante!

Professor Antares: Ah.. ah... O primeiro foi o que eu escrevi não é!

Coordenadora Becrux: Foi.

Professor Antares: Eu escrevi todo texto do teatro. Aí em 2005, já formado eu voltei só para ajudar. Não estava fazendo nada. Não estava trabalhando. Eu ainda estava estudando e falei: “Bom vou fazer o texto do *Shakespeare*”. A gente teve a ideia boba de fazer que *Romeu e Julieta* não morreram, casaram e tiveram um filho, o *Hamlet*, que era um depressivo, um hemo. Na época estava na moda ser hemo, lembram os hemos?

(Risos)

Professor Antares: E o *Hamlet* era hemo, depressivo. No fim a gente acabou fazendo mais a cena da morte dos dois lá. Então voltei para ajudar. Só que daí pensei “Já estou neste mundo , não quero largar a escola” . Eu comecei a fazer Letras já pensando nisso, vou dar aula no “Carlos Augusto” só para participar da Semana Sinódica de novo. E o tempo inteiro, naquele ano do *La Mancha*, a gente fez muita coisa de improviso: cenário, texto, roupa, montagem. Era tudo assim, de última hora a gente pensava. E até hoje, depois de quinze anos toda vez que eu faço, o que a gente chama de gambiarra, eu falo: “Oh, a semana Sinódica que influenciou nossa vida aqui!” O tempo todo. Eu dou aula lá em Votorantim hoje. Na festa junina que teve agora antes das férias tivemos que armar uma tenda lá e eu peguei um arame, uma faca, uma tesoura e disse: “Dá aqui que eu ajeito!”... E apertando... A Girtab que estava lá comigo e ela falou: “Viu, todos aqueles anos de Semana Sinódica estão valendo a pena!”. Por que era o que a gente fazia, a gente apertava arame, a gente apertava... fazia as coisas bonitas ... fazia as coisas...

Vice-diretora Sirius: Tem enforca gato ainda?

²⁰⁸ PCS 2003

²⁰⁹ As obras literárias *Não verás país nenhum* e *Manifesto Verde* de Ignácio de Loyola Brandão perpassaram o PCS de 2004 , cujo tema era : *Na era da locupletação*.

(Risos)

Professor Antares: Eu disse para a diretora: “Tem enforça gato, eu já faço uma barraca aqui.” “Ah, não tem.” “Então dá o arame que eu me viro.” Então, toda hora a gente lembra disso e pensa como a Semana Sinódica influenciou tudo o que eu faço hoje. Toda vez que gente faz alguma coisa com alicate, tesoura e arame, eu me lembro da Semana Sinódica.

Coordenadora Becrux: O Antares é um professor que espera a Semana Sinódica, não é Antares?

Professor Antares: Isso... e toda vez eu pergunto pra você: e o que vai rolar este ano?

Professora Acrab: E o que você vai ajudar a fazer? Vai fazer o vento? Vai fazer o moinho?

Vice-diretora Sirius: Encontrava a Soninha na formatura e a pergunta era: o que vamos fazer no ano que vem?

Pesquisadora: Na formatura a gente já ficava falando.

Vice-diretora Sirius: A gente já ficava falando sobre o tema do ano seguinte. Era muito bonito!

(Risos)

Professor Antares: Minha participação mistura como aluno e professor. Se Deus quiser neste ano já vão ser dez projetos que eu participei.

Pesquisadora: Então você espera o projeto?

Professor Antares: Como eu posso te dizer, a gente já fala tanto na cabeça do professor não é verdade? Vai dando aquele estresse, não é que a gente não goste, mas chega num momento que a gente... está chegando outubro, novembro, a gente quer acabar logo. É aí no “Carlos Augusto” vem a Semana Sinódica que dá aquela aliviada na gente. Esquece um pouco caderneta, nota, prova para montar uma sala, montar um teatro. Trabalhar com a criançada do jeito que você não consegue. Eu mesmo, como professor de inglês eu não consigo trabalhar com eles texto, trabalhar interpretação, trabalhar música. A gente até faz isso de vez em quando, mas não do jeito que a gente trabalha na sala de aula. Aí a gente se realiza um pouco.

Pesquisadora: Então você se realiza na Semana?

Professor Antares: Pratico alí como eles, entro em contato o tempo todo, uma coisa que durante o ano, no dia a dia a gente não consegue. Eu mesmo só tenho duas aulas com uma turma, então a gente entra na sala e volta só na próxima semana. Quando a gente está com os alunos, que sabe que são os bons alunos que gostam do professor, e a gente fica alí um mês com eles trabalhando, direto até chegar a hora da apresentação, aí se definem laços que não se rompem mais! Até eu falo para a Becrux e para a Sirius que elas são as minhas mãezonas da escola porque desde 2002 trabalhando e fazendo essas coisas. Se eu souber que terei um aluno, que daqui há dez anos, sei lá, que fez qualquer coisa na vida porque trabalhou no projeto que eu estava alí junto. Pronto, valeu!

Pesquisadora: Muito bem.

Professora Alnitak: Posso falar um pouquinho então? Meu irmão, o Gatria, acho que em 99 ele participou desse Projeto e ele levou para a vida isso. Ele nunca se esquece do Projeto, Na época eles tiveram que falar sobre fractais também, não me lembro o nome do Projeto. Nessa época eu não estava na escola ainda e ele levou isso pra casa e foi aí que eu tomei conhecimento do Projeto, não estava na Escola ainda, Quando eu fui dar aula, fui para o “Maria Paula” primeiro. Depois fui para o “Carlos Augusto”. Quando eu fui para o “Maria Paula”, acho que em 2003, eu dava aula lá , então a Semana Convulsiva do “Carlos Augusto” era muito falada por todas as escolas . Então os alunos queriam ir, queriam ver como era. E aí eu trabalhava no noturno no “Maria Paula” e a gente desceu lá, e todo mundo ficava maravilhado com os resultados. E por que eu me lembrei disso? Porque toda vez que a gente vai fazer o projeto, no final, é aquela convulsão, como você fala, aquela preocupação: “O que nós vamos fazer para terminar o foi trabalhado da leitura?” Todo mundo fica nervoso e cadê o

material? E o resultado depois quando a gente vê, as crianças que cantam. Lembra Aladfar, você que ensaiou o menino. Eu nunca me esqueço do nosso Garnet Star, que cantou. E você vê as apresentações, os teatros. O teatro da sua turma em 2010... maravilhoso, eu nunca mais esqueci. Então, você me pergunta: o que fica para gente enquanto profissional? No final você vê que tudo o que trabalha para os alunos e eles dão esse *feedback* e também ficam maravilhados. É muito boa essa sensação! Enquanto profissional ... foi falado no curso²¹⁰ que estamos fazendo, que o aluno tem que se sentir feliz na escola e o aluno tem que ser o protagonista. E a gente muitas vezes não consegue trabalhar no cotidiano porque fica muito preso ao currículo, ao conteúdo, preocupados com vencer e as provas que vem e a gente se atropela um pouco. E no final, quando você vê o final do Projeto é uma sensação muito boa. E todos eles, por mínimo que sejam os resultados. Nossa, a gente para e pensa que não vai dar nada e no final sempre saem coisas maravilhosas. Sempre. Todos os que participei ... sempre. Eu estou lá desde 2006. Sempre vejo assim, a gente sofre, se estressa, não sabe o que vai fazer, não sabe o que vai ser e quando vê a criança participando... você induzindo o caminho ... tem que conduzir porque alguns alunos têm bastante autonomia para fazer alguma coisa, mas outros não... Você vai trabalhando com eles e o resultado é sempre maravilhoso, como o Antares falou. Muito marcante.

Professora Hadar: Vou falar de mim antes um pouquinho: antes, durante e depois. Em comecei a dar aula, em 1993, no Bairro do Paruru, em Ibiúna. E aí desde que comecei a dar aula sempre gostei de fazer a *Feira de Ciências*. Fazia um movimento dentro da escola em relação à *Feira de Ciências*. Eu dava aula e ainda dou, aula de Ciências e Matemática. Em 98/99 eu comecei com a coordenação lá. E num dos cursos da PEC²¹¹ do Instituto Paulo Freire, eu encontrei a Vega. Vega foi minha professora e a mãe dela também foi minha professora, e ela falou sobre o Projeto lá no *Instituto Paulo Freire*, durante a realização das reuniões. Foi quando eu ouvi falar do Projeto Convulsivo Sinódico pela primeira vez. Aí ainda dentro desse ano de 1998, quando eu estava fazendo esse curso, junto com ela, eu prestei concurso pra me efetivar. Aí me efetivei em Ciências, lá no Paruru mesmo, que era onde eu estava e Matemática aqui. Conheci a diretora Gianfar e a Giannah trabalhava comigo lá e viemos para cá. Aí eu vim na Semana Sinódica da *Dança do Universo*²¹², que ela trouxe a gente. A Diretora Gianfar convidou os professores que iriam assumir para já poderem vir aqui, conhecer o Projeto. Ela falou: “No ano que vem são vocês que vão desenvolver, então venham aqui para terem uma ideia do que se espera que vocês realizem, dentro do conteúdo”. Nessa parte pedagógica de desenvolver projeto, neste período que fiquei no “Carlos Augusto”, eu parei com a *Feira de Ciências* lá por que eu não dava conta desses dois projetos em duas escolas. E aí eu trabalhei aqui. O que foi importante para mim dentro do desenvolvimento dos projetos? A parte da construção, instalação. Então, tem a parte pedagógica que você realiza dentro da sala de aula com o aluno, que é a parte do trabalho interdisciplinar, que independente do tema, você tem que pegar aquele tema, estudar porque

²¹⁰A professora se referia ao curso *Inova Educação* criado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em 2019, com o intuito de oferecer novas oportunidades aos estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e médio. O Programa propõe realizar atividades educativas alinhadas às vocações, desejos e realidades de cada um para promover o desenvolvimento intelectual, emocional, social e cultural dos estudantes. Pretende ainda reduzir a evasão escolar; melhorar o clima nas escolas; fortalecer a ação dos professores e criar novos vínculos com os alunos. O programa deverá inserir, a partir de 2020, mais aulas por dia, onde serão destinadas 5 aulas durante a semana, assim distribuídas: 2 para projeto de vida, 2 eletivas e 1 para tecnologia. Todos os educadores: diretores, coordenadores e professores estão sendo formados nos novos componentes, conectados à matriz curricular, com os respectivos materiais de apoio. Disponível em <http://inovaeducacao.escoladeformacao.sp.gov.br/>. Acesso em 11.agos.2019.

²¹¹ PEC – Projeto de Educação Continuada. A professora, depois da entrevista, informou que era um encontro de formação para coordenadores e diretores para elaboração do PPP – Projeto Político Pedagógico.

²¹² PCS 1999 perpassado pela obra homônima de *Marcelo Gleiser*.

dentro da gente também acontece a convulsão. Pegar o tema, colocar dentro de você, ficar pensando em como você vai desenvolver aquilo com o aluno, organizar e depois que está organizado, levar o trabalho durante ano letivo. E aí durante o ano letivo trabalhar para que no final do ano tivesse a apresentação do produto final. Como isso ia ser apresentado para as outras pessoas, que não tiveram, junto com eles, a vivência ali dentro da sala de aula? Aí essa parte da instalação eu aprendi muito sobre como transformar o que a gente desenvolveu dentro da sala de aula durante o ano inteiro, em uma sala para ser apresentada para outras pessoas. Não podia ser uma coisa muito longa porque senão o pessoal perdia a concentração. Tinha que resumir aquilo em algo que ao mesmo tempo fosse visualmente bonito, interessante na hora de se explicar e que gerasse interesse nas pessoas que visitassem aquele ambiente para saber mais sobre o assunto que você desenvolveu. E aí mesmo depois que eu saí daqui. Fiquei aqui durante 2000 - 2007, durante oito anos. E mesmo nos anos que não teve a Semana Sinódica, foi aí o *Projeto da Cidadania*, que na verdade era algo muito parecido também. O movimento era muito parecido. Quando eu voltei só para a Escola do Bairro Paruru, agora com dois cargos lá, desde então, eu continuei e retomei a *Feira de Ciências* e quando eu retomei a *Feira de Ciências* lá, já deu para perceber a diferença de qualidade em termos de apresentação porque antes era aquela coisa mais direcionada às experiências lá não. Até hoje eu faço com eles a parte de instalação. Então assim, todo mundo quer instalação, eles não querem apenas fazer a apresentação do conteúdo de ciências, eles querem fechar salas, eles querem escurecer salas. Toda essa parte de ensinar a fazer a instalação, deixar visualmente bonito, chamativo, o fechar a porta para atrair a atenção de outras pessoas é feito assim. Isso melhorou muito a minha qualidade na *Feira de Ciências*, que realizo até hoje.

Pesquisadora: Muito bom, excelente! A gente ficava viajando, conforme a Hadar falava... entrava num túnel do tempo.

Professora Hadar: Eu estava falando na parte dos registros. Uma coisa interessante que a gente faz lá e fica como ideia e para quem está fazendo os projetos, a coordenadora que agora se aposentou, enquanto ela ficou lá com a gente, todos os anos ela fazia o Livro dos Projetos. Então no final do ano mandava encadernar. Então, os registros dos últimos três anos dos projetos da escola tem no livro. A *Feira de Ciências* ficou tão grande que é um livro só para ela. Tem o livro do projeto dentro daquele ano e o livro da *Feira de Ciências* daquele ano. Agora a gente está intercalando: um ano *Feira de Ciências*, outro ano *Feira Cultural*. Este ano é *Feira Cultural*, envolvendo as outras disciplinas também. Essa parte do registro é justamente isso o que você falou. O problema é que a gente ia pegando as fotos de lá. Tinha foto minha até como aluna lá. A gente ia pegando e: “Ai meu Deus, de quando é isso?” Aí que eles falaram: “Vamos organizar isso”. Começaram a organizar, montaram as pastas e depois colocamos em caderno. Fica pelo menos na biblioteca o acervo. Você falou para mim das fotos do projeto, seria interessante ver o que têm, as pessoas que participaram e procurar montar o arquivo.

Professora Acrab: Está aqui Sônia! (mostrando uma pasta que guarda fragmentos do projeto)

Aluna Aladfar: Eu queria falar da minha experiência como aluna. Eu participei dos projetos de 2004 a 2010 e isso me ajudou no que eu sou hoje. Eu acho que o que a Becrux falou de olhar o aluno, ela fez isso comigo porque eu sempre fui, embora hoje eu seja bem extrovertida, eu era muito tímida.

Coordenadora Becrux: Você tinha um medo de cantar Aladfar: “Eu, em frente a todo mundo?” . Você tinha um medo.

Aluna Aladfar: Eu morria de medo e a Becrux viu isso em mim. Viu na Aladfar, que eu conseguia. E hoje em dia a Aladfar é professora, é maestrina de coral. Tudo o que eu sou hoje eu devo ao Projeto e devo à Becrux.

Coordenadora Becrux: Estou vendo você no cantinho... Desculpa gente, estou até emocionada... No cantinho da entrada da sala e você do lado, começando a cantar e tremia o queixinho, como quem diz: “Eu não vou conseguir fazer nada disso.”

Aladfar: E eu consegui e ela viu isso em mim, então eu acho que se você olhar o aluno através de um projeto é muito bonito. E depois disso eu ficava esperando porque eu nunca fui uma criança muito leitora e com minha vivência com as aulas da Becrux, através do Projeto, eu tinha vontade de ler todos os livros. “O que será que ela vai dar para eu cantar este ano?” “O que será que ela vai dar para eu cantar este ano?”. Só que eu tinha que ler o livro, tinha que interagir como aluna porque além do projeto a gente tinha provas, a gente tinha metas a serem realizadas com o livro, não era só apresentar. E era legal você fazer uma coisa que você entendia a história. Então eu li todos os livros para poder fazer, e era muito legal. E ela viu isso em mim e isso achei muito bacana e me desenvolvi ali. Tanto é que em 2010 já estava já ...sem vergonha. Era a Aladfar de hoje, era “sem vergonha”. Então eu acho que isso é muito bacana. E outra coisa que eu gostava muito era não só a questão cultural, mas a questão social. As outras escolas vinham até nós. Então a gente ficava esperando. “Será que o ‘Parquinho’ vai vir? Será que o ‘Theodora’ vai vir? Será que o ‘Monteiro vai vir?’ Então a gente ficava esperando.

Professor Antares: Aladfar posso falar só um pouco? E a gente ficava com o ego inflado né?

Aladfar : Isso!

Professor Antares: A gente é aluno do “Carlos Augusto”, a melhor escola que tem ! Eles vão ver o que a gente está fazendo que na deles não tem!

Aladfar: Até o contato com o teatro, às vezes pode ter sido o primeiro contato daquela criança. Aquela criança nunca tinha visto um teatro. Tenho uma memória afetiva do momento que foi a primeira oportunidade que eu tive com a Becrux que eu cantei. E você cantar vendo aqueles olhos brilhando era muito legal! E isso o Projeto trouxe, não só para mim, acredito que para todo mundo. Eu participava quase sempre com a Becrux, mas a minha sala era uma sala muito participativa. Era uma sala que dividia. Tinha alunos mesmo que eu lembro, que só participavam com a Sirius. “Ah, eu vou com a Sirius”. Tinha alunos que participavam só com a Alnitak , de Matemática . Então era muito legal essa participação de todo mundo. E eu via não só na minha sala, mas nas outras salas também essa questão. E hoje eu posso falar: eu sou a Aladfar que sou hoje através do Projeto.

Pesquisadora: Algol...

Vice- diretora Sirius: Algol é nossa afilhada!

Professora Algol: Eu vejo o Projeto, a Sônia sabe, eu sou muito humana. Eu acho que é no momento do Projeto que os alunos se sentem mais pertencentes à Escola. Eu brigo muitas vezes porque deixam a data muito para frente e a criança já está cansada, mas é onde se redescobrem. Porque o gostoso é o aluno se sentir bem no ambiente escolar. Eu tenho isso comigo em mente. Se a criança não está bem na escola, como é que vai permanecer ali? E ela passa seis horas e agora vai passar mais, muito mais dentro da escola. E dentro, quando o aluno participa do Projeto você vê, o engraçado é quando estão no terceiro ano: “Putz o ano que vem eu já não estou aqui!”. Sabe aquela cara de aflicção? “O ano que vem eu não vou fazer parte da Escola!”. Então, a minha vivência com relação ao Projeto é isso: sou feliz no “Carlos Augusto”, ou senão sou feliz no “Carlão”, não é Soninha? O que eu amo é escutar isso das crianças. E é nessa parte que faz a gente redescobrir os alunos. Eu acho que no Projeto redescobrimos muitas coisas que a gente não consegue ver dentro da sala de aula. Por causa do que a Alnitak falou do conteúdo, do horário, daquela pressão que a gente vive, porque a gente vive uma pressão na sala de aula e no Projeto a gente vê o aluno que representou uma personagem perfeitamente, a aluna que redescobriu uma intimidade com a música, como a Aladfar falou que tinha aquele medo e de repente começou a cantar. Você

entendeu? Isso é o redescobrir, o ser feliz. Acho que o Projeto tem essa função, de fazer as pessoas se sentirem pertencentes à Escola e de serem felizes!

Pesquisadora: Acrab, quer falar alguma coisa?

Professora Acrab: Dentro do trabalho que desenvolvo hoje na Sala de Leitura, cada livro que foi lido pelo aluno, junto com você nós buscamos todos livros para fazer a leitura. Teve alguns que eu me empolguei mais, outros me empolguei menos com a leitura, mas cada um trouxe para o hoje a importância de fazer a leitura e é difícil - leitores de literatura, mas como a Becrux colocou é importante buscar que os alunos desenvolvam a leitura, apesar de ser um momento difícil. Os alunos dizem: “Eu não gosto de ler”. Eu digo: todo momento você lê. Você abre o celular: “*plim*” - é mensagem que chegou e você está lendo aí. Aí o aluno diz: “Eu sou leitor, mas não sou leitor de literatura”. Para desenvolver o trabalho hoje, tentar fazer essa busca da leitura, todos não de convir que não é fácil.

Vice-diretora Sirius: Este ano tem um diferencial na escola recebemos muitos alunos de outras escolas.

Professor Arcturo: Alunos de duas outras escolas.

Vice-diretora Sirius: Três escolas estão dentro da nossa. Principalmente os alunos que vieram da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, que não têm a vivência do Projeto. Então este ano será um ano trabalhoso gente! A gente já vê o movimento que está acontecendo, a Escola está diferente do que ela já foi e eu que estou agora fora da sala de aula, é um outro olhar que a gente tem e nós vamos passar por dificuldade.

Coordenadora Becrux: Está se resignificando a identidade do “Carlos Augusto”. A gente tem que resignificar a identidade do “Carlos Augusto”. Os alunos vieram de muitos lugares, cada um com seus grupos, com o jeito de ser de suas escolas.²¹³ Talvez até o Projeto seja uma maneira de resignificar e conseguir fazer com que todos se sintam pertencentes.

Vice-diretora Sirius: Nós que estamos aqui agora, vamos ter que passar isso lá sobre o trabalho que vamos ter e como vamos trabalhar. E só estamos nós aqui.

Pesquisadora: E o Arcturo, uma figura jovem e diferente como a Sirius bem colocou...

Professor Arcturo: Eu na verdade, caí de paraquedas dentro do “Carlos Augusto”. Vim sempre da escola rural e tive o privilégio, que hoje ninguém tem, que é estudar desde a primeira série até terceiro do ensino médio numa mesma escola. Isto é difícil, poucos conseguem. Quem consegue, é na escola particular, porque na pública vai uma parte para o município, outra para o estado, etc, etc. Isso aí me ajudou muito a criar um vínculo com a escola. Em 2004, 2005, naquele tempo não tinha *internet* e eu não conhecia e não tinha contato com o pessoal da cidade. Comecei a ter quando vim trabalhar como guarda mirim. Aí que eu ouvi dizer que existia o “Carlos Augusto” por alguns alunos que vinham de ônibus comigo. Eu saía da escola “Maria Teresa” e não tinha esse contato. E depois acabei passando no concurso e minha ideia era assumir lá no “Maria Teresa”, onde eu estudei a vida toda. Aí quis o destino que lá tivesse uma jornada de nove aulas e aí na hora que eu fui escolher, só tinha uma jornada de nove. Aí eu disse: “Ah não! Quero essa de dezenove mesmo. Falaram que era melhor. E aí não tinha outra, só tinha essa escolha. E aí que acabou que tinha o meu primo, o Alula Australis, o Alula Borealis e umas pessoas que eu conhecia que estavam no “Carlos Augusto”... o Aludra. Aí falei: “Ah...vou! Conhecia os alunos. E aí foi em 2014, quando eu conheci o Projeto. De uma maneira geral, assim, respondendo a pergunta, eu acho que na minha compreensão eu misturo as duas respostas. Não consigo pensar o quanto

²¹³ Uma escola estadual urbana de Piedade, a EE. “Prof.ª Maria Paula Ramalho Paes” foi transformada em escola de tempo integral do ensino fundamental e seus alunos do ensino médio foram transferidos para o “Carlos Augusto”. Some-se a isso, alunos da EE. “Theodora de Camargo Ayres”, que também foram deslocados tendo em vista já que o período noturno deixou de funcionar naquele estabelecimento de ensino. Assim, a Escola “Carlos Augusto” praticamente dobrou o número de alunos e recebeu vários professores novos.

alguém tenha se modificado no sentido de educador e o quanto tenha modificado no sentido de pessoa humana. Eu acho que as duas coisas estão relacionadas e eu tenho consciência dessa relação. Várias coisas foram importantes no processo. A primeira coisa muito interessante foi trabalhar em grupo. Foi uma coisa que me ajudou muito porque eu sempre fui muito... não individualista, mas eu gosto do meu tempo para as coisas. Então às vezes eu vou fazer alguma coisa e falo: “Vou fazer hoje!”. Então eu fico doze horas e termino hoje. Eu não tinha consciência de que cada um tem seu tempo para essas coisas. Então essa perspectiva do Projeto me ajudou muito. Eu lembro lá no primeiro ano, a gente conversando, levantando as coisas, informações, fazendo o vídeo²¹⁴ que foi exibido aí uma parte e tudo mais. Acho que até essa questão da valorização humana mesmo... Eu me lembro do Haldus, o professor de Arte. Eu não conhecia o professor. Vi um senhorzinho andando assim, de cabelinho branco... Pensei: “Esse senhorzinho tem história pra contar!”. Fui lá conversar com ele: “Viu professor, a gente está com essa ideia aqui... que era a ideia do retrato das pessoas, inspirada em *O retrato de Dorian Gray*²¹⁵. E tinha o *Fantasma de Canterville* também. “Então professor, vamos fazer o retrato da escola e eu acho que senhor tem a cara da escola!”, falei para ele brincando, porque eu sou de brincar. Sempre brincava, sempre fazia brincadeira com as pessoas. “O senhor tem a cara da escola!”. “Eu tenho cara de velho?”. “Não, não, não, mas é que o senhor está aqui e consegue resistir...”. “Então, tá bom!” ele disse. Tem até essa questão mesmo de como o Projeto pode, às vezes, dar um sentido de valorização profissional para as pessoas que estão lá dentro. Eu vi o professor feliz. Ele fala bem pouquinho mesmo. Ele se viu feliz por ter sido chamado e mostrar que tinha valor.... de ter sido filmado e da gente ter perguntado o que ele tinha para contar. Então essas coisas são muito interessantes. O professor Hamal mesmo, lembro que ele, ali... aparece um mínimo dele falando, mas ele falou por mais de uma hora. Eu tenho o todo o vídeo gravado²¹⁶. A gente selecionou alguns trechinhos curtinhos. Ele falou muito, foi contando histórias, de coisas da escola. Ele tinha tantos anos de vivência... Se você olhar assim, ele tinha mais anos de magistério do que no “Carlos Augusto”. Mesmo assim contava muitas histórias do “Carlos Augusto”, do que ele tinha vivido. Até da Hyadum. Contou histórias dela na escola. Tudo o que envolveu o Projeto de uma maneira geral, para mim foi significativo de pensar como educador numa escola diferente. Eu lembro que o Projeto centrado na literatura foi o que mais se aproximou do que eu tinha visto na universidade sobre a escola, que é muito diferente. Vim lá da UNESP, em que a gente sonhava com um modelo de escola. Fomos visitar o “Amorim Lima”, aquela escola sem paredes, que os alunos apresentavam a escola para a gente. Os alunos do primeiro do ensino médio para os do terceiro, na mesma sala de aula. Há uma romantização do que é educação. A professora também era assim. Excelente professora, mas romantizou a vida toda porque ela só deu aula em universidade... fez mestrado, doutorado... Então todo mundo para ela era bom. Nunca chegou no chão da escola pública para dar aulas. Então ela tinha uma romantização gigante passava isso pra gente. A gente ficou assim deslumbrado: “Nossa, vamos para a escola, vamos fazer um monte de coisas”. E a gente sabe que a coisa é muito menos glamorosa, do que ela se mostra na teoria, ou na fala das pessoas que são apaixonadas por aquilo... Então isso também foi muito interessante porque o projeto sempre

²¹⁴ O professor de Geografia se referia ao vídeo *Realidade escolar em debate*, elaborado em 2014, que foi elaborado por ele, em parceria com o professor de Sociologia do “Carlos Augusto”, ocasião em que contaram com a participação de outros professores e alunos. Um fragmento desse vídeo foi projetado enquanto auxílio da memória, antes do início das narrativas, nos encontros realizados nos dias 12 e 19 de julho. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fAGWv6L57-I>. Acesso em 10.08.2019)

²¹⁵ PCS 2014 – *(Auto) Retrato*, em que estiveram intercaladas duas obras literárias de *Oscar Wilde: O retrato de Dorian Gray e O fantasma de Canterville*.

²¹⁶ REALIDADE..., 2014.

me ajudou, como você trouxe as imagens ali²¹⁷. Acho que foi essa coisa da aresta, que é a brecha no sistema, na coisa rígida, na coisa travada, na coisa conteudista, na coisa... Acho que a ciência evoluiu neste sentido. Pra ensinar geografia, que é minha área, antes o pessoal entendia que geografia era decorar mapa, capitais, cidades... Hoje todos sabem que isso é uma idiotice porque você acessa em um segundo do celular. Então ficar decorando coisas que qualquer pessoa tem acesso [...] E ainda sem nenhum sentido prático - “Ah, eu tenho que ir a tal cidade, que é capital de tal estado. Que eu faço com isso? Que rumo eu tomo para ir? Qual é a relevância disso para minha vida?”. Então nesse sentido também o Projeto ajudou a avançar. A literatura trazia essa perspectiva de sempre pensar ao município, ou a vida dos alunos, a identificação desses com a escola, a identificação dos próprios professores, uns com os outros. A gente brinca com um, brinca com o outro. Um vai ver a sala do outro. É gostoso né? A gente acompanha todos os teatros que foram feitos. Eu penso que o Projeto ajuda a gente a ter uma perspectiva mais, como eu diria ... humanizada e no sentido próximo mesmo, de entender que todos fazem parte do “Carlos Augusto”. Eu acho que essa identificação é legal e nas outras escolas não encontrei. Por exemplo, lá no “Maria Teresa” era muito bom e tudo, mas não tinha uma coisa assim de as pessoas dizerem: “Vamos parar para fazer esta atividade.” Foi muito bom. E a gente tem mesmo essa ligação com a literatura... Em 2015, por exemplo, fiquei muito feliz porque eu tinha dado a ideia do livro. Era um livro que pra mim era muito significativo, que é *É isto um homem?*²¹⁸, do *Primo Levi*. E até hoje é. Eu lembro até que a gente tinha que apresentar a obra na escola e fazer um aprendizado, chegando a ler o livro cinco vezes. Eu lia o livro para mim, humanamente. Eu gostava daquilo ali porque me acrescentava humanamente ler aquela obra. Um dos primeiros livros que eu chorei mesmo. Então tinha sentido pra mim, na minha trajetória e formação. Agora eu cheguei no “Carlos Augusto” e tive que apresentar para os professores o que tinha em “*É isto um homem?*” de matemática, o que tinha nele de português, o que tinha nele de ciências, o que tinha nele de química. Então foi uma releitura que fiz de uma obra que era extremamente batida, cansada pra mim.

Coordenadora Becrux : Diferente não é Arcturo?

Professor Arcturo: Era um outro olhar...Era um outro olhar... O Projeto permitiu que eu fosse além do que eu fazia normalmente enquanto leitor... E até outras vezes depois, quando o projeto foi “Piedade: nossos caminhos, nossa terra e nossa gente”²¹⁹ a gente trouxe a EXPAP²²⁰. Havia o livro do Toninho²²¹ que eu já tinha lido umas quatro vezes e tinha levado até para ele autografar. Tinha lido também o livro “Rumo ao Porvir”²²², da dona Zoraide. Mesmo assim, fiz uma releitura pra encontrar: “Como eu vou colocar isso para o aluno, como eu o Professor Hamal vamos pensar a EXPAP”. “O que eles têm que fazer; como a gente vai lá?”... Como você falou, aquela coisa que sai da escola e vai além da coisa. Fui lá ...nas fotos dos agricultores... Fomos lá ver a abertura do evento e eles foram lá ver a exposição na escola. É muito além do que fica. Eles tem as vezes a ideia do projeto de escola, aluno, professor, nota, recuperação, puft, acabou. E aí você vê que o projeto vai muito além. Tem a ver com a história da identificação do município. O pessoal até brinca, queriam um texto ou poesia para colocar no mural. Eu falei “Eu vou fazer.” E o aluno: “Eu no tempo do Ginásio...”. Então

²¹⁷ Fotos do Projeto, como auxílios da memória no ppt apresentado antes das entrevistas

²¹⁸ O professor se referia a uma das obras literárias do PCS 2015, cujo tema foi - *Ser humano*. A outra obra literária lida pelo Ensino Fundamental foi: *O pequeno príncipe*, de *Saint Exupéry*.

²¹⁹ Em 2017 a leitura teve caráter histórico com autores piedadenses: *História de Piedade*, de Antônio Leite Netto e *Historiografia Piedadense* (facebook) de Benedito Maciel de Oliveira Filho

²²⁰ A Exposição Agrícola de Piedade - EXPAP, é um evento tradicional do município, em que os agricultores mostram seus produtos à comunidade.

²²¹ LEITE NETTO, Antônio. *História de Piedade*, 1987

²²² MARTINS, Zoraide. *Rumo ao porvir*, 2009.

tem essa identificação. Esses dias ia sair com os alunos lá... acredita que, conversando com o motorista da van, pra ir para o “Carlos Augusto”, ele errou a escola e foi para o “Maria Paula” porque ele não sabia que o “Carlos Augusto” era o “Ginasião”. Para ele ficou o que, uma identificação daquilo que ele viveu enquanto era aluno.

Professor Antares: Mas em Votorantim tem isso. Quando eu falo que eu dava aula no “Carlos Augusto”, a pessoa não sabe. Quando eu falo do “Ginasião”...aí a sala inteira : “Ah, agora a gente sabe qual é o “Ginasião”. É só falar “Ginasião” que em Votorantim, a turma sabe onde é.

Professor Arcturo: Vê o grau de identificação que as coisas tomam! O Projeto mesmo como um todo, eu nunca tinha ouvido falar, até que eu vim trabalhar como guardinha²²³ Hoje, como estou participando do projeto e tiro fotos, coloco no *facebook*, alguma coisa lá, vários colegas meus, até meu tio, eu descobri depois que participaram. Depois de ele fazer Física na USP, etc, etc, disse que participou do Projeto também - por 3 anos. Ele lembra dos livros, lembra das obras, lembra quem foi, quando foi... Encontrei um outro amigo meu, que até veio no Projeto e ficou até triste. Falou que deveria ter uma área no Projeto só destinada a quem já participou. Ele veio e ficou deslocado. “Não conheço mais ninguém que eu conhecia, os professores não são mais os mesmos...” Ele era de 91, 92, 93, 94. Acho que 91 a 95.

Coordenadora Becrux: O Antares fez uma proposta - fazer uma sala com os ex-alunos.

Professor Arcturo: Inclusive o Altais tem até coisas na casa dele. Ele esteve na escola de 91 a 95. Acho que ele participou dos 2 últimos anos dele na Escola. Depois disso, acaba trazendo o pessoal de volta, trazendo ideias. Além de tudo que a gente falou, até do ponto de vista de pesquisa... Olhe que legal, como o projeto está indo além: identificação pessoal com a professora Maria Lúcia. Até você pode destacar não é Sônia, que vai além do enredo normal de um projeto, que já é muito, quando atinge. Mas o Projeto vai além...com a arte, pessoas pesquisando, memórias, município, identificação regional. Vale a pena tudo isso. Para mim foi muito importante, tanto que em vim até aqui. Para mim é legal falar e gosto de falar porque tem significado.

Coordenadora Becrux: Você também falou das perguntas 1 e 2 que se misturam quando falam na influência do projeto enquanto profissional da educação e da influência do projeto na vida e na sociedade. Eu acho que isso aí! Elas se misturam, não tem como... porque a nossa vivência em sociedade, a nossa contribuição para a sociedade é a sala de aula. Então a gente está lá o tempo todo, como profissional da educação contribuindo para sociedade. Não tem como não misturar o canal. Essa interação que você falou aí do projeto é muito legal Arcturo. Você sabe vários professores que entraram agora na escola, depois que a Escola deu essa inçada aí²²⁴, eles falam isso, que eles perceberam uma união entre os professores do “Carlos Augusto” e o acolhimento deles, que eles nunca viram. O professor do “Carlos Augusto” acolhe bem os que vêm de fora. Eu escutei de vários Sônia. Sabe por que? Porque a gente está acostumado com isso no projeto: de abraçar todo mundo, de abraçar o aluno, do aluno ter voz, do outro ter voz. A gente já acolhe e dá espaço para ele.

Pesquisadora: Na verdade a gente acaba vendo cada um, quer dizer, via né, eu já não estou mais lá ...

Coordenadora Becrux: Mas vê ainda, porque isso a gente não perde.

²²³ A Guarda Mirim de Piedade, por muitos anos vem congregando jovens com o intuito de prepará-los para o mercado de trabalho e para viver melhor na sociedade, nutrindo princípios de ordem e disciplina. Muitos jovens se inscrevem para poder ter a oportunidade do primeiro emprego, com formação no trabalho. Alguns vêm da zona rural, que ocupa 675,58 Km² da área total do município, 729 Km². Disponível em <https://piedade.sp.gov.br/portal/cidade/11/piedade>. Acesso em 11.09.2019.

²²⁴ A Coordenadora se referia ao recebimento de novos alunos e professores em 2019, conforme já mencionado anteriormente.

Pesquisadora: É um presente contínuo ou um passado contínuo...

Vice-diretora Sirius: E quando eles chegam lá, eles se sentem assustados não é?

Pesquisadora: Isso... e quando chegam lá a gente pensa: “Nossa, o que será que ele sabe? O que será que pode trazer de novo?” A gente observa os alunos e professores de forma diferente.

Coordenadora Becrux: Enxerga os alunos, não é Sônia?

Vice-diretora Sirius: É que a gente que está lá há muitos anos. Muitos professores já passaram por lá. A gente nem lembra o nome de todos, mas alguns quando ficam lá ... três, quatro anos e eles saem, acham diferente. Eles falam: “Puxa vida, eu não tinha essa visão.” Dava impressão que a escola era assustadora, que o pessoal... Não é gente! O pessoal é tranquilo. Temos lá nossos probleminhas, nossas discussões... Normal, faz parte do crescimento de cada um, faz parte do crescimento do grupo. Mas eles acham que o grupo é diferente. Ou seja, o pessoal gosta. E uma coisa que a Hadar falou e que eu achei muito legal, que aliás eu gosto muito. Eu fico muito no teatro com eles, mas a minha parte é de a parte de cenário e montagem. Eu acho a instalação interessante. A instalação é fundamental porque é um espaço em que a pessoa vai e ela visita a cidade lá...Nossa! Das pessoas poderem enxergar, materializar. Eu acho isso muito interessante.

Pesquisadora: Sirius no outro encontro você disse que percebeu que os alunos estão perdendo essa habilidade criativa.

Vice-diretora Sirius: Eu falei da outra vez. Vamos supor... a gente que está lá há muitos anos que já fez muita coisa é como o Antares falou: “Ai professora como é que faz isso?”. “Faz assim...”. “Mas como é que você sabe?”. “Há vinte e poucos anos estou fazendo isso...”. É com alicate, com enforca gato, já arrastamos bambu por esta cidade inteira, fomos de *jeep* catar bambu em tudo quanto é canto. Tudo isso nós já fizemos. Então eu acho que o aluno antes, não sei se porque ele não tinha tanto acesso ... e hoje tem, ele tinha muita criatividade, muita coisa material e hoje eu vejo um pouco isso se perder. Antes os alunos lidavam mais com os alicates, os arames do que hoje.

Professora Alnitak: A *internet* ...

Vice-diretora Sirius: Ou um pouco acomodados, não sei ...

Professora Alnitak: A *internet*, eu acho. Eles estão muito nesse mundo virtual A informação é muito rápida, e não têm muita vontade de fazer coisas práticas. E eles começam a perder muito isso nessa idade dos 14, 15, 16 anos. Inclusive, lá, no curso que nós estamos fazendo²²⁵ quem for ver, vai ver muito isto. O adolescente nessa idade quer conviver socialmente, ele é muito inteligente, mas tem dificuldade dessa coisa de fazer o prático. Acho que com a internet eles estão com mais dificuldade ainda.

Professora Algol: Eu acho que não é nem o problema de eles saberem. Eles não têm a noção de quanto é muito mais gostoso você criar uma coisa, fazer aquilo do que você pegar pronto. O nosso adolescente é assim Alnitak. Ele tem medo. Eu já percebi. “Ah, eu não consigo fazer. Não vai dá pra fazer...”. “Não, você vai, você faz, você consegue!”. A partir do momento que ele tem alguém que encoraje, passa a ver de outro modo. Ele descobre as coisas.

Coordenadora Becrux: Mas são valores diferentes. Eles não valorizam isso mesmo, como a gente valoriza. Veja a novela por exemplo, que a moça tem que ter quantos milhares de seguidores! Eles não valorizam nada disso. Então são outros os valores, eles já nasceram assim. É claro que eles... “ Ah, eu sou *gamer*...” . “Eu quero ser *designer* de não sei o que...”. A gente fala: “Mas que legal!”. Mas para nós está faltando, é uma coisa que não nos interessa, da mesma forma que para eles, por que o que vai interessar em confeccionar se eles compram?

Professora Algol: Os pais vão lá e compram a impressora 3 *D* que queriam.

²²⁵ Inova Educação (SÃO PAULO (Estado), 2019)

Coordenadora Becrux: Podemos tentar fazer com que eles queiram fazer... Eles só têm que saber que podem fazer!

Professor Arcturo: É resultado também. Eu quando era pequeno lá no sítio ... o prático só vem com prática mesmo. Você tem que ter aquilo lá e tem muito a ver com o resultado. Por exemplo, eu gostava muito daqueles peõesinhos que põe, rapa, tira, deixa. Não sei se vocês chegaram a ver isso. Era muito comum no bairro lá pra quem sabe. E eu sempre quis ter um daquele lá. Eu quero, eu quero, eu quero... Só que pra ter você tinha que fazer aquilo lá. Não tinha o peãozinho e não tinha o vídeo no *youtube* para ver como que era feito. Então se quisesse ter um resultado daquele, precisava fazer. Tinha que pegar, ver como era a madeira, aquele negócio que passa lá e roda... “O que é esse negócio de roda? Dizem que é esmiril. O que será esse negócio de esmiril? Como é que passam as cordas na mão?”. Então tinha tudo isso daí. Hoje em dia pulverizou. É líquido isso!

Coordenadora Becrux: Mas você queria isso Arcturo. Você queria fazer aquilo. É essa a diferença.

Professora Alnitak: Mas o que ele está falando é o seguinte, que hoje o aluno ele quer fazer o peãozinho, se ele tiver a curiosidade de tentar fazer, de descobrir as coisas, ele vai na *internet*, *clica* lá no canal e pronto.

Professora Algol: Ah isso vai, eu sei.

Vice-diretora Sirius: Acho que por isso vão ter as novas disciplinas agora²²⁶ - para ouvir o aluno, projeto de vida pra gente ter esse espaço na sala de aula pra poder dar voz ao aluno.

Professora Hadar: Vou falar sobre a disciplina eletiva e fazer um comparativo. Eu estou dentro da escola integral...o que é na verdade a disciplina eletiva na escola integral? É o que a gente sempre fez dentro do Projeto Convulsivo Sinódico. A eletiva é a apresentação de um projeto para o aluno, porque daí ele vai eleger qual o projeto que ele quer participar durante o ano; que é o que a gente sempre fazia no todo do projeto. Escolhe-se um tema, dentro daquele tema cada um de nós fala o trabalho que vai desenvolver. A gente está vendendo o trabalho. O aluno vai olhar todo conteúdo que vai ser trabalhado e ver com o qual se identifica. E o que é praticado o tempo todo, dentro do projeto é o protagonismo juvenil porque é dentro do projeto que o aluno aprende a fazer pesquisa, vê o que se identifica e dentro daquilo que ele se identifica, ele vai se sentir útil, ele vai se sentir importante. Ele vai querer produzir! E quando você olha de fora daquilo que estamos falando, muita gente contempla que é uma coisa muito grande. Como eu vou fazer? O aluno também quando chegava no “Carlos Augusto”, na época que eu dava aula falava: “Mas é tão bonito, eu não vou conseguir fazer o teatro, eu não vou conseguir fazer isso, eu não vou conseguir fazer aquilo, mas aí ajudava na confecção da sala. Ele não era um monitor, não estava se caracterizando, mas ele olhava o produto pronto e falava: “Aquele parafuso fui eu que apertei. Isso só foi parar lá em cima porque eu ajudei a levantar!”. “Isso aqui só ficou pronto porque uma das partes fui eu que confeccionei...”. Ele se sentia parte do todo, ajudou de alguma maneira, da maneira como se sentiu útil em poder ajudar na apresentação final. Isso é importante!

Professor Antares: Hoje eu vejo que se o aluno não participa do projeto, ali na produção mesmo, não sai. Quando eu, junto com a Becrux e a Sirius... alí a gente ficava um pouco sobrecarregado. Eu lembro que quando fiz o meu texto... fiz o texto nos três anos que participei . A gente não queria muito que a Becrux fosse lá. Professora de Português ...

(Risos)

²²⁶Inova Educação (SÃO PAULO (Estado), 2019)

Professor Antares: E a gente tinha a visão dos professores alí, que eram a Becrux , a Atria, a Vega como supervisoras , só para ver se estava saindo. Era mais ou menos isso que a gente via. Se a gente pudesse, trancava a porta e elas só viam na hora de apresentar. Era mais ou menos isso, não é?

Coordenadora Becrux: Era.

Professor Antares: Eu lembro que ela mandou fazer uma mudança no texto do *La Mancha* ...

Coordenadora Becrux: Com exceção do *Dom Quixote*, que teve várias adaptações, mas o resto era assim mesmo.

Professor Antares: Ela mandou fazer uma mudança lá, eu nem lembro o que era mais. Eu fiquei tão chateado. Falei: “Tá tão legal isto aqui!”. E hoje, fala a verdade Becrux, nos últimos quatro textos, quatro teatros, só a gente fez ...

Coordenadora Becrux: O aluno está diferente. Então a gente coloca ele no meio, dentro da sala de leitura e vai tirando dele tudo o que ele pode fazer. Muitas vezes, a gente tem que fazer isso que você falou e reclamou: “Por que que mudou?”. Mas você faz isso norteando... É o princípio, ele começa a perceber que é ouvido e que aquilo pode ser feito daquela forma. Isso é importante. E foi o que você falou: “Fiquei chateado!” Mas você percebeu que podia fazer e de lá pra frente você começou a fazer. Então eles estão vivendo esse processo agora.

Professor Antares: Então o aluno participa de outro jeito. A parte criativa acaba saindo mais do professor. A gente não chega com um esqueleto para ele ...

Coordenadora Becrux : Mas eles gostam , não é Sirius?

Professor Antares: Mas criar, chegar com a ideia e dizer: “Eu quero fazer assim!” Até agora não saiu, mas vem de outro jeito. No ano passado quem se vestiu do *Mágico de Oz*²²⁷ foi tudo da cabeça dele, a maquiagem, a roupa... Mas o texto foi a gente que montou para eles fazerem aquilo.

Coordenadora Becrux: É o que você falou, a conversa é toda coletiva porque a ideia de inserir *O Mágico de Oz* começou com a Sirius naquele final. Não é Sirius? A ideia de inserção do *Mágico de Oz* nos personagens foi dela. A gente passa para a criação do texto. Eles fazem a maquiagem, o outro projeto... então é muito... É muito legal que cada um vai fazer uma parte e às vezes quem começou com a ideia, como a Sirius, nem reconhece aquilo que aconteceu. Não é? Cada um vai pondo um pouquinho de si.

Vice-diretora Sirius: E uma coisa que o Arcturo falou, ele achou interessante quando ele sugeriu o livro daquele ano, é isso que a gente quer. Que parta do professor essa iniciativa. Por isso que às vezes em reuniões a gente fica esperando, esperando, esperando e tem uma hora que precisa sair. Como foi este ano, nós ficamos esperando, esperando, esperando... Qual vai ser, qual vai ser o livro? Isso não vinha. Então nós achamos interessante, o livro *O menino que descobriu o vento*, de *Willian Kamkwamba* Eu tinha assistido ao filme, achei muito legal em função da tecnologia, não só isso, a África também está ali, enfim... Então é isso que a gente quer do professor. É que como hoje nós temos muitos professores novos, muitos professores que não estavam aqui conosco e não vivenciaram, eles ficam até um pouco... Talvez eles não saibam, mas é isso que a gente quis. Como no seu projeto²²⁸, o pessoal reclamou da leitura que era difícil porque eram localizações lá no norte da Europa, na época da guerra e tudo... Saiu gente. Então é isso... Essa criatividade que a gente precisa meio que resgatar.

²²⁷ A coordenadora se referia ao PCS de 2018 denominado *O que seria do amarelo se todos gostassem do azul: afrontando nossas diferenças*. A obra literária desse ano foi *O corcunda de Notre Dame*, de *Victor Hugo*.

²²⁸ A vice-diretora se referia a indicação do livro *É isto um homem*, de *Primo Levi* – PCS 2015 – *Ser humano*.

Pesquisadora: Se a gente for pensar nas metas do projeto elas estão acontecendo, de uma forma ou de outra, vocês não acham? Não na totalidade porque não são todas as pessoas que se envolvem não é? Mas a gente percebe que quem entendeu, entende que a escola é um lugar de ser feliz. E é outra felicidade, não é a felicidade daquele momento, mas é uma felicidade vivenciada. É o produto daquilo que a gente sentiu. É fazer com que o professor estude. Vocês mesmos estão colocando, existe uma trama que está dentro das metas e que acaba sendo atual até hoje.

Professor Arcturo: É uma questão de conforto às vezes. Uma coisa diferente. Achei engraçado o pessoal do curso *Inova Educação*. Nunca tinha visto tanta animação do pessoal para fazer um curso. Dois dias antes o pessoal mandando mensagem para mim. “Meu Deus do Céu, não consigo acessar esse curso!”. “Mas não tem cinquenta dias para fazer isso gente do céu?” Acho muito legal. Qualquer coisa que mude um pouquinho já dá um sopro de vida na gente, um sopro de alegria, um sopro de felicidade porque você sai um pouco do que está habituado. É como se fosse uma garóinha que cai e a pessoa está lá, seca faz tempo. Não é muita chuva, mas a aguinha já dá uma irrigada e você já pensa: “Bom vou ver outras coisas!”

Pesquisadora: Bom Arcturo. Gostei da garoa. Gente tem mais alguém que quer expressar mais alguma coisa nesta última rodada?

Professora Alnitak: Deixa eu falar mais uma coisa. A Maria Lúcia era uma pessoa muito visionária não é? Eu tive aula com ela em 80, 81. Não sei se vocês também tiveram. E ela já, em 80, 81 tentava influenciar a gente nessa libertação da escola, entre professor/aluno. A dona Maria Lúcia já tinha essa visão. Então o Projeto em 93, que ela deve ter sido uma das cabeças, como mentora é porque sempre foi uma pessoa muito pra frente. E o trabalho com projeto volta com tudo. Agora é isso que nós estamos estudando: as eletivas que Hadar falou. É isso nos projetos de vida, que eles estão falando²²⁹, dos alunos serem felizes e trabalharem com projetos... dos alunos protagonistas. Estão falando muito disso, muito... muito. Até mexe com a gente! A gente pensa: “Nossa como vou dar meu conteúdo nessa nova visão?”

Vice-diretora Sirius: Quem sabe o ano que vem, não sei onde vou estar, na sala de aula ou fora, enfim, mas a gente não pode aproveitar essas cinco aulas, na verdade são cinco não é?... E ao longo do ano a gente sedimentar um pouco mais o projeto e trabalhar com um pouco mais de folga. Que é o que você falou: “... é aquela pressão, é conteúdo, é conteúdo, é apostila, é prova...”. Nossa! Quem sabe no ano que vem a gente consegue até um pouco mais de espaço com essas novas disciplinas...

Professora Alnitak: Vai somando né!

Vice-diretora Sirius: A Hadar uma vez fez, você lembra?

Professora Hadar: *Gattaca*?²³⁰

Vice-diretora Sirius: Gente, quem nunca assistiu esse filme, a Hadar fez uma leitura no computador. E a gente ia... era válido, era inválido. Gente foi ... *Gattaca*, de 2000. Nós fizemos e ela fez lá na telinha do computador ...

Professora Hadar: Na verdade fomos três professoras. Fui eu, Deneb Algedi e a Deneb Dulfim, principalmente trabalhando. Aí, como a gente tinha que fazer o *Projeto Genoma* e a gente trabalhava a sequência de *Fibonacci* também, que faz parte do DNA, a Deneb Algedi pegou a *teoria do caos* que estava trabalhando no mestrado dela. Eu estava trabalhando, também fazendo minha pós-graduação na época que era a matemática nos trabalhos manuais de crochê, mas eu trabalhei toda parte da matemática na natureza. Aí eu trabalhei essa parte da matemática na natureza, com a sequência de Fibonacci, falando sobre os caracóis, sobre as

²²⁹ (Inova Educação. SÃO PAULO (Estado), 2019)

²³⁰ PCS 2005 – Genoma. Os professores de Ciências e Biologia elegeram o filme *Gattaca: a experiência genética*, dirigido por Andrew Niccol, (1997) em suas disciplinas para construírem analogias com a temática do Projeto.

abelhas, a árvore genealógica e aí um outro grupo, que era o grupo da Deneb Dulfim que trabalhou ...tinha uns meninos que gostavam dessa parte de computadores e foram eles que montaram.

Vice-diretora Sirius: Já naquela época.

Professor Hadar: E aí o que aconteceu, tinha uns que não queriam montar o corpo humano com as proporções... Eles fizeram com o gesso, tudo certinho e quando o negócio ficou pronto o boneco ficou muito feio. Eles olharam a sala e disseram “Professora nós não vamos enfiar esse boneco dentro da sala”. E eu disse: “Mas vocês vão perder todo esse gesso?” Aí eles falaram: “Vamos mandar para a sala dos horrores”, que tinha lá a sala. Eles confeccionaram e mandaram para outra sala que falava das experiências genéticas da guerra. Eles falaram: “Professora não foi perdido o trabalho de uma semana não!”. Mas era muito interessante porque a gente desmembrava os grupos e cada um de nós trabalhava de acordo com a clientela que tinha. O grupo da Deneb Dulfim era muito bom nessa parte da informática, a Deneb Algedi tinha o direcionamento dela, e eu tinha o meu direcionamento e a gente juntava tudo. E o que não dava certo, a gente...

Vice-diretora Sirius: Mandava para a sala dos horrores!

(Risos)

Pesquisadora: Então gente eu quero agradecer a gentileza e disponibilidade do horário de vocês e dizer que todos estão contribuindo para reescrever esta história. Por isso foi muito importante que cada tivesse trazido sua própria história. E agora convido a todos para um lanche elaborado especialmente para vocês. Muito obrigada por tudo.

Transcrição de narrativas enviadas em áudio, via *whatsapp*, e *facebook* por participantes que não puderam estar presentes nos encontro do dia 19 de julho de 2019, ou que mesmo presentes quiseram ampliar suas contribuições.

Coordenadora Alkes: Vivenciei o Projeto em dois momentos: enquanto gestora da sala de aula mediando junto aos educandos a temática e o desenvolvimento das minhas disciplinas de Português e Inglês. Outro momento foi como coordenadora pedagógica, onde pude ter uma outra visão do Projeto, uma abrangência das outras áreas do conhecimento, conectando-se e interligando-se entre si. Enquanto gestora o Projeto alterou o meu olhar para interagir com outras áreas do conhecimento, provocando assim outras leituras que poderiam passar sem percepção. Todas as leituras e movimentos que se faz para sua inscrição no meio alteram sua visão de mundo, das pessoas ao seu redor. E como você se vê integrante de um grupo ou espaço que ocupa. Toda essa alteração que ocorreu em minha carreira foi mediante as várias leituras que o Projeto Convulsivo Sinódico me convidou a realizar.

Coordenadora Alfirk: Para falar do projeto misturei um pouco com aquilo que me construí e do que eu sou hoje e como o projeto me influenciou e como eu entendo que ele influencia toda a escola. O primeiro grande questionamento que vem é como um projeto se manteve tanto tempo na escola? E aí, como a gente já conversou várias vezes, o projeto ele não é o mesmo. Ele vai, ele vem se modificando a cada ano e ele é diferente. O que permanece é a essência, que é aquela proposta da Prof.^a Maria Lúcia de que a gente pudesse viver uma escola diferente, que nós pudéssemos oferecer algo diferente para os nossos alunos. Isso é a busca de sempre não é? Todos os anos eu vejo isso. O que a gente sente também é que o Projeto foi se modificando para que a gente pudesse responder aquilo que é posto, aquilo que está posto: o currículo, o projeto de leitura, o desenvolvimento das competências, o desenvolvimento das habilidades e toda essa movimentação que nós fomos fazendo para que o Projeto então conseguisse sobreviver diante de tantas transformações. Até nem tantas transformações na ação, mas dentro das novas nomenclaturas, aquilo que vem de novidade,

que a gente sabe que não é tão novo assim, mas que tem um novo nome. Então por exemplo, lá em 2014, se não me engano nós recebemos aquele material que é *Matriz de Avaliação Processual*²³¹ e lá estava escancarada a importância do desenvolvimento das habilidades socioemocionais, que é o aluno saber conviver em grupo, saber ouvir o colega, conseguir manifestar aquilo que ele entendeu ou aquela dúvida que ele tem de uma maneira clara, que ele pudesse conviver dentro do grupo. Então, saber fazer pesquisa. Todas essas habilidades são desenvolvidas dentro do Projeto, não é? Daí eu comecei a pensar: como acontece o projeto dentro da escola e na relação dele com a fotografia? Comecei assim a lembrar o que significava a fotografia de acordo com aquilo que eu pesquisei, estudei? Por exemplo, tem aquela pesquisadora da UNICAMP que eu gosto muito, professora *Alik Wunder*²³² e ela fala sobre a fotografia dentro do espaço escolar e como essa fotografia transforma o espaço escolar, no momento em que você pega um texto (a fotografia não deixa de ser um texto), uma imagem fotográfica daquilo que aconteceu e você vai reviver aquela imagem fotográfica. Então, quando nós vamos mostrar o Projeto para os novos professores isso geralmente acontece através das fotografias. Nós tínhamos as fotografias que eram reveladas, aquelas que eram mais antigas e hoje a gente tem o arquivo digital, mas nós temos as fotografias e aí nós começamos a mostrar. No momento em que a gente mostra as fotografias, os mais antigos, que viveram aquele momento de alguma forma, começam a reviver os momentos através das fotografias. Então começa a fazer sentido. Todas aquelas fotografias começam a fazer sentido! Não uma realidade vivida algum tempo atrás, mas aquela realidade construída naquele momento. E fica muito vivo, fica muito bom porque nós vamos revivendo o Projeto e contando aquela história, reconstruindo aquela história de uma maneira em que tudo fica muito mais claro e tem significado na questão do desenvolvimento dos alunos, da participação dos alunos, da participação dos professores. Então o é que eu percebo, que a fotografia, com o que a *Alik Wunder* fala: “As fotografias desarranjam os nossos discursos sobre as coisas e os seres. Nelas, eles também ganham outras formas. A potência do corte, do apagamento, da sombra, da luz, da transformação das cores, em especial nas imagens em preto e branco, da justaposição, do adensamento de corpos e da retenção do efêmero. As fotografias além de reterem marcas, também criam outras.” (WUNDER, 2011, p.167)²³³ Então eu vivenciei tudo isso de alguma forma no PCS: essa criação da fotografia, eu crio aquilo que aconteceu a partir do que ficou dentro de mim. E esse momento que eu considero essencial como coordenadora da escola, aquela criação! E é fantástico, porque daí os professores que passaram por aqui, começam a contar para os novos e aquilo toma uma proporção, uma coisa assim fantástica de aprendizado, de criação. É muito bom! E daí o que é que acontece? Aconteceu o outro processo que é o que estou estudando agora que são as “comunidades de prática” que têm conceito de Etienne Wenger. Esse pesquisador trabalha com as comunidades de prática já há 20 anos. E no que essa comunidade permite conexão com o Projeto? É que as pessoas que vão fazer parte dessa comunidade têm que ter uma paixão em comum, naquele momento que elas estão juntas. Por que estou falando isso? Porque na comunidade de prática, as pessoas não precisam ser as mesmas sempre, tem essa rotação que é o que acontece no Projeto por conta dos professores que chegam e vão embora. Ele permite essa rotatividade. Na comunidade de prática, não existem diferença entre os mestres e os novatos. Um novato pode contribuir, tanto quanto o mestre para o desenvolvimento daquela aprendizagem. Wenger²³⁴ fala da aprendizagem social. Diz assim: “[...] em qualquer dada comunidade de prática concreta, o processo de reprodução da comunidade, uma estruturação historicamente construída,

²³¹ **Matriz de avaliação processual:** língua portuguesa, linguagens. (SÃO PAULO (Estado), 2016)

²³² WUNDER (2011)

²³³ Idem

²³⁴ LAVE; WENGER (2002, p.172)

contínua, conflituosa, sinérgica da atividade e das relações entre os praticantes tem que ser decifrada, a fim de se entender as formas específicas de participação ao longo do tempo. Isso requer uma concepção mais ampla das bibliografias individuais e coletivas do que o sentimento único encerrado no estudo dos alunos. Assim começamos analisar as formas cambiantes de participação e identidade de pessoas que se engajam em firme participação numa comunidade de prática, desde que sua entrada, como novato passando por seu tornar-se veterano, em relação aos novatos, até o ponto em que esses novatos mesmos se tornem veteranos. Em vez de uma relação professor – aluno tem-se um campo ricamente diverso de atores essenciais e com isso, outras formas de relacionamentos de participação.” Então eu entendo que não existe um professor que vai ensinar alguma coisa para outro. Naquele momento, com aquele objetivo em comum que na verdade é a temática do projeto, é aquela obra literária que você bem coloca que não é dura, é uma alegoria a obra literária é uma alegoria para o desenvolvimento do projeto e eu acho isso fantástico e acredito nisso também. É aquela participação e envolvimento dos professores. É claro que a gente não tem envolvimento de 100% dos professores, não tem a participação dos 100% mas quem está disposto a participar dessa comunidade de prática de alguma maneira começa esse processo. Quando os professores que já passaram pela escola e vivenciaram o projeto enquanto alunos chegam na ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo), na reunião de planejamento, replanejamento e começam , a partir das fotografias, contar o que viveram e que toda aquela história que eu já falei e se envolvem naquele grupo , que para mim , nesse momento , é uma comunidade de prática, a gente tem o ganho direto e indireto para o aluno, que é o desenvolvimento desse professor , enquanto ser humano , enquanto profissional, não é ? Então ele consegue sair do senso comum ou inicia um processo de sair do senso comum e tentar participar de uma maneira diferente e chegar naquele objetivo que foi o que eu pensei logo no começo que é propor uma atividade diferente, propor uma aula diferente, e que esse momento para os alunos e que esse momento diferente permita olhar o mundo de um outro lugar, que ele saia daquele senso comum e comece a ampliar o olhar dele em relação ao mundo que ele vive. Então é isso Sônia. Não sei se fui clara ou se não fui, vou tirar fotos das referências dos livros que falei e espero ter colaborado de alguma forma. Obrigada viu e desculpe a demora.

Aluna Electra: O Projeto Convulsivo Sinódico na minha vida foi algo bem essencial. Dentro dos vídeos que a gente viu aí²³⁵, um aluno falava que para ele foi bom, ele sabia que acontecia esse projeto e que quando ele chegou a estudar nessa escola, ele vivenciando isso, foi muito bom para ele. Eu também tenho essa mesma experiência porque a minha irmã, há anos na minha frente já tinha participado... e eu adorava estar aí na escola vendo as apresentações, as montagens das salas que eram feitas, tudo com muito capricho... E quando chegou a minha vez, nos anos de 2003, 2004 e 2005, foram os 3 anos que eu estava no Ensino Médio aí na escola, também foi assim, excelente. Eu pude participar, pude ser protagonista de uma história, de vivenciar não só na parte do teatro, mas na confecção de cenário, do figurino, desenvolver ... A gente reescreveu a história de *Romeu e Julieta*²³⁶ e fez a nossa peça. Então participar de tudo aquilo, eu acredito que traz para a vida do aluno e depois traz para nós, como profissionais na área da educação uma reflexão de que verdadeiramente o aluno dentro da escola precisa ser ativo. O aluno precisa ter um espaço para participar, para fazer acontecer. Eu vi porque foi a maneira que aconteceu comigo e isso desperta! Até aquele momento, nem eu conhecia o potencial que existia dentro de mim, mas através das

²³⁵ FRACTAIS, 1994; MEMÓRIAS, 1993; SILVA; SILVA, 2014.

²³⁶ A ex – aluna faz referência ao PCS de 2005, que teve como base *Romeu e Julieta* e *Hamlet*, de William Shakespeare.

oportunidades que vão sendo concedidas através de um trabalho como esse dentro da escola, a gente consegue ir além e através disso correr atrás dos nossos sonhos, conquistar os objetivos e saber hoje na área da educação que a gente também que ser esse agente transformador na vida dos alunos. É claro que a gente tem que trabalhar em cima dos conteúdos, da matéria, mas dar oportunidade para que o aluno venha viver, colocar em prática aquilo que ele tem com ele: toda sua bagagem de vida, daquilo que faz parte da sua história.

APÊNDICE G - Registros Fotográficos dos encontros

Encontro com professores e alunos: 12.07.2019



Fonte: Arquivo pessoal de Felipe Soares da Silva

Encontro com professores e alunos: 12.07.2019



Fonte: Arquivo pessoal de Felipe Soares da Silva

Encontro com professores e alunos : 19.7.2019



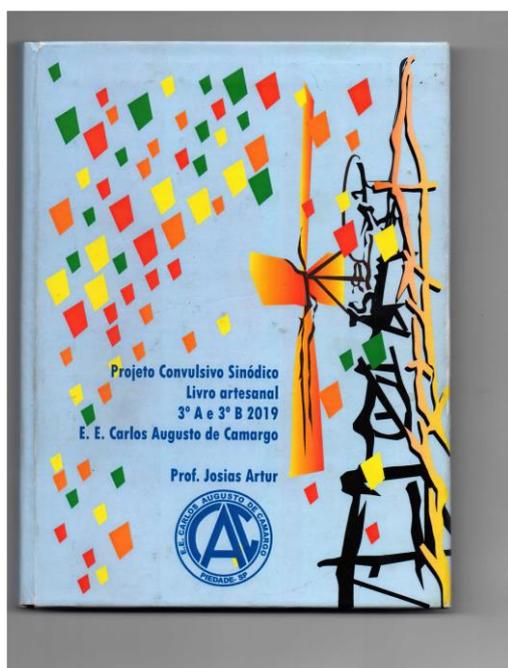
Fonte: Arquivo pessoal de Felipe Soares da Silva

Encontro com professores e alunos: 19.7.2019



Fonte: Arquivo pessoal de Felipe Soares da Silva

ANEXO A - 23º Projeto Convulsivo Sinódico 2019 – livro artesanal - fragmentos



Índice	
O menino que descobriu o vento – Prof. Josias	13
Escola viva – Profª Coord. Juliana	15
Diário de Bordo – Expedição 37 – Guilherme Iita 3º A.....	17
Aquarela em uma folha em branco – Samuel Rosa 3º B.....	24
Racismo – Verena Frey 3º A	27
Ficção Científica – João Victor Zanfirov 3º B	29
Simplicidade – Mickely Alves Leite 3º A.....	31
Devaneio – Isabela Leonel Flora – 3º B	33
Viagem à Lua – Michelle Ducceschi – 3º B	34
O mundo daqui a alguns anos – Jád Ap. Souza – 3º B	37
“Eu tenho um sonho” – Thaiane Oliveira – 3º B	38
“Os inferiores” Natalia Carolina 3º B	40
Meus sonhos – Patrícia Marcos de Souza 3º B	41
Estética – Aline Sonnenberg 3º A	44
Compaixão – Natalia Carolina 3º B	45
A vida – Emanuel Victor 3º B	46
Sociedade – Maria Vitória 3º B	47
Último ano – Caroline Vieira Prestes 3º B	48
Imaginação – Emanuel – 3º A	49
O racismo existe – Gabriella Santos 3º B	50
Racismo – Bruna Oliveira Pedrosa 3º A	52
Platão e o Mito da Caverna – Bruna O. Pedrosa 3º A	54
Um ano Bom – Jaqueline Kaori 3º B	56
Jornada – Thayane e Marcelly 3º B	59
Sonho – Mirelly Mendes 3º B	60
Meu momento – Karoline Cardoso 3º B	62
Refúgio – Isabely Zunica 3º B	64
A vida me ensinou... – Luiza Beatriz 3º A	65
O entretenimento – Luciana Matsumoto 3º B	68

- 09 -

Fragmento falho da colonização – Samuel Rosa 3º B.....	70
O jovem e a Religião – Tainã Vitória 3º B	73
A maravilhosa Lua – Verena Frey 3º A	76
Doação de Sangue – Henrique Caetano 3º A	79
Futebol, a arte de um milagre – Marlon de Góes 3º A	80
Saudade – Luiza Beatriz 3º A	81
Um conto como uma vida qualquer – Guilherme Iita 3º A.....	83
Simplicidade – Mickely Alves 3º A	85
O santido da felicidade – Bruna Oliveira 3º A	86
Céu Nublado – Cauã Hyago 3º A	87
Uma história do terceiro ano – Emanuel e Isabela 3º B	90
Olhar – Lucas Ijano 3º A	92
O dia que virou noite – Ryan Castanho 3º A	93
Ouvir o silêncio – Anônimo	96
O trigal – Guilherme Iita 3º A	97
Hay que endurecerse... Isabela Flora 3º B	99
Extraordinário – Prof. Josias Artur	101
A guerra – Gabriel Iita – 3º A	102
O mundo daqui a alguns anos – Jade de Souza 3º B	108
Segregação Racial – Thaiane 3º B	105
“Raça” – Luiza Beatriz Carvalho 3º A	107
Valência contra o idoso – Cauã Hyago - 3º A	108
Tudo bem – Karoline Cardoso de Souza 3º B	109
Ditadura Militar – Ketillin de Carvalho Stocco 3º B	111
Racismo e Etnocentrismo – (Claude Lévi Strauss)	113
Artigo “O Príncipe de Maquiavel” – Prof. Josias	117

- 10 -

O menino que descobriu o vento

O filme e também o livro, O menino que descobriu o vento, baseado em uma história real, tem o seu título em inglês "The boy who harnessed the Wind", que poderia ser traduzido como, O menino que "aproveitou" o vento, aproveitou, usou, utilizou do verbo "harnessed", logo a descoberta dá lugar apenas uma utilidade do vento, isso anula o descobrimento, ficando só o aproveitamento.

O vento sempre esteve ali, naquele pedaço esquecido do Continente Africano com todos os seus problemas sociais, o vento assim, se colocando apenas como um elemento da natureza, soprando sobre as vastas planícies, indiferente à miséria, aos governantes injustos e corruptos, como o que apareceu no filme/livro, mas também soprando sobre a África mágica, com suas crenças nos ancestrais, mostradas de forma lúdica, no desfile de criaturas míticas, mascaradas, simbolizando os valores religiosos e populares daquele Continente.

A grande descoberta não é o vento, e sim, a força interior de um menino negro, que luta pelo seu sonho de estudar, vestindo orgulhosamente um uniforme escolar, que com a falta de recursos dos seus pais, fica proibido de frequentar a escola. Porém, o menino não desiste, mostra-se inventivo e

- 13 -

autônomo em suas pesquisas, que o leva a buscar uma solução para o problema da falta de água, não sem muita dificuldade, pois é praticamente, desacreditado por todos. Mesmo assim, ficamos com a maior lição ou impressão que esse menino pode nos dar, pois na verdade, ele não descobriu o vento. Ele descobriu o sonho. O direito de sonhar com o impossível e ver seu sonho se tornar realidade.

Prof. Josias Artur

- 14 -

Escola viva

Preparem-se! pois vamos vivenciar a possibilidade da escola viva! Realizo este alerta pelo poder de deslocamento da realidade e do tempo proporcionado pela leitura, entendo que a maioria de nós pensa o tempo como *Chrónos*, o tempo do relógio, linear, na escola pensamos o tempo em aulas (hora aula), mergulhada na leitura desses textos pude pensar no tempo *Kairós*, e nas muitas realidades do tempo humano, plural, "não há um só tempo escolar, mas tempos escolares".

Desse modo, me desloquei ao ano de 1993 quando a Profª. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares, na época coordenadora da E. E. Prof. Carlos Augusto de Camargo, realizou uma proposta desafiadora aos professores: Proporcionar aos alunos um dia diferente na escola. Ao final dos trabalhos em seu discurso de encerramento a professora disparou "nós não conseguimos", mas a Profª. Maria Lúcia não imaginava que os ecos daquele projeto continuariam até os dias atuais e fazem parte da identidade da escola, o Projeto Convulsivo Sinódico. Que hoje está na sua 23ª edição. Esse projeto nasceu em 1993, sob a Coordenação da Profª. Maria Lúcia e tem como metas: praticar a comunidade para ser feliz; refinar a qualidade educacional extirpando a "ganga impura", e impulsionar a leitura do mundo contemporâneo, em

- 15 -

suas distintas leituras, lutar pelo direito de ser cidadão e viver a democracia de forma competente, consciente e ativa, melhorar a competência leitora em todas as áreas do conhecimento e aproximar alunos e professores a partir de metodologias diferenciadas; melhorar o sentimento de pertencimento do aluno com a Escola e incrementar o protagonismo juvenil.

A iniciativa do Prof. Josias Artur nos proporciona a possibilidade de viver o tempo *Kairós*, de retomarmos a identidade da escola sem nos prendermos ao tempo *chrónos*, mas as emoções. Ao mergulharmos em um livro, com diferentes textos e imagens, nos damos a oportunidade de sobrevivermos aos apagamentos, isto é, escritos da lousa que se transformam em pó de giz, os cartazes jogados no lixo ao final dos bimestres, os cadernos queimados. Quando o Prof. Josias, propõem aos alunos a publicação de um livro traz novas possibilidades, onde os textos se oferecem a sobreviver entre nós, contando histórias, pois em 2019 os apagamentos não ocorrerão.

Não podemos nos esquecer da subjetividade do leitor, pois sua imaginação voa nos textos carregados de sentimentos, de intencionalidades e proporcionaram um momento diferente na E. E. prof. Carlos Augusto de Camargo.

Juliana Abreu Nicolau - Profª. Coordenadora

- 16 -